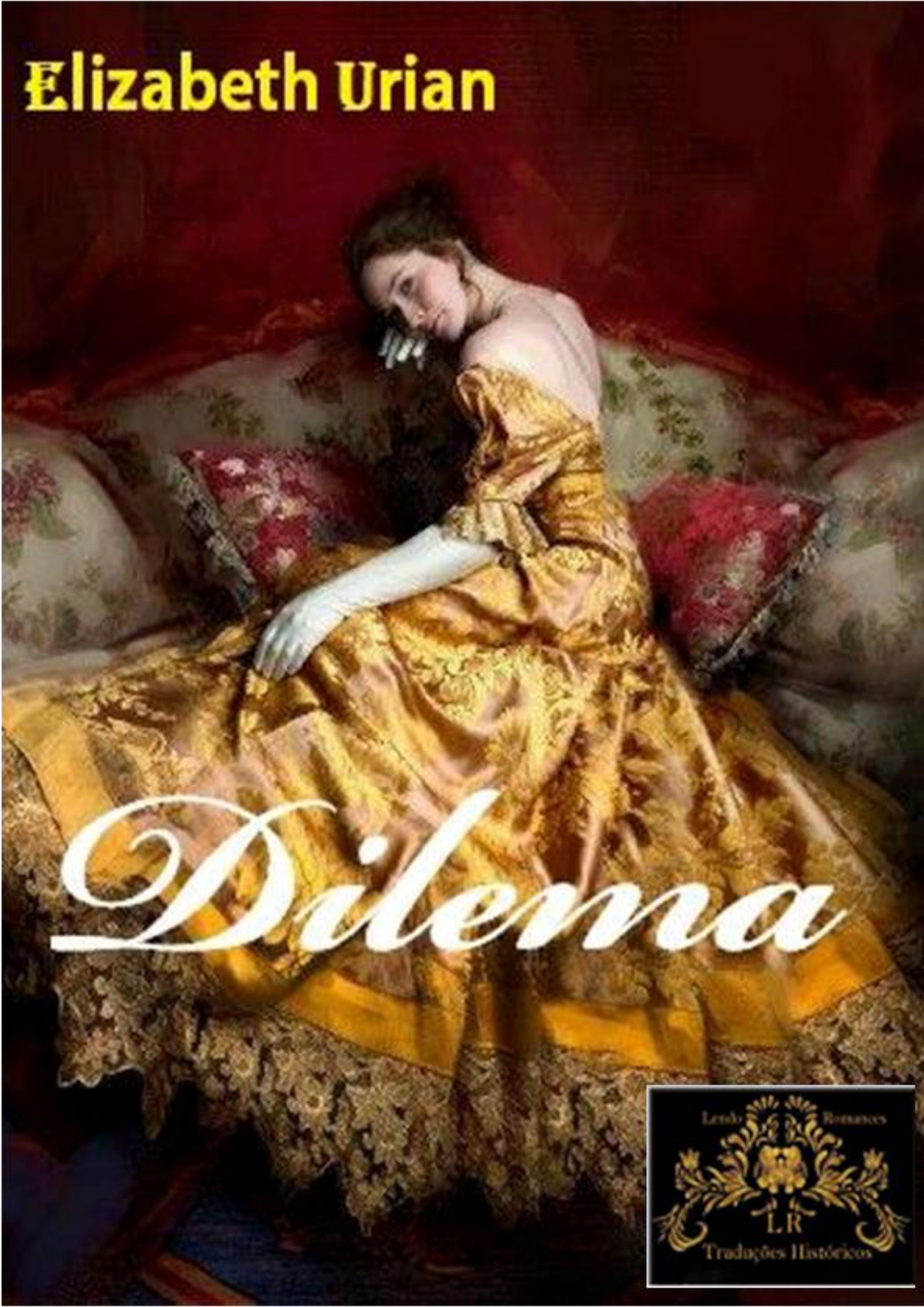
Elizabeth Urian



Dilema

Lendo Romances
LR
Traduções Históricos


Lendo Romances
LR
Traduções Históricos

Dilema

Elizabeth Urian

Sinopse

É possível renunciar a tudo por uma ilusão? O amor seria uma recompensa suficiente? O que seríamos capazes de deixar para trás quando as consequências podem ser nefastas? Até onde está disposto a arriscar? Estes são os dilemas aos quais se enfrentam os protagonistas desta história.

Sua vida é perfeita. Tem tudo o que um homem pode desejar: família, amor, riquezas... Então, pode um instante, um só beijo, dar uma virada na sua existência e arrasar com todas suas convicções?

Afastada da agitada Londres, Ayleen faz uma tentativa para recuperar sua vida. No campo encontra tudo o que andava procurando... inclusive mais. Quando o que mais deseja está proibido, quando o homem que ama pertence a outra mulher, se resignará a deixá-lo escapar?

Para Maria, por suas ideias e sugestões, por ser uma fada madrinha, mas
sobretudo, obrigada por seu senso de humor.
Alba, é toda alegria e luz.
Te queremos com todo nosso coração.

Capítulo 1

Inglaterra, 1875.

Estava cansada e fazia frio, mas não o suficiente para impedir um passeio que vinha postergando. Foram dois dias de limpeza exaustiva e arrumação da moradia, sem contar as preparações prévias desde sua Londres natal.

Não era nem meio-dia, quando, sem pensar muito, pegou as luvas, o chapéu e um casaco, para deslizar furtivamente pela casa tentando escapar.

Virou-se quando já se afastara alguns metros e olhou para aquela que a partir daquele momento, seria sua nova casa. Claros, só se viam as janelas da fachada posterior, todas abertas para afastar o acúmulo da poeira que o carpinteiro provocava. Mesmo de fora podia ouvir com clareza as rítmicas marteladas com a finalidade de consertar as velhas persianas.

Sentia um pouco de culpa ao deixar os outros trabalhando, mas necessitava respirar um pouco de ar e tinha curiosidade de saber para onde a conduziria o pequeno caminho — apenas visível — que se adentrava no bosque à frente. Não que estivesse vivendo em meio ao nada, mudara-se para o condado de Buckingham, nos arredores de

Greenville, uma pequena povoação muito afastada da agitada e movimentada cidade. Acreditava ter feito o melhor quando tomara a decisão de viver em um lugar rodeado de bosques, campos de cultivo e tranquilidade.

Afastou-se caminho adentro, tomando a precaução de não sair dele. Não conhecia aquelas paragens e não desejava se perder, se bem, que seria gratificante encontrar um agradável lugar para poder se sentar e ler, embora, no momento não trouxesse um livro, mas já imaginava um lugar ensolarado no qual pudesse deixar correr o tempo e usufruir de um agradável momento de leitura.

O bosque não era frondoso, mas dotado de suficiente intimidade e não ouvia outros sons que não fossem os dos pássaros. Esperava que se houvesse dono não fosse encontrá-lo. Acreditava não fazer nada errado, ainda que não pudesse prever. Sua pequeníssima propriedade, que só constava de uma casa de dois andares, um jardim minúsculo e alguns canteiros na parte traseira, estava no começo do tal bosque, bem ao lado do caminho principal que conduzia ao povoado. A propriedade vizinha, segundo lhe informaram, pertencia ao duque de Redwolf, mas, o terreno era tão grande que seria impossível divisar a mansão, até mesmo os imensos portões de ferro que se abriam para o caminho e que divisara no dia de sua chegada.

"*Talvez este bosque também lhe pertença*", pensou desanimada. Se a proibissem de andar por ali, teria que limitar seus passeios, o que não era bem o que desejava.

Abotoou melhor o casaco, quando uma rajada inesperada de vento gelado a alcançou. Mesmo brilhando numa agradável e clara manhã, as copas das árvores impediam que o sol esquentasse. Por um momento observou as luvas, de um cinza escuro, da mesma cor que o

casaco. Sabia que não representava a personificação da elegância, mas, quando as comprou não pensou naquilo. Andava há muito tempo sem pensar em suas próprias necessidades e pensou que continuava sendo jovem e o período de luto já havia passado, e que prometera, a si mesma, renovar seu vestuário quando estivesse instalada.

Pensar naquilo a deixou triste, como não podia deixar de ser. Tinha transcorrido dois anos desde a morte de seu pai, mas, ainda sobrevinham lágrimas a cada vez que pensava nele. No entanto, em cada ocasião experimentava uma primitiva sensação de liberdade e ao mesmo tempo a sensação de culpa.

Durante cinco anos cuidara dele e só agora conseguia encaminhar sua vida, para um futuro mais ou menos agradável. Aos vinte e quatro anos já podia ser qualificada como uma solteirona, mas mantinha a esperança de encontrar algum viúvo com filhos, agradável, o suficiente, para que pudesse pensar em uma vida ao seu lado. Para trás ficaram seus sonhos e esperanças. Só o presente poderia determinar o tipo de futuro que teria.

Na sua juventude estivera ansiosa para que chegasse a sua apresentação, o acontecimento mais esperado por ela e suas amigas. E um mês antes, quando já tinha em mãos seu precioso vestido de seda, aconteceu o inesperado: Arthur Blake sofreu um acidente de carruagem enquanto voltava para casa de uma de suas viagens de negócios. Um encontro com outro veículo descontrolado, que avançava em sentido contrário, a toda velocidade. As autoridades disseram que, ambos, os veículos tombaram com o choque. O cocheiro morreu na hora e seu pai ficou preso dentro da carruagem por várias horas, até conseguirem resgatá-lo. As semanas seguintes foram desesperadoras. Apesar de não apresentar lesões visíveis como pernas ou braços

quebrados, estava claro que Arthur Blake sofreu ferimentos internos. Os médicos fizeram o possível — o que não representou muito — a não ser controlar-lhe as dores.

A presença dela se tornou imprescindível quando ficou comprovado que o pai não conseguia mover-se do pescoço para baixo. A partir daí, começou um calvário para ambos. Ela era órfã, de mãe, e não possuíam nenhum parente próximo que pudesse ajudá-los. Eram só os dois. Amadureceu precocemente, esquecendo-se de tudo relacionado aos bailes, homens, saídas e outras frivolidades. Também deixou nas mãos do administrador os assuntos financeiros, enquanto se dedicava exclusivamente ao pai.

Balançou a cabeça tentando desprender tais pensamentos. O passado começava a ficar no esquecimento, enquanto tentava encarar o futuro, sem muitas expectativas. Por fim, era dona de seu próprio destino.

Parou repentinamente quando percebeu o claro ao qual chegara. Não devia ter andado muito, mas, encontrou-se diante de uma cabana, se é que podia chamá-la como tal, velha e feia. Ficou quieta por alguns instantes tentando decidir o que fazer. Por seu aspecto parecia abandonada. Só tinha um cômodo e era feita de madeira. Observou duas janelas pelas quais, dali não se distinguia nenhuma luz.

"*Se alguém vivesse lá devia ser muito pobre.*", pensou.

Com uma curiosidade, quase infantil, aproximou-se com cuidado, para dar uma olhada.

Rodeou uma árvore para tentar ver se, na verdade, o lugar estava vazio, contudo, do local onde se encontrava não via nada estranho. Continuava ouvindo o canto dos pássaros e sua respiração estava um pouco acelerada. Se manteve afastada da porta e rodeou a casa por trás do estábulo, confirmando que não havia outra saída, nem janela,

além daquelas da fachada. Quando chegou à frente outra vez observou que a porta continuava fechada.

O que pensava? Em sua imaginação, esperava o aparecimento de alguém inesperado.

Com cuidado, aproximou-se da janela que se encontrava mais próxima. Parecia um pouco suja, mas não a impediria de observar o interior. Sem apoiar as mãos na parede, protegeu os olhos com elas, eliminando a claridade que a impedia de ver o interior, e que a obscuridade escondia. Quando seu nariz estava a poucos milímetros do vidro, um rosto surgiu inesperadamente do outro lado.

— Ah! — gritou pela surpresa e afastou-se depressa.

Desajeitadamente contemplou horrorizada a cabana enquanto seu cérebro movia-se, celeremente. Havia alguém! Mortificada e assustada, precipitou-se correndo por onde havia chegado. Às suas costas, ouviu, nitidamente, quando a porta foi aberta e usou mais força em suas pernas entorpecidas.

— Espere! Falou uma voz masculina.

Sabia que a chamava, mas a vergonha e a humilhação eram maiores que o senso comum por ter sido surpreendida, bisbilhotando. Acelerou mais e passou a correr.

Por um momento pensou que conseguiria se afastar com rapidez suficiente para que o desconhecido não a prendesse, mas suas pernas se enroscaram no vestido exatamente no momento em que uma pedra, aparentemente inofensiva, provocou o resto.

Caiu de bruços, espichada e por um instante perdeu os sentidos.

— Está bem? — A seguir a mesma voz estava por cima dela.

Ayleen só via estrelas. Desorientada, conseguiu se sentar.

— Senhora? — Uma pausa. — Está bem? Responda-me.

As mãos a seguraram e a mantiveram sentada no chão, enquanto lhe davam leves palmadas nas bochechas. Com os olhos fechados pelo aturdimento teve a assombrosa sensação de flutuar como uma nuvem, até, que dedos frescos tocaram sua face e entreabriu os olhos para observar o ser mais angelical que já vira.

Seu coração parou. Os olhos verdes, que a observavam cheios de preocupação, trespassaram seu corpo até um lugar que nem sabia que existia. Seus cabelos claros, iguais a cor do trigo, emolduravam uma fronte ampla e cheia de ruguinhas que ela desejou alisar com beijos.

— Meu anjo guardião. — sussurrou, acreditando que estivesse sonhando.

— Creio que levou um golpe, senhora... — Desta vez, o homem gaguejou ao se dirigir a ela quando observou a ausência de aliança em seu dedo anular. — Quantos dedos conta? — Mostrou três deles diante de seus olhos, para descobrir se sofrera uma concussão.

Ayleen sorria meio atordoada e não conseguia compreender o que aquele anjo maravilhoso tentava dizer-lhe. Envolvido em um halo sobrenatural pensou que era o mais lindo que vira, então ergueu uma mão e a pousou em seu rosto. Não viu o gesto de surpresa nem o espanto que aquela carícia imprópria produzira no desconhecido mas, ainda presa numa estranha confusão, deslocou a mão para a boca e deslizou um dos dedos pelo seu contorno.

O homem, perturbado como nunca e sem parar para refletir, beijou aquele dedo.

Ayleen, presa no que podia se chamar de um estado de confusão febril, fez algo absurdo e louco: esticou-se, inclinando um pouco a cabeça e beijou seus lábios.

Ele, por sua parte, sucumbiu a inesperada loucura passageira e

correspondeu, mas longe de parar em um simples toque de lábios, entreabriu os seus e o converteu em um apaixonado frenesi.

Abriram suas bocas e se devoraram sob o manto calmo das árvores, iluminados pelos raios de luz que caiam sobre suas cabeças, conferindo ao momento, uma magia visceral impossível de repetir.

Só quando uma perturbadora língua tentou invadir os úmidos segredos de sua boca, o estupor no qual se achava desapareceu de súbito. Abriu os olhos ao se ver aprisionada entre dois fortes braços masculinos e soltou um grito, que poderia ser ouvido a milhas em todas as direções, se não fosse porque lhe saiu amortecido. Sentada no chão lutou para se livrar e tentou se levantar, mas só conseguiu aos tropeções. Quando conseguiu ficar em pé e procurou desesperada com o que se defender, só encontrou um ridículo raminho que não assustaria nem ao mais medroso dos meninos.

— Solte-me velhaco! — ameaçou, usando o ramo como espada. — Avisarei as autoridades se não se afastar.

O estranho levantou-se também, sacudiu a terra das calças e lhe estendeu a mão.

— Deixe que lhe explique…

— Não! Afaste-se, aproveitador! — A voz saia estrangulada e com claros sinais de nervosismo.

— Aproveitador? — Por alguns instantes, o homem pareceu esquecer a preocupação que ela lhe causara momentos antes e se ergueu indignado. — Foi você quem me beijou primeiro.

Alheia a essa recordação abriu muito os olhos e se irritou.

— Eu? — Brandiu o raminho em gesto ameaçador. — Você é um vil malfeitor que se aproveitou para tentar me desonrar.

O homem não acreditava no que ouvia. Mas se tinha sido ela!

— Eu só pretendia ajudar! — exclamou.

— Pois olhe a forma de fazê-lo! — Porém sentia o sabor salgado de seus lábios e o aroma quente de sua respiração. Teve de fazer um enorme esforço para apagá-lo de sua mente e centrar-se.

— Se não estivesse espiando por fora da casinha... — ele apontou.

— Espiando! — Indignou-se. Que fosse um fiel reflexo da realidade não o tornava mais suportável. Era melhor proteger-se do aborrecimento. — Eu não tenho culpa de que esteja... — ergueu a mão apontando-a e sem saber o que dizer, — ali no meio.

— Só me faltava isso, jogar a culpa na casa. — Não compreendia a atitude dela. — Pelo menos admita que se aproximou para bisbilhotar.

Suas bochechas ardiam de pura vergonha, ainda que nem por todo o ouro do mundo fosse admitir semelhante coisa diante daquele... daquele depravado, violador de mulheres.

— Eu não vou admitir nada, sujo idiota.

Olhou-o de novo. De sujo não tinha nada. Não sabia que leviandade se apoderara dela para chegar a compará-lo a um anjo, porque naquele momento parecia bem humano com aquelas calças de montar justas, as botas negras e a camisa branca. Não usava colete, que devia ter deixado em alguma parte daquela sombria morada. Seu olhar nublado era bem diferente do que corresponderia a um enviado alado, mas as cócegas que sentia no estômago, só em olhá-lo, a avisava que não lhe era tão indiferente como queria mostrar.

— E ainda me insulta. — replicou ele, adiantando-se dois passos.

— Alto! — Seu medo acentuou, fazendo-a esquecer de seus devaneios, e olhou às suas costas, para o caminho pelo qual viera tão

tranquila. Com a decisão tomada jogou o raminho ao chão, segurou as saias o máximo que a decência lhe permitia e começou a correr.

— Espere!

Ela nem fez caso e quase voou, de tão rápido que correu. O caminho lhe parecia muito árduo e longo. Houve um momento em que teve que parar até recuperar a respiração. Olhou ao redor procurando seu perseguidor, mas só ouvia sua agitada respiração e o doce piar dos pássaros.

Estaria espreitando para saltar sobre ela ao menor movimento? No mesmo instante pensou que isso não tinha sentido, e se permitiu relaxar um pouco. De qualquer forma, tinha que voltar. O sol não demoraria a chegar ao seu auge, o que mostrava, que ela havia passado mais de uma hora fora de casa. Não percebera o tanto que se havia entretido, então endireitou o chapéu pendurado as suas costas, preso pela fita cor creme, e colocou-o depois de retocar os cabelos. Ignorou por completo a repentina visão que lhe sobreveio.

Seu primeiro beijo... Tocou sem querer os lábios e balançou a cabeça quando a parte traseira de sua casa apareceu a vista. Soltou um suspiro de alívio e entrou por trás sem encontrar ninguém no caminho. Pretendia que aquele episódio que acabava de viver caísse no esquecimento. Ela se encarregaria disso.

***

— Maldição! — exclamou. Perdera a tarde toda com aqueles malditos números que se negavam a coincidir.

Passou a mão pelos cabelos com gesto enfastiado. Tim, seu secretário, estivera toda a semana doente e ele não era capaz de encontrar os papéis que faltavam. Desde o meio da tarde a frustração

se apoderara dele e não o abandonava. Apesar de ser um trabalho do qual gostava, e se dava bem, havia horas nas quais as contas o superavam. E era precisamente assim, agora.

Se não terminasse logo, enlouqueceria.

Jason nasceu como o segundo filho do duque de Redwolf. Por isso, desde muito cedo soube que devia conduzir sua vida aproveitando cada uma de suas habilidades. Como sua facilidade com os números não era sua única aptidão, decidiu explorar seu outro talento, ou pelo menos, seu pai o fez, por ele. Demonstrou que tinha habilidade na hora de intervir na resolução de conflitos de toda classe, relacionados com as propriedades, com os trabalhadores...possuía, até, uma qualidade única para prevenir situações potencialmente conflitivas, pelo que seu pai o animou a estudar as leis.

Afinal não chegou a exercê-la já que, como bom amante da vida simples, preferia encarregar-se da administração das fazendas ducais. Persuadiu seu pai, o qual aceitou, não de todo convencido, e o deixou trabalhar junto com o administrador. Aquilo era um desafio, mas demonstrou amplamente seu valor. Quando seu pai morreu, seu irmão, Ashton, continuou confiando nele para o posto e já fazia um ano que usava todo o peso de seu cargo. Desde então o ajudava a engrossar as arcas dos Morton.

Tinha a cabeça enterrada entre os livros e papéis quando ouviu que chamavam a porta.

— Entre!

Uma donzela apontou a cabeça.

— Lorde Jason, Sua Excelência me mandou dizer-lhe que o esperam para jantar.

— Já está na hora? — murmurou estranhando. Surpreendia-se

com a facilidade com a qual se abstraía. A tarde passara voando. — Irei em seguida.

Levantou-se da cadeira e esticou os músculos de seu corpo. Deveria se refrescar antes, mas sua esposa e Ashton o esperavam, então pegou o casaco das costas da cadeira, vestiu-o e dirigiu-se ao refeitório.

Quando chegou, os dois estavam tão envolvidos em uma conversa que não notaram sua presença. Ficou observando-os durante alguns segundos antes de interrompê-los.

— Alguém me chamou?

Ambos se viraram surpresos.

— Jason, querido, não o ouvimos chegar. — Sua esposa lhe sorriu.

Dirigiu-se para as grandes janelas onde eles estavam. A sua direita, o fogo ardia na lareira. Sabia quanto sua esposa odiava o frio. O verão era sua estação favorita, já que o calor a fazia florescer.

Aproximou-se dela e lhe deu um suave apertão no braço junto com um casto beijo no rosto.

Johana Morton, sua esposa, era uma beldade vista por todos como clássica. Sua etérea aparência e sua digna beleza eram o que mais chamavam a atenção nela, mas não, a única coisa. Possuía profundos olhos azuis que se destacavam em sua pele de porcelana, cujas imperfeições eram invisíveis aos olhos humanos. Seus cabelos dourados, sempre brilhantes e perfeitos, só acrescentavam encanto e fineza a sua aparência, complementada por uma figura estilizada enfeitada por um vestuário muito na moda, mas decoroso.

Era o sonho de qualquer homem.

— Foi uma tarde produtiva? — indagou Ashton, obrigando-o a

deixar de admirar a Johana.

Jason o olhou e esboçou um sorriso irônico.

— Produtiva? Se quiser ver desse modo... O melhor que posso dizer é que dou graças a Deus porque Tim volta amanhã.

— Isso acontece porque insiste em fazer tudo sozinho. — indicou Johana em tom crítico. A seguir, voltou a adoçar sua expressão.

— Estou de acordo. — concedeu Ashton. — É um obstinado, sempre pretende carregar todo o peso do trabalho.

— Bem, bem, bem! — Ergueu as mãos em sinal de rendição. — Parecem um pelotão de fuzilamento.

— É um palhaço. — replicou seu irmão mais velho. — Vamos jantar, estou faminto.

— Amém.

Durante o jantar os irmãos se puseram em dia enquanto Johana comia em silêncio, escutando-os. Não gostava de interrompê-los quando falavam de negócios, o que ocorria frequentemente. Entendia pouco de investimentos e de dividendos e se sentiria como uma estúpida se precisasse dar sua opinião.

Estavam servindo uma apetitosa torta de maçãs quando Jason se dirigiu a sua esposa.

— Você foi ao povoado encomendar o livro que mencionou ontem? — perguntou, centrando toda sua atenção nela.

— Sim. Também aproveitei para falar com o pároco sobre a coleta de roupas usadas para os pobres. — Tomou uma colherada da deliciosa sobremesa e continuou falando. — A senhora Haggens também estava lá...

— A temível senhora Haggens. — interrompeu-a Jason zombeteiro.

— Não seja tão grosseiro. — admoestou-o no instante. — É uma grande dama que...

— "Grande" é a palavra. — voltou a interrompê-la, ganhando um olhar de reprovação por parte de ambos.

— Como dizia... — continuou. — Henrietta é uma boa pessoa e um pilar da comunidade. — Olhou em direção ao seu esposo esperando uma réplica, mas Jason, prudente, preferiu não fazer comentários. — Pode ser que às vezes domine um pouco, — hesitou ao pronunciar essas palavras, já que não gostava de falar mal de ninguém. — mas o faz com a melhor das intenções.

— Não resta dúvida. — sentenciou Ashton, que até então não dissera nada. — O que ocorre é que às vezes se excede.

Johana recordou logo sua volta a casa e não pode evitar contar aos dois irmãos Morton.

— Hoje parei na antiga casa da família Briston. — Limpou os lábios com delicadeza. — Uma nova proprietária estava se instalando, não consegui resistir e decidi apresentar meus respeitos. — confessou com certa culpa, porque tinha sido muito impetuosa.

— Já ocuparam a casa? — Jason mostrou interesse. No entanto, Ashton pareceu confuso. Apoiou a colher sobre a borda do prato e lançou um solene olhar.

— Do que vocês estão falando?

Jason o observou, perplexo. Era estranho que não soubesse nada.

— Não sabia que haviam comprado a propriedade dos Briston?

— Não, não tinha nem ideia. — Enrugou a testa, pensando.

— Como pode ser? — quis saber sua cunhada. Era estranho, poucas coisas escapavam ao duque de Redwolf.

Ashton adotou uma atitude um pouco pomposa. Costumava agir assim quando se sentia incomodado.

— Tenho assuntos mais importantes aos quais dedicar minha atenção.

Depois de alguns segundos de silêncio, Johana continuou falando:

— Bem, para sua informação, devo dizer que a casinha foi comprada por uma jovem vinda de Londres: a senhorita Blake. Segundo entendi seu pai morreu há pouco e, como já era órfã de mãe, ficou sozinha no mundo.

— E veio para cá viver com seus tutores? — perguntou Ashton.

— Tutores? — estranhou. — Não, não. Pelo que constatei é uma senhorita de idade avançada, eu calculo... hummm, não sei, um pouco mais velha que eu, ainda que não muito.

— Deduzo pelo "senhorita" que a jovem não esteja casada. Uma solteirona.

— É certo. Parece que passou muitos anos cuidando de seu pai. — Encolheu os ombros. — Pelo menos foi o que se comentou no sábado na reunião do chá.

— Como é? — perguntou Jason com curiosidade. — Refiro-me ao aspecto.

Johana começou a falar de sua altura média, dos cabelos acobreados e seu bonito sorriso. Essa descrição podia corresponder a qualquer uma, mas um dos dois irmãos ficou tenso diante dela.

— Então, vive sozinha? — insistiu o Duque sério.

— É o que parece. Sua condição de solteirona não a obriga a ter acompanhante.

— Nem a exime disso. — afirmou Ashton.

— Não seja antiquado. — repreendeu Jason.

— Não foi minha intenção criticá-la, mas devido as convenções sociais imperantes, não seria errado ter uma dama de companhia consigo.

— Isso não é tão importante como saber a classe de pessoa que é. — esclareceu Johana. — Por isso o clube das damas do chá decidiram convidá-la para uma das reuniões. Assim a conheceremos melhor e todos deixam de especular.

— Tenho pena da senhorita. — interrompeu seu esposo.

— Jason! Não deveria mostrar-se tão desagradável. Desde quando desaprova essas damas?

— Desde que as conheço. — replicou com ironia. — No entanto, para sua tranquilidade, direi que só algumas me desagradam.

Mesmo com pesar, Ashton esboçou um sorriso. As vezes gostava do humor direto e irreverente de seu irmão.

— Imagino lady Strimble olhando para a senhorita Blake com desprezo, porque não possui título ou alguma outra bobagem parecida, — continuou o mais jovem dos Morton — pois está claro que a julgará inferior. Logo, Henrietta, perfurando-a com perguntas e organizando sua vida. A senhora Smith a considerará uma rival na procura de marido para suas filhas, enquanto estas últimas a encherão de conselhos inúteis sobre os bordados. Quanto a esposa do médico…

— Ok. Não sabia que pensava isso de nós. — interrompeu, um tanto aborrecida.

— Seu marido não quer menosprezá-la, — interveio Ashton — mas deve admitir que em vossas reuniões, essas mulheres podem chegar a ser tão mortíferas como uma avalanche. Isso pode confundir

a jovem.

— Não posso acreditar no que estou ouvindo. Acaso ficam lá conosco? Desse clube e dessas mulheres saem muitas ideias para ajudar as famílias mais pobres.

Os irmãos se olharam, dando-lhe razão. Concordaram sem falar, que seria melhor terminar o assunto. A partir dali, dedicaram-se a conversar sobre banalidades.

Algumas horas mais tarde, deitado na cama, o homem não deixava de pensar na descrição da nova vizinha. Não conseguiu tirá-la da cabeça durante todo o dia e se sentia inquieto.

Não sabia como a situação tinha lhe escapado das mãos. Ele não a provocara para que o beijasse, mas tampouco deveria ter respondido. Estava errado e fora um comportamento condenável. No entanto, aquilo não era o mais preocupante. Por muito que se esforçasse, não conseguia esquecer o estremecimento que a união de suas línguas produzira no centro de seu estômago. Tampouco a excitação que até agora, o percorria ao recordar. Até mesmo sem tentar, o caminho que seu dedo traçara sobre seus lábios marcara a fogo em sua pele. E o que pensar de seu sabor, do qual ainda sentia o gosto. Inaudito e assombroso. Acaso teria se transtornado?

Pela primeira vez em muito tempo rezou para que a senhorita Blake não fosse a mulher que beijara no claro do bosque.

Se fosse o caso, iria ter muitos problemas.

Capítulo 2

— Quem você nos traz esta tarde, querida? — exclamou a anfitriã aproximando-se com familiaridade de lady Johana Morton, a cunhada do duque de Redwolf.

Aquela reunião entre as damas mais proeminentes da área era um evento importante para Ayleen. Uma oportunidade para começar do zero, para se relacionar e fazer novas amizades. Entretanto, não conseguia evitar sentir os nervos no estômago, não em vão estivera durante anos praticamente isolada da sociedade. Temia ter perdido a arte da conversa.

Por sorte, lady Johana Morton se oferecera para levá-la e acompanhá-la até a casa da senhora Haggens, o lugar onde se realizaria a merenda. Ayleen estava encantada porque uma dama tão bonita e educada decidira tornar-lhe as coisas mais fáceis.

— Senhora Haggens, deixe-me apresentar-lhe a senhorita Blake, minha nova vizinha. — O tom dela se tornou cerimonioso de repente.

— Oh! — exclamou a mulher com uma inusitada ilusão. — É um prazer tê-la aqui conosco. — Apertou sua mão em um gesto de entusiasmo. — Meu nome é Henrietta, querida, e espero que a partir de agora, me chame assim.

Ayleen a observou bem. Nem um fio branco povoava aquela

espessa cabeleira negra que, por alguma razão, se mantinha impecável com o passar do tempo. Ainda assim, a imaginou com seus sessenta anos. A senhora se destacava entre as outras por sua baixa estatura e as grandes dimensões de seu corpo. Também ajudava o vestido laranja avermelhado que brilhava, de evidente boa qualidade, e complementado com vários colares negros. O enorme sorriso sem artifícios, junto com uma irradiante vitalidade, conseguiu minguar o nervosismo que não a abandonara desde o dia anterior.

— Obrigada. — conseguiu dizer Ayleen, não sem certa timidez, antes de ser praticamente arrastada e aproximada das demais convidadas que povoavam o salão.

— Sempre é ótimo conhecer alguém novo. Deixe-me apresentá-la a todas e a cada uma das damas.

Sem conseguir abrir a boca, nem murmurar uma saudação, teve que se deixar arrastar por ela e segui-la, pois Henrietta transbordava tanto entusiasmo que seria impossível fazer outra coisa.

Quando a sentou ao seu lado, num lugar vazio que ficara em um sofá, a primeira coisa que fez foi entregar-lhe uma xícara de chá. Sem lhe dar tempo para murmurar qualquer palavra de agradecimento, passou a apresentar aquelas desconhecidas.

Lady Strimble foi a primeira. Uma senhora de idade indefinida que respondeu a sua apresentação com uma seca saudação. Isso só fez reafirmar sua cara azeda cheia de rugas e excesso de pó branco. Além de parecer como se acabasse de comer um limão.

Bem, a primeira não parecia ser uma pessoa muito amistosa.

— Lady Strimble é um membro muito respeitável desta comunidade. — explicou a anfitriã. — É a esposa do visconde Strimble, um homem ao qual vemos pouco por estar sempre ocupado.

Notava em suas palavras um tom sarcástico? Ayleen não tinha certeza, já que as outras não reagiram. Limitou-se a assentir enquanto a atenção da senhora Haggens se centrava em uma jovem alta e magra, com uma barriga que indicava seu avançado estado de gestação.

— A senhora Laurens é a esposa do médico. — começou a explicar.

A dama sorriu com timidez. Poderia ser considerada bonita se não fosse pelo nariz longo e pontiagudo. Enquanto a via tomar o chá, não pode evitar a sensação de que o nariz lhe dificultava a tarefa, interferindo-se.

— E aqui temos a senhora Smith e suas adoráveis filhas: Violet e Jasmin. — As três se levantaram para obsequiá-la com uma grande reverência.

Pareciam muito solenes com sua régia e rígida saudação. Ayleen acreditava que no campo tudo seria menos formal, mas se equivocara. Respondeu, mas se achou um pouco desajeitada e deselegante pela falta de prática.

A senhora Smith era uma mulher baixa e com um rosto redondo, porém conservava em seus cabelos, vestígios do antigo dourado e seus olhos claros eram tão expressivos como suas grandes mãos cheias de anéis, que brilhavam quando encontravam um raio de luz. Quanto as filhas, se poderia dizer que Jasmin era a versão jovem de sua mãe. Baixa e com expressivos olhos verdes contrastava com a esbelteza e altura de Violet, uma bonita ruiva, de olhos profundos e escuros. Supunha, ainda sem conhecer o pai, que ela deveria se parecer mais com ele. Era uma pena, porque, mesmo sendo bonitas, usavam vestidos em tons tão claros que só faziam acentuar a palidez de suas

peles. Além dos cachos de cabelos presos com laços da mesma cor dos vestidos, o que lhes dava um ar muito infantil para que ninguém, principalmente um homem, as levasse a sério.

Logo reprovou essa sua atitude crítica. O que sabia ela das preferências dos homens, se não tinha convivido com eles? Pelo menos, não com solteiros com idade para o casamento.

E depois daquele pensamento tornou a reviver o beijo daquele infame desconhecido que conseguira acelerar seu coração. O patife se colava em seus sonhos e capturava seus pensamentos com muita frequência. Deveria sentir-se furiosa e ultrajada... E estava. Então porque uma parte dela o recordava como uma fantasia?

Era uma tola por confundi-lo com um anjo.

— Queridas amigas, — Henrietta se dirigiu a senhora Smith e suas filhas, conseguindo fazer Ayleen deixar de fantasiar. — vossas reverências fariam empalidecer a da rainha Victoria em pessoa.

A senhora Smith inchou o peito com orgulho.

— Sempre acreditei que seguir o protocolo é a melhor forma de educar as jovenzinhas. — expôs com toda a pompa possível.

— Espero que esse mesmo protocolo a ajude a casar suas filhas. — soltou em tom mordaz lady Strimble.

Ayleen se surpreendeu pelo inadequado comentário. Já notara que a dama não tinha no corpo um mínimo de sensibilidade, mas se isso lhe diziam suas supostas amigas, não queria nem pensar o que poderiam dizer dela.

— Não lhes faça caso, querida, vamos tomar nosso chá. — A senhora Haggens lhe deu uns tapinhas no dorso da mão. Como parecia uma ordem, todas o receberam como tal. Assim, as imitou.

Durante os minutos seguintes não se ouvia nem uma mosca na

sala, mas pouco a pouco cada uma começou a relatar alguma história ou anedota que eram alheias a Ayleen. Instantes depois todas debatiam, julgavam e fofocavam.

De novo se sentiu livre para voltar aos seus pensamentos mais íntimos. Enquanto conversavam com verdadeira animação pareciam ter se esquecido dela. Comprovou que, apesar da diferença de status social, com exceção das duas mais jovens, todas se chamavam pelo nome de batismo. Em geral, gostava de ver a familiaridade com a qual se tratavam, já que isso tornava possível que, em um futuro próximo, poderia fazer o mesmo. Seriam suas amigas.

— Sente-se mais à vontade? — perguntou lady Johana, que parecia perceber seu nervosismo. Falara em voz baixa para não interromper o discurso de lady Strimble.

Na verdade, agora que pensava sobre o assunto, sim, se sentia melhor. Começava a se familiarizar com as mulheres presentes e com o ambiente. Assentiu. Parecia como se todas estivessem esperando aquele gesto, porque de súbito se calaram, atentas ao que ela pudesse explicar.

— Parece jovem... — A série de perguntas se iniciou com a anfitriã, ainda que não a formulara como tal.

Explicou sua idade. Isso era algo simples que podia fazer.

— Aparenta menos... — Violet interveio, provocando uma censura por ter feito o comentário após um beliscão disfarçado de sua própria mãe.

— E porque escolheu Greenville? — Lady Strimble perguntou como se sua presença ali a deixasse aborrecida.

— Eu só desejava abandonar Londres, — explicou — em benefício de um lugar tranquilo no meio do campo.

Na realidade, Ayleen não escolhera o povoado, e sim, seu advogado o fizera por ela enquanto continuava as pautas e características que lhe pedira. A primeira vez que viu o povoado e seus arredores foi no instante em que chegou.

Sua vizinha foi a seguinte. Perguntou o motivo da mudança tão drástica. Todas tinham ouvido os rumores, mas queriam certezas. A curiosidade era muito grande.

Sem se aprofundar muito, — afinal continuavam sendo desconhecidas, — Ayleen lhes contou do acidente de seu pai e como acabara morrendo dois anos atrás.

— Pobrezinha. — murmurou a senhora Laurens com cara piedosa. — Meus sentidos pêsames.

No mesmo instante todas se apressaram a fazer o mesmo. Ayleen agradeceu o gesto.

— Então agora não está de luto? — A senhora Smith pensava em como aquilo afetaria o reduzido mercado matrimonial do pequeno lugar. No momento, a concorrência para suas filhas havia aumentado.

Ayleen negou com a cabeça.

— Então porque se veste como se estivesse? — A impertinente e direta pergunta veio de lady Strimble.

Ayleen enrubesceu de vergonha quando todas olharam para sua roupa, um simples vestido de listras cor púrpura decorado com tiras de veludo negro no decote, nas mangas e na barra da saia. Uma fileira de botões percorria o fechamento frontal da parte superior do vestido. Era o mais elegante que tinha e conservava todos os elementos do luto que usara até bem pouco. Claro que o utilizara em poucas ocasiões: apenas em suas saídas para visitar ao advogado, ao administrador e a algum outro passeio curto.

— Senhoras, — interveio lady Johana Morton — isso não é assunto de nosso interesse. Estão deixando nossa convidada constrangida.

Como resposta, lady Strimble enrugou o nariz em sinal de descontentamento pela reprimenda, mas não disse nada. Mesmo que a cunhada do duque de Redwolf não tivesse título e ela sim, continuava sendo parente de um dos pares importantes da Inglaterra, o que era impossível passar por alto.

A senhora Haggens recuperou as rédeas da conversa.

— Bem, querida, agora que já a conhecemos um pouco, podemos dizer que você parece adorável. — Era gracioso que falasse por todas, mas nenhuma a contradisse. — Sua história é muito triste mas, como disse o senhor Haggens: "ao passado, esquecido".

"Era um bom lema", pensou mais tranquila. Se pensasse com mais calma seria lógico supor que a observavam e faziam perguntas, então deveria se manter mais corajosa sobre as pontuações mais delicadas.

— Tem intenção de se casar? — soltou inesperadamente a senhora Smith.

— Ca-sar-me? — balbuciou surpresa.

— É uma expressão que se aplica ao fato de encontrar marido. — apontou lady Strimble, não sem um toque de malícia.

— Está bem! — repreendeu a anfitriã. — Se continuarem assim, darão a nossa convidada uma impressão equivocada. Pensará que somos umas hárpias insensíveis.

— Às vezes somos. — replicou a viscondessa.

— Talvez, — Henrietta começava a perder a paciência — mas será melhor que o descubra com o tempo.

Ayleen se sentia desconcertada e um tanto deslocada diante de tanto ataque verbal. Parecia ser algo habitual nelas e isso desfazia a imagem que tinha feito daquelas damas.

— Falemos de coisas mais mundanas. — interveio lady Johana.

— Mas ainda não respondeu. — apontou Rose Smith. Interessava-se muito pela resposta.

Para que deixassem de aborrecê-la, Ayleen garantiu-lhes que nos próximos meses não tinha intenção de se casar, ainda que uns olhos verdes cruzassem por sua mente traindo sua boa intenção.

— Exceto, se aparecer um muito rico. — interrompeu lady Strimble.

— Augusta! — A anfitriã se indignou.

— O quê? — perguntou a outra tentando aparentar inocência.

— Não me faça falar, não me faça falar. — a ameaçou com o dedo.

Estava claro que se tratava de uma advertência, mas Ayleen não saía de seu assombro. Não sabia que segredos poderiam trazer uma viscondessa e a esposa de um juiz. A primeira desafiou a anfitriã com o olhar, mas não disse mais nada.

Durante a hora seguinte, por um invisível e tácito acordo, nenhuma das damas do chá tentou outra pergunta comprometedora ou fora de lugar. Comportaram-se como, o que por regra, eram: umas damas curiosas. Ayleen só teve que responder a coisas como sua cor preferida, se perdia o doce, se era propensa a tonturas e outras coisas menos graves que ficou satisfeita em explicar. Assim, pouco a pouco, a introduziram no mundo das obras de caridade, do ócio e das fofocas, o que lhe provocou uma compreensível saturação.

Agradeceu aos céus quando decidiram que já era hora de

regressar a seus afazeres diários. A reunião podia ser qualificada de bem-sucedida.

***

Acordou assustada e transpirando. Apesar do frio externo, Ayleen sentia-se quente e desorientada.

Enquanto tentava normalizar sua respiração e orientar seus olhos levou a mão ao coração que batia frenético e respirou profundamente, tentando se acalmar.

Acabava de despertar de um sonho sufocante que lhe produzia um mal estar indefinido na parte do baixo ventre e tentava recordar as imagens que tanto a perturbavam e provocavam pontadas no estômago.

"*Outra vez ele*".

Era indiscutível que dava àquele beijo uma importância que não merecia. Se não tivesse sido o primeiro que lhe davam, com certeza não reagiria daquele modo. Devia reconhecer que ser beijada não era o que imaginara tantas vezes. Previra suavidade, prazer, inclusive entusiasmo; jamais a voracidade que a assaltava. Duas bocas abertas, corpos muito juntos... Não supunha que seria assim. Sua mãe morrera muito cedo para poder explicar-lhe o que acontecia entre um homem e uma mulher, e suas amigas apenas sussurravam coisas das quais nada sabiam. O mais mortificante de tudo era que não sentia repulsa, como deveria ser, mas curiosidade e vergonha.

O sonho em si não era novo; repetia-se desde a noite na qual acontecera o assalto do desconhecido. A base era a mesma: uma reapresentação quase exata do que acontecera. O problema era que sua mente enferma fantasiava continuações muito diferentes e

próprias de uma mulher de duvidosa reputação.

Por Deus! O que havia de mal nela? Porque sua mente não conseguia esquecer aquele rosto masculino, nem sua boca e o contato dos lábios? Se ao menos tivesse alguém a quem perguntar... Temia que ao fazê-lo pudessem considerá-la uma deslocada.

Passaram-se os minutos e conseguiu acalmar-se o suficiente para perceber a tênue luz que se infiltrava por trás da grossa cortina. Quando se aventurou a sair da cama, uns tremores de frio a assaltaram. A lareira continuava apagada e a temperatura do quarto era muito baixa. A falta de uso causara alguma obstrução e produzia um cheiro de fumaça na casa. Angus tinha prometido solucionar o problema, mas o frio do final de fevereiro não a deixava ser paciente. Adele havia sugerido dormir em outro quarto enquanto isso, mas ela não quis. Estava se arrependendo de sua precipitada decisão.

Abriu as cortinas ao mesmo tempo em que ouvia um ruído na parte inferior. Adele e Margueritte — a ama de chaves e a servente — já deveriam ter começado sua jornada. Apressou-se a puxar o cordão instalado na parede, que tocava uma campainha na cozinha, para que a jovem servente atendesse e a ajudasse a se vestir.

O tempo se mantinha estável apesar da estação na qual estavam, e pensou que seria uma pena não aproveitar o dia sem fazer o que mais desejava: sair para caminhar. Tinha se segurado durante umas semanas, mas as possibilidades de que se repetisse a cena daquele dia eram escassas ou nulas.

Enquanto depositava um de seus habituais vestidos sobre a cama pensou que uma reconfortante leitura sob o amparo das árvores seria um entretenimento delicioso. Esse tinha sido um sonho recorrente nas intermináveis vigílias junto ao leito de seu pai. Não

permitiria que um desconhecido a atemorizasse até o ponto de se isolar; disso já tivera bastante, por anos. Além de estar um pouco cansada de ir quase todas as manhãs ao povoado para escolher seu novo guarda roupa, — modesto — e ver-se submetida a incansável conversa e determinação da esposa do juiz, a senhora Haggens, que se autoimpusera como uma obrigação, acompanhá-la.

Parecia mentira que aguentara tantos anos de cuidados ao seu pai e que nas duas semanas de convivência com a esposa do juiz já sentisse um desejo irrefreável de arrancar os cabelos ou atirar-se no vazio de um profundo buraco.

A única coisa certa era que suas histórias, junto aquela mulher, faziam com que tanto Adele, como Margueritte e Angus rissem até a extenuação.

Nem bem acabou de pensar, sentiu-se culpada. A senhora Haggens fizera mais por ela em duas semanas do que qualquer outra pessoa que conhecesse. Talvez fosse intrometida e opressiva, mas era tão franca e transparente que acabava sendo uma pessoa adorável.

Para o dia seguinte fora convidada para o jantar que a mulher oferecia em sua honra. A princípio, o acontecimento fora qualificado como “sem importância”, mas após duas semanas já alcançava a categoria de “importante e vital”. Como Ayleen não tinha nenhum vestido elegante para usar, tentou desculpar-se, mas a senhora Haggens chegou a averiguar o motivo de tanta reticência e terminou encontrando uma solução adequada: emprestar-lhe um vestido de sua filha, que a modista ajustaria ao seu tamanho.

A essa altura, dizer que se sentia nervosa seria um grande eufemismo. Não tinha certeza de conseguir superar a prova com a elegância que desejava.

— Posso entrar? — Margueritte bateu à porta quando já se esgueirava para o interior.

Essa vivaz jovem era o que a própria Ayleen deveria ser. Alegre e perspicaz, desprendia um humor irreverente que se percebia em seguida. No entanto, era trabalhadora, sincera e não podia estar mais apaixonada por Perry Jenkins, seu vizinho de toda a vida e aspirante a grandes coisas. No pouco tempo que a conhecia descobrira que, ambos, os jovens se queriam. O ruim era que o rapaz não se decidia a dar o passo definitivo e ela o tratava, há algum tempo, com fingida indiferença.

A servente a ajudou a vestir a roupa interior e o corselete sem parar de mover-se. Quando se sentou em frente ao toucador, sem saber porque, lhe pediu algo diferente para os cabelos.

Margueritte tinha uns dedos habilidosos e uma poderosa imaginação quanto aos estilos de moda e penteados. Apesar de não ser mais que uma donzela sonhava viver de seu talento em um futuro próximo.

— Faremos algo simples, mas deixarei seu rosto livre. — afirmou sem sentir-se surpresa por seu pedido. — Isso mostrará sua suave face e a deixará mais bonita.

Com alguns prendedores e passador deixou seus cabelos muito mais elegantes sem nada destoando.

— É uma artista — louvou-a, olhando-se no espelho, surpresa.

Margueritte sorriu ao ouvir o cumprimento.

— Você não imagina o que irei lhe preparar para amanhã a noite. — Olhou-a através do espelho. — Estive praticando.

Ayleen tremeu de expectativa. Em seu íntimo desejava dar uma impressão favorável a todos os convidados do jantar.

Quando desceu para o desjejum contemplou o impecável aspecto da casa. Por fim, haviam terminado de acondicionar tudo e, estava magnífica. Não sentiria falta da casa de Londres; nela havia muitas recordações dolorosas. O administrador e o advogado insistiram na importância de vendê-la o quanto antes para que não continuasse perdendo seu valor. Como estava em bom estado, as mudanças que fizeram antes de vir a Greenville foram mínimas. Isso, junto com a localização, facilitaria encontrar um comprador rapidamente.

Conversou com Adele e saiu ao jardim dianteiro para saudar Angus, que nesse momento arrancava as ervas daninhas. Era um homem maduro com um rosto tranquilo que a ajudava em tudo que necessitasse.

Quando a viu, tirou o chapéu em sinal de respeito e lhe contou que esperava a chegada de um homem que o ajudaria com a limpeza da lareira de seu quarto.

— Espero que esta noite consigamos acendê-la. — afirmou com voz grave.

Admirando a manhã clara, respirou profundamente e entrou de novo para pegar seu boné e o livro que estava lendo. Saiu pela porta de trás disposta a usufruir de uma manhã tranquila e sem sobressaltos.

Não pretendia andar muito, só o suficiente para encontrar um lugar adequado para sentar e aproveitar o maravilhoso mundo literário. Comprara o livro na cidade antes de sair. Quando encontrou o exemplar em uma pequena livraria afastada do centro, o livreiro explicou muito por cima seu conteúdo e ela, em seguida, a considerou uma leitura de entretenimento. Até o momento não se enganara.

Quando percebeu, já se encontrava não muito longe da cabana onde a tinham assaltado algumas semanas atrás. Apesar da folhagem,

podia visualizar o tom marrom das tábuas de madeira.

Por um instante hesitou e permaneceu em silêncio a espera de ouvir algo que saísse do normal.

Tinha quase alcançado o claro no bosque, quando decidiu não continuar. Podia ver claramente o lugar exato onde tudo acontecera. Aqueles segundos foram decisivos, e apenas virava o corpo, para voltar sobre seus próprios passos, quando uma figura saiu de repente de entre as árvores, assustando-a.

Com um grito baixo, se recompôs para correr na direção contrária.

— Espere!

Era a mesma voz e isso a encheu de espanto. Estaria esperando-a para terminar o que começara três semanas atrás?

O medo lhe deu asas, mas não foi tão rápida como desejava. Em um instante, o homem conseguiu pegá-la por trás e a segurou pela cintura. Ela forçou e gritou.

— Socorro! — Desta vez, o grito saiu tal qual esperava.

— Por favor, acalme-se; não lhe farei mal. Só quero falar com você. — O tom do homem parecia ansioso, mas ela nem notou. — Quieta! — exclamou ele afinal.

Ayleen deixou de se debater, mas lançava gemidos descontrolados e tinha os olhos fechados quando a virou para ele.

— Senhorita, — chamou com suavidade, sem soltá-la — me dê uma oportunidade para conversar e esclarecer o mal entendido da última vez.

Diante disso, Ayleen abriu os olhos por completo, escandalizada.

— Você e eu não temos nada que falar, desnaturado, atrevido!

No entanto, não deixou de perceber como era elegante. Agora

usava uma leve barba que o fazia parecer mais interessante.

Mas em que estava pensando? Repreendeu-a sua consciência. Seria tola? Aquele homem a tinha em seu poder e ela se dedicava a fantasiar com sua beleza. Por isso continuou lançando uma série de impropérios — dignos de um bandido — enquanto continuava tentando se livrar de seus poderosos braços.

O desconhecido se esforçou para mantê-la quieta e fazê-la pensar, mas, apertá-la junto ao corpo com os contínuos movimentos de Ayleen para escapar, lhe provocaram outro acesso de loucura que não conseguiu prever nem reprimir: a beijou de novo. Amassou-a junto a si e ficaram encaixados.

O grito de surpresa de Ayleen ficou sufocado por uns lábios exigentes e opressivos. Esta vez não foi tão frenético, mas conseguiu que ela deixasse de apertar os lábios, deixando-os vulneráveis ao seu inesperado ataque.

Durou pelo menos um minuto, antes que ela, juntasse sua coragem, lançasse um golpe em sua canela e ao mesmo tempo, aproveitasse o susto do libertino para soltar-se e começar a correr como alma fugindo do diabo.

Ele não a seguiu; não tinha motivo. Com um suspiro de frustração e de incredulidade para si mesmo saiu andando, até que viu no chão o pequeno objeto que pertencia a fugitiva.

— Ok! Ok! — talvez já fosse hora de tomar um tempo para ler.

Capítulo 3

A senhora Haggens voltou a mudar os cartões da mesa sem estar convencida da disposição dos comensais. Tudo deveria ser perfeito.

— Henrietta, está tudo bem? Acreditava que já havia supervisionado tudo naquela tarde.

Walter, seu esposo, parou diante da porta do refeitório enquanto ela pululava ao redor de uma longa mesa preparada para o jantar.

Ao contrário de sua esposa, as dimensões de seu corpo eram proporcionais a sua altura. Alto e magro, seu aspecto parecia afável o que, em consonância com seu humor, dava lugar a más interpretações quando atuava como juiz. Apesar de saber que era piedoso quando a ocasião o exigia, se destacava no condado como um homem de férreo caráter, incorrupto e justo.

O casal Haggens era algo díspar, mas apesar das aparências se amavam com a mesma intensidade de quando se conheceram. Walter tolerava as excentricidades de sua esposa com bom humor e uma boa dose de resignação.

— Sim, sim. — soltou com impaciência e com o cenho franzido. — Estou polindo os últimos detalhes.

— Vejo-a muito interessada. O que está tramando agora?

Quando sua esposa anunciou a comemoração do jantar, não lhe

deu maior importância. Henrietta encantava-se em fazer papel de anfitriã e ele não se aborrecia por ter convidados. Claro que ao ver a lista não pode evitar se surpreender; não tanto por sua variedade, mas, pela presença "dele". Isso o fez pensar como conseguira convencê-lo a comparecer à noite. E o mais importante: porque aceitara, se era um simples jantar entre amigos?

— Oh, Walter, você tem uma alma tão pouco romântica que não entenderia. — lamentou sua esposa sem levantar os olhos dos cartões.

— Prove-me, querida. — sugeriu.

Com um gesto de frustração, Henrietta deu por finalizada a mudança definitiva das posições dos comensais.

— Penso que a senhorita Blake seria mais feliz estando casada. A pobre está tão sozinha…

Seu esposo fungou incrédulo.

— Falou a *expert* em amor. — sentenciou.

— Ser sarcástico não ajuda nada. — queixou-se e o olhou de lado.

Sempre estavam assim. Ela queria mudar o mundo, — ou pelo menos, a vida daqueles que a rodeavam — e ele se limitava a refrear seu entusiasmo e suas boas intenções.

— Entendo que este jantar é uma grande armadilha? — Na verdade estava convencido que era isso.

— Não exatamente. — corrigiu — É uma grande oportunidade para aproximá-la um pouco mais de sua comunidade…

— Toda repleta de homens. — interveio Walter.

— … e assim ter mais opções de conhecer um candidato aceitável para considerar um possível casamento.

O senhor Haggens se aproximou da mesa e observou os cartões.

— E estes são os que escolheu. — Já sabia quem eram, por isso não evitou sorrir com pesar. — Alegro-me ver que tem a sensatez suficiente para incluir o Duque diante de tanta...

Henrietta o olhou escandalizada e protestou.

— Como lhe ocorre sugerir que pude pensar no duque de Redwolf como possível candidato? — interrompeu. — Ele está muito acima de todos nós. — estava convencida disso. — No dia em que decidir escolher uma esposa será entre as melhores famílias. Será uma jovem sem mácula, refinada, e sua beleza não terá igual.

— Que sorte terá nosso Duque. — ironizou o senhor Haggens depois de tão apaixonada confissão.

— Não zombe. — Aproximou-se para dar-lhe uma leve palmadinha no braço como repreensão. — Ele tem uma obrigação com sua linhagem e deve escolher bem. A senhorita Blake não tem nada para oferecer. Um casamento entre eles parece inconcebível.

— Coisas mais extremas já aconteceram. — replicou seu esposo. Continuava sentindo curiosidade sobre o motivo que levara o duque de Redwolf a aceitar o convite. — No entanto, se não pensasse nele como possível candidato, porque estaria ali?

Walter o conhecia. Haviam se encontrado em Londres e nas festas em Carmine's Place. Claro que não era um conhecimento muito estreito.

— Porque posso. — acrescentou com petulante satisfação. — Não quero que pense que sou presumida ou algo no estilo, mas me ajusto a realidade. As outras três opções que escolhi são muito mais realistas para a senhorita Blake.

Parecia estar muito segura de si e ele decidiu deixar correr.

— Senhores Haggens, — foram interrompidos pelo mordomo —

os convidados começam a chegar.

— Vamos, querida. — Walter lhe ofereceu o braço, que ela aceitou com um sorriso. — Começa o primeiro ato da comédia "a senhorita Blake e as três joias da coroa inglesa".

— Como disse? — Henrietta o olhou com estupor. — As três joias da coroa…

— Não acredita ser apropriado? — Ele sabia que a mente de sua esposa funcionava em outro nível.

— Não fica bem zombar de nossos convidados, mas, pelo menos, reconheça que os jovens têm seu valor.

— Hummm, — murmurou — as três joias da coroa… Vá! Tolice; no entanto…

— Vamos, mulher, — apressou travesso — reconheça que acertei em chamá-los assim.

— Não vou dar-lhe razão; pelo menos esta noite não. — sorriu — Mas devo reconhecer que gosto. Agora vamos receber nossos convidados.

***

Com seu plano em mente, a senhora Haggens tinha uma ideia muito clara do que queria conseguir naquela noite: expectativa. E para que a entrada de Ayleen fosse um êxito e certos cavalheiros a observassem, a avisou da hora exata na qual devia fazer sua entrada: nem um minuto antes, nem um depois.

A pobre não sabia o que a esperava.

Antes de fazer sua entrada, os convidados foram chegando. Os Morton foram os últimos a chegar, seguidos pelo Duque.

Jason olhou pela janela da carruagem. Antes de descer passou as

mãos úmidas pelas calças, um gesto que denotava a ansiedade que o invadia. Poderia culpar os nervos a qualquer bobagem relacionada com o trabalho que se acumulava no escritório, mas isso seria tentar se enganar. Conhecia muito bem o motivo.

Sua esposa nem sequer o notou.

— É impossível que ninguém note sua presença. — murmurou Jason tentando distrair-se enquanto tomava o braço da esposa. Atrás deles, o impressionante transporte com o emblema ducal esperava para ser recebido. — Amanhã todos falarão da inesperada visita do duque de Redwolf ao povoado. Henrietta será o centro das atenções, tal e como ela gosta.

— Bem, se seu irmão Ashton já decidira aceitar o convite era tudo um logro. — replicou Johana.

— O mérito é todo seu, querida. Se não tivesse insistido...

Ambos sabiam que tanto um como o outro tinham razão. Se Ashton tivesse decidido não comparecer, nem a mais poderosa das persuasões o faria mudar de ideia. O Duque não era inclinado a se deixar ver em reuniões e eventos diversos da alta nobreza; muito menos entre os que não pertenciam a ela.

— Henrietta, cada vez que a vejo está mais radiante. — saudou-a Jason logo que entraram no vestíbulo.

— Oh, que adulador! — Seu sorriso aumentou. — Walter, deveria aprender. — sugeriu, dando uma cotovelada no seu esposo.

Ele virou os olhos em branco e apertou a mão do mais jovem dos Morton.

— Mantendo os malfeitores na raia? — perguntou ao juiz enquanto as mulheres falavam.

— Alguém tem que fazer alguma coisa, mas os anos não passam

a toa. Tanto minha paciência, como minha clemência começam a rarear. Antes acreditava que era dever cristão confiar na bondade do homem e dar segundas oportunidades, mas agora já não estou tão certo disso.

— Penso que deve ver passar pelo juizado os mesmos rostos uma ou outra vez.

— Sim. Não os mesmos e pelos mesmos motivos. — concordou com pesar. — Não me resta nada a não ser deixar cair sobre suas cabeças todo o peso da lei.

— Admiro seu trabalho. — E era certo. — Eu não seria capaz.

— Bem, reconheço que nem todos têm o caráter necessário para desempenhá-lo, mas isso não…

— Walter! Quer deixar de nos aborrecer com suas coisas? Este não é o momento nem a ocasião para falar de criminosos. Você já viu! — os repreendeu a anfitriã.

O casal Morton trocou um olhar de entendimento enquanto o juiz soltou um leve suspiro e Henrietta continuava com a advertência.

— Homens! Vão conseguir nos fazer dormir antes do jantar. — Dirigiu-se aos recém-chegados. — Porque não passam ao salão e conversam sobre assuntos mais frívolos? O restante dos convidados está tomando uma bebida. — Eles esperam para receber e saudar o Duque.

A primeira coisa que fez foi examinar a sala, com o coração batendo no peito mais rapidamente do que desejaria. Não podia negar a quem estava procurando. Queria confirmar com seus próprios olhos que estava errado, que não eram a mesma pessoa. Uma parte dele desejava confirmar o erro. A outra, muito mais insidiosa e difícil de controlar, queria tudo ao contrário.

Sem querer apertou a mão em um esforço para se controlar e Johana, ao notá-lo, lhe lançou um olhar especulativo, que uma exclamação nada apropriada se encarregou de distrair.

— Lorde Jason! — Do outro lado da sala, o comodoro Rupert Clarewood saudava com entusiasmo. — Quanto tempo sem vê-lo! — Johana se dirigiu para saudar a senhorita Juliet Been enquanto Rupert se aproximava.

— Comodoro Clarewood. — disse Jason com formalidade fingida, ainda que fosse uma distração. — Fazia tempo que não nos obsequiava com uma visita.

— Vim para ficar durante algum tempo. Tirei um período de férias enquanto avalio meu futuro. — confessou.

— Ainda assim, acredito que se impõe uma felicitação por seu êxito. Na última vez era Capitão.

— Bah! — desfez com desenvoltura. — Para ascender na Marinha basta ser sagaz e valente. Qualquer um pode fazê-lo.

Pensou, que pelo menos, em algo não havia mudado: sua falsa modéstia. Também devia reconhecer que o mar e as viagens não haviam feito nenhuma rachadura nele.

— Não duvido, mas sempre teve talento para dirigir. Está no sangue.

Sabia que elogiar seria a melhor forma de tratá-lo. Com isso não queria dizer que o homem não merecesse sua promoção; pelo contrário: era um temerário.

A entrada de Ashton conseguiu silenciar as conversas frívolas. Só sua presença, régia e séria, os intimidava. Vestido de negro e com um lenço de seda cor marfim amarrado no pescoço mostrava a imagem de um homem poderoso e inacessível.

— O que faz seu irmão aqui? — lhe sussurrou Rupert em voz baixa. — Acreditava que não se misturasse com a plebe.

Jason não teve oportunidade de responder.

— Damas e cavalheiros... — enfatizou Henrietta, dando umas palmadinhas e contente de contar com toda a atenção.

"*Chegou o momento*". A tensão se instalou de novo.

— ... Desejo lhes apresentar uma convidada muito especial...

Nesse instante, os Haggens entravam no salão acompanhados da responsável pelo seu atual estado.

— ... Uma nova vizinha nesta comunidade. A senhorita Ayleen Blake.

"*Que nosso senhor todo poderoso me ampare. É ela*".

Mantivera a esperança a toda força e inutilmente. Como a enfrentaria? E porque parecia que só sua presença bastava para deixá-lo alterado? Como seu coração podia bater de forma tão acelerada? Se não se controlasse, sua reação suscitaria muitas perguntas curiosas.

Viu como a anfitriã arrastava a recém-chegada para o centro, como se estivesse disposta a vendê-la em um leilão. A seguir, começou a apresentá-la a cada um de seus convidados seguindo a hierarquia social. Todos se aproximaram, interessados.

O primeiro foi Ashton. Ela porém não notara ainda a presença de Jason. Tinha o olhar fixo em seu irmão e parecia concentrada numa cortês saudação.

Conteve o fôlego, temendo o momento.

— Sua Graça. — Fez uma reverência perfeita.

Os seguintes foram, como era de esperar, os Morton.

— Já conhece lady Johana, — dizia a senhora Haggens — e este é

seu esposo: lorde Jason Morton.

A impressão de vê-la de perto foi mais exorbitante do que poderia esperar. Sentia a rigidez em cada músculo de seu corpo em um esforço supremo para controlar-se. E tentou, pelo menos durante a apresentação formal, deixar seus sentimentos de lado, evitando que a dama cometesse uma indiscrição.

Com renovada vontade foi o primeiro a falar. Ambos tinham muito que perder se não o fizesse.

— Encantado em conhecê-la, senhorita Blake. — declarou com rapidez. Esperava que ela notasse que pretendia demonstrar que nunca tinham se encontrado. Não sabia se era um modo inteligente de agir, mas o mais apropriado. Ainda assim, tinha o coração apertado.

Para Ayleen porém foi pior: ficou paralisada devido a emoção. Olhou o rosto com intensidade, tentando discernir se aquilo era real, se na verdade tinha diante de si o homem do bosque. Se não estivesse rodeada por tanta gente teria caído na risada com todas suas forças. Acaso brincariam com ela?

A cabeça começou girar e sentiu como se o coração fosse explodir. Por um instante pensou que tudo estava para ser descoberto, mas todos tinham uma expressão neutra em seus rostos, menos ele. Porém, teimava em acreditar no que via.

Jason Morton era o desconhecido do bosque.

Obrigou-se a reunir todo o controle de que foi capaz para não ficar de boca aberta como um estúpido peixe. Na realidade, não pensara em nenhuma ocasião qual poderia ser a verdadeira identidade do homem que a assaltara. Descobri-lo resultava numa catástrofe. Que fosse o esposo de lady Johana e seu vizinho, não o tornava mais aceitável, mas o contrário. Também parecia ter todo o direito do

mundo para rondar os bosques e a cabana, já que aquelas terras pertenciam ao seu irmão, o Duque. Porém, aquilo não desculpava seu aborrecido comportamento.

O que fizera? Onde se metera? O que acontecera entre eles a perturbava mais que antes. Aquele homem vivia beijando as mulheres? Talvez tivesse visto nela, uma desconhecida, a oportunidade de soltar seus baixos instintos. Não parecia o tipo de pessoa que trairia sua esposa, mas o que sabia ela dos homens?

Nesse momento se sentiu muito estúpida e envergonhada. Depois chegou a consternação. Estava disposta a conceder o muito que havia usufruído das intimidades entre ambos, mas a borbulha romântica, que começara a imaginar, se dissolvera com a mesma rapidez.

Não queria pensar no quanto era atraente, na intencionalidade de seu olhar ou no braço feminino apoiado no dele. Também não queria admitir que, em algum momento, das noites passadas, se vira subjugada por um sonho onde ele aparecia e lhe exigia que fosse sua mulher. Chamar-se de tola seria pouco, mas uma repreensão para si mesma seria justa, pensou que seria o mínimo que merecia. Supunha que, por essa razão, ele acabava de fingir que aquele era seu primeiro encontro. Se soubessem a respeito, sua reputação ficaria manchada e teria que sair.

Isso jamais.

Pelo menos levara isso em consideração; ou talvez não o fizesse para salvaguardá-la dos falatórios, mas por ele mesmo. Sua atitude pelo menos, fora, inatacável. Ayleen tentaria esquecer que aquele encontro a marcara e que ele não era um homem pelo qual pudesse suspirar toda a vida. Se voltassem a se encontrar, em público trataria o cavalheiro com o máximo respeito, mas também com a devida frieza.

Em particular... procuraria que aquilo não voltasse a acontecer. Tinha que andar com mais cautela que nunca e, se tivesse a oportunidade, lhe explicaria claramente o que pensava dele e de sua atitude. Se fosse obrigada, ainda que esperasse não ser necessário chegar tão longe, ameaçaria contar a sua mulher. Talvez isso bastasse.

Com a falsa crença, se recompôs depressa, esboçou um sorriso superficial de cortesia e acenou com a cabeça.

Por sorte, no instante, a afastaram do casal para ser apresentada ao senhor Plumbert. Era melhor assim. Não chegara a agir como uma tola ou fazer ridículo.

Jason, vendo como se afastava, não deixou de admirar seus modos. Se tivessem os lugares trocados, não sabia se conseguiria se mostrar tão imperturbável. Pelo menos, ele contara com uma margem de tempo para se preparar com a ideia de que a mulher com quem se encontrara duas vezes era a nova vizinha. Sem contar com uma descrição fidedigna, — perguntar a Johana poderia levantar suspeitas incômodas — teve que se arriscar a pensar que devido a seu modo de vestir e a suavidade que notou em suas mãos, não se tratava de uma serviçal ou alguém de uma escala social mais baixa.

Continuou andando pela sala com atenção enquanto era dirigida pelos Haggens. Agora, contra o que acreditaria sensato, já não se sentia dominado pelos nervos. Tenso sim, mas nisso pensaria mais tarde, na solidão.

— E aqui temos o comodoro Clarewood. — continuou dizendo a esposa do juiz. Rupert já estava na primeira fila, mas adiantou os passos. — Cuide-se dele, é um patife.

— Senhorita Blake, permita-me dizer-lhe que seus olhos já me cativaram.

Ao ouvi-lo, Jason pôs os olhos em branco, mas a dama parecia perturbada diante de semelhante demonstração de encanto.

Não estranhava que pudesse se sentir presa por suas belas e ostensivas palavras. Além da impecável aparência, o Comodoro era um homem muito elegante. Em certa ocasião escutou sem querer a discreta conversa entre duas maduras damas, qualificando-o de Adônis. A partir daí, não se surpreendeu saber que seus ruivos cabelos e seus olhos azuis faziam florescer pensamentos românticos em qualquer mulher. E, parecia estar sempre de bom humor e sorridente. Tudo isso, unido a sua categoria no Royal Navy, fazia dele um partido excepcional. Lamentável que as mesmas mulheres que caiam rendidas aos seus pés não soubessem ver como era cheio de si. Pelo menos, Johana já percebera aquilo. Os dois sabiam que Rupert Clarewood era muito atrevido, ainda que se cuidasse bem para não ir além.

Imediatamente depois, Ayleen foi apresentada a senhora Clarewood, uma mulher amável e delicada que era simpática a todos. Também era evidente, contra todo prognóstico, como se entendiam bem como mãe e filho. Rupert, demonstrava muito respeito, tratando-a sempre bem e com carinho. Isso, claro, enternecia a mais dura das jovens e as suas próprias mães.

Enquanto escutava pelo meio, percebeu o avanço do senhor Been, o homem mais pomposo sobre a face da terra. Posicionou-se em frente a jovem convidada e tentou interromper a conversa que mantinha com a mãe do Comodoro.

O cavalheiro era um engenhoso e inteligente empresário que conseguira criar um vasto império do nada. Era tão rico que se suspeitava que sua fortuna superasse com vantagem a de sua própria

família, que já era enorme.

Jason sempre se considerara um tipo bastante tolerante. Devido ao seu cargo de administrador das propriedades do ducado devia atender incontáveis pessoas, mas o senhor Been o tirava do sério. Apenas sua presença o alterava. Quando abria a boca sentia desejos de correr o mais longe possível para evitar sacudi-lo ou algo pior.

— Senhor Been, não acredita que o esqueci. — A voz de Henrietta, não isenta de repreensão, ecoou por todo o salão ao perceber as intenções do homem para ser apresentado. — Vejo que está impaciente para conhecer a nossa convidada.

Não ouviu sua resposta, porque nesse momento um dos lacaios o distraiu oferecendo-lhe algo para beber. Ainda assim, sua mente convergia de vez em quando para a mesma pessoa. Olhou a senhorita Blake, de novo. Desta vez estava muito diferente daqueles dois infortunados encontros. O vestido franzido de seda brilhante cor azulão que exibia lhe assentava muito melhor que os anteriores que recordava, bem simples. O decote quadrado com rendas deixava entrever sua pele cremosa sem ser muito evidente. E o elegante coque de seus cabelos deixava suas orelhas, decoradas com uns brincos, à vista, conferindo ao rosto alongado uma inusitada austeridade.

Achou-a bonita, para a seguir se recriminar, por se permitir semelhantes considerações. Ele era um homem casado, fato que repetira a si mesmo, mais de cem vezes nas últimas três semanas. Não devia sair admirando as outras mulheres, pelo menos não as que produziam nele um efeito como o que sentira com aquela jovem. Desde seu primeiro encontro se repreendera por sua atitude, a qual punha em dúvida sua sanidade e honra. Se alguém soubesse poderia desatar um escândalo. E ele respeitava muito sua família para colocá-los em

semelhante situação.

Estava casado com Johana há pouco mais de dois anos e nesse período estavam melhor do que ele esperava. Quando a conhecera ficara deslumbrado, não só por sua beleza e seu porte, mas também por seu comportamento. E com o tempo comprovou que era uma mulher de temperamento calmo. Ajuizada e de bom humor aceitou que sua vida poderia ser boa longe da cidade e não parecia preocupada por isso.

Como seus pais já haviam falecido, seus únicos parentes eram uns tios que até o dia de seu casamento agiam como tutores e, uma irmã mais velha que residia na Jamaica.

— Não poderia ter escolhido melhor. — lhe assegurou Ashton, pouco depois de conhecê-la.

Levou em consideração a opinião de seu irmão. Não era um homem acostumado a dispensar elogios, se bem que sua futura esposa e ele combinavam à perfeição. Assim, com o vento a favor, decidiram se casar, e só esperaram a chegada dos que seriam seus cunhados.

Apesar do curto compromisso, a cerimônia foi grandiosa. Era o mínimo que Johana merecia. Ashton não mediu gastos e todos foram convidados. Casaram-se em Londres e a celebração antecedeu a uma festa imensa na mansão da cidade da família Morton.

Ao longo daqueles poucos anos, sua esposa demonstrara ser seu par perfeito. Entre eles se estabelecera uma relação tranquila e satisfatória. Até o momento era consciente que sua vida não poderia ser melhor. No entanto, o episódio acontecido entre ele e a senhorita Blake o desestabilizara. Levara-o a questionar seu próprio valor como homem. Que tipo de marido seria capaz de beijar outras mulheres?

Claro, também não era tão ingênuo. Desses havia — e muitos, — mas ele não era assim. Pronunciara seus votos com a maior seriedade e com a intenção de cumpri-los. Queria bem a sua esposa e a respeitava. Além de não ser amante das diversões mundanas habituais, gostava do seu trabalho e da tranquilidade do campo. Não necessitava frequentar clubes de cavalheiros, antros de prostitutas e de fumar e beber até perder o conhecimento. As emoções fortes não andavam com ele. Também não fazia apostas, nem tinha dívidas. Era um homem simples com gostos mais simples ainda. Quanto ao seu caráter, se descreveria melhor como um homem normal, sem importância e carente de uma personalidade atraente. Não se considerava tímido e gostava de manter uma boa conversa interessante com qualquer um, fosse um nobre, um camponês ou um burguês. Não era dado a arrebatamentos repentinos nem a explosões violentas. A paixão, esse conceito tão utilizado por poetas, escritores e românticos em geral, lhe era alheia. Em seu casamento abundava a ternura, o afeto e o respeito. Ambos se queriam e o demonstravam com consideração.

E isso era o que o estava corroendo, o que não entendia.

Primeiro, o impulso. Bem, os impulsos. Não era homem dado a aquele tipo de coisas. Gostava de refletir e meditar antes de agir. Entretanto, algo nela o incitara a agir contra sua atitude natural. E em segundo lugar, o beijo. Quando beijou a senhorita Blake sentiu que algo se apoderava dele; algo que nunca tinha experimentado. Sua sensatez habitual foi substituída por uma dor tão aguda e inesperada quanto desagradável pelo simples fato de não saber interpretá-la. Recordava ter sentido uma espécie de explosão em seu interior. Seus nervos se apertaram e seu estômago começou a agitar-se em pequenos

espasmos enquanto sua temperatura corporal subia. Notou a respiração acelerada e desejou eternizar o momento.

Aquilo seria paixão? Pensou enquanto observava a mulher que provocara aquele acumulo de sensações. Aquilo mesmo tentara averiguar. Quando ela fugira se sentiu muito emocionado. Mais tarde apareceria a consciência e com ela, a culpa. Ainda assim devia admitir que tinha usufruído. Seria assim que se sentiam os adúlteros? A emoção de um novo rosto, novos lábios? Não queria comparar; se negava a isso. No entanto, sentir seu fôlego e unir os lábios com os dela tinha sido um choque, brutal. Todas suas ideias preconcebidas voaram pelos ares. Agora restava a incerteza.

Depois do primeiro beijo, as semanas seguintes pareceram atrozes para seus nervos, o que precisara de esforço para disfarçar. Não estava seguro da identidade, da jovem, mas, ao mesmo tempo, tinha certeza que era a recém-chegada da qual sua esposa falara.

Johana atribuíra seu mal estar e o pouco descanso, ao excesso de trabalho, mas não percebera nada de estranho naquilo. Ashton, em troca, muito mais conhecedor e observador de seu temperamento, se limitara a recomendar-lhe que, já que o administrador voltara, o mais sensato seria levar as coisas com calma.

Era um alívio que não suspeitasse do verdadeiro motivo.

Nos dias após o encontro se prometera afastar da cabana do guarda florestal, a casinha que aquela jovem descobrira. Estivera habitada enquanto seu pai vivia, mas quando ele falecera, e o homem que vivia ali, também, Ashton não considerou necessário ocupar aquele posto e Jason começou a frequentá-lo bastante, antes de se casar. Era uma espécie de retiro. Ali dormia, lia ou simplesmente descansava afastado, primeiro da casa principal, depois da sua

própria. Ninguém sabia onde estava nem perguntavam. Confiavam nele e em seu bom juízo. Nesse momento, poderia demonstrar como estavam equivocados ao mostrar-se tão confiantes. Não sabia se estava sendo mais duro que o normal, mas o que fizera não estava certo.

Uma semana depois de seu encontro com a senhorita Blake, quando acreditava que ela não diria nada e que ele estava a salvo, Johana mencionou a reunião das damas do chá e como havia transcorrido. Foi então que percebeu o modo pueril como havia se enganado. Não esquecera o beijo — que pesava sobre sua consciência, — nem o toque de suas mãos sobre seus lábios, nem a suavidade de seu corpo. Estava tudo ali. No dia seguinte, apesar de suas intenções de evitá-lo, voltou a cabana. Afinal se convenceu que a única coisa que desejava era vê-la para esclarecer qualquer mal entendido que pudesse ter se produzido. Cheio de indecisão esperou toda a manhã sem êxito. Repetiu tudo, dia após dia, durante duas semanas até que, quando suas esperanças já desapareciam, a viu aparecer pela curva do caminho. Talvez a assustasse de novo ou talvez ele estivesse ficando louco, mas o certo era que voltara. E dessa vez não tinha nem uma desculpa. Se bem que na primeira vez — apesar da sua negação — foi ela quem o beijou primeiro, Jason era o responsável da segunda estupidez. Foi breve, mas tão intenso como o anterior. Quando o inesperado pontapé na canela o fez sentir a dor, só pode admitir que estava diante de um grave problema. O que faria a partir dali?

Capítulo 4

Ayleen tentava ocultar sua inquietação sorrindo mais do que o habitual. O culpado: Jason Morton. Ali, para onde olhasse, sua presença era inegável, perturbando-a. Saber quem era e o que acontecera entre eles a mortificava e torturava em partes iguais, acentuando o irrefreável impulso de sair correndo do jantar e não voltar a cruzar jamais com nenhum deles, ainda que soubesse que seria impossível. A isso se somava a esmagadora sensação por ser o centro da atenção de três homens, presumivelmente solteiros.

Sentira-se nervosa durante o curto trajeto até o povoado. O juiz Haggens, ao qual porém não conhecia, a recebera com cordialidade e um sorriso afetuoso.

— Ânimo! — lhe sussurrou pouco depois, a pedido de sua esposa, antes de entrar no salão onde conversavam os convidados.

Parecia um bom homem, mas isso, longe de deixá-la confortável, a deixara mais nervosa. A exceção de Henrietta e Johana Morton, não conhecia os demais. Enquanto se preocupava em memorizar nomes e rostos observou com atenção ao seu redor.

O senhor Haggens falava com lorde Jason Morton e o senhor Plumbert. Este último parecia um homem tão retraído como um ratinho assustado; tanto que, quando o apresentaram, teve que aguçar

bem os ouvidos para escutá-lo. Seu anfitrião, pelo contrário, tinha uma voz grave e bem modulada, a qual ressoava por todo o salão. Quanto ao terceiro em discórdia…

Olhou-o de novo com todo o dissimulo possível. Sim, era elegante, ainda que não tanto como o comodoro Clarewood, mas havia algo em lorde Jason Morton, algo que era incapaz de explicar, só com sua presença lhe estremecia a alma. Tentou esquecê-lo. E o fez, ou pelo menos, tentou, durante o jantar. Para conseguir dirigiu um cuidadoso olhar ao seu interlocutor e voltou a prestar atenção, coisa difícil, já que seu interminável balbucio a fazia querer abstrair-se por completo.

O senhor Been não tinha parado de falar desde o instante em que foram apresentados. Sem deixá-la intervir, o que era de má educação, se enroscou em um interminável monólogo sobre como conseguiu adquirir semelhante riqueza.

— … E o certo é que ganhava mais do que podia gastar. — continuava dizendo.

— Ah! — murmurou.

— Mas devo dizer que não estava nada surpreso.

— Não? — Não tinha a mínima ideia do que estava tentando explicar.

— Em absoluto. — confirmou orgulhoso. — Sempre soube apreciar minhas múltiplas qualidades.

Santo Céu! Aquele homem não precisava que alguém o adulasse, só ele se bastava.

Devia rondar os quarenta e não estava casado.

Não posso imaginar o porque. — pensou maliciosa.

De aspecto miúdo e um pouco dado aos excessos, valia destacar

seu atributo mais evidente... seu grande bigode. Suas bochechas constantemente rosadas e sua alegre papada não o faziam parecer um homem atraente. Ainda assim, não acreditava que seu aspecto fosse o problema. O senhor Been só sabia falar de si mesmo e de seu dinheiro, qualidades pouco atraentes para a maioria das mulheres.

— Senhorita Blake, senhor Been, — a intervenção da senhora Haggens foi recebida como uma bênção, pelo menos de sua parte — desculpem-me interrompê-los, — por seu enorme e astuto sorriso era evidente que não — mas o jantar já está pronto. Vamos ao outro salão.

Todos os olharam, esperando. O braço da anfitriã se apoiava no cotovelo do homem com mais categoria dos presentes: o duque de Redwolf. O resto já estava emparelhado.

Ayleen se ruborizou. Estava tão absorta em seus próprios pensamentos que não percebera. Claro, o senhor Been parecia tão satisfeito em conseguir falar de si mesmo que também não percebera nada. Como ela era algo como a convidada de honra, foi o juiz o encarregado de escoltá-la. Apesar de não ser um jantar da nobreza, o protocolo era o protocolo.

— Está se divertindo, senhorita Blake? — lhe perguntou em um sussurro como simples cortesia.

— Claro. — respondeu educada. Não seria correto dizer-lhe que um de seus convidados conseguira impressioná-la de um modo negativo.

Talvez visse algo em sua expressão que a delatava ou talvez fosse muito intuitivo, porque deu um meio sorriso.

— Acredito que foi excessivo perguntar isso. — afirmou benévolo. — Diga-me ao menos se está se sentindo bem entre nós.

— Posso afirmar que sim. — concedeu com um sorriso. — Todos

vocês me acolheram calidamente. Sua esposa fez mais do que deveria e não sei como agradecer-lhes.

— Não tem porque. — Deu-lhe umas palmadinhas na mão, satisfeito. — Minha amada Henrietta tem muitos defeitos, já os descobrirá, — acrescentou com uma piscada marota — mas possui um grande coração. Se decidiu brindá-la com seu apoio e amizade é porque merece.

Ayleen se sentia oprimida diante de tanta demonstração de afeto e consideração, mas tudo ficou relegado a segundo plano quando entraram no refeitório. Um salão retangular, que se poderia dizer ser tão extravagante como sua dona. Tanto nas cortinas como na tapeçaria das cadeiras a confecção era em amarelo, forte, com desenhos de flores em verde e azul. A cor escura da madeira da mesa e cadeiras, juntamente, com a do enorme aparador do fundo, formavam um excesso se o tom da parede, em verde pálido, não fizesse um contraste no efeito dramático de tudo.

Só quando um lacaio puxou a cadeira para sentar-se percebeu a distribuição da mesa. Com apenas onze comensais, as conversas estariam ao alcance de todos. Se quisesse privacidade, o sussurro seria a melhor opção.

— Oh! Que maravilha, senhorita Blake! — exclamou o senhor Been enquanto se sentava à sua direita. — Estaremos juntos. Assim teremos mais tempo para lhe explicar, com detalhes, como consegui chegar a ser um homem tão rico. — gargalhou, alisando o bigode negro.

Procurando não mostrar seu desencanto diante de tal assunto percebeu que a sua esquerda estava o senhor Plumbert. Lamentável que não servisse para nada; um falava demais e o outro era o oposto.

As cabeceiras da mesa estavam ocupadas pelo senhor Haggens e o duque de Redwolf. Este último estava flanqueado por Juliet Been, de um lado, e a senhora Clarewood, do outro. Lorde Jason e lady Johana se encontravam a direita e a esquerda respectivamente, do anfitrião, deixando a senhora Haggens e o comodoro Clarewood diante dela.

O jantar começou bem e Ayleen pode tomar o primeiro prato, — sopa de cenouras à *la crécy* — com certa tranquilidade, até, as ostras com vegetais e o peixe ao creme. O senhor Been falava, mas não com ela em especial, assim, pode aproveitar a deliciosa comida enquanto observava, com certa reserva, a todos os convidados. Não se sentia como uma intrusa, mas também não se encaixava de todo, pois aquelas damas e cavalheiros se relacionavam muito entre si, sendo ela a única que não pertencia ao círculo.

Pondo seu empenho em parecer agradável, tentou tirar o pó na arte do diálogo com desconhecidos, pouco cultivado nos últimos anos, mas, o senhor Plumbert não o facilitava. Só respondia com monossílabos e parecia incapaz de emitir uma frase longa. Pelo visto, não era por sua causa: lady Johana também não teve melhor sorte. Houve um instante em que seus olhares se encontraram por cima da cabeça dele e sorriram cúmplices, se animando.

Acabavam de servir-lhe o rocambole de vitela regado com molho de vinho Madeira quando o senhor Been retomou a conversa que tinham deixado antes do jantar: sua obsessão desmedida para fazer fortuna. Ele não a chamava assim, mas, se referia aos seus progressos como uma ambição intrínseca que o empurrava a dar o melhor de si. Ayleen teve a sensação que tinha junto, a ela, um homem carente de escrúpulos.

Então prestou atenção ao comodoro Clarewood, que parecia

contar uma história interessante.

— … de repente me encontrei rodeado de macilentos e sujos piratas. Meus homens também lutavam por suas vidas, assim, me armei de coragem e enfrentei dez terríveis homens…

— Dez! — exclamou horrorizada Juliet, a irmã do senhor Been. Todos a olharam e se retraiu, envergonhada. — Bem, — tentou desculpar-se com um tom baixo — parece um ato valente, quase heróico.

— Exato. — O comodoro sorriu com ar de suficiência. Na realidade era um homem atraente que sabia tirar partido de suas aventuras. — Graças a minhas habilidades consegui desfazer-me de todos eles e resgatar as duas filhas do duque de Pomsworth.

— E onde foi isso? — perguntou o senhor Been, deixando patente, suas dúvidas. Diferente de sua irmã, não parecia admirar o logro em absoluto.

— Nas águas do Caribe, senhor. Já esteve lá?

Talvez seu tom fosse malicioso? Ayleen não podia ter certeza. Conteve a respiração enquanto afastava o prato com os restos de carne.

— Claro que não. — respondeu com desprezo. — Não tenho tempo de saltar daqui para lá. Cuido de um imenso patrimônio e preciso velar para que eles proporcionem altíssimos benefícios.

— Meu filho não salta daqui para lá, jovem. — interveio pela primeira vez Milicent Clarewood. — Limita-se a fazer seu trabalho e muito bem, por certo.

— Não quis insinuar que não faz nada de proveitoso. — Ainda que essa fora sua intenção.

— Claro que não. — O Comodoro o desculpou, ainda que tivesse

sido uma surpresa se não respondesse em continuação. — Certamente todos entendem seu desejo de enriquecer sem parar, apesar de ter em seus bolsos mais do que poderá gastar. — Olhou para todas as damas, incluindo ela. — Estar ao serviço de Sua Majestade e dar a vida para defender a toda uma nação talvez seja muito vazio para você.

Sem dúvida alguma, esse último comentário parecia sarcástico e destinado a menosprezar o senhor Been. Claro que toda a mesa entendeu assim. Rotulara-o de egoísta e ganancioso em uma só frase. Era evidente que ambos não se entendiam bem, porque eram diametralmente opostos, tanto no físico como no caráter.

— Bem..., — interveio de novo Juliet Been com sua voz de passarinho — talvez, meu irmão enriqueça enquanto você arrisca a vida, mas graças aos seus negócios muitas pessoas têm um meio para subsistir.

Se essa jovem, anteriormente, se sentira impressionada pela força e destreza do Comodoro, agora se punha ao lado do irmão, para sua defesa.

No entanto, tinha razão em fincar o pé. O que seria desses trabalhadores sem o dinheiro que conseguiam trabalhando nas fábricas do senhor Been?

— Tudo isso está muito bem, — Ayleen sobressaltou-se quando ouviu a voz do senhor Plumbert — mas gostaria de saber as condições de trabalho nas quais vivem esses trabalhadores dos quais alardeia tanto.

Sentiu-se impressionada, não tanto porque havia falado, mas por sua agudeza. Ela não sabia muito sobre aquilo, mas estava lendo uma história que fazia menção àquele assunto. Se o homem não fosse tão escasso com suas palavras poderia chegar a ser interessante. Assim

mesmo, os comensais, que já eram partidários ou detratores de um ou outro, não podiam evitar seguir com interesse a batalha verbal que estava se desenvolvendo, cada vez de forma menos civilizada. Bem, nem todos. Ao olhar para a cabeceira em direção ao Duque, viu-o imerso no maravilhoso mundo da comida, como se esta fosse muito mais interessante que uma estúpida disputa entre dois insetos insignificantes. Nesse instante levantou a vista e a olhou fixamente. Não percebeu que ela fazia o mesmo. Quando ele ergueu as sobrancelhas reconhecendo seu escrutinador olhar, Ayleen enrubesceu virando a cabeça rapidamente. Como fora capaz de fixar o olhar em um homem como aquele? O que devia pensar dela e de sua ousadia? Seus pensamentos se viram interrompidos pelo tom alto de seu vizinho de mesa.

— ... de loucos! Quando tiver minha idade, seu corpo lhe cobrará a fatura por ter estado saltando daqui para lá como um herói sem sentido. Sua Majestade não o agradecerá como espera — bufou depreciativamente.

Ayleen havia perdido parte da interessante disputa.

Quando Clarewood se dispunha a replicar, sua mãe já tivera o bastante e apontou uma dor de cabeça. A anfitriã, por sua parte, dava indícios de nervosismo por temer que o jantar acabasse de forma estrepitosa.

— Acredito, — se dispunha a colocar ponto final na conversa — que todos entendemos os prós e os contras de seus respectivos ofícios, mas a sobremesa se aproxima e recomendo que deixemos esses assuntos para outra ocasião. — se dirigiu ao Duque. — Não pensa assim, Sua Graça?

— Está certa, senhora. — Sua voz grave ressoou por todo o

refeitório. — Aborreço-me ao extremo com as discussões sem sentido que fazem todos se sentirem constrangidos e deixam perdidas as noitadas que, de outro modo, seriam sumamente agradáveis.

Essas palavras fizeram todos reagirem, inclusive os lacaios. Eles se moveram com presteza para retirar os pratos vazios.

Tentando ser discreta, lançou outra olhada ao duque de Redwolf. Sua aura de poder se estendia por todo o salão diminuindo os anfitriões. Nada a ver com a estratégica posição na qual estava sentado. Aquele homem estava habituado a ser obedecido e aquilo se manifestava em cada uma de suas palavras e ações. De aspecto severo, não o imaginava como um homem que se dedicasse a conversa ociosa. A essa altura da noite podia afirmar que só havia escutado sua voz quando lhe foi apresentada. Fora muito educado e formal. Nem um sorriso, uma careta, nada que percebesse. Era evidente que mantinha um férreo controle sobre si mesmo, ao contrário do outro irmão. Isso a fez perceber como eram diferentes a simples vista. Não era devido a roupa, nem ao seu aspecto rígido e inflexível. Enquanto o mais jovem tinha os cabelos claros sem chegar a deslumbrar, o Duque exibia um tom parecido aos dos raios do sol. Se um mantinha conversas com meio sorriso ou lançava uma contida gargalhada, o outro se mostrava circunspecto em todo momento. De verdade, seria feliz aquele homem? E lhe importava saber a resposta? Era certo. Os Morton ficavam fora de seu alcance por diversos motivos e não lhe interessava misturar-se com eles.

Após as palavras do Duque seguiu-se um tenso silêncio que foi dirigido pela senhora Haggens com verdadeira maestria. Em poucos segundos, as conversas se reataram, mas como o senhor Plumbert havia voltado ao seu mutismo inicial e o senhor Been se mantinha

insociável ao seu lado, suas possibilidades de manter uma conversa cordial escasseavam.

Quando o jantar terminou e o juiz sugeriu aos homens tomarem um copo de Porto, as mulheres seguiram a sua anfitriã para um salãozinho, ao lado, que ela já conhecia por ter sido utilizado na reunião das damas do chá.

— Como foi o jantar? — perguntou em um aparte lady Johana.

Parecia tão amável e interessada que sentiu uma dor aguda de culpa. Conseguiu se controlar transmitindo uma falsa sensação de serenidade.

— Muito bem. — Não se saíra mal, mas suas palavras não foram convincentes. Poderia ter resumido como interessante, quando muito.

Ao ouvi-la, Johana franziu com graça o cenho, não muito certa de acreditar em suas palavras.

— Acredito que está sendo comedida em sua avaliação. — estimou — O certo é que a escolha que Henrietta fez dos comensais poderia qualificar-se como..., — hesitou — arriscada. Não gosto de falar mal de ninguém, mas é bem certo que o senhor Been tem o péssimo costume de falar muito, sem se importar se a conversa acaba sendo um discurso sobre si mesmo e seus lucros.

— Bem, não é tão mal. — Lady Johana a tomou pelo braço de forma amigável deixando-a incomodada.

— Gostaria que me chamasse por meu nome, — seu sorriso e pedido eram sinceros — o título é muito formal.

— Oh, mas não poderia...

— Claro que sim. — insistiu. — Somos vizinhas e espero que com o tempo possamos nos considerar amigas.

Ayleen não estava muito convencida. Não conseguia apagar de

sua mente o beijo de seu esposo, impedindo uma aproximação entre ambas.

— Nesse caso, o correto seria me chamar também por meu nome. — acrescentou. Não podia compreender porque resistia a tanta familiaridade. Iria ao inferno por isso.

— Perfeito. — concordou Johana, alheia aos seus pensamentos.

As duas sorriram, ainda que ela com mais moderação. A doçura e honestidade de Johana pareciam maravilhosas e era muito difícil não se deixar levar por elas.

— Quanto ao senhor Plumbert, — Ayleen desviou a conversa para outro terreno, — acaso alguém já conseguiu que participe em uma conversa?

Johana riu baixinho.

— Não muito. É um homem tão tímido que apenas se ouve sua voz. Se de vez em quando se atreve a abrir a boca é para falar de suas flores e plantas.

— Ou das condições de trabalho dos operários. — assinalou citando-o.

— Oh, é certo. Quando o ouvi fiquei petrificada.

Ayleen não entendia ao que se referia.

Johana lhe contou que havia rumores que o irmão caçula, dele, falecera em uma fábrica onde trabalhava, na qual as condições de trabalho foram demonstradas como precárias.

— Parece, — continuou — que o jovem Plumbert era capataz de uma fábrica e trabalhava muitas horas em troca de um mísero salário. O pior não era isso, — abaixou a voz; — o dono não se preocupava com a devida ventilação das instalações. Murmura-se que morreu por causa de uma superexposição a perniciosos vapores das caldeiras e

máquinas.

— Pobre homem. — murmurou Ayleen penalizada. A industrialização não era tão boa como parecia. — E não se responsabilizaram por ele?

— Não. A família não conseguiu mais que uma pequena compensação financeira.

— Isso é terrível!

Johana estava de acordo. Afirmou que muitos não continuavam naquilo. Falou também das empresas nas quais tanto seu esposo, como seu cunhado, participavam. Ambos não investiam dinheiro se não tivessem garantias das condições mínimas aos trabalhadores e aos salários dignos e condições do lugar. Eram muito exigentes naquele aspecto.

— Afinal, são os que fazem o trabalho. — acrescentou após finalizar.

Ayleen sentia um respeito merecido por aqueles que lutavam pelos menos favorecidos. Os Morton pareciam ser daquele tipo.

— Não está bem cochichar. — A voz de Henrietta as sobressaltou. — Se o assunto é interessante, façamos com que todas participem.

As outras três mulheres as olhavam interessadas.

— Oh, estávamos falando sobre flores. — Johana mentiu com desenvoltura. — E do senhor Plumbert. — acrescentou no momento, sem chegar a faltar a verdade.

Todas assentiram como se tivessem entendido o crítico comentário.

— Uma verdadeira arte. — argumentou Milicent Clarewood.

— O senhor Plumbert é botânico. — revelou Johana compreendendo sua confusão.

— Lamento confessar que não sei o que faz um botânico.

— Não se preocupe. — afirmou enquanto se sentava em uma poltrona. — Eu também não sabia antes de conhecê-lo, mas ele solucionou o problema em uma das pouquíssimas vezes em que me falou. Passou três horas dissertando sobre a flora regional. — olhou para Ayleen na expectativa.

— Três horas! — exclamou surpresa.

Henrietta sorriu ao ouvir sua exclamação, assim como a mãe do Comodoro.

— Eu também tive a oportunidade de conversar com ele sobre isso. — A senhorita Been falou de novo. — Achei um assunto fascinante.

— Vá. — se limitou a acrescentar a anfitriã com um de seus múltiplos e enigmáticos sorrisos. No instante, propôs voltar a se reunir com os homens enquanto sugeria um jogo de cartas.

Ayleen, como não sabia, dispensou o oferecimento. Preferia observar.

Enquanto os convidados masculinos faziam sua aparição, os serventes preparavam os tapetes nas mesas e dispunham as cadeiras.

Nesse momento, Ayleen sentiu a imperiosa necessidade de estar uns minutos a sós e saiu pela porta adjacente.

Jason, por sua parte, não havia entrado e a viu se afastando corredor abaixo. Deixando-se levar por um impulso, mas assegurando-se também de que ninguém estava próximo dele, a seguiu com passos ligeiros.

Ayleen estava tão concentrada que não ouviu o repicar de seus sapatos. Apertou a marcha e a alcançou justamente quando dobrava uma esquina. Sem parar para pensar, segurou-a pelo cotovelo e

puxou-a, introduzindo a ambos pela porta mais próxima.

— Não grite. — A advertência foi demasiada, sobretudo porque Jason colocara a mão sobre sua boca para impedi-la de gritar.

— Mas o que está fazendo? — sussurrou Ayleen, contra sua mão, mais aborrecida que assustada.

Essa mesma pergunta ele estava se fazendo. Ambos estavam no escuro em uma fria sala, ou melhor, na penumbra, já que a única janela mantinha as cortinas abertas e deixava passar um tênue e quase imperceptível resplendor. A verdade fora dita, não tinha uma intenção estabelecida e soltou a primeira coisa que lhe veio a mente.

— Aproveitou bem o jantar? — A absurda pergunta, tendo em conta as circunstâncias, não merecia resposta, nem ele a esperava. Soltou um inaudível suspiro. — Senhorita Blake, não queria que formasse uma opinião equivocada. Se me permitir esclarecer…

Entre dentes, porque não concebia fazer de outro modo, o interpelou.

— Nem lhe ocorra! É um completo desavergonhado se atrevendo a tratar-me com esta falsa familiaridade. Tanto você como eu sabemos que suas intenções para comigo são pouco honestas e licenciosas. — Ele se aproximou um pouco mais e se sobressaltou. Era muito consciente da intimidade e precariedade de sua situação, mas negou-se a se deixar amedrontar. — Como lhe ocorreu sequestrar-me dessa forma?

Era uma estranha forma de comprovar, mas não se afastava muito da realidade.

— Não era minha intenção…

— Nunca parece ser! — replicou irada.

Jason, a seu pesar, estava fascinado por ela. Imaginava-a

ruborizada no pescoço e rosto por causa da indignação. Tentava distingui-la na penumbra e só podia pensar em comê-la com beijos, o que era algo por completo alheio ao seu caráter e forma de agir. Queria manter umas palavras civilizadas com ela, o que fora impossível durante a apresentação. Só umas frases corteses que tirassem a ferro aquela absurda situação que os envolvia, para deixá-la logo em paz. Parecia ter subestimado o poder de atração que Ayleen Blake exercia sobre ele. Aquela mulher deixara a descoberto uma parte adormecida que agora respondia a sua clara e única chamada. Uma completa e manifesta loucura.

— Nesse caso, creio que deixarei de fazer mais comentários — assegurou. O melhor seria deixar como estava, pelo menos no momento. Estavam em risco de serem descobertos.

Ao se afastar, suas mãos se roçaram e um estremecimento os percorreu por igual. Desviaram o olhar e Jason se aproximou da porta para certificar-se que ninguém os vira. Ayleen foi a primeira a sair. Quando passou ao seu lado, seus olhos se cruzaram, confusos. A jovem afastou-se o mais rápido que pode, presa de uma estranha sensação.

Uma vez na sala onde todos se entretinham, Ayleen sentiu que podia respirar tranquila. Se fosse sincera consigo mesma, não poderia culpar o alívio que sentia por encontrar-se rodeada de pessoas inofensivas. Era aquele homem quem conseguia fazê-la se sentir insegura. Talvez, também, fosse mais consciente de sua feminilidade e do poder que algumas mulheres alardeavam, mas que nunca havia experimentado na própria carne. Não era nada em concreto, mas tudo a ver. Essa tensão que reconhecia como própria, o brilho nos olhos masculinos... Era excitante e terrível. O que estava conseguindo era

não se entender.

Ao vê-la, a senhora Clarewood se aproximou. De mente rápida e sorriso afável, Ayleen se sentiu a vontade com a mulher desde o primeiro instante em que as apresentaram. Parecia que o sentimento era mútuo.

— É tão agradável encontrar um rosto novo e fresco por estes lados, — dizia a senhora — sobretudo um tão bonito como você.

Nada acostumada aos elogios, Ayleen corou.

— Não creio que seja assim, mas obrigada de todo modo.

— Subestima-se, senhorita Blake. Você é uma joia, — deu-lhe umas amigáveis palmadinhas no braço; — e não acredite em ninguém que diga o contrário.

— Está certo. — O comodoro apareceu de repente, interrompendo-as. — É como uma gema preciosa que encontrei, em uma ilha, enquanto meu barco estava retido pelo cônsul francês nas costas do continente africano.

— Verdade? — perguntou surpresa. Percebera durante o jantar que o restante dos convidados não estava muito impressionado por suas valorosas façanhas, o que a levou a pensar que fosse acostumado aos exageros, e todos já sabiam. No entanto, ainda que algumas das coisas que havia explicado naquela noite pudessem parecer excessivas, não lhe parecia um mentiroso. Além da posição que ostentava não ficava em casa tocando piano e indo cada noite ao seu clube. — O que fez com ela? — perguntou curiosa. Ele pareceu levemente surpreso por sua pergunta.

— Entreguei-a para Sua Majestade, claro.

— Conheceu-a pessoalmente?

Ele pareceu um pouco perturbado.

— Bem, não, mas...

— Deixo-os por um segundo. — Sua mãe impediu que continuasse explicando-se. — Quero falar com a senhora Haggens.

Deixou-os a sós e ambos se afundaram em mutismo.

— O que lhe parece viver aqui? — perguntou solícito pouco depois enquanto pegava suas mãos enluvadas.

— Be-bem. — gaguejou pelo inesperado contato. — Tudo isto é muito tranquilo e agradável.

— Alegro-me. Irá se acostumar muito bem aqui. — acrescentou com um amplo sorriso.

Por um momento tudo parou. Acabava de roçar-lhe as costas da mão com um dedo em um gesto sutil? Tentou afastá-la sem parecer brusca, mas ele continuou segurando-a e se aproximou muito mais do que exigiam os bons modos.

Vá com o senhor ousado! Pensou, um pouco agitada.

— Talvez você não saiba, — continuou sussurrando meloso, — mas sou um excelente partido.

— Ah! — conseguiu dizer, alarmada. Porque não chegava alguém em seu auxílio?

— E por acaso decidi procurar uma esposa. — Uma onda de temor lhe sobreveio. — Veja, devido ao meu maravilhoso aspecto, acredito que minha futura esposa deveria ter umas medidas perfeitas.

— Vá...

— Sim, sim, já sei que isso parece impossível de encontrar, — acrescentou petulante, — mas creio que você se aproxima bastante das qualidades necessárias que exigiria em minha esposa.

Quase engasgou-se. Medidas perfeitas? Qualidades necessárias? Esposa? Aquele homem estava se descobrindo como um grande

presunçoso.

— E decidiu que eu…

— Exato! Sim, você é o que eu desejo.

Sua respiração parou. Santo Céu! Acabava de acariciar dissimuladamente seu traseiro? Contou mentalmente até dez para não se afastar bruscamente e dar-lhe uma pancada.

— E pensou que eu posso não estar a procura de um marido? — Afinal conseguiu soltar-se.

Ele riu como se não acreditasse.

— Você é deliciosa. — O ronronar que emitiu a fez erguer-se mais do que já estava. — Seu sentido de humor combinará muito bem comigo.

— Clarewood! — A chamada veio de Jason Morton, já de volta, que os olhava com os olhos apertados.

Graças a isso, seu acompanhante se separou dela o suficiente para poder respirar mais tranquila. Ergueu a vista para encontrar-se com os olhos do esposo de Johana e compreendeu que ele percebera tudo. Não se importou que estivesse pendente dela. A única coisa que sabia era que a salvara de colocar em evidência, toda a situação. Olhou-o com alívio e ele quase imperceptivelmente balançou a cabeça confirmando suas suspeitas. Com aquilo, o Comodoro se afastou de seu lado e sentou-se ao lado de lorde Jason para jogar as cartas, já preparadas.

Quando uma hora depois, o Duque se levantou e anunciou sua retirada, Ayleen aproveitou para fazer o mesmo e evitar nova aproximação com Rupert Clarewood, que já vinha decidido.

Com isso, se deu por finalizada a noitada, rotulada por sua anfitriã como um rotundo êxito.

Capítulo 5

Jason chegou à janela e lançou uma olhada rápida. Fazia dois dias que ameaçava chuva e parecia que, por fim, decidira descarregar. Tomou o último bocado do desjejum em pé, impaciente para começar com seus afazeres diários. Antes voltou a olhar pela janela, mas desta vez não se fixou no estado do céu, mas se limitou a contemplar a serena paisagem diante de seus olhos. A vista era linda na primavera, mas no verão se tornava sublime. A parte de trás da casa, onde estava o refeitório do desjejum, dava saída para um jardim bem cuidado e aberto em direção a área do bosque da propriedade ducal, que ocupava cerca de mil acres. Na realidade, Carmine's Place era uma extensa propriedade dedicada ao cultivo. De uma parte se ocupava ele, contratando camponeses para que as cultivassem, mas havia outras parcelas que se arrendavam. Em outros tempos, a propriedade se prolongava até Greenville, mas os anteriores duques foram vendendo pequenas porções.

A casa que compartilhava com sua esposa não era tão grande como a mansão de seu irmão, mas Jason gostava de viver ali. Usufruía de todas as comodidades sem ter que suportar a pressão que sofria o primogênito. Sua vida se regia pela paz, tranquilidade e uma rotina perfeita que não mudaria nem por todo o ouro do mundo.

— Saio já, se não começar a chover. — O comentário era dirigido a Johana, que acabava de entrar. — Que aproveite o dia. — Aproximou-se e lhe deu um suave beijo no rosto, deixando-a ali plantada sem conseguir dizer nada.

O certo era que Jason se sentia culpado, mas não lhe agradava responder as perguntas que certamente viriam.

Na noite anterior, depois do jantar na casa dos Haggens, em lugar de irem aos seus respectivos aposentos, Johana se aproximou com um beijo e uma insinuação clara no olhar que não estava certo de poder responder.

Por regra, o casal dormia em aposentos separados e suas aproximações íntimas eram as justas e normais, sem nenhum tipo de paixão tresloucada: Jason ficava satisfeito em manter relações duas ou três vezes ao mês. Ambos usufruíam as carícias e abraços e faziam amor na escuridão de seu quarto. No entanto, poucas vezes continuava contemplando o corpo de Johana em todo seu esplendor; tão suave e linda que lhe tirava o fôlego, mas por sua vez, um pouco recatada. Para ela era difícil e um pouco vergonhoso se expor daquele modo, ainda que diante de seu esposo.

Ele sempre costumava tomar a iniciativa. Se saíam desse parâmetro era quando, como na noite anterior, as vontades mudavam. Porém, dessa vez não podia; não se sentia com vontade. Tentava se agarrar a ideia de que era culpa da intempestiva hora e não pela constante imagem que se repetia em seu cérebro: Ayleen Blake.

Pensou que não tinha sentido culpar uma mulher que apenas conhecia e cujos encontros tinham sido tão bruscos. Ela o beijara e insultara de todas as formas possíveis. Claro, seu próprio comportamento deixava a desejar e devia muitas desculpas por aquilo.

Irritava-o também recordar a cena que teve de interromper com Rupert. O comodoro Clarewood estava ultrapassando e tomando tais liberdades com a jovem e com o salão cheio de gente! Ouvira rumores sobre as longas mãos daquele sujeito, mas nunca fora testemunha do fato. Naquele instante sentiu um terrível desejo de levantar-se e lhe dar um bom soco no rosto, mas não queria montar uma cena e envergonhar a senhorita Blake. A única coisa que lhe ocorreu foi chamá-lo em um tom que não pudesse deixar de adverti-lo. Quando o convidou para jogar baralho com ele como uma simples desculpa, Clarewood não se deu por achado. O rosto de alívio que Ayleen Blake mostrou, o fez sentir que fizera o certo e se sentiu bem. Por uma vez, podia mostrar seu cavalheirismo.

Porque voltava a pensar nela uma e outra vez? O que tinha aquela mulher que continuava não conseguindo evitar olhá-la com atenção? Estivera até mesmo observando-a durante o jantar, lançando-lhe olhares furtivos dissimuladamente.

Compreendera quase de imediato o que a anfitriã pretendia convidando aqueles três solteiros. Não estava de acordo com a escolha, mas a mente de Henrietta Haggens era um mistério completo para ele. O leve mal estar que sentiu ao vê-los desfilando diante de Ayleen foi ignorado e descartado imediatamente. Só Horatio Plumbert se comportara com distinção; consequência de sua timidez, mas os outros dois... Também não sabia se ela se sentira atraída por algum deles, — e na verdade, não queria saber, — já que se mostrara amável e comedida em todo momento, mas se o que dizia Johana fosse certo, a jovem não tinha muitas opções e logo se veria forçada a escolher.

De toda forma, porque deveria se importar? A vida era dela; fizesse com ela o que quisesse.

Sem perder mais tempo tomou seu cavalo e, como quase toda manhã, galopou para Carmine's Place, a casa onde havia nascido e crescido e que agora pertencia a Ashton por direito de progenitura. Para ele era uma sorte continuar vivendo ali e ter sua própria casa. No entanto, tinha um grande apego a enorme mansão, sobre tudo pelas recordações da infância.

Quando se casara, seu irmão fez o que pode para convencer a ambos de viver na casa grande. Ainda que o agradecesse, de todo coração, recusou o oferecimento. Jason preferia uma casa menor e acolhedora, mais de acordo com seus simples gostos; uma casa a qual pudesse chamar de seu lugar. Como era difícil contrariar seu irmão, ele sugeriu a alternativa: cedia-lhes uma porção do terreno mais ao norte onde havia uma pequena casa em desuso e pronta para reformar. Suas dimensões eram perfeitas, mas fora reticente na hora de aceitar.

— E quando você se casar? — perguntou a Ashton quando lhe sugeriu aceitar a casa. — Talvez sua esposa não goste de nos ver rondando por aqui.

— A terra é minha e eu decido o que me agrada. — respondeu sem notar como parecia pomposo. — Ela aceitará o que eu decidir que é o melhor para mim.

Sem mais vontade de discutir, e pelo simples fato de morrer de vontade de aceitar, capitulou.

Ainda que pudesse chegar cruzando o bosque em linha reta, o que costumava fazer frequentemente por ser o trajeto mais curto, dessa vez se dirigiu ao caminho de entrada de sua casa até encontrar o principal, deixando a fachada de sua casa as suas costas. Quando chegou ao cruzamento virou a esquerda, pois do contrário, o caminho

de terra — flanqueado por velhos carvalhos, vidoeiros, faias, freixos e outras floras variadas que formavam o bosque — o levaria para a grande porta de ferro forjado que dava acesso à propriedade.

Continuou trotando e a viu aparecer diante de seus olhos. Com a fachada principal de ladrilhos vermelhos, Carmine's Place era magnífica. Monstruosamente majestosa. Elevada sobre um pequeno monte, se assemelhava a uma enorme massa de classe nobre e distinta.

O caminho se alargou afastando-se das árvores e dando lugar a arbustos de, pelo menos, cinco pés de altura recortados com uma simetria perfeita. Aproximava-se de uma grandiosa circunferência em cujo centro se erguia uma fonte. As carruagens costumavam parar aos pés de uma grande varanda de pedra de quatro arcos, mas ele dirigiu o cavalo a sua direita, para os estábulos.

— Bom dia, lorde Jason. — Clay, o rapaz de quadras, pegou as rédeas. Era um pouco mais jovem que ele e passara toda sua vida entre as cavalariças da casa seguindo os passos de seu falecido pai. O homem era sensato e cabal e suas mãos faziam maravilhas com os cavalos.

— Bom dia. — Deu uma olhada as quadras cheias. — Vejo que já os tem escovados e brilhantes. — comentou referindo-se aos cavalos.

— Claro, — concordou satisfeito. — e farei o mesmo com *Pecado*, que hoje parece mais nervoso que de costume.

— Acredito que precise correr um pouco. Talvez possa dar-lhe uma volta.

— Sim. — afirmou pensativo o rapaz — Creio que o farei.

Despediu-se e caminhou para o pátio em direção a uma das entradas traseiras no instante que começava a chover a cântaros. O

senhor Lonkstow, o mordomo, abriu a porta, mesmo não sendo uma de suas obrigações ter que esperá-lo.

— Não sei como faz para estar em ambas as portas de uma vez. — Saudou-o Jason.

Sempre régio e solene, inclinou a cabeça com deferência, sem responder. Em certo sentido, era a pessoa ideal para exercer o serviço de mordomo de Carmine's Place. Gostava da casa e de seu irmão, porque mostrava um zelo desmesurado pelas formalidades. Além de ter um grande humor para resolver os assuntos dos serventes.

Nos últimos tempos, Jason se acostumara a não ouvi-lo falar mais que o necessário; e de certa forma, era compreensível, pois fazia pouco mais de um ano que sua esposa, a antiga ama de chaves, havia falecido e o afetara muito.

— Sua Graça está na biblioteca. — notificou sem necessidade de pergunta.

Não tinha a intenção de falar com seu irmão até mais tarde, mas se o senhor Lonkstow lhe informava onde estava seu irmão era um sinal inequívoco que Ashton queria falar com ele.

Mesmo sabendo quanto o aborrecia se entrasse sem ser anunciado, Jason o fez, pois deveria aproveitar as poucas ocasiões em que podia irritá-lo.

— Bom dia. Chamou-me? — perguntou mesmo antes de vê-lo. Dirigiu seus olhos para as estantes e com efeito, lá estava, tão impecável como sempre.

— Não creio tê-lo feito. — Com passos indolentes se sentou na cadeira atrás de sua escrivaninha.

— Bem, — argumentou, imitando-o, ainda que sentando-se em frente, — é possível, mas ainda que essa não fosse sua intenção foi o

que aconteceu. Não comentei em outras ocasiões, mas formulei uma interessante teoria sobre todo este assunto.

— Verdade? Estou impaciente por ouvi-la.

Ignorando o tom sarcástico ajeitou-se melhor na cadeira.

— Pois verá, certamente desceu cedo pela escada com esse ar tão divertido que costuma mostrar. Sim, já sabe, — indicou quando viu a incompreensão nos olhos de Ashton, — essa pose arrogante que usa como uma segunda pele. — A referência não fez nenhum efeito, assim, continuou. — Perguntou ao senhor Lonkstow por mim sabendo que não teria como eu ter chegado ainda. Como ele é capaz de ler entre as linhas cada um de seus comentários de um modo que me dá calafrio, — acrescentou — e interpretou corretamente que desejava falar comigo. Então, assim que cheguei me comunicou que requeria minha presença.

— Estou impressionado. — expôs Ashton em um tom que indicava todo o contrário.

— Imagino. — Jason sabia que não estava. Era uma das bobagens que costumava lançar para ver se era capaz de alterá-lo, o que não ocorria frequentemente.

— Cláudia escreveu.

A brusca mudança de assunto o pegou desprevenido, mas reafirmou a impressão que tinha sobre o que acabavam de falar.

Mostrou-lhe a carta e Jason se inclinou para olhá-la.

— Leu-a? — ele assentiu. — O que diz? Como está?

— Leia você mesmo.

— Não, faça-o você; tens um dom para a oratória. — Não conseguiu evitar alfinetá-lo um pouco e se esparramou na cadeira.

Cláudia, a boa e doce irmã Cláudia. Mesmo com a diferença de

idade, de onze anos em seu caso e pouco mais de doze com Ashton, os três formavam uma família muito unida. Como a caçula fora também a mais cheia de vontades, se bem que podiam agradecer porque não chegara a converter-se em uma jovem descabeçada que só pensava em gastar tudo. Com dezessete anos e a ponto de se converter em uma mulher, empreendera, com as bênçãos de seu irmão mais velho e tutor, uma longa viagem com sua tia Mildred, a cunhada viúva de seu falecido pai. Ela e o tio Richard tiveram cinco filhos entre os quais se encontrava Marianne, a mais velha; depois Rján, Juliet, Helen e a pequena Angy, da mesma idade de sua irmã.

O Marques de Hansberg, casado com sua prima Helen, deveria realizar uma viagem ao continente na qual também o acompanharia sua sogra e sua jovem cunhada e, em vista do aborrecimento de Cláudia em casa, a convidaram a ir com eles. As duas primas se mostraram entusiasmadas. Ambas eram as melhores amigas e logo voltariam a Londres para fazer sua apresentação na sociedade. Antes, no entanto, tinham muito para ver e aproveitar.

Fazia mais de três meses que haviam partido e essa era sua sexta ou sétima carta, — talvez mais; — já não sabia a conta. Essa irmã era uma prolífica escritora epistolar.

Se dispôs a escutar o relato.

Queridos irmãos:

Continuamos em Paris!

Estou muito contente porque afinal estou aproveitando todos esses elegantes e deliciosos vestidos pelos quais Ash pagou tanto dinheiro, mas devo dizer que minha falta de decote deixa muito a desejar. Claro, todos acreditam que é assim que devo usá-los; mesmo Helen. Faz alguns dias tive que recordar-lhe que só faz um ano e meio que está

casada e já fala como as velhas matronas — pelo que soltou um palavrão que nem me atrevo a escrever. — Terá aprendido com seu esposo? Ignoro. Também afirmei os pés no fato de que antes de se casar queixava-se do mesmo, mas justo neste instante teve um ataque de amnésia. Que oportuno.

Disse em minha última carta que estamos hospedados em um gigantesco e opulento palácio do século XVIII que pertence a algum conhecido de Hansberg? Carmine's Place empalidece em comparação.

Sim, sim, já sei o vai pensar, eles também riem quando o chamo assim, mas é impossível chamá-lo por seu nome quando é tão sério — sim, tão sério como você, Ash. — Além de que antes de se apaixonar por Helen tinha uma reputação tão terrível… É muito vergonhoso não poder mudar esse maldito costume, mas o que vamos fazer? O ruim é que não parece importar-lhe.

Antes que me esqueça: Jason, estava enganado; Paris está me decepcionando. Fomos a várias festas — diurnas, claro — e comprovei com desagrado que as francesas são muito espichadas e — não acredito que esteja escrevendo isto — atrevidas.

Tia Mildred está me obrigando neste instante a dizer-lhes — contra minha vontade — como fui travessa com essas parisienses quando por acaso tropecei com uma pedrinha e joguei todo o pastel em cima de seus vestidos novos. Não poderia imaginar o que são capazes de gritar. Parece que ninguém acreditou quando pedi desculpas por ser tão desajeitada — é verdade, eu sou. — Que culpa tinha eu se a jovem em questão era a que dissera que as inglesas são feias, sonsas e vulgares? Sempre disse que todos são livres para dar sua opinião.

Ainda que Paris não seja uma cidade tão maravilhosa como me contaram — minha objetividade parece ter-se evaporado após esse

incidente, — Angy está encantada e a acha muito romântica. Se bem que no caso de nossa prima se deve mais a presença de Robert, o cunhado de Helen. Esses dois passarinhos não param de trocar olhares ardentes. Ai, que inveja! Creio que está esperando um pouco para pedir-lhe a mão, mais que nada para que ela usufrua de sua apresentação.

Enquanto estamos nos divertindo, Hansberg deve assistir aquelas tediosas reuniões diplomáticas que só vocês dois entendem. Porém não sabemos qual será nosso próximo destino, mas tia Mildred acredita que será a Itália.

Bem, basta de falar de mim. Como estão meus dois irmãos favoritos? Espero que não trabalhem demais. Sinto falta de Johana. Diga-lhe que encontrei um presente que ela gostará. Estou impaciente para que o abra.

Enfim, vou terminar já, porque Angy acaba de sair do salão com Robert e nossa tia está ficando nervosa. Creio que vou segui-los para impedir que façam algo que provoque outro ataque a tia Mildred.

Quero-os,

Cláudia.

Seu irmão voltou a dobrar o papel devolvendo-o ao envelope.

— Vá com nossa irmãzinha. — sorria só de pensar. — Está aproveitando.

— É verdade. Pensei que a viagem lhe faria bem. A tia Mildred e nossas primas são boa influência para ela.

— Deus é testemunha que nos fazemos o que podemos. — indicou Jason.

Cláudia, como a pequena da família, era a que sofrera mais com a ausência dos pais. Em Carmine's Place não tinha amigos e eles não podiam ficar em Londres de forma definitiva, pelo que sua família

paterna era de uma ajuda inestimável. Além de nada do que a jovem relatava em sua carta lhe parecesse estranho. Cláudia era assim, tão diferente deles como a noite e o dia. Ela era alegre e vital onde Ashton permanecia imutável, assim como tinha necessidade de estar rodeada de gente e do burburinho quando Jason preferia a tranquilidade do campo. Fisicamente, também, não se pareciam. Seus cabelos eram negros e cacheados diferentes dos cabelos claros de Jason e dos ruivos de Ashton; igual as covinhas, das quais eles careciam, e que nela eram adoráveis. Só seus olhos, de um verde intenso, e sua altura, se equiparavam aos deles.

— Mesmo fora de casa, — acrescentou Ashton após uns instantes de reflexão — continua mostrando-se impetuosa. Espero que isso não se converta em um costume.

— São coisas próprias da idade. — defendeu-a.

— Uma pequena indiscrição pode converter-se em um verdadeiro escândalo, não o esqueça. No entanto, acredito que tenha razão em advertir que são coisas de jovenzinha. Espero e desejo que quando se casar amadureça. Acabará sendo uma mulher maravilhosa o que já mostra. — acrescentou com afeto.

Jason concordou.

— E você? — perguntou de repente, malicioso. — Quando pensa se casar e conceber o esperado herdeiro?

— O que eu faço com minha vida não é assunto seu. — replicou insípido.

— Ouça! — exclamou fingindo-se ofendido. — Só me preocupo por seu bem-estar. Sei de boa fonte que a rainha Victoria lhe fez insinuações sobre o assunto. — Como seu irmão não se dignou responder, continuou espetando-o. — Não pode evitar ser seu Duque

favorito e sabe o quanto lhe agradam os casamentos. Não estranharia que o obrigasse a se casar com uma mulher de nobre linhagem. — Ainda que fosse certo o que dizia, não pensava seriamente naquilo. Só era uma desculpa a mais para espetá-lo.

— Não pode me obrigar a casar. — soltou desprezivelmente. — Ninguém pode.

— Ash, não seja tão suscetível. Sabe que é dono de sua vida e que ninguém pode dizer-lhe o que fazer com ela, — seu tom se tornara grave, — mas sim é certo que não compreendo porque demora tanto em se decidir a procurar esposa. — refletiu uns instantes. — Está esperando se casar por amor? — Nunca lhe ocorrera, mas o melhor era que seu irmão escondia uma veia romântica.

Seu bufo depreciativo contradizia aquele pensamento.

— Acreditava que fosse mais inteligente, Jason. Me surpreende constatar tais pensamentos em você. Amor? O que é o amor? Sexo rodeado de ideais tolos e romantismo absurdo.

— Assim, não acredita nele? — Não pensava que fosse tão frio a respeito.

— Você sim? — contra atacou.

— Eu quero a Johana. — argumentou com calma, já que o inócuo assunto que havia puxado para brilhar, se convertera em algo mais sério.

— Eu sei, mas não é disso que falo. Quando a gente fala de amor, se refere a esse sentimento escrito nos livros que nos agarra pelo pescoço e arrasta para limites insuspeitos…

— É um poeta. — brincou, interrompendo-o.

— … E isso não existe. — continuou ele. — O que é real é o que há em seu casamento: duas pessoas com interesses comuns que se

querem e respeitam sendo capazes de permanecer juntos sem chegar a se odiar.

Em alguma outra ocasião, ele mesmo fizera uma definição parecida de seu casamento, mas nesse momento um estranho mal estar se aninhou em seu peito. O que antes lhe parecia perfeito agora parecia muito vazio e aborrecido. Ignorou-o.

— Então, não se casará nunca? — perguntou. Estava muito interessado em sua resposta.

— Nunca é muito tempo, mas se digo a verdade, sendo quem sou e ostentando esta posição, — se apontou referindo-se ao título de duque e outros tratamentos de menor escala — de que me serve estar casado?

— Vá. — soprou em sinal de respeito. — Nunca pensei que o tivesse tão claro. — de repente lhe ocorreu uma pergunta. — E o sexo?

Ashton ergueu as sobrancelhas com orgulho.

— O que se passa com ele? Posso passar a vida sendo tão discreto como sou na atualidade.

— Mas ter esposa tem vantagens; como fazer-lhe companhia…

— Nesse caso, me apresento em uma festa para que todas as mulheres revoem ao meu redor. — interrompeu com uma confiança em si mesmo esmagadora.

— … Fazem de anfitriãs em suas festas… — Jason não desistia.

— Com sua esposa me basta.

Jason ignorou aquele comentário sorrindo e erguendo as sobrancelhas por sua vez.

— … E lhe dão descendência — finalizou. — E não se atreva a me dizer que não gosta das crianças, porque sei que é mentira. Encantam-no. — afirmou. Ashton escondia essa faceta aos olhos dos

estranhos. Só os mais chegados sabiam como adorava as crianças.

— Pode ser, — encolheu os ombros como se a questão não fosse com ele ou carecesse de importância, — mas não são indispensáveis. — Parecia ter se convencido.

— E o herdeiro? — insistiu.

— Você é meu herdeiro. — afirmou querendo resolver a questão.

Olhou-o com tal cara de horror que Ashton se pôs a rir. No entanto, Jason tinha aquilo muito presente e não queria nem discutir.

— Não se puder evitar. — assegurou.

— Também seus filhos poderiam sê-lo. — sustentou Ashton.

— Imagine se Johana e eu não tivermos. — apontou com naturalidade. Era uma possibilidade tão real como qualquer outra.

Seu irmão lhe lançou um estranho olhar que o fez se sentir incomodado, mas não disse nada.

— Nesse caso, sempre resta nosso primo.

— Rján? — perguntou boquiaberto.

— Tem outro? — replicou o mais velho dos Morton. — Não sei porque estranha tanto. Na verdade seria o que ocorreria chegado ao ponto.

— Mas…, — não pode evitar que se desenhasse um sorriso ao imaginá-lo — imagina?

Ambos começaram a rir sem poder evitá-lo.

— Se isso acontecer, — disse Ashton entre gargalhadas, — nos mataria.

— Não poderia, já estaríamos mortos. — riram mais forte ainda.

Depois de vários minutos de risadas descontroladas conseguiram tranquilizar-se.

— Para que ele o fosse, — seu irmão retomou o fio da conversa —

nós teríamos que ter morrido sem descendência. Francamente, é pouco provável.

— Sim, quase impossível. Mas acredito que ostentar o título e o peso que isso significa acabaria com ele. Com qualquer fora você! — acrescentou ao final. — Não sabe como me alivia que você seja o mais velho. — Levantou-se e seu irmão o imitou. — Bem, depois desta instrutiva conversa deixarei que atenda seus assuntos ducais enquanto eu vou fazer o trabalho de verdade. — brincou.

— Ficará para o almoço? — perguntou o duque. Tinha recuperado a seriedade típica dele. — Há alguns assuntos de negócios sobre os quais deveríamos discutir.

— É uma possibilidade nada remota.

— Direi ao senhor Lonkstow que avise a cozinheira. — declarou dando o assunto por resolvido.

— Certo? Já sabe como se entendem esses dois. São o assunto dos serviçais. — Jason esboçou um sorriso meio divertido, meio preocupado.

— Eu sei. Meu ajudante de quarto me insinuou algo.

— Intervirá? — perguntou curioso.

— Enquanto não influir na qualidade de seu trabalho, não. Mais adiante, veremos.

— Bem, já vou. O escritório e seus papéis me esperam.

E o deixou ali sozinho enquanto sua mente já estava em todas as tarefas que tinha pela frente.

Seus afazeres abarcavam amplas e diversas atividades. Não só era o administrador das terras e da casa, — cujos trabalhos, na realidade, costumava fazer-se separado e por duas pessoas distintas, — mas às vezes exercia um pouco da advocacia que seu pai tanto se

empenhara que aprendesse. No entanto, tinham um advogado em Londres que se encarregava de tudo em geral. Ele só utilizava suas habilidades raramente.

Seu trabalho não consistia só em acertar as contas. Era o responsável pela gestão das fazendas: se ocupava das explorações, tirando o melhor proveito dos cultivos; atendia as queixas dos inquilinos; cobrava as rendas; além de rentabilizar o patrimônio com investimentos, nos quais, por certo, tinha boa mão. Quanto à casa, era ele quem se encarregava de todas as compras, contratações, dispensas e pagamento do pessoal ao serviço de Carmine's Place. Claro, recebia um salário; ou melhor dizendo, dois. Ashton não permitia que desempenhasse duas ocupações e não lhe correspondesse em troca. Se a tudo isso somasse a herança que lhe correspondia como um Morton, podia dizer que vivia melhor que muitos nobres de alto berço.

Na realidade não precisaria trabalhar. Seu pai, em vida, se encarregara de deixar intacto o dote de sua mãe para reparti-lo entre os filhos menores, — neste caso Cláudia e ele, — já que o primogênito herdaria tudo o que fosse vinculado ao título. A quantidade aportada era descomunal inclusive dividida, mas Jason não se imaginava sendo ocioso na vida. Era verdade que o trabalho lhe ocupava grande parte do tempo de que dispunha, mas usufruía dele. Além do que, não o fazia sozinho. Para isso contava com a inestimável e eficaz ajuda de Tim, o segundo filho de uma família dos arredores vinda a menos de uma geração atrás. Tinha estudos, contava com uma boa cabeça e era astuto, o que o tornava ideal como ajudante. Ao longo do tempo, Jason planejava deixá-lo com o cargo de administrador da casa, já que o considerava preparado para isso. No momento, trabalhava muito, viajava outro tanto pelo mesmo motivo e se limitava a descansar o

resto do tempo.

Na última hora da manhã teve que se deslocar para o povoado. Como havia parado de chover deixou Tim e um novo ajudante em outros assuntos e pegou uma das caleças para viajar com mais comodidade, já que continuava nublado. Não encontrou seu irmão e informou ao senhor Lonkstow que afinal não daria tempo para que almoçassem juntos.

Em Greenville visitou alguns arrendatários que estavam sofrendo graves desavenças. Falou com eles e tentou suavizar as coisas. Depois das desavenças acabavam sofrendo, os cultivos, na espera da superlotação. Utilizou o serviço postal para enviar cartas a Londres e conversou com alguns dos vizinhos do povoado. Só deveria ver se o juiz Haggens estava em casa, então se dirigiu para a rua principal rapidamente enquanto saudava com a mão a um transeunte conhecido. Foi um erro não olhar para frente e não teve tempo de se afastar quando tropeçou com outra pessoa. Quando notou já a tinha em cima. Ayleen Blake se chocou contra ele e todos os pacotes que segurava nos braços caíram esparramando-se pelo chão.

— Oh! — ela exclamou.

— Deixe-me ajudar. — Jason se apressou a pegá-los tentando impedir que se estragassem no chão molhado, mas ela teve a mesma intenção e suas mãos, cobertas por luvas, se tocaram. Ayleen saltou para trás como se estivesse queimando. Seus olhos ficaram suspensos por uns segundos até que afastou a vista com rapidez. No entanto, o dano estava feito. Jason notou que algo o atravessava. O repentino nó em seu estômago voltou a aparecer, mas fingiu que não o sentia. Quando conseguiu pegar todos os pacotes, os segurou impedindo que ela os pegasse. — Lamento minha falta de cuidado — se desculpou.

Levantou o olhar para observá-la com atenção. Essa vez usava um primoroso vestido ajustado em tons terra e ocre com uma fileira de botões abotoados do pescoço até abaixo da cintura. Um chapéu, as luvas e uma pequena bolsinha marrom pendurada de seu pulso completavam o vestuário. A sombrinha que usava porém, estava no chão.

Parecia mais bela do que estivera na festa da noite anterior, mesmo não sorrindo. O rubor de seu rosto e o rápido movimento de suas mãos deixavam patente seu nervosismo. Jason segurou seu próprio chapéu e olhou a ambos os lados da rua. Ninguém os observava. Por sua vez, ela recolheu sua sombrinha e estendeu os braços para tentar tomar de volta os volumes.

— Por favor — exigiu sem chegar a se aproximar. — Meu transporte está perto.

Jason não deixaria passar aquela oportunidade. O mínimo que poderia fazer seria se desculpar por sua reação em casa dos Haggens e por outras coisas.

— Não. Permita-me acompanhá-la. Eu os levarei.

Sabia que, em outras circunstâncias, ela teria aceitado, mas tratando-se dele…

— Não, não. — Ayleen tentou com todas as forças não cruzar com seus olhos.

— Por favor, senhorita Blake. — suplicou. — Não quero envergonhá-la mais, mas preciso me desculpar.

E assim ficar alguns minutos mais junto a você.

O pensamento foi tão repentino que ficou momentaneamente aturdido.

Começou a andar para evitar aquela linha de pensamentos e

obrigá-la a segui-lo. Ela, hesitando, só teve que fazê-lo. Manteve os passos ao seu lado, mas não o olhou em nenhum momento. Qualquer que os tivesse observado só veria alguém tentando ajudar enquanto iam em busca da caleça.

— Sinto se ontem se surpreendeu quando fingi não conhecê-la. — continuou tentando escolher as palavras e não acabar por afugentá-la.

Por um segundo, Ayleen parou os passos, mas reagiu com mais vigor.

— Não desejo falar disso. — murmurou corando.

— Mas é necessário. Não queria que alguns mal entendidos…

— Mal entendidos! — Irritada, parou e o olhou. A seguir arrependeu-se de fazê-lo e continuou caminhando.

— O que tento dizer-lhe, — continuou em tom conciliador — é que o melhor seria fingir que era a primeira vez que nos víamos.

— Melhor para você!

— Para nós dois. — afirmou contundente. Parou, obrigando-a assim a olhá-lo. — Outra atitude teria suscitado comentários que poderiam colocá-la em uma situação vulnerável. Não desejo que isso aconteça.

— Parece comovedora sua preocupação por mim. Uma total e absoluta desconhecida, — acrescentou mordaz — mas deveria pensar antes de, antes de… — não conseguiu pronunciar pelas imagens que sua mente lhe mostrava, — já sabe.

Jason suspirou. Não seria fácil obter seu perdão, mas a mulher parecia obtusa a mais não poder.

— Senhorita Blake. — Colocou uma mão em seu braço.

— Não me toque! — Saltou como um coelho assustado.

— Tente se dominar. Não queremos montar um espetáculo em plena rua. Certo?

A poucos metros da caleça, Ayleen parou e o olhou aos olhos. Não mostrava vergonha ou desespero até aquele momento. Via decisão neles, mas ele encarou como um desafio.

— Espero com todo meu coração que não vá por aí fazendo o mesmo a cada mulher que encontrar.

— Foi um infeliz incidente. — murmurou envergonhado. Nunca havia agido daquela forma.

— Não é o que parece. — indicou Ayleen. — Nem sua esposa nem eu merecemos isto. Assim, por favor, a partir de agora, lhe peço que não me dirija a palavra a menos que seja estritamente necessário.

Jason assentiu. Recorrera a muita coragem para dizê-lo, estava certo. A mulher lhe parecia mais interessante a cada segundo que passava; e misteriosa também. No entanto, se esforçou para conservar o juízo que lhe restava. Fora um episódio isolado, uma alienação momentânea. A partir daquele momento, não voltaria a pensar na senhorita Blake. Com total determinação deixou os pacotes no veículo e se despediu com um gesto de cabeça.

Não viu como ela o seguiu com o olhar até que desaparecesse, antes de açular o cavalo e se afastar dali rapidamente.

Capítulo 6

Ayleen Blake confirmou, com certo embaraço, que a senhora Haggens pretendia encontrar-lhe um esposo. Ela mesma o havia confessado sem nenhum disfarce, só uns dias depois do jantar organizado em sua casa.

Aqueles, segundo ela, "convenientes solteiros" representavam bons partidos e eram adequados a sua posição social. Além do fato de os três contarem com numerosas qualidades que deslumbrariam qualquer mulher.

Mas a essa altura e observando o cavalheiro que se aproximava, Ayleen não podia estar mais em desacordo.

O primeiro foi o senhor Plumbert. Educado, simples e modesto, o homem apareceu na hora do chá com um encantador ramo de hortênsias, que cresciam sob as cálidas temperaturas de sua estufa.

Até aí tudo bem. Porém, de novo observou que ele tinha dificuldades em manter uma conversa e se limitava a responder com monossílabos, além de ser incapaz de levantar o olhar para seu rosto.

Assim, sua visita foi a mais incômoda.

Mas apesar de seu mutismo conseguiu formular um convite para visitar sua estufa.

Ayleen não tinha previsto. Durante uma hora sentia a

necessidade de esforçar-se para preencher o incomodo silêncio que reinava no salão. E agora saia com aquilo? Pegou-a tão desprevenida que conseguiu arrancar-lhe uma promessa, ainda que não confirmando quando iria.

O segundo, em obsequiá-la, com uma visita com flores foi o senhor Been.

Só poderia descrevê-lo como um tipo desagradável em todas suas formas: altaneiro, sofrível, indolente, insultante, pomposo, aborrecido, orgulhoso, desdenhoso e mil coisas mais. Com seu falso sorriso se atreveu a dizer a Ayleen que o presente que lhe comprara era um gasto supérfluo. Declarou também que a capacidade intelectual das mulheres era em muito inferior à dos homens; criticou sua própria irmã de um modo arrepiante, garantindo que sua presença só poderia azedar-lhes o momento e, o pior de tudo, menosprezou de forma clara e contundente o serviço e a comodidade de sua casa.

Com isso conseguiu que Ayleen engasgasse com as palavras e apertasse os punhos com um rancor que não sentira antes.

E, ainda que não pudesse encontrar um detalhe em sua pessoa que o tornasse minimamente simpático, permaneceu rígida suportando sua minuciosa inspeção. Tudo porque era uma dama educada. Se bem que sentia um enorme desejo de expulsá-lo a pontapés.

Como não havia dois, mas sim três, um dia depois da visita do senhor Been, enquanto Ayleen inspecionava o jardim com olho crítico em companhia de Angus e Adele, apareceu o único solteiro que faltava visitá-la.

Ia dar uma ordem a Angus quando escutou cascos de cavalo aproximando-se da casa. Diante da porta, na entrada da propriedade,

se achava o comodoro Clarewood sobre um corcel branco. As suas costas, uma carreta cheia de flores: lírios do rio em um tom vermelho intenso, ciclames, pensamentos e rosas de Natal.

O homem saltou com agilidade e graça quando viu o público presente.

— Boa tarde. — saudou com um grande sorriso de triunfo. Não havia coisa que gostasse mais que ter uma grande audiência para presenciar suas conquistas.

Ayleen, com a boca aberta pelo estupor, nem reagiu. Foi Adele quem lutou para tirar o avental que protegia seu vestido e a empurrou para frente.

— Comodoro Clarewood. — saudou por sua vez com precaução.

Ele se aproximou com a graça de um felino para beijar o dorso de sua mão sem luva.

Teve um pequeno sobressalto com aquilo. No jantar em casa dos Haggens usava luvas, mas agora não. A sensação dos lábios estranhos em contato com sua mão não foi agradável. Além do comodoro fazer a saudação durar mais do que o necessário.

— O que o traz por aqui? — Retirou a mão e disfarçando, limpou-a na saia.

— Vim trazer uma flor para a mais bela flor. — explicou com uma galanteria ostensiva que aborrecia.

Devia tratar-se de um grande eufemismo, já que o acompanhava, não uma flor, mas um carro repleto delas.

Recuperando seus bons modos e evitando uma careta de desgosto, o convidou a entrar para a casa enquanto Adele se adiantava. O comodoro, saudou Angus com uma inclinação de cabeça ao cruzar o pequeno jardim.

— É muito amável por visitar-me. — Decidiu não fazer referência as flores. Talvez se encarregasse de reparti-las, ainda que fosse pouco provável.

— Eu sei. — afirmou sem pudor e muito seguro de si mesmo.

Ayleen o contemplou mais detidamente do que na noite do jantar. Alto e com alguns músculos era uma visão espetacular com seu elegante uniforme, cabelos dourados resplandecentes, seu sorriso e dentes brancos; além da terna covinha no queixo. Poderia ser o sonho de toda mulher.

Uma vez a sós no salão, Ayleen não soube o que dizer. Porém tinha muito presente o manuseio ao qual se vira submetida e não queria que voltasse a ocorrer. Sentou-se o mais longe possível.

— Como está sua mãe? — foi a única coisa que lhe ocorreu perguntar, porque não sentia nenhuma afinidade com aquele homem, por muito garboso que parecesse. Sua opinião sobre ele não era muito favorável.

— Tem dores nas costas. Ontem, antes de se deitar, tropeçou com uma cadeira e caiu.

— Valha-me Deus! — Exclamou preocupada. — Como está? Em que posso ajudar?

Rupert Clarewood se levantou para sentar-se ao seu lado e lhe deu umas palmadinhas suaves no dorso da mão em sinal tranquilizador.

— Sua mostra de preocupação é muito louvável, mas não se aflija. Graças a Deus estava em casa e consegui imobilizá-la antes de ir buscar o médico.

— Acaso sabe como proceder nestes casos? — perguntou confusa, muito consciente de não ter retirado sua mão.

— Claro! — se ufanou. — Em minhas viagens tive de aprender tudo. Em alto mar os perigos sempre estão na ordem do dia e precisamos saber como agir.

— Terei que visitá-la. — Não a conhecia muito, mas se mostrara amável com ela. Era o mínimo que poderia fazer.

— Minha mãe a agradecerá, — assentiu benévolo — mas não vá hoje, porque estará na cama todo o dia. Amanhã seria mais adequado.

— Assim será. — Sua preocupação pelo bem estar materno a enterneceu. Não podia ser de outro modo. No entanto, não tolerava seu atrevimento. Agora começava a massagear sua mão com total impunidade. Levantou-se bruscamente rompendo o contato. — Creio que será melhor…

— Ontem à noite sonhei. — interrompeu o que queria dizer-lhe.

— Perdão? — Levantou-se olhando-o.

— Que ontem a noite sonhei com você. — repetiu. Parecia estar imerso em uma espécie de transe. — Aqui mesmo, debaixo deste quadro.

O quadro estava pendurado na parede, acima de sua cabeça.

— Não creio que entenda. — afirmou confusa.

Pensou estar diante de um demente e não tinha percebido? Porque era assim como sonhava.

Tentou se sentar bem longe.

— Pois é. — afirmou ele se aproximando, sem disfarçar. — Desde que a vi na festa não posso tirá-la de meu pensamento. Naquele instante compreendi que nossos caminhos estavam destinados a se cruzar. — declarou com fervor. — Sei que você me ama com a mesma paixão esmagadora que sinto por você. Por isso decidi cortejá-la. Todas essas flores são um presente para demonstrar-lhe minha devoção por

seu corpo, por você.

Ayleen jamais tivera o prazer de ser o objeto de uma declaração amorosa, mas aquilo não era o que sempre imaginara. Aquele homem conseguia fazer com que sentisse uma repulsão imediata por tão extremos sentimentos.

— Isto... eu... — Não sabia como dizer que ela não sentia nada do que ele pensava. Sim, era elegante, mas isso era o máximo que poderia dizer daquele néscio.

— Sim, eu sei, eu sei. — assentiu com a cabeça como se soubesse cada um de seus pensamentos. — Sei que me deseja e me quer. — Sorriu com algo parecido a lascívia sem notar o ôfego de horror de sua interlocutora. — Mas como cavalheiro que sou entendo que uma mulher necessite ser cortejada da forma adequada. — Beijou-lhe as juntas dos dedos antes que Ayleen percebesse sua intenção. — Quando anunciarmos nosso compromisso poderemos tomar certos avanços, mas enquanto isso estenderei minhas numerosas armas... para conquistá-la. — Jogou-se para cima de Ayleen com a clara intenção de beijá-la, mas nesse momento, Adele entrou com a bandeja de chá.

Ayleen aproveitou a distração para libertar-se de suas indesejáveis intenções e se levantou.

— Adele, obrigada pelo chá! — exclamou com excessiva gratidão.

A ama de chaves, que vira tudo, fez uma careta enrugando o cenho e dirigindo ao convidado um olhar de censura. O comodoro Clarewood parecia imune a isso, levantou-se do sofá com graça e ajustou a jaqueta sem o menor sentimento de culpa.

— Posso servi-la, senhorita Blake? — perguntou com formalidade. Adele pensara em deixar a bandeja e sair, mas a cena que

interrompera lhe provocou a utilização de uma estratégia diferente.

— Sim, obrigada. — Ayleen suspirou com alívio. Necessitava recuperar a compostura. — Açúcar? — teve que dizer, apesar da vontade de expulsá-lo a pontapés, como acontecera com o senhor Been.

— Se for tão amável, gosto com limão e leite, se for possível. — Enquanto Ayleen se sentia agitada, o homem agia como se não tivesse acontecido nada.

Como Adele não tinha nenhuma desculpa para permanecer ali, disse em voz alta:

— Limparei a poeira aqui mesmo. Se precisar…

Ayleen entendeu que o fazia para estar perto dela em caso de necessidade. Não sabia se o comodoro notara a alusão.

— Um chá delicioso. — assegurou logo que ficaram sozinhos e enquanto pegava um empanado. — Sua ama de chaves tem boa mão com a comida. Transmita-lhe meus parabéns.

— Eu lhe direi, comodoro Clarewood — afirmou. — Ficará satisfeita. — Ainda que na realidade o duvidasse. Era uma pena que um homem tão bonito, com modos elegantes e com uma evidente devoção por sua mãe tivesse as mãos tão longas.

— Me chame apenas de Rupert. — pediu com tranquilidade.

— Não acredito que deva; apenas nos conhecemos. — Se o fizesse, o induziria a tomar mais liberdades.

— Ah, senhorita Blake, isso vai mudar logo. Quando aceitar que fomos feitos um para o outro não poderá deixar de chamar-me por meu nome… — fez uma pausa significativa e a olhou aos olhos, — Ayleen.

O homem era cego e só via o que lhe interessava. Como podia

imaginar semelhante despropósito?

— Esquece um, pequeno, detalhe. Talvez não queira me casar.

No início a olhou com surpresa, logo sorriu mostrando seus brancos e alinhados dentes e finalmente lançou uma sonora gargalhada.

Ayleen, em troca, não via graça alguma.

— Você é deliciosamente divertida. Confesso que antes, essa qualidade não era importante para mim, mas agora a considero essencial. Você e eu vamos nos entender às maravilhas. Como me alegro de tê-la conhecido! Além de, — continuou o discurso — será invejada por todas as mulheres do país.

— E como será isso? — perguntou. Aquele homem tinha uma imaginação delirante.

— É evidente. Irá se converter na esposa do primeiro, segundo e terceiro homem mais bonito da Inglaterra.

Ayleen por pouco, não se engasga com o chá escutando a incrível declaração. Primeiro, segundo e terceiro? Vá! Com o comodoro Clarewood! Referindo-se a sua beleza era tão presunçoso como o senhor Been com sua fortuna.

— Eu acredito que o melhor seria procurar a primeira, segunda e terceira mulher mais bela do país no lugar de se conformar com alguém como eu. — argumentou.

— Não, não. A escolhida é você. Será perfeita ao meu lado.

Ayleen entendeu a mensagem. Por alguma razão ele não poderia levar pelo braço uma mulher que se igualasse em beleza, já que podia terminar eclipsando-o. Sem a paciência necessária para continuar suportando outro tanto de tolices, se levantou. Ele fez o mesmo.

— Terá que me desculpar, mas tenho de atender uma visita

inadiável. — Manteve-se em pé esperando que seu convidado entendesse o que acabava de dizer-lhe.

— Oh, claro. — Por um momento pareceu confuso, mas depois, com uma elegância que não deixou de admirar, aceitou o desprezo. Aproximou-se dela e antes que tivesse tempo de reagir, deu-lhe um rápido beijo na boca e a soltou.

— *Adieu, ma petite mademoiselle.* — Sorriu satisfeito. — Aproveite as flores. *Au revoir*. — E saiu da casa deixando-a pasma no meio da sala.

— Está bem?

A voz de Adele a trouxe de volta a realidade. Assentiu e procurou um lenço para limpar a boca. A sensação de umidade desagradável persistia e queria eliminar todo rastro.

Que diferente dos outros beijos, não conseguiu deixar de recordar. Os dois anteriores que recebera não se pareciam em nada; não por sua duração ou intensidade, mas pela suavidade de seu contato e das sensações transbordantes que provocaram.

Parecia irônico e desconcertante que acabara de se instalar e já a tinham beijado mais vezes que no resto de sua vida. Ainda que os três beijos fossem roubados — não se permitia pensar no modo como acontecera o primeiro, — este último carecia da paixão e do sentimento descontrolado que a sufocou nas ocasiões anteriores. Não acreditava que a sensação fosse a mesma se o comodoro a tivesse abraçado e apertado entre seus braços.

— Vai permitir que esse homem ou os outros voltem a visitá-la?

De novo, a senhora Fraser a puxou ao presente e a obrigou a esquecer aos tolos devaneios.

— Com franqueza, não creio que poderei impedi-los.

— Porque não? — Enrugou o cenho com a bandeja do chá nas mãos enquanto olhava pela janela.

— Suspeito que decidiram ter-me por esposa. — afirmou com timidez, pouco habituada a isso. — Penso que algum deles fará o que for para consegui-lo.

— Esposa? — Adele se virou para a seguir, se sentar. — Tão cedo? — Ayleen lhe explicara como se desenrolara o jantar em casa dos Haggens sem se aprofundar muito, mas depois das visitas e do empenho da esposa do juiz, não seria muito pensar que interessava aos três cavalheiros. — Se todos decidissem cortejá-la seria algo extremo. — Afastou-se alguns passos em direção a porta semiaberta e parou.

Ayleen se permitiu pensar, durante uns segundos, no encontro com lorde Jason Morton. Outro mais que havia se comportado com atrevimento.

Acaso haveria algo nela que os atraia? Talvez imaginassem que uma mulher de sua idade e solteira estivesse disposta a farrear com qualquer um. Tampouco pode deixar de pensar em como parecia sincero o marido de Johana. — por alguma razão, tinha que recordar uma e outra vez daquele fato, — mas não podia fraquejar e se mostrar amável com alguém assim. Não era certo se aproveitar da vulnerabilidade das mulheres, mas, pelo menos, o comodoro era um homem livre e não feria ninguém com seu atrevimento. Ainda assim, o único que povoava seus pensamentos era o homem que jamais poderia ser para ela. Seu rosto, sua boca, a textura de sua mão... Tudo nele a fazia estremecer. Por isso, na manhã anterior lhe exigira que se mantivesse afastado dela. Só mais tarde reconheceu que aquilo era tanto por ele como por sua própria tranquilidade. Não sabia se era

forte para esquecer o que ele lhe provocava.

— Espero estar equivocada.

E dito isso ambas encerraram a conversa.

***

Jason examinou com olho crítico os excessivos gastos que supunham a reparação do telhado do pavilhão de caça. Por se tratar de um edifício em desuso, estava custando ao seu irmão mais caro do que o estimado. Ashton tinha uma pontaria excelente, mas se recordava que não se organizava uma caçada há, pelo menos, oito anos. Porém se empenhara em arrumá-lo porque não era um homem de deixar algo pelo meio.

Depois de terminar o balanço, desviou sua atenção para o livro de contas. Foi então que recordou as fofocas que escutara pela manhã e que se relacionavam com a senhorita Blake com três homens que conhecia bem: o comodoro Clarewood, o senhor Been e Horatio Plumbert. Seria certo que a presentearam com dezenas e dezenas de flores com a intenção de chamar sua atenção? Era uma conclusão lógica, devido ao comportamento que mostraram no jantar oferecido pelos Haggens, em especial o comodoro. Parecia que a dama acabava de chegar e já fora capaz de atrair todos os olhares.

Franziu o cenho enquanto tentava diminuir a importância pelo repentino mal estar que o invadiu, ainda que, verdade fosse dita, era curioso que o gesto o aborrecesse tanto. Que ele a tivesse descoberto primeiro não lhe dava nenhum direito. E seu comportamento fora reprovável.

Fechou o livro de vez e se levantou, rodeando a maciça escrivaninha de madeira, enquanto continuava dando voltas aos

inadequados sentimentos que lhe despertava a senhorita Blake. Percebeu que pensar muito nela sugeria uma ameaça real, um verdadeiro perigo, pois sua figura o atraía como a luz atraia as mariposas. Poderia parecer inclusive uma ideia ridícula para um homem de sua idade, maduro e controlado. Ele, dominado por aquela jovem nervosa e inexperiente? Mas por muito que custasse admitir, tanto seus beijos como seus atos assim o atestavam. Se, ao menos, seus lábios não fossem tão doces... Também admitiu estar muito confuso. Temia que com toda probabilidade que seu juízo tenha evaporando-se. Que outra explicação poderia ter para justificar seu comportamento?

Experimentou uma intensa pontada de culpa. Deveria fazer esforços para mostrar mais sangue frio. Ela não parecia disposta a se afundar no acontecido, e não chegara a perdoá-lo. Então, porque insistia em mantê-la em seus pensamentos? Não costumava ser um homem teimoso. A vida estaria lhe dando uma lição? Tratava-se disso? Não podia sucumbir sob seus influxos e tinha a oportunidade de se ressarcir. A senhorita Blake lhe pedira que se afastasse dela. Jason deveria se guiar pela prudência e fazer o mesmo. Pelo bem de todos deveria catalogar seus beijos como um desafortunado deslize.

Deixou de pensar naquilo sem chegar a avaliar qual seria seu próximo movimento. Naquela tarde já chegava de se distrair e abandonar seus deveres. Jason voltou a se sentar atrás da escrivaninha e abriu o livro de contas.

Não permitiria que a senhorita Blake dominasse sua vida.

Capítulo 7

Ayleen se encontrava em uma espécie de encruzilhada: não queria se mostrar descortês com lady Johana Morton, — porque lhe estendera a mão desde o princípio — mas também não poderiam ser amigas. As razões eram óbvias, ainda que uma delas as ignorasse. Por isso, amiúde, devia arrumar desculpas para não passar mais tempo em sua companhia. E isso era duro. Johana era muito amável; a que mais lhe oferecia sua amizade. Porém, como podia sorrir, escutar seus conselhos ou tomar chá com ela quando a traíra?

O pior de tudo era não ter ninguém com quem falar, nem mesmo com a fiel Adele, — sua queridíssima ama de chaves — que desde sua chegada a tratava como uma filha e a escutava e aconselhava. O acontecido no bosque fora muito íntimo e vergonhoso para confiar a alguém. Se alguém chegasse a saber, sua reputação ficaria no chão e se veria obrigada a sair de Greenville para sempre. Agora que se estabelecera e que estava começando uma vida nova devia proteger sua honra acima de tudo.

Porque entre todos os homens fora cruzar com o esposo de Johana?

Claro, a culpa fora dele. Ayleen era inocente, mas aqueles episódios continuavam deixando-a em uma situação pouco lisonjeira.

A pobre Johana desconhecia que seu esposo fosse tão ruim e que costumava assaltar castas donzelas. O povoado inteiro parecia desconhecê-lo. Percebera desde o dia do jantar em casa dos senhores Haggens, que todos o tinham em grande estima e consideração, sobre tudo o juiz. Só o senhor Been era a nota discordante.

Isso significava que lorde Jason Morton tinha duas faces bem distintas. Seria isso certo ou tudo era fruto de uma confusão? Mas, como poderia ser quando seus lábios se roçaram em duas vezes distintas? No entanto, o benefício da dúvida estava ali: ele tentara se desculpar. Poderia considerar um gesto nobre, se bem que Ayleen não conseguira deixar claro ao senhor Morton que deveria se afastar dela.

Sua cabeça era um mar de confusão e seu coração objeto de uma luta interna. Se não tivesse gostado tanto do primeiro beijo... Se não tivesse ficado gravado em sua memória... Havia algo naquele homem que conseguia deixá-la confusa: desprezava-o ao mesmo tempo que se sentia atraída.

Uma condenada confusão que não beneficiava a ninguém, em especial a ela.

Então decidiu visitar Milicent Clarewood com a ideia de se distrair de todo aquele quebra cabeça. Passar a tarde tomando chá na casa familiar dos Clarewood e na companhia de várias mulheres do povoado era o que precisava, mas o repentino aparecimento do único filho a deixou tensa.

Por sorte, Rupert Clarewood não disse nem fez nada que pudesse envergonhá-la diante das outras e ela se retirou antes que as coisas mudassem.

Passaram-se vários dias desde a visita dos três homens, tempo no qual tentara esquecê-los. Não teve notícias deles até então, o que a

deixou numa fonte de tranquilidade. Nesse tempo se dedicava à leitura e ao bordado, que abandonara desde a morte de seu pai.

Em seu afã para encontrar o livro perdido retomou seus passeios pelo bosque quando as temperaturas o permitiram. Quando se arriscou a chegar a cabana e não viu ninguém, se acalmou o suficiente para se atrever a fazê-lo de novo. Os dias se passaram e ela se sentiu mais confiante. Esperava que a ausência fosse uma mostra de zelo e discrição por parte de lorde Jason Morton. Sentia-se um pouco culpada por afastá-lo de um território que lhe pertencia, mais que a ela, mas não o suficiente para renunciar aquela aprazível e misteriosa paisagem que a subjugara. Em nenhum momento se permitiu perguntar porque, com todo aquele campo tão perto, se empenhava em passear pelo bosque uma e outra vez.

— Senhorita Blake, que graciosa coincidência.

Eram a senhora Smith e suas filhas que chamavam sua atenção em plena rua. Ayleen nem havia reparado nelas.

— É uma coincidência. — afirmou Ayleen, prestando atenção aos três rostos familiares. Só assim pode observar na elegância de suas roupas, mais próprias de uma festa que de um passeio diurno. Surpreendeu-se, mas não demonstrou nada.

— Nós pensamos o mesmo. — se atreveu a dizer Violet.

— Vamos à modista. — acrescentou Jasmin, como se não quisesse ficar sem dizer algo.

— Está bem aqui? — perguntou Rose Smith de repente enquanto a tomava pelo braço. — Porque seria uma lástima se não gostasse do lugar uma vez instalada.

Comentou apenas para encher o vazio na conversa, mas Ayleen se apressou a responder.

— Estou. Greenville e seus arredores é esplêndido. Inclusive no inverno.

Em resposta, as duas irmãs deram uma risadinha própria de meninas.

— Nos próximos dias organizaremos outra reunião. — Referia-se as damas do chá. — Claro que está convidada. — expôs como se estivesse lhe fazendo um enorme favor.

— Muito obrigada. Irei encantada.

— Ainda que talvez lady Johana já o tenha comentado.

Ayleen voltou a pensar que ela mesma pusera uma barreira separando-a de lady Johana.

Mostrou um sorriso comedido.

— Não surgiu a oportunidade.

— Tem que estar a par de tudo. — O tom que utilizou era tão sofrido que Ayleen esteve a ponto de fazer uma careta, mas se conteve. — Já verá como a faremos sentir-se bem. — Suas filhas voltaram a soltar uma risadinha. Começavam a parecer um pouco ridículas. — O nosso grupo é muito seleto. Penso que foi apresentada a outros de nossos vizinhos.

A mudança de assunto surpreendeu a todas.

— Como?

— A senhora Haggens não a convidou para um jantar em sua casa? — A pergunta não estava isenta de acidez.

— Bem… — Teve dificuldade em responder, porque de repente se sentiu constrangida. — A senhora Haggens queria ajudar a me integrar melhor na comunidade.

— Só deveria dizer e eu a teria ajudado. Nesse caso era só dizê-lo. Como já deve ter percebido, não nos convidou, não, mas não levo em

conta. Henrietta está ficando um pouco velha e a pobre já não presta tanta atenção ao protocolo como deveria. Claro que tenho o dever de recordá-la, porque isso não deve se repetir. Nossa presença naquela noite teria melhorado o ambiente. — A senhora Smith também tinha o costume de falar sem parar, algo que começava a detestar. As filhas, em troca, só abriam a boca para concordar com a mãe. — É verdade que o duque compareceu?

— Verdade. — Ayleen se sentia constrangida com o interrogatório.

— Oh! — exclamaram suas três interlocutoras, mas foi a mãe quem retomou a palavra.

— O duque! Que sorte tem de tê-lo conhecido. Só nos presenteia com sua presença. Diga-me, como foi?

— Eh... apenas troquei uma saudação com ele.

— Que decepcionante! — opinou Jasmin.

— Sim, uma pena. — corroborou Violet.

— É certo, mas era de esperar. — Parecia que Rose Smith se alegrava com aquilo. — O duque de Redwolf é muito parco em palavras. Bem, Violet teve uma longa conversa com ele no ano passado em uma festa. — declarou orgulhosa. — Não foi, filha?

— Sim, mamãe.

Não sabia porque, mas não acreditava na veracidade daquelas palavras. Pelo que pudera observar naquela noite, Ashton Morton, duque de Redwolf, olhava a todos os presentes com ar de superioridade, então não o imaginava mantendo uma conversa longa, com uma jovem que não tinha nada para dizer, salvo soltar risadinhas.

— Está sempre ocupado! Por isso é uma honra tê-lo entre nós.

— Sim, imagino.

— É tão bonito e elegante… — suspirou Jasmin.

— Sim, bonito e elegante. — repetiu sua irmã.

As três pareciam um coro suspirando pelo duque. Ela não entendia tal adoração. Parecia um tanto sufocante. Também era curioso comprovar as extremas paixões que despertava. Alguns o adoravam e admiravam enquanto outros o desdenhavam com uma superioridade rancorosa.

— Não acredita, senhorita Blake? — a interpelou Rose Smith.

— Não… não reparei. — Não era uma completa verdade. Fixara-se nele, mas ficava descartado elogiar sua beleza ou a falta dela diante de alguém.

A incredulidade das Smith era patente. No entanto, a mais velha das três voltou a carga.

— É compreensível que não tenha reparado nele. Deve ter estado bem ocupada com outros…. menestréis.

A declaração a deixou em alerta.

— Não creio entendê-la.

— Não se faça de discreta comigo, eu sei tudo.

— Mamãe está falando do senhor Horatio Plumbert. — interveio Jasmin quando percebeu sua confusão.

— E do senhor Been. — continuou a outra.

— Sem esquecer o comodoro Clarewood. — O rancor de Rose Smith era algo a ser levado em conta.

Como ficaram sabendo? E nesse povoado nada passava despercebido?

— Eu não…

— Não se faça de inocente conosco, somos de confiança. Sabemos

que os três foram visitá-la em sua casa. Conte-nos, conte-nos...

— Onde escutaram isso?

— Ufa! Seria difícil dizer. Já sabe, um vizinho conta a outro e assim por diante. — Encolheu os ombros. — Alguém viu o senhor Plumbert sair de sua casa. Outro viu o senhor Been. Nem digo que quando apareceu o comodoro Clarewood a noticia já se espalhara. Quando se soube das flores, não coube a menor dúvida de suas intenções.

— A senhorita Blake é muito sortuda. — murmurou uma das meninas.

Aquela afirmação não a ajudou a se desembaraçar de um pesado mal estar. Ela não animara nada daquilo, nem dera mostras de interesse. Eles sozinhos decidiram embarcar naquela aventura.

— Deve se sentir ditosa. — afirmou Violet com admiração e inveja.

— Não acredito que seja para tanto. — repôs por sua vez.

— Não seja modesta, mulher. — A senhora Smith retomou a palavra. — Você é muito afortunada por contar com a admiração do senhor Horatio Plumbert. Farão um bom casal.

Falava como se já estivessem comprometidos. Em certo sentido, se lhe tivesse ocorrido planejá-lo, ele teria sido o escolhido, mas o que a aborrecia era que já recusara os outros dois, quase como se não os merecesse.

— E o senhor Been? — perguntou mais por curiosidade que por interesse. E acrescentou. — E o comodoro Clarewood?

— O primeiro, creio que é normal estar interessada nele. É tão rico! Mas tente não se desiludir quando descobrir que é simples cortesia.

Ayleen balançou a cabeça em sinal de incredulidade. Era como se considerasse ridículo que um homem rico a levasse em conta. Na realidade, esperava que fosse como dizia a mulher, mas a senhora Smith não sabia que ele falara de um futuro em comum sem nenhuma dúvida. Só pela forma de mencioná-lo interpretava que era um candidato a ter em conta. Talvez para uma de suas filhas? Assim a consideravam como concorrente. A descoberta a espantou, ainda que para Ayleen interessasse bem pouco. Não pretendia rivalizar por suas atenções e muito menos por semelhante pessoa.

— E o comodoro é gentil, — continuou alheia aos pensamentos de sua interlocutora. — adora a beleza feminina acima de tudo, seja de maior ou menor qualidade.

A essa altura da conversa, Ayleen já começava a vislumbrar o caráter de sua interlocutora, pelo que o sutil insulto não a pegou desprevenida. Estava se referindo a ela como pertencente a uma classe inferior. Não o dissera com as palavras, mas se intuía na mensagem. Como não permitiria que a pisoteassem, não evitou uma réplica. Não tinha nenhum talento dramático nem vontade de antagonizar com ninguém, mas devia se defender diante dos ataques mal intencionados.

— Está dizendo que sai por aí cortejando qualquer dama que lhe cruza o caminho, que faz obséquios florais e lhes declara sua devoção eterna? A todas? — perguntou com sarcasmo. — Deve estar muito ocupado.

Pelo sufoco que mostrou em seu rosto deduzo que nenhuma das jovens Smith chamou sua atenção. Como não estava em seu caráter ser tão maliciosa supôs que devia desculpar sua rudeza.

— Claro que não. — assegurou a feroz progenitora. — Algumas

delas são pessoas respeitáveis e vivem com pais dispostos a tudo para defender sua honra. Não se atreveria a demonstrar uma conduta licenciosa.

Acabava de declarar que ela era uma imoral por viver sozinha e que esse era o motivo da conduta do comodoro? Pequena bruxa!

Antes que o sangue chegasse ao rio, Ayleen tentou se acalmar respirando profundamente.

— Quem sabe o que move esses inconstantes? — perguntou, guardando o comentário mordaz que tinha na ponta da língua.

— Deve saber que minhas meninas foram educadas com uma distinção pouco comum entre a burguesia.

— Nota-se que o fez bem. — Disse-o com vontade, para tirá-la de cima, mas a mulher concordou como se aquilo fosse uma grande verdade.

— Isso pensamos seu pai e eu. — Deu uma olhada a suas filhas. — São umas pérolas entre tanto cardo espinhento. — sentenciou orgulhosa.

A comparação a fez sorrir.

— Então não lhes será difícil encontrar um pretendente.

— Em absoluto. Entre seus muitos admiradores abundam os de boa presença e os ricos.

— Surpreende-me que não estejam casadas. — murmurou.

Ayleen costumava ser cautelosa. Sempre fora assim; era parte de sua natureza. Gostava de observar as pessoas detidamente e conhecê-las antes de julgar, mas a senhora Smith estava fazendo-a perder toda a paciência.

— Simplesmente não sabem qual escolher. — A mulher suspirou ao final como algo trágico.

— Espero que termine dizendo-lhe antes que os cavalheiros se cansem de tanto esperar. — apontou com tom mordaz.

E dizendo aquilo, se despediu das três, afirmando-lhes que tinha pressa.

No trajeto de regresso tentou desculpar o comportamento da senhora Smith. Parecia que naquele ambiente rural escasseavam os bons partidos, por isso uma cara jovem e nova, como a dela, se convertia no centro de todos os olhares. Em seu cuidado para ver Jasmin e Violet casadas, talvez tivesse esquecido os bons modos.

Talvez? Era muito mais que isso, pensou, contradizendo-se. Ayleen nem estava interessada naqueles homens, e Rose Smith poderia ficar com todos. Começava a pensar que participar do jantar dos Haggens não tinha sido um acerto, depois de tudo.

Ao chegar a casa continuava tendo presente as palavras da senhora Smith. Por muito que tentasse esquecer, a enfurecia o que aquela mulher tentara insinuar. Tinha pouca experiência tecendo relações sociais. Estivera muito isolada em Londres pela enfermidade de seu pai e sentia que não se defendera de forma adequada. Poderia ter contra atacado com alguma resposta mais mordaz.

Adele viu seu gesto compungido e se preocupou, mas naquele momento queria estar sozinha e esclarecer sua mente. Por isso saiu para caminhar sem considerar que seria uma má ideia. Mais tarde, quando pensou, já era um pouco tarde.

Ayleen se aproximou da cabana quase sem perceber. Estava tão absorta em seus próprios pensamentos que não notou o perigo que corria entrando no bosque. O estalar de um ramo seco a fez voltar a realidade e por um momento hesitou. Só quando viu um pássaro alçar voo, respirou tranquila. Encontrara-se duas vezes com lorde Jason

Morton — uma casualidade. — Três vezes seria excessivo. Pelo que sabia, ele tinha uma infinidade de obrigações e tarefas para atender e não podia fazê-lo daquela cabana abandonada nas profundidades do bosque. Com convicção, pensou que nada aconteceria ao andar por ali; não tinha porque encontrá-lo. Como estava equivocada. Lorde Jason estava justamente na borda do caminho, tão atento como poderia estar um gato a ponto de saltar sobre sua presa. E claro, a presa seria ela. Não soube como reagir e só conseguiu balbuciar algumas incoerências.

— Boa tarde, senhorita Blake. — saudou-a, e em contraposição a Ayleen, parecia tranquilo e sereno.

Aquela postura a irritou.

— Acha divertido ou tomou por costume assaltar-me no caminho, como um passatempo?

— Creio que está exagerando. Só pretendia ser educado e comportar-me com um mínimo de civilidade.

— Educado! Civilidade! — exclamou repetindo suas palavras. — O que sabe sobre isso? A única coisa que tem feito desde que o conheci é faltar com o decoro. E isso me faz chegar a conclusão, lorde Jason Morton, que você é um bárbaro.

Ele se permitiu um sorriso.

— Em que sentido?

— Pois… — hesitou — no sentido que são todos os bárbaros. Não sabe respeitar uma dama. — esclareceu para despejar suas dúvidas. — Deixei muito clara minha postura no outro dia. Este tipo de encontros não são de meu agrado e acrescentei, que são muito pouco adequados.

— Não me deixa saída.

— Eu?

— Sim, você. Eu pretendia me desculpar por meu vergonhoso comportamento aqui no bosque e meu posterior modo de agir em casa dos Haggens. Devido as circunstâncias, assumo que nossa relação não pode ser amistosa, mas você, senhorita, não me permitiu.

— Por Deus, estávamos no meio da rua! E não se preocupe, recebi suas desculpas. E agora, se isso é tudo... — Virou sobre seus calcanhares disposta a sair, mas naquele instante o ouviu dizer:

— Isso! Fuja, como faz sempre.

Aquelas palavras tiveram um efeito paralisante e conseguiram detê-la. Que direito tinha de julgá-la? Não tinha porque dar explicações a um adúltero cujo comportamento deixava muito a desejar. Cada vez mais aborrecida consigo mesma por permitir que a afetasse com tudo o que dizia, se virou e o encarou.

Jason permanecia no mesmo lugar, com os braços cruzados sobre o peito e um olhar intenso. Estava tão bonito com seu abrigo escuro, que por um momento esqueceu suas diferenças. Era um homem atraente de olhos embriagadores. Um sedutor, e parecia, conseguir, fazê-la infringir suas próprias convicções. Se o tivesse conhecido sob outras circunstâncias teria se permitido fantasiar e talvez as coisas seriam diferentes, mas ele era o irmão de um duque, um homem muito poderoso. Além de estar casado. Quantas vezes devia recordar-se daquilo?

— Que fique claro que não estou fugindo. — asseverou em uma tentativa de recobrar a compostura. — Simplesmente estou saindo.

Ele pareceu não entender a diferença.

— E isso é por...

— Não vê como a situação é inadequada? — afirmou deixando-o

com a palavra na boca. — Seu comportamento é impróprio.

— E você é uma senhorita que sempre faz o que deve.

Sim, Ayleen era assim. Ou, pelo menos, tentava. Era o que lhe ensinaram. Sua instrutora insistia que os homens eram como Satanás e que deveria se cuidar muito ao estar a sós com eles, porque só pretendiam fazer as mulheres pecarem.

Jason Morton não se parecia em nada ao demônio. Pelo menos na forma, mas continuava fazendo-a tremer, e não de medo precisamente. Desde que o conhecera notava as cócegas no estômago que se tornava mais ou menos intensa dependendo da situação. Ela era uma mulher inocente e inexperiente que mal sabia sobre as intrincadas relações entre homens e mulheres, ainda que no passado escutasse as histórias de suas amigas e podia reconhecer os sintomas.

Em sua curta estadia em Greenville lhe foram apresentados alguns homens que mostraram um interesse nada lisonjeiro. Se em nenhum caso os sentimentos foram recíprocos e nem tinham conseguido despertar seu interesse, porque com Jason Morton era diferente? O que tinha ele que faltava aos outros? E o mais preocupante de tudo. Seria isso a que se referia sua instrutora? Eram esses os perigos da paixão?

Viu-se assaltada por uma terrível angústia.

— Você não? — perguntou-lhe. — Pensava que fosse um cavalheiro.

— Eu também. — ouviu-o murmurar baixo. — Não me sinto orgulhoso de comprovar que nos dois nos equivocamos. — Passou uma mão pelos cabelos em um gesto de exasperação. — Senhorita Blake, desculpe-me por todo o mal que lhe causei.

Ayleen avaliou seu arrependimento como sendo sincero,

conseguindo comovê-la. Apesar de tudo, não podia ver aquele homem como um bandido aproveitador, ainda que às vezes não evitasse dizê-lo como proteção. Como poderia não acreditar quando a olhava com aqueles olhos que continuavam a trespassar sua alma?

— Ainda assim... — Tentou colocar certa distância. O melhor seria só se verem nos momentos que fossem estritamente necessários.

— O que mais quer que faça? Pretende que conte à minha esposa?

Ayleen se assustou. Parecia disposto a fazê-lo.

— Não! — exclamou em uma espécie de súplica.

— Porque se você me pedir...

— Por Deus, não! Está louco?

Aquela era uma péssima ideia. A pior. Não poderia permitir que o acontecido chegasse aos ouvidos de Johana. Nunca. Com isso só conseguiriam ferir uma mulher boa e sua consciência não o permitiria. Se, pelo contrário, ambos se calassem, o dano não estragaria o casamento, que poderia continuar como até então. Naquele momento se perguntou se Johana lhe importava de verdade ou estava fazendo por ele, porque não queria deixá-lo em um aperto. Seria isso? Seu íntimo se empenhava em defendê-lo? Se fosse sincera consigo mesma admitiria que era um pouco de cada. Seria melhor para os três implicados que o assunto ficasse enterrado para sempre. Sobre tudo para sua tranquilidade.

Jason a observou durante alguns segundos em silêncio. O que acabava de dizer era certo. Estava disposto a confessar a verdade, a sua esposa, se ela o pedisse. Com isso poria em risco seu casamento, mas, ao menos, o remorso desapareceria. Ainda que, o que contaria? Que uma desconhecida o beijara no bosque? Porque essa era a pura

verdade. Em seu delírio devido a queda, ela se lançara em seus braços. Ainda assim, Jason não a tinha parado como deveria fazer um cavalheiro, e sim, se aproveitara da situação... e desejara mais. Por isso era difícil explicar o segundo beijo. Aquilo o fazia parecer infiel, ainda que não fosse sua intenção. Agira por instinto e aquilo fora um erro. Ele era um homem racional e cabal; sempre o havia sido. Era quando cuidava do patrimônio do irmão, era ao escolher uma esposa e tentava ser no dia a dia. Se pudesse voltar ao mesmo ponto esperava assegurar que agiria de outra forma. Agora estava em uma posição difícil e a culpa o corroía. Não era um deslize fácil de sanar e as complicações iam muito além. O que realmente o preocupava eram os sentimentos que a senhorita Blake começava a despertar nele, cada vez mais intensos.

Sempre considerara aquela cabana como seu refúgio. Servia para encontrar paz e tranquilidade, para se afastar de tudo, mas agora ia lá por ela; para encontrá-la. Sua mente divagava para lá com muita regularidade e não conseguia evitar ir ao mesmo lugar onde a conhecera. Sabia que não era correto, que não devia pensar tanto nela, mas escapava de seu domínio. Não conseguia tirá-la da cabeça. Antes costumava passar horas e horas encerrado em seu escritório, isolado de tudo sem mudar, mas agora se sentia enclausurado, inquieto. Os dias sem vê-la lhe pareciam eternos e estava sendo mais infiel em sua imaginação do que realmente havia sido. E isso era o mais difícil de assumir, que os sentimentos fossem muitos. O desespero estava ganhando dele. Não sabia o que fazer para ser o mesmo Jason de antes, o esposo devotado. Era como se lentamente se desintegrasse. O que mais temia era que não restasse nada.

Porque agia com tanta insensatez? Porque era tão inconsciente?

Ele não era um homem de grandes paixões e, ainda que Ayleen fosse muito bonita, sua beleza não era comparável a de Johana. O que lhe ocorria? Porque não era desses homens que procuram uma aventura ou uma amante por prazer. Antes de tomar a determinação de se casar estivera com poucas mulheres e era todo o contrário de um libertino. Nunca se deixara dominar por sua libido, posto que seus instintos primários eram escassos no referente ao sexo. Ele preferia compartilhar com sua esposa uma relação baseada no amor em lugar de uma grande paixão. Sentia-se muito afortunado pelo que tinha. Acreditava na fidelidade e no respeito. Então, porque de repente sentia aquela urgente necessidade de vê-la, de falar com ela? Até de tocá-la. Havia algo naquela mulher, em sua ingenuidade, que lhe despertava uma necessidade de protegê-la e cuidá-la. Sabia que estava sozinha, que não tinha familiares que cuidassem dela — Johana lhe contara em algum momento. — Nem era casada, pois dedicara os últimos anos de sua vida aos cuidados ao seu pai enfermo. Vinha daí sua preocupação ou havia mais e se enganava? Apesar de Ayleen Blake não ser uma menina, e seu corpo atestar isso, sabia por seu modo de beijar que ela não tinha experiência naqueles mistérios, que era inexperiente. Em definitivo, era virgem. Nem precisava comprová-lo, tinha certeza.

De repente, um espantoso pensamento o fez fraquejar. Santo Céu, desde quando lhe importava que outra mulher que não fosse sua esposa tivesse se deitado ou não com outros homens? Ele não era responsável por ela e lhe deixara claro que o queria longe de sua vida. Ainda assim, por alguma inexplicável e angustiosa razão, não conseguia fazê-lo.

Se nesse instante a senhorita Blake tivesse uma leve ideia do que povoava sua mente, se poria a correr até Londres como alma que foge

do diabo.

— Tenho uma coisa para você; algo que lhe pertence. — declarou de repente e mais bruscamente do que pretendia. Ela não tinha culpa dos seus pensamentos indignos, próprios de homens miseráveis, mas assim era como se sentia.

Ela deve ter notado a mudança porque piscou confusa. Inclusive mordeu o lábio, aumentando o incomodo de Jason.

Então, porque não era capaz de dar meia volta e terminar com aquilo de uma vez? Desculpara-se com ela, e era a única coisa que podia fazer, mas em vez disso se empenhava em esperá-la a cada dia, durante horas no caminho, imaginando qualquer desculpa para retê-la ao seu lado. Com que fim? Onde ficava a honra da qual tanto orgulho sentia? Carecia das respostas satisfatórias.

— Para mim? — perguntou Ayleen com desconfiança.

Jason assentiu.

— Sim, ainda que o tenha na cabana. Esperava o momento certo para devolvê-lo. Espera-me? Será um momento.

— Não creio que isso seja conveniente. — opinou.

— Por favor. Por favor. — repetiu.

Ela demorou a aceitar.

— Está bem.

Capítulo 8

Jason regressou e deu um suspiro de alívio quando viu que Ayleen continuava no mesmo lugar onde a deixara. Não tinha certeza que ela cumprisse sua palavra, temendo que aproveitasse a oportunidade para ir embora.

— Meu livro. Não sabia onde o tinha perdido.

— Caiu faz alguns dias em su… humm… em sua fuga.

Jason limpou a garganta, mortificado por ter de explicar o ocorrido em seu segundo encontro. Sua intenção fora boa, só queria falar com ela, fazê-la compreender que não era um desalmado nem um patife, que aquele primeiro beijo fora fruto de uma confusão e que em algum momento as coisas se torceram. Não estava preparado para o que aconteceu depois. Segurá-la entre seus braços o transtornou, porque a beijou e, ainda que aquela vez ele começara, o beijo fora tão doce e breve como o primeiro.

— E você o pegou.

— Não podia deixá-lo no caminho. Então o guardei, porque se acaso…

Alongou o braço, entregando o livro para Ayleen o pegar, mas não o soltou, como se uma parte dele se mostrasse reticente a perder aquele objeto, em aparência sem valor. Ambos se encontraram unidos

pelo livro e seus dedos se tocaram. Jason o tinha seguro por um lado e Ayleen pelo outro.

— Lorde Jason? — Ayleen parecia confusa.

— *Norte e sul,* — leu na capa — de Elizabeth Gaskell. Parece uma novela. É boa?

Em nenhum momento Jason se atrevera a abrir o livro, como se o ato de fazê-lo significasse perder sua confiança. Isso sim, o havia segurado dezenas de vezes.

— Não posso julgá-lo antes de terminar de ler.

— Mas deve ter alguma opinião, não?

— Bem, — balbuciou — suponho que sim, mas não acredito que lhe fosse interessante. Entendo que os homens não perdem seu tempo lendo histórias que consideram próprias da sensibilidade feminina. Vocês preferem dedicar os esforços a nutrir seu intelecto e para isso escolhem livros de economia, agricultura ou tratados políticos. No entanto, se o homem tem uma sensibilidade especial, lhe é permitido aprofundar no mundo da poesia.

Jason sorriu diante daquele argumento extenso. Sim, o escutara tantas vezes, mas percebia que o intelecto não distinguia em gênero e sua própria esposa era um exemplo dele. Johana era capaz de raciocinar com uma irrefutável lógica e manipular os pressupostos da casa com uma desenvoltura invejável. Se o cargo de administrador recaísse sobre ela, estava convencido que o trabalho dela seria melhor que o seu.

Ainda que soubesse que a senhorita Blake não tinha alguma experiência a respeito dos homens e que aquela opinião devia vir influenciada por seu pai, não pode deixar de colocá-la em um pequeno aperto.

— Entende muito dos gostos masculinos?

Ela quase se engasgou e Jason viu suas suspeitas confirmadas.

— Não, eu… Isso dizia meu pai sempre que me via com um livro na mão, e não perderia o tempo em passatempos femininos.

— Deixe-me dizer-lhe, senhorita, que não sou seu pai e que ficaria encantado de dar um passeio com você enquanto me relata todos os pormenores de *Norte e Sul*.

Sua proposta não lhe assentou como esperava. Apertou os olhos e o olhou com frio desdém que lhe congelou o sangue.

— Desculpe meu atrevimento, mas preciso falar com franqueza. Qual é sua intenção?

Jason tentou, em vão, de acalmar seus temores.

— Nada de mal, lhe garanto. Só pretendo dar um agradável e inocente passeio com você. Só isso. — Resistiu a pensar nas implicações que seus atos atrairiam, mas ela os recordou.

— Então você é mais idiota do que parece. — espetou — Um homem e uma mulher não podem passear sozinhos sem supervisão. E você está casado, — remarcou com ênfase esta última palavra — com a mulher melhor e mais atenta que conheci. Deveria ter vergonha em me propor isso. Um passeio! Isso é impensável, lorde Jason. Custou-me anos retomar minha vida. Por uma vez vou ser egoísta e pensarei em mim mesma. Se isso significar afastar-me dos escândalos assim o farei. Acaso acredita que sou estúpida ou imprudente?

Jason entendeu o que queria dizer. Não arriscaria sua reputação por um passeio, não valeria a pena. Ele não valia a pena. Entristeceu-se mais do que queria admitir.

— Então é tudo. Sua última palavra? Não vai mudar de opinião?

Observou como Ayleen se exasperava e como seus olhos

adquiriam um brilho cheio de determinação.

Pareceu-lhe uma mulher bela e arrebatadora, capaz de roubar-lhe todos os sentidos. Por alguma estranha razão, no íntimo de Jason brotou um ímpeto que só com ela conhecia, uma ânsia que até as últimas semanas estivera oculta no fundo de seu ser. Sentia-se mais vivo que nunca e reagiu dominado pelos impulsos. Aproximou-se de novo a ela, segurou seu rosto entre as mãos e a beijou desejando absorver aquela parte vital que o inflamava. Não se limitou a cobrir-lhe os lábios com os seus. Desta vez se tornou mais exigente, desejava mais. Pegando-a pela cintura a levantou do chão e a apoiou contra o tronco da árvore mais próxima aproveitando seu espanto para tomar vantagem. Deslizou as mãos até a altura de seus seios e tentou capturá-los por cima do vestido.

Ayleen não lutou. Emitiu um gritinho de surpresa enquanto se apoiava em seus ombros. Nunca em sua vida experimentara uma força tão intensa e embriagadora, que a deixava sem fôlego. Prazeirosa e destrutiva ao mesmo tempo, mas que se negava a terminar. Por isso deixou Jason sem protesto aprofundar o beijo e traçar eróticos caminhos, deixando-a mareada.

Jason mal conseguia se controlar. A única coisa que pensava era em levantar-lhe a saia, mas ela era inexperiente e ele, um homem casado. Não havia nada, salvo a paixão, que lhe permitisse fazer amor com ela. Era o mais longe que poderia chegar. Por isso, ainda que com esforço, separou os lábios dos dela enquanto a segurava e inclinou sua cabeça contra a dela, absorvendo o aroma de seus cabelos.

Ambos estavam claramente aturdidos pela força avassaladora, mas Ayleen foi a primeira a se separar e falar, com uma espécie de grasnido.

— Porque insiste? — perguntou trêmula, enquanto passava a gema dos dedos nos lábios. Um gesto esclarecedor do qual não percebeu enquanto realizava um supremo esforço para conter a emoção e se concentrar no importante. Nesse momento não queria pensar nas sensações que o beijo lhe provocara. Teria tempo para arrepender-se depois. — Porque não pode me deixar em paz e atender o que lhe peço? Estou lhe dando a oportunidade de nos despedirmos em paz e você não aproveita. Continua com insinuações e propostas sem sentido. Para não dizer o que acaba de ocorrer! Porque o faz?

Jason piscou várias vezes enquanto tentava encontrar sua sanidade. Aquela pergunta se fazia a cada dia. Punha limites a si mesmo que não conseguia respeitar e ainda assim, a força da paixão caía sobre ele com todo seu peso.

— Acredito, senhorita Blake, que é meu turno de ser sincero, admitindo sem rodeios que estou tão confuso quanto você. — Observou-a erguer o olhar e enrubescer. Estava tão encantadora que voltou a sentir desejos de beijá-la, abalando assim, sua determinação. Ayleen tinha razão. As coisas não podiam continuar da mesma forma e beijá-la cada vez que se encontravam a sós, pela necessidade imperiosa precisava ter um fim. — Meu comportamento destas últimas semanas apenas se aproxima do Jason Morton que todos conhecem. Mas não a afligirei com meus males, nem a incomodarei mais com minha indesejável presença. Você ganha. De agora em adiante só nos veremos quando for necessário, suponho que em algum jantar ou festa. Espero e desejo que tudo lhe corra bem na vida. Adeus.

Jason não conseguiu continuar nem mais um instante em sua presença. Mesmo sabendo que seria o melhor para ambos, aquela despedida doía o inimaginável, como se lhe cravassem um punhal no

peito. Saiu sem olhar para trás, sentindo-se submerso e vulnerável. Tudo por uma mulher que mal conhecia. Pegou o cavalo que o levara até a cabana e cavalgou velozmente entre as terras de seu irmão, sem rumo fixo, como se quisesse tirar de cima aquela sensação de desamparo que o invadia. Estava tendo sentimentos que não deveria ter por Ayleen Blake e era muito difícil desfazer-se deles. Repetiu-se umas mil vezes que naquela situação o mais sábio seria pôr distância entre ambos e não se deixar vencer pela tentação. Sua vida voltaria à normalidade e o que acontecera entre eles ficaria como um segredo. Fora um incidente isolado em um momento de vulnerabilidade, nada mais. Ou três, mas o resultado continuava sendo o mesmo: traíra sua esposa.

Deus! Daria o que fosse para que aqueles pensamentos impuros desaparecessem de sua mente; porque Johana fora a luz que iluminara seu coração.

— Está bem, lorde Jason?

Levantou o rosto e percebeu que estava em frente aos estábulos. A inércia o levara até ali. Olhou para o rapaz de quadra que lhe formulara a pergunta durante um instante, sem vê-lo. Assentiu.

Depois disso, e com desgosto, regressou a sua casa mesmo sendo cedo. Não estava com ânimo para voltar a se encerrar em seu escritório ou para atender visitas em Carmine's Place. Johana deveria estar em alguma de suas diversas atividades, assim nem perguntou por ela. Só informou a ama de chaves que se retirava aos seus aposentos e que não o aborrecessem. Não deu oportunidade de resposta a mulher. Em grandes passadas subiu até seu quarto e começou a tirar o casaco, a gravata de seda, o colete e as botas, ficando só com as calças e a camisa branca. Esticou-se sobre a cama e

tentou se relaxar. Não passou nem um minuto quando notou chamar a porta e menos ainda quando Johana entrou no quarto. Sentou-se ao seu lado e lhe acariciou o braço com uma suavidade muito característica nela.

— Jason, querido, eu o vi passar pelo vestíbulo como o vento. Você está bem? Está doente?

Ele sentiu uma terrível amolação por se ver importunado daquela forma. Queria paz e tranquilidade. Sua esposa não compreendia? Mas no mesmo instante se arrependeu por pensar assim. Seu comportamento vinha sendo mais errático que o habitual e ela não tinha culpa de achá-lo estranho.

— Estou tentando me desfazer de uma maldita dor de cabeça. — disse mais cortante do que costumava.

— Posso chamar o doutor…

— Não! — Sua brusca reação a pegou desprevenida e a viu dar um leve salto. Sua relação sempre fora harmoniosa e poucas vezes subia o tom e nunca com ela. Por isso a surpreendeu tanto. Então, Jason percebeu que com sua reação só conseguiria aumentar sua preocupação. — Sinto, não é necessário chamá-lo.

— Eu…

Culpado como nunca, cobriu uma mão com a sua e a olhou aos olhos. Não era sua intenção deixá-la mal. Ela vinha sendo a vítima daquele endiabrado comportamento e não deveria descarregar a raiva sobre ela.

— Estarei bem para o jantar. Prometo.

Jason esperava que fosse uma promessa que pudesse cumprir, assim como os votos matrimoniais. Ele se comprometera a fazê-la feliz, a querê-la, a construir uma vida, juntos, mas só em pensar na outra já

os estava rompendo. Sentiu-se mais vil e miserável que nunca. Johana era uma mulher extraordinária e não merecia aquilo. Ele era um cavalheiro. Seu pai fora um homem inatacável e seu irmão também. Eram homens de bem que sempre faziam o correto; e o correto seria desterrar Ayleen de seus pensamentos. Para sempre.

Jurou por sua honra que pensava cumprir a promessa.

***

Ashton se serviu um copo de licor e passou a mão pelos cabelos em um gesto indicativo de cansaço. Como sempre naquelas horas, a biblioteca lhe parecia enorme e solitária. Era um sentimento que o assaltava com frequência e para o qual não tinha explicação. O fogo ardia na lareira e o silêncio inundava cada canto da enorme sala. O exterior, repleto de serventes que pululavam pelos corredores, parecia alheio a eles. Tinha um grande poder de abstração.

Sentia como se lhe faltasse algo, uma culminação que nunca chegava. E isso que tinha muito na vida. Qualquer um venderia sua alma para estar em sua posição: contava com um dos títulos mais antigos e respeitados do reino, tinha em suas mãos um legado que passava de milhões de libras, uma família a qual amava e que lhe correspondia, uma reputação inatacável... Então, porque no fundo de seu ser notava um grande vazio? Certos amigos, como seu irmão, insinuavam que era hora de procurar uma esposa e, ainda que não acreditasse ser necessário, se perguntou, não pela primeira vez, se não seria o momento, a solução.

Deixou de prestar atenção a seus pensamentos diante da repentina batida à porta.

— Entre.

Sua cunhada, tão perfeita como sempre, se apresentou. Era a combinação perfeita entre beleza, bom gosto e saber fazer.

— Aborrecido?

— Em absoluto.

A essas horas da tarde estava fresca e serena. Mesmo com todo o trabalho, o sorriso não lhe saia do rosto. Sempre tinha uma palavra amável ou um gesto de carinho para todos.

A preparação da festa da primavera, um acontecimento que se comemorava a cada ano desde que seu pai adquirira o título, e ao qual assistia gente proeminente de todo o condado, não havia minguado um ápice sua beleza. A essa altura do dia já deveria apresentar um aspecto cansado, mas parecia que nada a alterava. Ashton deveria sentir vergonha por encarregá-la da preparação da festa, sobretudo porque cada uma das pessoas que sabiam da existência da tal festa se mataria para receber um convite. No entanto, reconhecia precisar de vontade e do entusiasmo necessário para levar a bom termo um evento assim. Além do que ninguém controlava com mais desenvoltura os serventes do que Johana. Aceitava o excesso de trabalho sem piscar e manipulava as crises com aprumo e integridade. Era uma dama completa.

Aproximou-se para plantar-lhe um beijo fraternal no rosto.

— Permita que me sente, estou esgotada. — procurou a confortável suavidade de uma poltrona forrada em tons avermelhados.

— Pois disfarça muito bem; parece a vitalidade personificada. — Ela esboçou algo semelhante a um sorriso e não respondeu. — Já sabe que se precisar mais ajuda só tem que pedir.

— Eu sei. Às vezes parece que quero complicar a vida. Não sei o que desejo demonstrar.

Ashton se surpreendeu ao saber que pensava assim. Acaso não era consciente de como fazia tudo bem? Ninguém a reprovaria em nada. Johana era uma mulher admirável em todos os sentidos. Se sua opinião valesse algo para confirmá-la, sem pensar, diria que ela era a classe de mulher pela qual um homem desafiaria o mundo; justo a classe que ele escolheria para compartilhar sua vida: linda, contida, afável, consciente de seu papel nesta vida, respeitosa e fiel. Qualquer outro tipo de mulher ocasionava muitos quebra cabeças a um homem. Pensava se haveria alguma parecida a ela no mercado matrimonial.

— É muito dura consigo mesma. — replicou — Não se exija tanto. Recordo-lhe o êxito absoluto do ano passado.

— Por isso mesmo que me preocupo. — Enrugou o cenho, o qual a deixou mais adorável. — As expectativas estarão mais elevadas. É um desafio tentar superar semelhante êxito.

— Expectativas? — bufou com algo parecido ao desprezo. — Se ficar limitada a colocar uma mesa com talheres, umas tantas cadeiras no jardim e tudo harmonizado com um pouco de música, o efeito será o mesmo.

Johana o olhou incrédula. Seu cunhado parecia acreditar seriamente naquilo.

— Não percebe que alguns dos pares mais ilustres do reino…

— Eu, — matizou — sou o par mais ilustre. — A pomposidade de tal afirmação ficava atenuada pela ausência total de soberba. — Sou duque e amigo pessoal de nossa soberana. Não importa se não sair perfeito, as pessoas continuarão querendo assistir.

— Não queria decepcioná-los. — Referia-me aos membros da família Morton.

— Nunca o faria, — apertou-lhe a mão em sinal de respeito —

assim, não quero que se aflija mais por este assunto. Culparei esta absurda conversa aos naturais nervos. — mas como não estava isento de sabedoria tentou tranquilizá-la — No entanto, me informaram que nas cavalariças está tudo controlado. O material que necessitava para a decoração do salão de baile também chegou faz pouco mais de uma hora e todos estão prontos para receber suas ordens.

— É um alívio. — Seus olhos pareceram brilhar de alegria. — Por sorte, na cozinha tudo vai como seda. Só falta chegarem as verduras antes de cair a noite. — Suspirou com prazer. — Adoro a senhora Potts. Leva a cozinha com mão de ferro, mas suas ideias e sua arte são maravilhosos.

— Acreditava que você tivesse confeccionado o menu que me mostrou.

— Claro que não. — Riu do absurdo da ideia. — Sua cozinheira tem um conceito revolucionário da cozinha. No ano passado, sendo recente a sua nomeação, me deu umas ideias das mais originais e deliciosas, então este ano recorri diretamente a ela. — Voltou a rir. — Para minha surpresa, já tinha o menu pronto; só tivemos que dar alguns retoques. Passou-me faz umas horas e posso assegurar que é uma mestra do controle e que amanhã todos lamberemos os dedos.

— Espero que não! — exclamou com horror. Só de imaginar os comensais fazendo um gesto tão vulgar me dá calafrios. — Mas confio em seu julgamento.

— Alegro-me de ouvi-lo dizer isso, já que assim aproveitarei para comentar um, pequeno, detalhe.

Em outra mulher teria suspeitado imediatamente. Aprendera que quando uma mulher mencionava pequenos, detalhes, não o seriam pequenos em absoluto. Por sorte, Johana não era como todas as

outras.

— Adiante.

— Devido a uma possibilidade, nada remota, de que chova nesse dia, me permiti abrir o salão dourado. — Não disse nada mais e esperou a reação de Ashton.

— Mas se é enorme. — objetou — Só seria necessário se... — Parou, compreendendo. Johana talvez fosse mais parecida ao resto do gênero feminino do que ele acreditava. — Por curiosidade, quantos convidados confirmaram seu comparecimento?

— Quinhentos e setenta e cinco. — revelou com uma lentidão deliberada para que seu cunhado tivesse tempo de digerir a informação.

— Mas o que fez, mulher? — Olhou-a incrédulo — É o dobro do ano passado.

Carmine's Place contava com três grandes salões na parte posterior da casa. Cada um deles tinha diferentes dimensões para acoplar-se ao evento mais idôneo. Com aquele elevado número de pessoas andando pela mansão seria de máxima prioridade ter os três preparados. Entendia a chuva como uma desculpa. Não estranhava que se sentisse frenética.

— Não tanto, mas quase. — replicou ela sem se alterar o mínimo. — No entanto, era imprescindível aumentar o número. Não imagina quantas pessoas não foram convidadas no ano passado e os falatórios que provocaram.

— Não têm outra coisa a fazer. — Não suportava as fofocas. — Mas lhe disse que não me importava.

— Mas a mim, sim. — interrompeu com doçura — Como anfitriã detesto estar na boca de todos exceto quando o motivo seja para

elogiar meu esforço.

Ashton esteve a um tris de dizer-lhe que seria impossível contentar a todos. Entendia o peso que levava nos ombros. Em outras circunstâncias seria um trabalho que recairia em sua esposa, mas como a cunhada era generosa, continuava fazendo seu nome ressoar com maior orgulho do que já tinha. Portanto, se deixá-la contente supunha convidar uma multidão, faria isso. O afeto que sentia por Johana não era só por ser a esposa de seu irmão, mas por ela mesma. Era trabalho de Jason fazer tudo o mais.

— Bem, já que me informou no último minuto, será impossível impedir a avalancha que presenças. Espero que se ajuste as expectativas que tem. — levantou-se e ela o imitou. — Já sabe que se necessitar qualquer coisa só tem que pedir.

Era uma despedida e Johana o entendeu como tal. Aceitou o beijo no dorso da mão e o deixou só, uma vez mais.

Capítulo 9

Enquanto Glinnis, sua donzela pessoal, dava os últimos retoques ao penteado, Johana sentia que os nervos a abandonavam.

Quando se casou com Jason pensou que tantos anos em escolas de senhoritas não serviriam para nada. Fora educada para ser digna esposa, mãe exemplar e perfeita anfitriã, mas como segundo filho, Jason não tinha a obrigação de celebrar as festas nem fazê-la se destacar na alta sociedade. Ainda que o tivesse assumido, para ela foi uma benção que seu cunhado não estivesse casado e necessitasse de seus muitos talentos. Gostava que tudo ficasse perfeito; não pelos elogios, mas por ela mesma. Exigia muito de si mesma, mais que dos outros, mas os resultados eram bons.

De certa forma, seu cunhado e ela se pareciam bastante. Ashton era muito mais distante, praticamente inalcançável para a maioria dos mortais, mas suas características se acoplavam com naturalidade. Em alguma ocasião se perguntava o que teria ocorrido se fosse o primogênito quem pedisse sua mão. Reconhecia que fisicamente fariam um excelente casal e que, com toda probabilidade, nunca brigariam ou elevariam a voz. Cada um saberia o papel que representava em seu matrimônio e na sociedade inglesa ao mesmo tempo que gozariam de uma enorme popularidade sem pretendê-la.

Teriam um matrimônio cordial, amável e tolerante, enquanto seus filhos seriam um modelo de decoro. No entanto, não se amariam. Sabia que Ashton a queria a sua maneira. Ela lhe correspondia em seu afeto, mas não iria além de uma bonita relação entre cunhados. Para ela, o único homem em seu coração era Jason. Era quem costumava fazê-la rir e conseguia que não levasse a vida tão a sério.

— Já está pronto, lady Johana.

A donzela fechou um passador azul com brilhantes.

— Obrigada, Glinnis.

Tocou um cacho que caía descuidado. Justamente nesse instante, a porta de comunicação dos aposentos se abriu para dar caminho ao seu esposo.

A donzela desapareceu em silêncio.

Nessa noite estavam em Carmine's Place. Por razões de comodidade decidiram passar a noite na casa grande, assim Johana poderia controlar tudo até o último minuto e, uma vez finalizada a festa, só teria de subir as escadas.

— Boa noite, querida. — Jason se aproximou e a beijou na fronte. — Como sempre, está bonita.

O vestido, confeccionado com brocado de ouro e babados na saia, fazia destacar sua palidez natural e lhe dava um aspecto majestoso, e encantador.

— Você também está. — concedeu admirando-o.

— Bonito? — Ergueu as sobrancelhas com fingida ofensa.

— Não, tolo. Já sabe a que me refiro. — Devolveu-lhe o beijo no rosto com um suave contato. — Está pronto? — Seu esposo assentiu e lhe ofereceu o braço. — Fazemos um bonito casal. — disse Johana pegando-se a ele com a mão direita enquanto com a esquerda afastava

a mecha de cabelos rebeldes que lhe caía pela fronte.

— Claro. — está conforme. — O dourado de seu vestido realça o negro do meu traje.

— O seu faz ressaltar o meu. — contra atacou com malícia.

— Vamos deixar no empate.

Desceram as escadas conversando animados. No patamar do vestíbulo, Ashton já os esperava. Estava relaxado, sem preocupação aparente pela quantidade de pessoas que estava para chegar. Johana sabia que se tratava só de aparência, já que os bailes eram o que ele denominava "um mal necessário". Neste tipo de acontecimentos, Ashton tinha de praticar todas suas habilidades para evitar as mães casamenteiras, as possíveis disputas habituais entre convidados e os escândalos. Sabia que agradecia sua presença e ajuda, já que Jason não servia devido ao seu humor sincero. Não que seu cunhado Ashton e ela não o fossem, mas no mundinho da aristocracia e das relações sociais se requeria certo grau de fingimento que, em seu esposo, brilhava por sua ausência.

Nessa noite, os irmãos Morton decidiram se vestir de negro. Seus trajes eram muito parecidos no estilo, pois era o mesmo alfaiate que os vestia. As pequenas diferenças se notavam no nó do lenço e na cor dos coletes. No entanto, o efeito que Jason produzia não era o mesmo que o seu irmão conseguia. Johana amava seu marido e o considerava elegante, mas era indiscutível que o duque de Redwolf tinha uma elegância muito mais espetacular. Ashton era um pouco mais alto e possuía as costas mais largas. Seus cabelos dourados continuavam a fascinar qualquer mulher, jovem ou entrada em anos. Os olhos verde claros, eram idênticos aos que via cada dia ao se levantar. Eram um aspecto característico e na família todos os membros os possuíam.

Sua pose seria e magra também ajudava a dar-lhe aquele ar régio e intimidante que o fazia parecer inalcançável e misterioso; uma qualidade que as mulheres adoravam.

Não evitou sorrir ao pensar na quantidade delas que estavam para chegar. Algumas, as mais ousadas, revoariam ao seu redor com a esperança de conseguir que ele lhes dirigisse a palavra; outras agitariam seus cílios e leques para tentar conseguir uma dança. Só as mais tímidas se limitariam a adorá-lo de longe e em silêncio; isso se as mães intrometidas não as arrastassem e as humilhassem para apresentá-las.

Johana sentia curiosidade para saber que tipo de mulher conseguiria prendê-lo. Sem dúvida, uma com suficiente determinação e intuição para saber acender o homem oculto atrás da montanha de títulos e responsabilidades.

— Não consigo deixar de suspeitar do sorriso de sua mulher. — comentou Ashton a Jason. — Parece ser possuidora de um segredo interessante e divertido, mas duvido que nos explique.

— Não se agonie, irmão, — retrucou jovial — às vezes é melhor se manter à margem de tais pensamentos. Se os homens soubessem a metade deles fugiriam em direções opostas.

— Nesse caso, não o farei. — Então beijou sua mão enluvada. — Perfeita, como sempre. — disse, antes de desviar a vista para a porta principal. — Creio que já ouço as rodas de uma carruagem, então vamos dar as boas vindas aos convidados, não podemos dar uma má impressão.

Johana olhou de lado ao seu marido e correspondeu ao sorriso que ele esboçava; colocou-se em posição e aguardou junto a eles a entrada dos convidados.

***

A festa era imensa. Ayleen nunca vira um baile com tal aglomeração de pessoas. Não que tivesse participado de muitos. Para dizer a verdade, em nenhum. O máximo que presenciara eram as *soirées* as quais assistiam seus pais, — e valia dizer que de longe — e alguma festa campestre. Mas isto... era impressionante.

Três salões enormes que se comunicavam repletos de gente de distintas procedências que comia, bailava e conversava. Os três estavam decorados com um gosto requintado. Havia flores de todo tipo espalhadas em lugares estratégicos e as cortinas tinham tons na cor verde, vermelha e amarela, tão características da primavera. O salão do meio estava destinado ao baile, onde um quarteto emendava uma peça atrás da outra. Ao fundo se encontrava o menor, destinado as mesas tipo buffet repletas de comidas variadas e bebidas para os sedentos. Onde ela estava se concentrava um grande número de convidados, que se saudavam ou se limitavam a tagarelar em voz baixa sobre os que estavam a sua volta.

Abanou-se em busca de um pouco de ar, pois não estava acostumada a tais multidões. Não era culpa de ninguém, porque todas as portas que levavam aos jardins permaneciam abertas e com as cortinas suaves e ondulantes movendo-se ao compasso do ar fresco que soprava por elas, mas parecia não ser suficiente para evitar o calor. Olhou de novo ao teto para admirar os frescos que representavam, com muito acerto, as quatro estações. Se não o fizesse notar uma dama cujo nome já não recordava, talvez o tivesse passado por alto. Na realidade, todo o recinto era muito lindo, elegante e sóbrio. Carmine's Place dava a sensação de luxo e riqueza sem chegar a parecer ostensivo. Parecia difícil acreditar que estivesse ali. Ainda

recordava como ficara surpresa quando recebera o convite. Mais tarde, a mesma Henrietta lhe explicou como era especial aquela festa, já que reunia ao mais alto grau da alta sociedade junto a pequena burguesia que não possuía título.

— Mas eu não pertenço nem a um nem ao outro — disse.

— Talvez não, mas esfrega os ombros com a cunhada do Duque. É uma honra que muitas matariam para possuir.

Assim, estava ali, vestida com um elegante e discreto traje de noite em cor marfim com um decote baixo ao qual não estava acostumada e pontinhas de renda que mandara a modista de Henrietta fazer. O cetim da saia era fresco e leve, assim como as sapatilhas de baile, um luxo que nunca se permitira porque não pudera aproveitar.

— Oh, oh! — cantou Henrietta ao seu lado. — Olhe quem está aqui.

Nessa noite tinha ido com os Haggens quando, em uma demonstração de generosidade, se ofereceram a levá-la em sua carruagem. Nesse momento permaneciam em um canto do salão enquanto conversavam com um casal de amigos. Quando olhou na direção que lhe indicava divisou o senhor Been. Brilhava muito elegante com seu traje acetinado, mas Ayleen duvidava que isso o ajudasse a parecer agradável. Não queria pensar mal dele, mas com sua última visita tivera o suficiente.

— Com quem fala? — O interesse que sentia por ele era mínimo, mas se achava na obrigação de perguntar.

— Ah! — sorriu. — Ciumenta?

Ayleen sentiu que ficava branca como papel devido ao horror. Em absoluto queria dar semelhante impressão.

— Querida, — o juiz saiu em sua defesa. — está deduzindo muito por uma simples pergunta e está deixando a senhorita Blake constrangida.

— Bah! — descartou o comentário de seu marido com um gesto da mão. — Certeza que Ayleen não se sentiu mortificada. E já imagino que não lhe interessa. — Com esse comentário demonstrou ser mais perceptiva do que imaginava. — Mas levá-lo em conta suporia deixar de pensar no dinheiro.

Ayleen não acreditava naquilo. Era certo que talvez gozasse de uma estabilidade econômica muito por cima da que tinha agora, mas estava segura que aquele homem passaria falando do dinheiro que ganhava e que lhe deviam, a cada oportunidade que se apresentasse. De qualquer forma, se alegrava que estivesse conversando com outra mulher. Não queria ter de aguentá-lo. Ainda assim, a sorte não estava ao seu lado. O comodoro Clarewood apareceu do nada com a solene intenção de garantir uma dança com ela. Contrariada anotou seu nome no cartão de baile que acreditava ficaria vazio. Pouco depois apareceu a mãe dele e Ayleen se alegrou em vê-la recuperada.

Uma a uma, as damas do chá foram se juntando ao pequeno grupo. O comodoro não viu nada de mais em desfraldar seus encantos diante daquele público, mas a mortificava era que centrava todas suas atenções nela, como se as outras não existissem. Era um completo e absoluto mal educado. Quando acreditava que a situação não poderia piorar, Henrietta se encarregou de desiludi-la.

— Lorde Jason Morton e lady Johana estão vindo para cá.

O coração deu um salto sem que pudesse evitar. Saudara-o na entrada no momento da chegada, quando fazia quase um mês que não o via. Ayleen se sentiu orgulhosa de parecer serena e indiferente

quando, durante aquele tempo, seus pensamentos iam para ele frequentemente. Estava mal, sabia, mas apenas podia controlá-lo. Recordava como teimava em que ele esquecesse o que acontecera entre eles, mas Ayleen se vira incapaz de seguir seu próprio conselho. A cena do primeiro beijo se sucedia no momento mais inoportuno e sem motivo algum. Continuar contando com a companhia de Johana não ajudava. Ela era uma constante recordação de seu passo em falso mas, longe de fazer com que sua convicção de esquecer fosse mais forte, aumentava um desejo que não se atrevia a classificar por temor a ver naquilo algo do que tivesse que se envergonhar.

Quando se aproximaram, se mostrou mais fria que o habitual para não evidenciar como se sentia nervosa. Podia admitir que vê-los de novo como casal não lhe era indiferente, mas se negava a analisar aquele mal estar. Ambos pareciam contentes e relaxados. Além de notar que Johana desfrutava ser a anfitriã.

Quando sentiu o penetrante olhar de Jason afastou a vista temerosa do que pudesse ler em seus olhos e se apressou a falar.

— A festa está maravilhosa. — a felicitou.

— Obrigada. — Johana ficou satisfeita com o cumprimento. — Espero que cada um de vocês, — olhou a todos os presentes — desfrutem do entretenimento que lhes preparamos.

— O certo, querida, — interveio a senhora Haggens — é que tem uma habilidade especial para organizar este tipo de eventos. Tudo o que toca se converte em um êxito completo.

Todos sorriram diante da sua veêmencia no instante em que o senhor Been fez seu aparecimento.

Ayleen suspirou intranquila e pensou que naquela noite não teria sorte. E teve razão ao pensar, já que ele se apressou a pedir-lhe uma

dança. Não gostou nada ser o segundo, e não teve reparos nem vergonha em manifestar-se. Enquanto estava anotando seu nome, no carnê de baile, sentia as bochechas coloridas. Não estava acostumada a ser o centro das atenções e amaldiçoou, não pela primeira vez, a repentina fixação por ela que havia se apoderado daqueles homens.

Pouco depois, ambos os cavalheiros se envolveram em uma estúpida discussão sobre quais danças eram mais elegantes, e Ayleen não pode deixar de sentir vergonha pelas atitudes alheias. A senhora Clarewood se afastou e as jovens Smith se apressaram para a pista de baile enquanto sua mãe as vigiava com atenção. Por sua parte, Lady Strimble não deixava de tagarelar em voz não muito baixa acerca da estupidez masculina e o juiz Haggens olhava com desejo mal disfarçado a sala mais afastada onde se jogavam algumas partidas de baralhos.

Jason não abrira a boca a não ser para trocar saudações, mas considerava opressiva a atitude daqueles dois bufões, que pareciam competir pelas atenções de Ayleen, deixando tristemente esquecida a senhorita Juliet Been. Fazendo honra a sua promessa, ignorara Ayleen com deliberação tentando não deixá-la em apuro. Usara também todo seu empenho em esquecê-la. Na ocasião ela se limitou a ignorá-lo e, mesmo sabendo que poderia passar, era doloroso. Não teria porque, mas era assim. Com pesar, não conseguira eliminá-la de sua mente. Também não gostava de pensar nos sentimentos que lhe provocavam saber que aqueles vegetais competiam pelas atenções de Ayleen. E não era tanto por quem eram. A essas alturas duvidava que gostasse de qualquer homem que se interessasse por ela. Era um pensamento aterrador.

Para dourar a pílula, o senhor Plumbert, elegante e nervoso, se

aproximou.

— Boa noite a todos.

Pelo menos tinha a decência e a boa educação de saudar os presentes e não se fixar só em Ayleen.

Johana tomou a palavra.

— Alegra-me ver você, senhor Plumbert.

Ele fez uma brusca reverência quando não havia necessidade.

— He-he vim pedir uma dança... a senhorita Blake.

— Terá que esperar. — respondeu o comodoro altivo. — Reservei a primeira.

Parecia que o pobre não tivesse pensado naquela possibilidade e se espantou.

— No entanto, — Henrietta o salvou de um momento incômodo que o pobre homem não sabia como arrumar. — a senhorita Blake aceitará com gosto o convite e lhe reservará a... — pensou — terceira. Não é assim, querida? — se dirigiu a ela.

— Claro.

Jason, incapaz de aguentar um minuto mais, consciente que Johana abandonaria o grupo em breve e que pedir uma dança a Ayleen por iniciativa própria ficava descartado, fez a única coisa que lhe ocorreu.

— Enquanto espera seu turno, a senhorita Been estaria encantada de dançar. — Esperava que entendesse a indireta.

Claro que a entendeu, porque avermelhou-se no instante e se ofereceu como par.

O comodoro Clarewood reclamou sua tão desejada dança e o senhor Been se afastou resmungando.

— Juro que não entendo a que vem tais espalhafatos para

conseguir atrair a atenção dessa jovem. — Lady Strimble fez um biquinho desagradável com sua boca de pinhão. — Não é nada do outro mundo.

Você tampouco o era e conseguiu prender um visconde.

Jason teve que usar todo seu empenho para não responder-lhe como merecia. Às vezes, não sabia porque Johana considerava aquela mulher sua amiga. Ele se limitaria a cumprimentá-la bruscamente e a esquecer que a encontrara. Essa era uma das grandes diferenças entre ele e sua esposa.

Como sabia que defender Ayleen não seria o mais indicado esperou que alguém pusesse a mulher em seu lugar.

— Por sorte para ela, Augusta, — Henrietta, bendita fora sua nobre alma, saiu em seu auxílio — há homens que sabem apreciar uma joia quando a tem diante de si.

Que a tratasse por seu nome de batismo em público, longe de enfatizar sua relação, pretendia ofendê-la. Henrietta não se encolhia diante de ninguém.

A viscondessa enrugou a fronte, já naturalmente cheia de sulcos, e saiu alegando ter visto uma conhecida.

Johana fez o mesmo. Como anfitriã não podia mostrar preferências por um grupo determinado. Seria visto como uma ofensa.

Jason a viu se afastar com uma sensação de mau humor. Não ajudou o suspiro com matiz romântico que lançou a senhora Haggens.

— Formam um bonito casal…

— Quem? — Por um momento ficou desorientado.

— A senhorita Blake e o comodoro Clarewood, claro.

— Não sei se estou de acordo. — Atreveu-se a dizer a senhora Smith, que não suportava que outras mulheres eclipsassem suas

filhas, ainda que de forma involuntária.

— É um homem muito elegante. — replicou a senhora Haggens como se esse fato fosse condição obrigatória. — Além de ser um bom homem e adorar sua mãe.

— Não sou o mais indicado para falar sobre seu aspecto, — ainda que em seu íntimo pensasse que era muito atraente para seu próprio bem. — mas talvez a senhorita Blake considere estas opções muito insignificantes para ser um candidato idôneo. Não esqueçamos que é pretensioso e tem uma imaginação febril.

— Fala por sua tendência a exagerar? — perguntou o juiz.

— Por isso e tantas outras coisas. — Não queria dizer nada mais. Talvez se excedia em suas críticas e só ele sabia o motivo oculto.

— Bem, — Rose Smith interveio — não é perfeito, mas quem é?

— Tem razão, senhora Smith. — concordou Henrietta; e se dirigiu a ele. — Está sendo muito duro. — reprovou com aspereza.

— Talvez. — concedeu, olhando para a galeria. Em seu íntimo não acreditava estar tão desencaminhado. — Só queria deixar claro que o homem também tem defeitos. Não é tão perfeito como o pintam.

— Todos somos conscientes disso. — concordou a senhora Haggens. — A verdadeira questão é se a senhorita Blake poderá suportá-los. Bem, a ele e aos outros dois. — Sorriu com malícia. — Não lhes parece divertido que os três cavalheiros que convidei a minha festa como possíveis candidatos se apaixonaram por ela?

— Não acredito que acontece isso. — replicou indignada Rose Smith — Só se trata de interesse fugaz pelo aparecimento de um novo rosto enquanto tentam ver o que pode acontecer.

Jason a aplaudiu mentalmente. Por fim alguém sensato; ainda que viesse das mãos dessa mulher.

— O que mais seria motivo para esse impulso? O importante é que esses três disputam suas atenções. — Abaixou a voz em sinal de conspiração. — E lhes asseguro que não se deterão diante de nada.

Jason se sentia aborrecido com as conversas. Parecia mais um jogo no qual só o melhor, mais inteligente e rápido, levaria o prêmio para casa.

— Ao meu parecer, — o juiz limpou a garganta — como isso tem jeito de competição, os candidatos ao afeto da senhorita Blake poderiam melhorar. E agora, se me desculpam, — parecia ter dito tudo — tenho que atender alguns assuntos. — deu um beijo no dorso da mão de sua esposa, inclinou a cabeça e desapareceu entre a multidão.

— Um homem de poucas palavras, — murmurou sua esposa — ainda que eu não esteja de acordo. São cavalheiros muito válidos. — Fez uma minúscula pausa. — Não acreditam?

Os três que ficaram, puderam ver a finalização da música que estava tocando e como o senhor Been nem esperou o comodoro tirar seu par da pista de baile antes de reclamar a sua vez. Era evidente o antagonismo que se criara entre aqueles dois homens, mas seus enfrentamentos, disfarçados ou não, afetavam Ayleen.

— É vergonhoso vê-los agir como moleques. — declarou asperamente a senhora Smith.

— Eu, em troca, creio que são o mais divertido que aconteceu em muito tempo em Greenville e seus arredores. Esses três vão dar muita diversão ainda, e tenho receio do que será da tranquilidade mental dessa jovem.

Jason deu uma olhada de novo para a pista enquanto pensava nas palavras que Henrietta acabava de pronunciar. Era indiscutível que os três disputavam as atenções de Ayleen. O fato, somado ao que

sentia ele mesmo e os loucos impulsos que se via na obrigação de refrear, lhe faziam pensar que Ayleen se metera em cheio na boca do lobo.

Capítulo 10

Ayleen notou algumas pontadas aborrecidas nos pés e um leve enjoo devido ao interesse asfixiante que lhe dispensavam aqueles três cavalheiros e seus contínuos pedidos para dançar. Excetuando o senhor Plumbert, o comodoro e o senhor Been pareciam competir, de uma forma pouco decorosa, para conseguir sua total atenção. Deixou de aproveitar e não conseguiu evitar se deprimir, ao pensar. Em algum momento, durante o transcurso da noite, ouvira comentários maliciosos a respeito do assédio, ao qual estava sendo submetida, e foi se irritando por momentos. Só esteve a ponto de perder o controle quando ouviu o apelido pesado com o qual batizaram aqueles três.

As três joias da coroa.

Irritava-se só em pensar. Não era por eles. Sua reputação e as provocações dirigidas para aqueles "almofadinhas" lhe chegavam sem cuidado, mas tudo o que faziam repercutia nela e não queria que seu nome fosse sinônimo de zombaria. Em outras circunstâncias e se a prejudicada não fosse ela própria, Ayleen acharia a situação, no mínimo, engraçada. E o apelido estava correto. Suspeitava que a autora dele fosse a senhora Haggens, assim, resolveu perguntar-lhe quando tivesse oportunidade; e não animá-la a inventar mais apelidos.

Pouco depois teve a oportunidade, quando a mulher se

aproximou para repreendê-los. Segundo ela estavam dando o que falar e seu comportamento infantil estava se tornando intolerável. Só o senhor Plumbert se mostrou envergonhado e desapareceu entre a multidão. Ayleen não sentiu falta. Desejava que os outros dois mostrassem o mesmo senso comum.

— Trouxe-lhe outro pratinho com deliciosos bocados.

Nesse momento, sua única companhia era o senhor Been, que se empenhava em querer forçá-la a comer a todo instante. Com aquilo de que se continuasse diante do coração de uma dama com o estômago cheio... Além de, no transcurso dos últimos quinze minutos lhe explicar como convertera uma velha e abandonada fábrica do norte em um próspero e lucrativo negócio. Sua conversa constante a estava enlouquecendo, assim como estava exausta de andar pelo perímetro do salão de braço com o comodoro enquanto tinha a impressionante sensação de ser exibida em um leilão.

Gostaria de não estar submetida a pressão de que precisava ser aceita por aquelas pessoas; e que não precisasse medir cada uma de suas palavras para evitar desagradar aqueles homens tão aborrecidos. Mas como membros proeminentes da comunidade tinha que tolerá-los e conseguir não ofendê-los. Seria bonito poder se comportar como uma jovem qualquer descuidada, tal como faziam as irmãs Smith. Em lugar disso se via assediada, conseguindo que as únicas possibilidades de dançar fossem com eles ou com o anfitrião.

Enquanto isso, saíra de uma peça, quando o duque de Redwolf em pessoa se aproximara para perguntar-lhe se teria a amabilidade de conceder-lhe uma dança. Com as palavras educadas que pronunciou, o tom que conferiu a sua pergunta fora clara: uma ordem, em toda regra. Ninguém se atreveria a negar ao anfitrião uma dança, e menos,

a um homem como aquele.

Não gostara da experiência. Ashton Morton se mostrara inquisitivo em suas perguntas, às vezes condescendente e não sorrira nem uma só vez. Sentira-se observada, analisada e, por alguma razão, sentiu-se sentenciada; e não de forma positiva. Talvez fosse um tanto exagerada em suas conclusões e visse em uma dança mais do que havia, mas um sexto sentido a advertia sobre homens como ele: aqueles que formavam sua própria opinião sem se importarem se estavam ou não equivocados e que julgavam aos demais pela primeira impressão.

Inclusive agora não podia evitar compará-lo com seu irmão mais novo apesar de saber que não deveria fazê-lo, por várias razões. Ela, também, não teria que se deixar levar pela primeira impressão nem pensar em Jason Morton, mas como se acabasse de evitá-lo, ele e sua esposa, junto com um homem que lhe era desconhecido, se dirigiam para ela.

O senhor Been, ao divisá-los, fechou a cara e se aproximou mais, como se quisesse protegê-la. Teve que fazer um esforço para aparentar indiferença e acalmar as batidas do coração. Era um absurdo pensar que poderiam ouvi-las.

— Senhorita Blake. — Johana tomou a palavra enquanto seu esposo, fiel a sua palavra, não abriu a boca. Porque a aborrecia isso se era apenas o que lhe pedira? — Permita-me apresentar-lhe ao visconde Strimble.

Por fim o conhecia e ficou impressionada pela afabilidade que o homem transmitia. Seus olhos eram tranquilos e seu meio sorriso um poço de calma. Em seu rosto envelhecido não havia um pingo de beleza, mas a serenidade que desprendia o visconde a encantou. Como

podia aquele homem ter escolhido a azeda da Augusta como esposa? Eram tão distintos como a noite e o dia.

— Encantado em conhecê-la. — Suas palavras pareciam recitadas e sua voz tinha um timbre musical. — Não costumo frequentar estes eventos, mas fiz ato de presença e já vou sair. Ouvi falar tanto de você que queria conhecê-la.

Ayleen enrubesceu de vergonha. Já imaginava o motivo pelo qual ouvira falar dela.

— Espero que não se sinta enganado, milorde. — atreveu-se a dizer. Não queria parecer mais tola do que era.

— Em absoluto, jovem. — sorriu — Você é uma alegria para meus olhos cansados.

Conversaram alguns minutos mais e pela primeira vez em muito tempo teve pena de ter tão pouco tempo para conhecer melhor o visconde. Por seu lado, o senhor Been não se afastara de seu lado e aproveitou o momento exato em que Robert Strimble se afastou para reclamar seu direito antes que algum outro o fizesse.

— É nossa oportunidade para passear. — anunciou bem alto, para que tanto Johana como Jason, o entendessem.

A mortificação se fez presente novamente durante a dança. Porém, justo nesse instante revelador em que se dispunha a intervir, — podendo provocar um escândalo ainda maior — visualizou um fugaz olhar entre o casal. Quando ele assentiu e abriu a boca, já sabia o que se dispunha a dizer.

— Acredito que esta dança seja minha. — Os olhos intensos de Jason a perturbaram e temeu começar a tremer pela emoção.

Sem esperar sua resposta ofereceu o braço enquanto o senhor Been se dispunha a protestar. O veloz e satisfatório apoio de Johana,

que levou ao furibundo pretendente em um aparte, a obrigou a aceitar.

Nenhum dos dois pronunciou palavra, enquanto tomavam posição. Cada um tentava não manifestar o sentimento anelante que os invadia ao tempo em que tentavam ver no outro um sinal da mesma emoção. Ambos sabiam que ficava mal ter uma percepção tão aguda de seu par de dança, e era impossível não notar o toque da luva em seu casaco, o frufrú da saia roçando nas calças ou a tênue, mas significativa, pressão do inevitável contato.

Ninguém percebeu, salvo eles, do inequívoco peso que tinham seus olhares. Mais que um choque, uma troca entre a inocência do castanho e o desafio do verde. Nem uma só das pessoas, ali reunidas, notou a tensão nos braços dele quando a agitada palma pousou na dobra do cotovelo, nem o estremecimento que ela sentiu quando a grande mão pousou na suave curva de suas costas, nem a tensão feroz que Jason sentiu ao tocá-la. Só ele se fixou na repentina dilatação das pupilas, na sutil abertura dos pálidos lábios e na trêmula exalação de um significativo suspiro. Nenhuma outra mulher notou a férrea concentração, as mandíbulas apertadas ou a avidez com que os olhos registravam cada detalhe do rosto de Ayleen. O mundo os ignorava e eles se esqueceram, com alguns compassos, que não se pertenciam, que não cobiçavam a presença do outro... Que não estavam sozinhos. O que representava era muito mais que uma dança, era uma aproximação.

Se alguém tivesse a mínima ideia do que acontecia teria gritado aos céus e se apressado a separá-los. Para desgraça de muitos, nada disso aconteceu.

Ayleen tentava entender o que acontecia enquanto a voragem do momento ameaçava engoli-la.

Enquanto Jason recordava todos e cada um dos mil motivos que os separavam, lutava para não apertá-la entre seus braços.

Poderia ser o momento mais perfeito? Poderiam lutar contra ele?

— Venha comigo. — Foram as primeiras palavras que Jason lhe dirigiu em toda a noite, mas não por isso foram menos contundentes.

Ayleen se sobressaltou e por pouco perdeu o passo. Graças a perícia de Jason, se salvaram de ficar em evidência; ao menos no referente a dança.

— Perdão? — Pedia uma explicação, tanto do inesperado ato como pelas implicações que sugeria.

— A dança terminou. — informou como resposta — Vamos caminhar.

Ayleen nem percebera nada. Além de estar saturada de tanto passeio. Se revelou.

— Não acredito, lorde Jason.

Fez uma tentativa para escapar, mas ele a segurou com firmeza pelo cotovelo e esboçou um falso sorriso para quem estivesse os observando.

— Necessitamos de ar fresco. — Não era uma sugestão — É hora de falarmos.

Ayleen se debatia em seu íntimo. Não queria falar. De repente notava o frio e um ameaçador pânico como consequência do que havia sentido, quando Jason a tocara. Não era a única coisa pela qual devia se preocupar. Apesar de não saber a complexa arte de interpretar as emoções humanas, Ayleen sabia decifrar a agitação que dominava seu companheiro de baile. Ela não queria ser a causadora de tal perturbação e não queria estar ligada a ele de alguma forma expressa. Pelo menos, isso era o que repetia sempre.

Porque a vida lhe dificultava cada passo que dava? Recordava bem ter suplicado por ajuda para desembaraçar-se de seus três pretendentes, mas naquele caso, o preferia. Jason Morton era mais perigoso que três dezenas de insuportáveis juntos.

— Isto é muito indecoroso. — gaguejou quando trespassaram as portas abertas e abandonaram a segurança da casa. Viu vários casais fazendo o mesmo e se perguntou o motivo para tal saída, ainda que fosse primavera, a noite era tão fresca como uma sobremesa gelada. — Não podemos ficar sozinhos aqui. — assinalou de novo com a esperança que ninguém reparasse neles.

— Um minuto mais. — limitou-se a responder.

Ayleen, frustrada pela incapacidade dele para escutá-la e presa do desespero, tentou cravar os pés no chão, mas só conseguiu tropeçar.

— Gritarei. — ergueu a voz. Aquilo o fez parar.

Era uma ameaça no tom?

— Não é necessário.

Seus olhos a perfuraram até o ponto de eriçar os pelos dos braços. Podia se enganar pensando que era o frio, mas ela sabia a verdadeira razão.

Situados atrás de umas sebes podia ver, graças à ausência de nuvens, as enormes tochas espalhadas pelas proximidades, que andavam por um caminho que desaparecia atrás das árvores. A casa se afastava de sua vista e Jason, — já era impossível pensar nele de outro modo — tinha sua mão presa. Não mostrou, mas nunca admitiria diante de ninguém a agradável e inquietante cócega que sentia por ele através das luvas. Nunca ninguém, fora seus pais, a seguraram pela mão. Para ela, nada resultava tão terno e esclarecedor.

Viraram a direita em direção a um carrossel. Como Jason devia supor, estava vazio. Conforme foram se afastando, a música e as vozes se atenuaram até quase se apagarem.

— Quando era pequeno, — relatou Jason — meus amigos tentavam ver as festas. Meu irmão e eu, em troca, aproveitávamos as que se comemoravam para galopar pelos jardins e descobrir os casais que se beijavam escondidos. Era de longe muito mais emocionante. — seu olhar estava perdido no vazio, recordando. — Este era nosso lugar favorito. — assinalou o pequeno carrossel, branco e luminoso a luz da lua. — Ainda é. — olhou-a e voltaram a sentir aquele laço invisível que os arrastava. — Em cada festa que se realiza não deixo de vir por aqui. — Ayleen não tinha porque saber que tentara arrastar Johana a esse mesmo lugar em mais ocasiões do que podia recordar, mas ela se sentia muito à vontade no conforto e calor da casa. Quando ficou claro que não gostava, deixou de convidá-la.

— É um bonito lugar. — assegurou. — Gosto.

A simplicidade da afirmação calou fundo em Jason. Pressentia nela uma alma afim, alguém com quem compartilhar, não só os gostos, mas também as percepções. Não era possível ser mais preciso, mas ela era uma luz que o atraía apesar de sua intenção em ir na direção oposta.

— Ayleen… — Não sabia muito bem o que dizer e ela o olhava com aqueles olhos amendoados que inflamavam sua alma e acalmavam seu espírito. — Não, isto é um erro. — Passou a mão pela fronte tentando se controlar e sabendo que seria impossível. Só se conteria se ela corresse.

— Era o que eu dizia. — Mas por dentro sentia que algo parecido a decepção se instalava em seu coração. Até onde poderia ser tão tola.

Como as palavras pareciam inequívocas, talvez fosse a imobilidade contida de seu corpo o que a alertara. Sentia-se uma corça sendo caçada. Seu olhar parecia avisá-la que corresse; e uma parte dela queria correr nesse momento.

Não foi o bastante rápida.

Jason a puxou e pegou sua nuca para impedir que fugisse. Já era muito tarde para lamentações. Sua boca ávida pousou na dela, abrindo-a, e assaltando. Bruscamente, a obrigou a abrir os lábios enquanto sua língua impetuosa tocava a dela. Surpreendeu-se, mas não se afastou.

Fechou os olhos e permitiu o assalto enquanto tremia de expectativa. Uma parte dela desejava que isso acontecesse de novo desde o princípio. Rudemente tentou imitá-lo e acolheu o profundo gemido masculino com funda satisfação. Com os sentidos inflamados pousou suas trêmulas mãos no peito de Jason e notou o calor que se filtrava através do colete de seda. Jamais imaginara a profunda satisfação que sentiu ao notar o acelerado ritmo do coração. De forma involuntária se apertou mais contra ele e deixou de raciocinar. Uniram as bocas e lábios ardentes em uma vã tentativa de prender a doçura do outro.

Na relativa escuridão do caramanchão eram duas figuras presas do primeiro e verdadeiro desejo. Suspirar, exalar, beijar, acariciar... Tudo era permitido e nada mais podia fazer.

Só quando Ayleen sentiu que a frustração tomava conta dela e desejava mais intimidade, saiu do doce transe do desejo no mesmo instante em que a vergonha e a humilhação se apoderaram dela. Foi tão fácil ficar livre que disparou um bofetão que ressoou no meio da noite.

— Canalha! — gritou — Aproveitador! Adúltero! — Sua respiração agitada não mitigava a dureza das palavras que acabava de dizer.

No entanto, nenhum dos dois fez nada para ocultar a perturbação enquanto tentavam recompor os farrapos de sua dignidade.

Ayleen o atacou verbalmente sem que ele respondesse algo. Só permaneceu imóvel, olhando-a fixamente até deixá-la nervosa, como se ela tivesse sido a instigadora e ele uma simples vítima. Ela era a inocente!

— Não vou pedir perdão por isto. — Suas palavras, tão certeiras quanto inadequadas, apertaram o nó que a consumia. — Poderia mentir a mim mesmo, inclusive a você, mas permita-me conceder-lhe alguma inteligência. O que fizemos é algo reprovável de todos os pontos de vista, — afirmou — e mereço cada um dos qualificativos pouco agradáveis que disse.

— Assim é. — assegurou com voz trêmula.

— Mas apesar de tudo, — sua voz baixara algumas oitavas e parecia triste — não podemos evitar que, cada vez que ficamos a sós, a magia se apodere de nós.

— A magia? Mas se foi você quem provocou esta situação! Recorda que eu não queria vir? — Lágrimas de frustração inundaram seus olhos, mas Ayleen se negou a derramá-las. Ele não merecia presenciar sua debilidade. — Isto, — assinalou a ambos — não deve acontecer de novo.

Jason a olhou e ela se sentiu envergonhada. Estava se comportando como uma mesquinha ao culpá-lo de tudo. Não era tão inocente para não compreender o que poderia suceder se voltassem a ficar sozinhos. Por isso resistira, ainda que não pensasse admitir em

voz alta que o verdadeiro motivo era porque já não confiava em si mesma. O que tinha aquele homem que apenas com sua presença fazia com que se esquecesse de sua dignidade? Como admitira, não era tão elegante como Ashton, mas um olhar seu continuava a provocar borbulhas em seu estômago e uma palpitação indesejada em seu coração. Talvez, depois de tudo, ele tivesse razão e o que ocorria entre eles fosse simples e pura magia.

— Se essa é sua opinião deverei respeitá-la. — Parecia cansado, mas alisou a roupa e recompôs os cabelos, pronto para ir embora. Deu dois passos em direção a casa sem tocá-la, mas no último minuto se virou. — É uma ingênua se acredita que isto desaparecerá assim.

Quando se atreveu a se virar, já não estava ali.

Suas últimas palavras ressoavam em seu cérebro. Soara quase como uma maldição e, tendo em conta o que ela mesma sentia, não podia deixar de concordar. Era hora de ser firme e deixar de agir como uma tola. As consequências que surgiriam de tudo aquilo salpicariam em pessoas inocentes e Ayleen não queria ser a culpada de tanto pesar.

Jason Morton tinha que ser desterrado de sua mente naquele mesmo instante… e para sempre.

***

Com o coração encolhido pelo desejo e culpa, Jason entrou de novo no salão um pouco desorientado. Não queria falar com ninguém enquanto ordenava seus pensamentos. Encontrar-se com Johana naquele momento não seria conveniente; para nenhum dos dois. Não podia sair ou lhe exigiriam explicações que seria incapaz de dar. Atormentado pela sensação de ter se equivocado ao beijá-la, não se

arrependia. E isso era muito pior.

A surpresa o inundou ao perceber com quanta ânsia desejava beijá-la de novo, pousar sua boca nos suaves, deliciosos e inocentes lábios que não tirava da cabeça. Nunca desejara algo com tanta intensidade. Mesmo sabendo que estava errado dera um passo a frente onde quer que estivesse entrando. A honra da qual tanto se orgulhava estava se diluindo como o gelo na primavera. Apertá-la entre seus braços e beijá-la, desta vez com premeditação, fora como tocar o céu. Se encaixava tão bem ao seu corpo... Mas claro, ela não via as coisas do mesmo modo; ou talvez sim. A vergonha que sentiu quando se afastou era compreensível, assim como também o foram seus insultos e impropérios. Não havia dúvida da exaltação de Ayleen, que diga-se de passagem, jamais voltaria a ser a senhorita Blake, ao menos para si mesmo. Jason se sentia um pouco masoquista, pois a fúria e a vergonha que vira em seu rosto a fazia parecer mais linda que quando se mantinha serena e composta. As chispas de seus olhos, as bochechas vermelhas e vivazes, — que mesmo na penumbra da noite eram visíveis, — sua perturbação e os punhos apertados... Um ser lindo que conseguia comover seu coração. Acontecera-lhe alguma vez? A resposta era tão obvia como triste. Nem o amor que Johana lhe inspirava conseguira tal grau de paixão, tal frenesi e necessidade de tocar, acariciar, ver. Era assim a paixão? Tratava-se de algo mais? Teve vontade de gritar pela frustração. Aquilo não devia ter acontecido, mas já estava feito. E estava longe de sentir a culpa que seria normal no caso. Era um sentimento que se aninhara em seu peito e só aumentava a marcha forçada ameaçando consumi-lo.

Não, este não era o momento nem o lugar para pensar e analisar. O que necessitava era uma distração, algo que não o fizesse desejar

cruzar as salas e procurá-la.

Quando olhou o horizonte e divisou a figura de Ashton em companhia de uma resplandecente dama soube que havia encontrado justamente o que andava procurando.

— Boa noite. — Aproximou-se do lugar onde lady Clarence parecia ter encurralado seu irmão mais velho. — Espero não atrapalhar. — Fingiu inocência ao mesmo tempo que fingia não ver como a mulher apertava a boca em sinal de desgosto. Divertiu-se ao notá-lo e isso temperou as sensações e sentimentos que se acumularam desde a cena do jardim.

Observara-a assediando Ashton boa parte da noite. Até em algum momento contemplara atônito como se agarrava ao seu braço assinalando-o como sua posse enquanto lançava dardos envenenados as outras mulheres que tentavam se aproximar. A única coisa intrigante do assunto era porque Ashton não a desprezara ainda. Nem lhe passava pela imaginação que a estivesse considerando seriamente como possível candidata a esposa. Como amante talvez, mas duvidava que lady Clarence aceitasse isso de boa vontade.

— Não, claro que não, lorde Jason. — respondeu ela com uma doçura enjoativa e um falso sorriso pintado nos lábios. Sabia ocultar perfeitamente suas intenções atrás de uma fachada de bons modos, mas seu tom não o enganava. Há muitos anos que se conheciam e suas intenções não enganavam ninguém, nem ao seu irmão. Ou, pelo menos isso, pensava. — Sua Graça e eu só estávamos conversando.

— Isso é excelente. — assentiu como se na verdade o fosse. — A boa conversa estimula a mente e o espírito. — fingiu não ver Ashton erguendo as sobrancelhas diante de semelhante tolice. — Ainda assim, a música desta noite está tão bonita que é difícil imaginar o motivo de

não vê-la dançando.

— Não me agradava muito. — afirmou ela com um gesto depreciativo. — Não gosto da sensação de misturar-me com gente muito… comum. — Enrugou seu nariz arrebitado diante do desagradável pensamento.

Claro, não percebera a habilidade maldosa com a qual Jason havia levado a conversa até aquele ponto.

— Não sei se entendi bem. — Ashton falou com uma suave entonação, quase indolente, que não deixava dúvidas do passo em falso que ela acabava de dar. — Acaso está sugerindo que minha cunhada, — acentuou a palavra sem nem se esforçar — convidou pessoas que não estão a sua altura?

Jason esteve a ponto de soltar uma gargalhada ao ver o alarme refletido no rosto da pretensiosa dama.

— Ah, não, não. — gaguejou — Não pretendia dizer isso. — Seu olhar frenético varria todos os cantos do salão procurando uma saída milagrosa. — Eu… — soltou-se do braço do Duque, que se negava a largar como um cachorro se nega a soltar seu osso favorito. — Eu… acredito que… avistei lady Childrith e está me chamando. — Deu um sorriso; poderia dizer-se que de alívio. — Deve ser urgente, vou me aproximar para ver no que posso ajudar. Se me desculparem.

Fez uma desajeitada reverência e saiu.

Jason quase sentiu pena por ela. Quase.

— Creio que vai demorar a perceber que pretendia se desfazer dela. Deixou-a nervosa. — Ashton não se dignou a responder. — De toda forma é uma lástima que a trate assim. Com o que se esmera em se satisfazer… — brincou.

— Queria algo em concreto ou só me aborrecer?

— O último, claro. — Seu tom gelado não o afetou. — Acredito que é um mal agradecido. Sempre que gasta muito tempo revoando ao seu lado atuo como um bom irmão e me ocupo de espantá-la.

— Acaso pedi? — falava com ele enquanto seu olhar abarcava a extensão da primeira sala.

— Nãoooo. Mas pense, se não o fizesse, afinal aconteceria uma das duas irremediáveis catástrofes mais plausíveis.

— Que são? — perguntou sem verdadeiro interesse.

— Uma: enrolaria você o suficiente para conseguir que lhe propusesse casamento; — passou por alto o quase imperceptível tique de suas sobrancelhas; — duas: em algum momento estaria tão farto dela que deixaria de se conter e mostraria como é grosseiro e a ofenderia sem pensar.

— E? — Era evidente que estava pendendo pela segunda possibilidade.

— Pois ela se veria na obrigação de se vingar.

— Ignorando minha presença até a eternidade? — perguntou com um toque de esperança que não pode ocultar.

— Em absoluto. — sorriu aproveitando cada segundo — Parece que não conhece as mulheres; são mais sutis e malvadas que nós. De uma forma ou outra conseguiria amargurar sua vida da forma que você mais odeia: atraindo a atenção sobre você e sua vida privada. Não sei, talvez pudesse espalhar um falso rumor sobre sua procura por esposa... com todas suas consequências. Já sabe, as mulheres acreditam o que querem acreditar.

Ashton pareceu meditar a sério.

— Tendo em conta isso, é possível, e recorde, é possível, que deva agradecer-lhe pelas inúmeras vezes que a afastou de meu lado.

— Nunca cede, hein? — Seu irmão tinha um orgulho tão grande como Creso, mas não o levava em conta porque não o fazia de má fé; ao menos, não com ele. Mudou de assunto. — Está aproveitando a festa?

— Sua mulher fez um trabalho magnífico. — decidiu sair pela tangente antes de admitir que se aborrecia, como uma ostra. — Mas, onde está?

— Não sei. — confessou. — Faz um tempo que a perdi de vista. — Nem louco pensava revelar o que estivera fazendo enquanto isso.

— Espero que a tenha tirado para dançar.

— Parece nosso pai. — repreendeu — Não sinto falta que controle os meus movimentos. — De todo modo decidiu responder. — Dançamos duas vezes e me reservou a dança do encerramento. E falando de bailes... — Estava entrando em terreno resvaladiço, já que Ashton era um homem muito intuitivo, mas um demônio interno o obrigava a perguntar e saber. — Antes o vi dançando com a senhorita Blake. — Não era uma pergunta propriamente dita, mas seu irmão o entenderia como tal. A curiosidade o estava matando e morria para saber que opinião Ayleen merecia. Não deveria ser tão importante, mas devido a sua última atuação, não tinha sentido enganar-se.

— Ah, sim, a senhorita Blake. — pareceu entrar em profundas reflexões. — O nome dessa mulher, — disse por fim — foi um dos mais pronunciados nesta noitada. Suponho que é sabedor da sensação que causou entre três cavalheiros.

— Sim. — Ainda que não soubesse que aquele assunto estivera na boca de todos. De repente lhe instalou certo sabor amargo no estômago.

— Não teve uma conversa na qual não se mencionasse a feroz

competição que as três joias da coroa estabeleceram ganhar, a atenção e o afeto daquela mulher.

As três joias da coroa? De que demônios estava falando?

Sua cara deve ter lhe dado uma pista de sua confusão.

— Não sabe? — parecia satisfeito em dar ele mesmo a notícia, ainda que como sempre, esboçasse um sorriso contido. — Parece que se estabeleceu que esse trio é o melhorzinho dos arredores. Vai saber porque, — afirmou estranhando. — alguém com um estranho sentido de humor os batizou como "as três joias da coroa".

— Não acho graça. — Jason voltava ao seu anterior estado de mau humor.

— Já somos dois. — apontou o primogênito. — No entanto, como estava, não era possível deixar de escutar os louvores que eles lançavam sobre as virtudes da dama.

O que sabiam aquelas imitações de homens, das virtudes ou das carências de Ayleen?

— Não consigo imaginar o senhor Plumbert lançando louvores sobre ninguém.

— Sim, bem, ele parece ser mais sensato graças a sua timidez. No entanto, parece que também não ficou atrás em seu empenho.

Mas o que acontecia com aqueles três? Acaso acreditavam que podiam assediar as mulheres só porque eram elegantes ou ricos?

— Então, o que o levou a lhe pedir uma dança foi…

— A curiosidade; a simples e pura curiosidade. — Desta vez deixou de contemplar a multidão e o olhou fixamente. — Queria saber se era tão maravilhosa como se dizia. Se correspondia as expectativas que tinha sobre ela.

Pela primeira vez em muito tempo aquele olhar direto o deixou

nervoso. Suspeitaria algo? Era uma atuação para fazê-lo confessar? Tentou não revolver-se em seu próprio lugar.

— E…? — perguntou. Não sabia o que mais fazer.

— Uma decepção, na verdade.

Aquela afirmação o agitou tanto que teve de estender os punhos para não mostrar seu mal estar. Apertou a mandíbula e contou até vinte para não fazer algo que o deixasse em evidência, o que lamentaria depois, como por exemplo dar-lhe um soco diante de toda a sociedade.

— Não acredito que com uma dança possa…

— Há algo nela que não me convence. — cortou Ashton — E não, não foi desagradável. Manteve-se correta e educada o tempo todo. É uma sensação mais… visceral. Não sei como explicar.

— Não dourou a pílula, quer dizer.

Uma expressão de desgosto cruzou seu rosto.

— Se não o conhecesse, — disse lentamente observando e avaliando — diria que o aborrece a opinião que formei sobre ela.

— Não diga tolices. — O sorriso lhe pareceu forçado. — Mas pensa que algo bom ocorreu se simpatizou com Johana.

— Sua querida esposa mostra afinidade com muita frequência. — recalcou — Pensa nas damas do chá, por exemplo. São todas agradáveis? — Ergueu as sobrancelhas com ceticismo. — Não, não acredito. Um não tem nada a ver com o outro. — Então tirou algum inexistente pó da manga. — E para ser sincero, este assunto começa a me aborrecer. Só digo que essa mulher é capaz de dar mais preocupação com sua presença que um exército experimentado.

— Uma mulher? Qual delas? Parece interessante.

Rján Morton, vestido de impecável etiqueta, apareceu atrás deles.

— Está aqui! — Jason espalmou seu ombro com alegria.

— Um detalhe de sua parte passar para saudar-nos. — O sarcasmo de Ashton era impossível de passar por alto.

— Sempre oferece boa comida. A melhor, diria eu. Além do que, Londres está muito aborrecida estes dias. — disse explicando. — Sempre os mesmos rostos nos mesmos lugares. — Passou os olhos pelo lotado e barulhento salão. — Ao menos conto com amigos com a sensibilidade para fazer com que a festa não decaia. Organizaram uma pequena diversão privada e, como vinha de passagem…

— Você sempre tão atento.

Jason esboçou um meio sorriso.

Seu primo era semelhante a metade dos aristocratas de sua idade. Só vivia às expensas dos benefícios do nome, em uma vida de ociosidade e desperdício. De estatura similar a sua e com olhos idênticos era, porém, um jovem alegre e sem falsas pretensões.

— Claro. E bem, onde está essa jovem da qual falavam há um momento?

— Por aí. — Ashton fez um gesto de mão assinalando a multidão. — Mas não se preocupe, não é importante.

Jason se aborreceu ao ouvi-lo, mas não disse nada.

— É uma pena. Seria agradável encontrar uma bonita mulher com algum temperamento ao qual não importasse alegrar-me as horas.

— Não estava de passagem?

— E estou, — sorriu com diversão — mas não disse por quantas horas.

— É incorrigível. — Jason não podia deixar de corresponder ao seu bom humor.

— Eu sei. Queria saudar Johana, mas primeiro, se não se importarem, indiquem-me onde se encontra a suculenta comida. Já sabem… primeiro o prazer, depois a diversão.

— Eu o acompanho. — Ashton se situou ao seu lado — Creio que é hora de que vá relevar para que tenha, de novo, o prazer de sua companhia.

Seguido de Rján e sem um adeus, o despachou enquanto ia mostrar todo seu empenho em ser o anfitrião perfeito.

Jason suspirou. A esta altura da noite já morria de vontade para que tudo acabasse e o deixassem analisar com tranquilidade o que acabava de acontecer e como poderia voltar a pacífica e aborrecida vida de antes.

Estava decidido a ignorar Ayleen e esquecer que se conheceram. Sim, mas antes, devia vê-la uma vez mais.

Capítulo 11

Estava chovendo há doze intermináveis dias. Sabia porque os havia contado. Doze dias nos quais não pudera sair da casa, pois o tempo não permitia. Seus passeios foram drasticamente reduzidos e agora Ayleen se sentia enclausurada. Não era uma sensação nova; cinco anos cuidando de seu pai lhe produziram o mesmo efeito, mas acreditava ter deixado aquilo para trás quando se mudou de Londres. Antes passava horas e horas, pendente dele; tanto que às vezes perdia a noção do tempo. Todos os dias lhe pareciam iguais e já não sabia se era segunda ou terça-feira. Mesmo quando contratara uma enfermeira para que se ocupasse dele, sentia que era seu dever de filha estar ao seu lado, ajudando-o a suportar suas dores, dando-lhe de comer, lendo ou simplesmente vendo-o dormir. Também o fazia porque o queria, mas acabara tirando-lhe toda a vitalidade e a juventude.

Mas quem não teria feito o mesmo? Antes do acidente, Arthur Blake era um pai maravilhoso com ela, carinhoso e compreensivo. Doía-lhe na alma ver no que se convertera: um ser incapaz de valer-se por si mesmo. Foi minguando espiritual e fisicamente. E quando ele morreu e começou a sentir sua falta, seu advogado a aconselhou esperar um tempo para fazer mudanças drásticas, o tempo que se considerava prudente para o luto. Aquela fora a pior época. Suas

amizades e as de seu pai desapareceram, por isso nunca tinha visitas, nem ninguém com quem falar e permaneceu no esquecimento, encerrada naquela enorme casa, que quase a asfixiava. Por isso agora necessitava grandes espaços abertos e longas caminhadas. Definitivamente queria gozar do sentimento de liberdade.

Olhando com nostalgia pela janela do salão, Ayleen percebeu que deixara de chover e então viu sua oportunidade. Desejando que a chuva não voltasse subiu até seu quarto e chamou Margueritte para ajudá-la a colocar um de seus vestidos velhos, que suportasse sua passagem pelos caminhos cheios de barro e água. A criada tentou fazê-la mudar de ideia. Não acreditava que fosse adequado, pois o céu estava encoberto por nuvens negras espessas e ameaçadoras, mas não contava com a determinação de Ayleen, que desprezou cada um de seus argumentos. Por sorte, Adele, muito mais persuasiva, tinha a tarde livre e aproveitara para ver sua irmã. Colocou uma capa grossa e as luvas e correu saltando as poças até perder-se nas profundidades do bosque. Sua ânsia por liberdade era tão grande que caminhou como nunca, sem temor algum, deixando pela primeira vez atrás a cabana do guarda bosque e indo além do que nunca se permitira.

A chuva não era o único motivo para ter interrompido seus passeios por aquela área. Jason Morton e seus embriagadores beijos tinham a culpa. Passara um mês desde o baile da primavera, tempo suficiente para pensar, se bem que sua resolução era a mesma: tinha que se afastar dele; ainda que claro, era mais fácil dizer que fazer. Evitá-lo fora relativamente fácil. Não ocorrera nenhum outro baile ou jantar nos quais pudessem de encontrar. Como poderia esquecer seu cálido rosto ou seu reconfortante abraço? Deixara de ser a dona de seus pensamentos. Por muito empenho que pusesse, lhe parecia quase

impossível apagar seu rosto de seus pensamentos ou deixar de sentir algo, e isso lhe tirava o juízo.

Seu comportamento era censurável, não estava a altura das circunstâncias e acreditava que em parte era sua culpa por não ter usado o suficiente ímpeto em afastar Jason. Claro, Ayleen não tinha prática naqueles assuntos. Nunca recusara um homem, e menos um que a atraia tanto. Fazê-lo desistir era um desafio.

Não queria ser tão vulnerável. Odiava-se, porque não podia permiti-lo.

Ayleen exalou um longo suspiro. Sua vida em Greenville estava se tornando mais complicada do que imaginava quando decidiu se instalar e viver perto do povoado e às vezes sentia que sua situação era um tanto precária: qualquer deslize de sua parte terminaria por afundá-la. Não se tratava só de Jason, mas dos pretendentes. Para Henrietta e as outras damas do chá deveria ser um motivo de orgulho e satisfação, para ela era apenas o envolvimento em um pesadelo, chegando a pensar que o único modo de resolver o assunto de uma vez por todas era sendo brusca: diria ao senhor Been e ao comodoro Clarewood que nunca se casaria com eles. Também não considerava Horatio Plumbert, nem se imaginava sendo a esposa dele, um homem muito mais tolerável que os outros. Os três estavam descartados.

O que pensariam todos se ela os recusasse? Além de ser a fofoca do povoado, a senhora Smith sentiria uma funda satisfação, enquanto os outros a considerariam uma estúpida com ares de grandeza. Como se pretendesse alcançar um melhor partido. Certamente, o senhor Been e o comodoro poderiam oferecer-lhe uma segurança econômica invejável e, ainda que aquela altura Ayleen deixara de sonhar com seu príncipe azul, também não estava desesperada. Deveria existir algum

homem melhor.

Então, notou as primeiras gotas de chuva que resvalaram por sua fronte e nariz. Alarmada olhou para o céu, que não pressagiava nada de bom. Como não tivera pressa, não chegaria a tempo a casa. Pôs-se a correr aos tropeções enquanto tentava se afirmar onde pisava. A chuva começou a se intensificar por momentos e suas esperanças de salvação ficaram no lodo. Com sua capa ensopando-se a uma velocidade assustadora, Ayleen não via nada a frente. Parou por um segundo e limpou o rosto com a manga, mas foi inútil, porque caia muita chuva.

Não soube em que instante se lembrou que perto dali se encontrava a cabana do guarda bosque. Se tivesse sorte e a porta não estivesse trancada com chave poderia se abrigar até que o aguaceiro passasse. Ou no estábulo, se fosse preciso. Não era a melhor ideia, devido aos precedentes, mas o melhor, pois iria ser impossível chegar até sua casa. Esforçou-se bastante, mas com tanto empenho terminou escorregando e caindo sentada em frente a porta de madeira. Arrastando-se encostou-se na parede da fachada e se apoiou nela para se levantar, um movimento fácil na aparência, mas agora suas roupas deviam pesar o dobro e ficava difícil se mover. Empurrou a porta com ímpeto até que ela cedeu e a fechou atrás de si murmurando incoerências. Não queria continuar se molhando.

Em nenhum momento notara que saia fumaça pela lareira, nem do brilho do fogo produzido ali.

Piscou. Havia algo estranho no... Deu um salto pelo susto. Santo Deus! Jason Morton se encontrava no meio da sala com o torso nu.

Durante alguns segundos imperou o silêncio, só quebrado pelo som amortecido da chuva. Era impossível distinguir qual dos dois

estava mais surpreso.

— Senhorita Blake. — murmurou ele depois de se recuperar da impressão.

— Eu... — gaguejou petrificada como uma estátua. — Está chovendo. — tentou se desculpar. Encostara-se em uma propriedade do duque de Redwolf como se fosse um vulgar ladrão.

— Já vejo. Suponho que procurava abrigo.

Ayleen assentiu sem afastar a vista de seu vigoroso corpo. Examinou-o com uma fria calma que deveria envergonhar qualquer dama com uma mínima decência. Era a primeira vez que se encontrava em semelhante situação, mas não sentiu pudor nem vergonha.

— Você também se molhou. — Mais que uma pergunta era uma observação. Suas calças estavam molhadas.

Ele sorriu.

— Somos insensatos por ter saído com este tempo. — Então seu sorriso se transformou em um rito severo. — Vai pegar uma pneumonia se não tirar tudo isso. — mostrou a capa molhada. — Necessita secar-se.

Hesitou. Uma coisa era olhá-lo com pouca roupa e outra muito distinta seria tirar a sua.

— Só a capa. — acedeu. Convenceu-se que não havia nada errado em fazê-lo. Serviria para prevenir um mal maior. Não pensou em seus cabelos molhados nem no resto das roupas, mas se limitou a forçar com as fitas da capa amarradas ao pescoço.

Como era difícil desatá-las sem o espelho, Jason, notou o esforço, se aproximou para ajudar.

Não pode evitar dar um salto quando a tocou e foi invadida por

um estranho nervosismo. Até aquele momento permanecera serena, sem angustias nem sufocos. Não era a situação mais conveniente, mas lá fora chovia e não custava nada iniciar uma série de repreensões. Então recordou o baile, o beijo no jardim e as maravilhosas sensações que ele lhe produzia. Fechou os olhos e esperou que ele terminasse.

— Não será suficiente.

Ayleen levantou as pestanas e apertou os olhos. Jason segurava a capa na mão, com uma parte dela se arrastando pelo chão. Podia notar seu cálido fôlego sobre seu rosto.

— Perdão?

— Seu vestido também está molhado. — anunciou com uma expressão crítica. — E não digo pelos seus cabelos. Não é nada bom.

Mesmo não tendo a intenção, Ayleen espirrou, ilustrando seu argumento. Se não fizesse algo rápido terminaria por adoecer.

— Não se preocupe, eu me secarei.

Aproximou-se da lareira e notou o calorzinho das chamas. Era uma sensação agradável, mesmo continuando molhada. A roupa encharcada se aderia a pele.

Observou-o estendendo a capa sobre as costas de uma velha cadeira e aproximando-a da lareira, como fizera com suas roupas. Depois se aproximou da cama e pegou uma colcha de lã.

Estendeu-a.

— Deve tirar o vestido.

Diante de tal pedido, Ayleen reagiu com calma e serenidade. Escutara mal. Ele não lhe pedia que tirasse a roupa em sua presença. Não, lorde Jason não podia ser tão atrevido. Esteve a ponto de rir por sua própria estupidez.

Diante de seu silêncio, ele repetiu a mesma frase e desta vez

percebeu que seus ouvidos estavam perfeitamente bem.

Sentiu um medo atroz. Não porque fosse fazer-lhe algum dano físico, mas porque se sentia vulnerável e não tinha nem ideia de como poderia ficar longe se ele o pedisse. Sua vontade já não era tão forte como acreditava.

— Está brincando?

— Acredita que faria algo assim? — pareceu ofendido. — Não seja absurda. Digo para seu próprio bem. Acaso quer passar duas semanas na cama enferma? Porque isso é o que acontecerá se não conseguir se secar já.

Ela hesitou. Não sabia se obedecia suas ordens ou não. Estaria disposta a correr o risco?

— Não vou tirar nada. — asseverou teimosa. Era o mais conveniente.

Ele não devia pensar o mesmo, porque soltou vários impropérios.

— Dou-lhe duas opções: ou faz você ou faço eu.

Seu tom não admitia réplica, mas ela estava muito acanhada para ceder.

— Não se atreverá! Canalha!

Ayleen ficou na defensiva. Se precisasse estaria disposta a lutar.

— É para seu próprio bem, mas é muito tola para saber.

— Não deixa de repetir o mesmo. Espera que acredite? Você é um…

A palavra ficou presa na garganta. Com uma rapidez que a deixou perplexa, Jason estendeu os braços e a puxou. Observou seu peito duro, apenas salpicado de pelos. Deixou-a fascinada. Quem queria lutar agora? Ainda na posição em que se encontrava teve que fazer um esforço considerável para não tocá-lo. Depois, ele a virou,

deixando-a de costas e forçou seu vestido até desabotoá-lo.

— Pronto. — Escutou seu murmurar, satisfeito. Ayleen acreditava que iria tomá-la ali mesmo e não sabia se sentia medo ou excitação, mas de um modo abrupto, a soltou. Evitou pensar que aquilo que sentia era decepção. — Agora pode tirar o vestido você mesma. Quer que me vire? Se sentirá mais segura?

Jason não se aproveitara, mas continuava sendo muito autoritário.

— Claro que quero! — gritou aceitando o final inevitável e com um toque de desespero. Aquilo não poderia ser verdade. Santo Deus, porque decidira sair? Porque não pudera se conter? Fora uma decisão errônea, como todas as que estava tomando referentes a ele. Pedira-lhe que se afastasse e parecia que nenhum dos dois o estivesse tentando.

Ela sempre fora ajuizada e nada atrevida; até recebia elogios por isso. Agia segundo se esperava que fizesse uma dama, mas agora estava metida até o fundo em uma situação muito vergonhosa. Percebeu que aquela altura era tão culpada quanto lorde Jason, porque talvez no fundo desejasse receber suas atenções.

Quando conseguiu escapar de seu penetrante olhar, Ayleen tentou tirar o vestido molhado e também a agitação, para se envolver na colcha seca. Porém sentia arder a costas, onde ele a tocara. Contou até dez antes de dizer-lhe que estava pronta. Sentia um potente desconforto em seu interior e achava impossível normalizar sua respiração. Tinha os nervos agitados. Temia não sair indene daquela situação e seu coração estava muito envolvido.

Jason se virou com lentidão. Começava a doer-lhe todo o corpo, inclusive nos lugares insuspeitados. Saber que a tinha em frente a ele coberta somente com uma colcha estava consumindo toda sua

capacidade de controlar-se. Ayleen se agarrava a colcha como a um escudo. Tinha desmanchado o laço e tentava secar os cabelos, — que caiam sobre seus ombros e costas com a graça de uma cascata — da melhor maneira. Seus olhos, marcados por longos cílios que brilhavam úmidos, o cativaram e já não podia esperar mais. Muitos dias de agonia e desespero. Desejava-a; simples e plenamente. Não havia como achar subterfúgios ou se enganar mais. Em algum momento, a atração do início se transformara em um sentimento muito poderoso. Não só queria possuí-la, como também desejava afastá-la dos olhares libidinosos de outros homens. Para sempre. Nesse instante determinante, sua mente se negou a pensar em sua esposa, na traição e na honra. Só havia duas coisas que importavam: Ayleen e ele.

Aproximou-se lentamente, olhando-a nos olhos e esperando um movimento que demonstrasse que ela não sentia o mesmo, mas se manteve imóvel, a espera. Suavemente, lhe passou o polegar pelos ansiosos lábios, acariciando-os. Era estranho que os achasse tão fascinantes e sedutores. Beijá-los deveria ser pecado e na verdade era, mesmo se tratando de uma tentação muito forte para resistir. Deus era testemunha do tanto que resistira. Claro que ele não era nenhum santo e não sentia necessidade de ser. Sua consciência já se debatera o suficiente. Então Ayleen entreabriu os lábios em um tácito consentimento. Aquilo foi tudo o que precisou para avançar e capturar sua delicada boca. Mesmo já a tendo provado, desta vez era diferente e o levou com calma. Não havia pressa e ela não parecia disposta a sair correndo; pelo menos desta vez. A boca de Jason se movia sobre a dela com cautela. A inexperiência de Ayleen podia ser um obstáculo e o que menos queria era que terminasse por voltar atrás.

Jason não era egoísta para pensar só no prazer próprio. Desejava

que Ayleen o apreciasse e desfrutasse, que terminasse compartilhando o mesmo ardor que ele. Por isso tinha tantos cuidados e tentava acalmar um pouco sua excitação, mesmo se tornando difícil para ele. Quando julgou oportuno esticou a beirada da colcha com cautela e deixou que resvalasse para o chão. Sem reação aparente nem queixas por sua parte, a pegou nos braços e a colocou na cama, um dos poucos móveis que ficavam na cabana. Suas bocas continuavam unidas como antes e ela parecia relaxada e se permitia corresponder-lhe com timidez.

Ayleen era leve como uma pena e tão bela que arrebatava o fôlego. Agora que a tinha entre seus braços se permitiu admirá-la atentamente, tal como desejava fazia tempo. O que viu o deixou sem respiração: sua pele era tão fina e quente que iria saboreá-la toda. Iria tirar-lhe o corselete, a camisola e os calções e uma vez que estivesse nua beijaria cada pedacinho de seu corpo perfeito. Deus, desde quando a simples vista de um corpo continuava excitando-o de um modo tão irracional? Jason estava a ponto de estourar e, ainda que se propusera agir com paciência, sentia imensa vontade de tomá-la e sentir-se em seu interior.

Fez o primeiro movimento. Acariciou um braço e desceu até sua perna, mas Ayleen deve ter achado muito porque saltou da cama tão rápido como uma gazela. Parou no meio do quarto com o coração disparado e vestida só com sua roupa íntima. Seus cabelos estavam revoltos e seu peito subia e descia pela agitada respiração.

Parecia mais arrebatadora que nunca e ele mais frustrado do que jamais se sentira porque sabia que ali se acabava tudo. Agora devia discernir o que fazer com toda aquela excitação.

— Não vou me converter em sua amante! — exclamou com uma

fúria latente.

Estava tremendo, mas não era frio. Jason sabia, porque ele se encontrava no mesmo estado.

— Não lhe pedi isso. — argumentou um pouco mais calmo que ela, embora seu interior fervesse.

— Será ousado, aproveitador! Nega que iria... a... Já sabe. — interrompeu-se, vermelha como uma romã. Para ela, inexperiente em assuntos sexuais, devia ser difícil explicitá-lo em palavras. Difícil e vergonhoso.

Jason percebeu que não podia com mais rodeios. Com seu comportamento trespassara a linha da moral e da decência. Já não haveria desculpas que valessem: aquilo não era um acidente. Se Ayleen não o parasse, já estaria há muito dentro dela, possuindo seu corpo e sua alma, tão baixos e primitivos eram seus instintos. Era como se a lógica e a razão já não formassem parte de seu ser.

— Queria fazê-la minha. Juro por Deus que continuo querendo. — confessou ao fim. Ela tinha que escutá-lo, ainda que ferisse sua sensibilidade. — Sei que está muito confusa. Acredita que eu não tenho sentimentos? Até quando você apareceu tinha uma vida tranquila e agradável. Meu casamento ia bem, era perfeito. Talvez não conhecesse a paixão, mas gostava.

— Está dizendo que isto é minha culpa?

Levantou-se devagar para não assustá-la mais e foi se aproximando lentamente, parando a uma distância prudente. Estava tão desesperada para se afastar dele que acreditava que sairia correndo sob a chuva mesmo sem as roupas.

— Não vê? Não tem que fazer nada. Sua presença é suficiente para perturbar-me, para me enlouquecer e não sei o que fazer. Tentei

por todos os meios me esquecer e não funcionou. Continuava fechando os olhos e vendo você, ainda que não estivesse lá; todo o tempo.

— Mas e Johana? Você disse que a ama.

Demorou um tempo em responder, porque não havia um modo simples de fazê-lo.

— Quero a minha esposa. Sim. Mas querer e o que sinto por você são duas coisas distintas.

Ayleen se mostrou um tanto surpresa porque ele fazia aquela diferenciação. O melhor seria continuar acreditando que era um mulherengo sem escrúpulos mas, como podia amar a sua esposa se seu corpo reagia assim diante de outra?

— E agora, o quê? — Olhou-o com olhos suplicantes, tentando achar uma resposta. Parecia tão perdida como ele.

— Não sei.

— Não pode me dizer todas estas coisas íntimas e esperar que me abrande. O que quer que faça agora, confesse que não posso dormir as noites porque estou pensando em você? Isso seria inapropriado. Estaria cravando um punhal no coração de sua esposa.

— Então admite que sente o mesmo.

— Não! — soltou um gemido cheio de angustia e cobriu o rosto com as mãos. — Não vou admitir nada porque não posso me entregar a você.

Jason a segurou pela cintura e a sustentou sobre seu peito, em uma espécie de consolo. Fechou os olhos e inspirou seu aroma, perdendo-se nele. Parecia tão natural, como se pertencessem um ao outro. Mas não havia nenhuma probabilidade de que aquilo terminasse bem. Como Ayleen dissera, a traição para Johana teria um

peso muito grande. No entanto, ela continuava com o rosto oculto, mas pouco a pouco foi se relaxando e acabou enrolando-se em seu pescoço. Jason ficou tenso. Seu contato e suas carícias faziam estragos em uma parte muito concreta de sua anatomia.

— Ayleen, se você…

— Sim, o quê? — pressionou.

Jason balançou a cabeça, perturbado.

— Deus, não posso pensar com lógica e já não sei se confiar em minha cabeça ou meus instintos. — Ainda com o risco de escandalizá-la, confesso que esperava ser o homem a tomar sua virgindade. — mas isso significaria romper todos os princípios que tanto amava e a deixaria na estacada, porque lhe seria quase impossível encontrar esposo e poderia condená-la ao ostracismo. — Merece algo melhor.

Precisou de um minuto para se acalmar e tomar uma decisão que poderia salvá-la, ainda que a dor não diminuísse. Suas roupas continuavam molhadas, assim o melhor que poderia fazer seria se vestir e se retirar para que ela pudesse se secar tranquila. O fogo da lareira se consumiria sozinho e a porta podia ficar sem chave.

Decidiu não se despedir porque seria muito doloroso.

Continuava chovendo com a mesma intensidade de antes, mas não se importou. Foi até o pequeno estábulo atrás da cabana e pegou o cavalo que trouxera.

Quando entrou em sua casa se formou um rebuliço. A água da chuva resvalava de seu corpo e por onde andava deixava marcas. Mesmo o tapete ficava umedecido. Uma das donzelas chamou pelo ajudante de quarto que lhe tirou as botas de montar, agora muito mais pesadas pelo excesso de água.

Então apareceu Johana, tão bela e delicada como sempre, com o

bordado na mão.

— Jason, está ensopado. Acaso veio cavalgando? Porque não pegou a carruagem?

Johana estava preocupada pela falta de lógica de seu esposo. Quando queria era muito teimoso, mas deveria se cuidar nas inclemências do tempo. Não só estava molhado, mas sujo com o barro e seu aspecto era pouco lisonjeiro.

— Não me importa molhar-me um pouco.

— Ainda assim. Eu…

Ele a interrompeu.

— Desculpe se não me entretenho dando-lhe explicações. — resmungou com evidente desgosto. — Não desejo pegar uma pneumonia.

Ela deve ter se sentido mal porque empalideceu. Fora uma forma bastante grosseira de falar e além e tudo em frente aos serviçais, mas Jason não percebeu. Passou junto a ela como um suspiro e foi vestir roupas limpas e secas.

Johana não quis deixar as coisas como estavam. Não era próprio de Jason agir sem consideração alguma, e menos ainda com ela. Recobrou a calma e se atreveu a segui-lo até seu quarto, onde o encontrou sem roupas.

Ruborizou-se um pouco e afastou a vista. Não deveria ter tanto pudor. Já vira Jason assim muitas vezes, mas sempre na cama, quase as escuras e compartilhando a intimidade conjugal.

— Deveria ser mais consciente dos riscos que corre ao se expor a uma tormenta

Não pretendia fazer sermão, mas alguém tinha que lhe falar sobre os riscos.

— Quer deixar de me pressionar? — protestou erguendo a voz.

Deu-lhe uma olhada furiosa.

— Estou preocupada. Tento adivinhar o que está acontecendo porque você está se tornando difícil. Ultimamente mudou seus hábitos. Não está no escritório quando deveria, está sempre irritado, sai para cavalgar com mais frequência que antes; até com chuva.

— Diga-me, meu irmão se queixou de que não confia em mim? — A pergunta foi formulada em um tom brusco do qual não gostou.

— Não seja absurdo. Claro que confio.

E não sabia porque lhe jogava na cara. Sempre tinham formado um casal que se entendia bem, francos e leais. Mas Jason estava diferente. Suspeitava que havia algum problema grave com a fazenda ou com um arrendatário e não queria dizer-lhe para não deixá-la preocupada. Era muito do estilo dele tentar poupá-la de um desgosto e acertá-lo sozinho. Ashton também não devia saber ou teria intervindo.

— Mas ainda assim vigia meu movimentos.

— Eu não faço tal coisa. — Johana se indignou, mas um momento depois voltava a ser paciente e calma como sempre. — Era uma simples observação. — E não entendia porque o deixava de mau humor. Então, um pensamento passou-lhe pela mente. Foi um pensamento angustiante. — Preciso que me confirme algo, ainda que não entre em detalhes se não quiser. — Jason assentiu. — Está mudado: distante e irritável.

— Eu não…

— Não quero insistir nem discutir com você. Não gosto nada disto, mas preciso saber o motivo. Trata-se de um assunto relacionado com o trabalho ou é porque não consigo engravidar?

Pode ver como Jason ficou gelado.

— O que você está dizendo?

Ela tentou se explicar melhor.

— Estamos casados há quase três anos e não engravidei. Alguma coisa deve estar mal comigo.

Johana pensava sempre naquilo, mas nunca se atrevera a verbalizá-lo. Era um sentimento hostil que minguava sua confiança. Quando se casou, acreditava que aquela altura teriam pelo menos um filho e, ainda que as coisas entre o casal pareciam ir bem, se perguntava se Jason não a culparia por isso. E céus, para Johana também era importante. E se seu desgosto não fosse suficiente, fazia semanas que ele não visitava seu quarto. Seria isso? Teria se cansado dela porque não podia lhe dar filhos?

Jason olhou-a intensamente, observando-a e viu a dor refletida em seu rosto. Só ele lhe causava aquilo. Sentiu-se miserável. Era uma completa fraude.

Em outra época teria feito todo o possível para eliminar seus temores e confusões, mas agora não podia já que deixara de ser o esposo que ela merecia.

— Não sabia que pensava isso. — admitiu — Que não tenha engravidado não significa nada. Muitas vezes acontece. — disse para aliviar sua carga.

Um filho. Ela desejava um filho. Deveria ter esperado aquilo, ainda que estivesse abstraído em seus próprios problemas e nem tivesse pensado na possibilidade. Sempre pensou que os filhos chegariam. — Era uma das razões de procurar esposa. — mas não se propusera nenhum prazo. Agora lhe parecia praticamente impossível.

— Então não acredita que seja culpa minha?

— Claro que não!

— Está bem, acredito. Podemos tentar de novo. Não gostaria de ter um bebê para a próxima primavera? — perguntou com um reflexo de esperança.

Johana se aproximou dele e pegou sua mão. Jason sabia o que lhe pedia. O significado de suas palavras era muito claro e irracionalmente, aquele toque e a proposta o irritaram. Justamente naquele momento não poderia lidar com aquilo.

— Não entende pelo que estou passando. — Sua constante luta para fazer o certo, para não se deixar vencer pela paixão, tentar não afetar seu casamento... Esgotava e enlouquecia. — É muita pressão. — desculpou-se enquanto se afastava.

— Se compartilhasse comigo se sentiria mais aliviado.

Inspirou fundo e se recordou uma e outra vez que ela não tinha culpa do que estava sentindo por Ayleen. Simplesmente as coisas já não eram iguais. E ainda que tivesse o dever de se ocupar de sua esposa, de velar por ela, já não a olhava do mesmo modo, nem tinha os mesmos sentimentos. Por Deus, não queria deitar-se com ela, queria fazê-lo com Ayleen.

Sua vida era uma condenada confusão e empestava, e querer um filho, juntos, estava descartado. Sabia também que Johana não aceitaria bem uma recusa indefinida. Nesse momento o tolerava e o pressionava pelo excesso de trabalho, mas se Jason não tirasse Ayleen da cabeça e retomasse suas obrigações conjugais, ela terminaria por descobrir a verdade.

— Deixe-me. — murmurou afinal, esgotado. — Esta conversa não vem ao caso. Vou terminar minhas tarefas. Nos vemos para o jantar. — Jason parou o assunto e se despediu de sua esposa. Não podia deixar de se aborrecer nem desconsiderá-la, porque uma parte dele

estava sumamente frustrada por desejar mais do que tinha. Aquela vida junto a Johana, antes tão calma, agora lhe parecia aborrecida e vazia. Era como se seus sonhos e desejos estivessem mortos, ou mudados, já que desejava outra vida ao lado de outra mulher.

Em que confusão tinha se metido?

Capítulo 12

O tinir das colherinhas e a tagarelice incessante eram as características das reuniões das damas do chá. As mulheres falavam de tudo enquanto comiam deliciosos bocados de comida. Às vezes se contentavam em desfrutar da mutua companhia e outras, criticavam quase cada coisa que as outras diziam.

Desde o instante em que correu para a casa da senhora Haggens, Ayleen parecia ter sido aceita sem reservas. Em algum momento recebia o sarcasmo de lady Strimble, — o que a fazia recordar a amabilidade de seu esposo — e da senhora Smith — que não parecia contente com o êxito social que cultivava entre três cavalheiros em particular, — mas Ayleen se limitava a não dar importância, tal como a aconselhara a esposa do juiz. As outras componentes do clube eram amáveis e educadas, e Ayleen se sentia bastante a vontade entre elas.

Pela regra, se reuniam na casa de alguma das integrantes e naquela ocasião se achavam sentadas no salão dos Morton.

Era uma sala tão acolhedora quanto simples, longe da excentricidade que se apreciava na casa de Henrietta e da ostensividade dos viscondes Strimble. O verde das paredes e do teto combinava com a pureza do branco para criar um efeito luminoso e sereno. As almofadas com borlas e os complementos oscilavam entre o

amarelo limão e o chocolate, enquanto o enorme tapete de lã era de um único tom bege. Os cálidos raios do sol da tarde trespassavam os vidros das janelas através das cortinas presas. Depois da tormenta da noite anterior tinha parado de chover e todas podiam se aproveitar de uma relativa calma.

Enfeitada com um vestido de musselina com quadros de violeta e púrpura já se sentia como se fosse uma delas. O único sentimento encontrado, que sentia, era devido a Johana... e seu esposo.

A recordação do acontecido na cabana do guarda bosques porém ardia em seu íntimo e continuava deixando-a acalorada. Procurava não pensar muito naquilo, mas só o conseguia a duras penas; não durante a noite passada, que lhe parecera eterna. Reviveu várias vezes o calor de suas mãos e a voracidade de seus beijos. Para sua eterna vergonha e consternação também sentira em seus ossos o fio do desejo e a necessidade de sucumbir a ele. Despertara em mais de uma ocasião banhada de suor enquanto notava uma líquida ansiedade entre suas pernas e palpitações no centro de seu ser que não compreendia. Uma parte dela desejava voltar a encontrá-lo para experimentar de novo aquelas sensações sublimes, mas o decoro e a ignomínia que poderia sentir a impediam de agir de outra forma que não fosse tentando evitá-lo.

Naquele dia estava conseguindo uma precária calma. Admitia que Jason Morton tinha razão quando afirmava que aqueles sentimentos não desapareceriam assim sem mais. Em seu íntimo, temia conseguir justamente o contrário. Amaldiçoava-se por ter permitido que tudo acontecesse, enquanto se perguntava se poderia agir de uma forma diferente evitando aquela imoralidade. Fora educada no respeito pelo próximo e faltara a aquele preceito na primeira oportunidade. Estava

certa que o decepcionaria, o que sentiria sua mãe ao sabê-lo, se estivesse viva.

Quanto a Jason… não ajudava. Segundo suas palavras entendia menos que ela, mas não podia se controlar nem deixar suas mãos afastadas dela e isso era desencorajador… e excitante. Talvez pensasse que procurá-la como uma forma de acessar novos prazeres, mas quando ele lhe assegurou não querer torná-la sua amante, acreditou. Sua sinceridade era impossível de fingir. Ayleen não conseguia pensar estar tão equivocada a respeito da qualidade moral de outro ser humano. Ainda que não soubesse muito do assunto, estava segura, que a paixão não fazia diferença de status social ou entre homens e mulheres. Era lógico pensar que podia surpreender tanto uma pessoa solteira como casada, e chegara a conclusão que não era culpa de ninguém. A diferença estava em como se agia; e eles não o fizeram nada bem.

Nesse caso e devido ao respeito que professava a Johana, se sentia a pior das mentirosas. Ela lhe abrira as portas de sua vida e da comunidade e Ayleen pagava desfrutando dos beijos e toques de seu marido; porque não podia negar que o desfrutavam. Se ainda sobravam dúvidas, só tinha que contar as incontáveis vezes que, somente nessa manhã, se refreara para não voltar a cabana do guarda bosques. Talvez fizesse tripas de sua honra, mas lutava com todas suas forças para conservar sua dignidade. Por isso duvidara tanto na hora de aceitar o convite dela para se reunirem em sua casa. Procurou as desculpas plausíveis de última hora. E se o encontrasse em casa? Era bem provável e algo a levar em conta. Algum dos dois poderia se trair e levantar suspeitas. No entanto, devia reconhecer que não era só por isso. Temia voltar a vê-lo e corar como uma inocente donzela.

Descobrir que aquilo que havia sentido entre seus braços não desaparecera. Temia desejar mais. Também podia dar-se o caso de Jason Morton se acalmar, uma vez conseguido o que desejava, e desaparecesse o seu sentimento por ela. Sua vaidade feminina, maldita fosse sua estampa, não o suportaria. O que a aterrorizava mais era o fato de comprovar que nada nele mudara e que, se lhe desse uma oportunidade lhe pediria, esta vez sim, que fossem amantes.

Ele a manteria como se dizia que faziam os homens assim? A presentearia com bugigangas de vez em quando? A usaria como a uma vulgar prostituta?

A possibilidade de aceitar qualquer coisa desonrosa a fazia perder o sonho. Estava tão necessitada de afeto que seria uma presa fácil? Porque não se tratava só de sexo. — continuava enrubescendo cada vez que pensava nele. — Gostava de estar com Jason e acreditava que o sentimento era mútuo, mas a incerteza a invadia. Se não tivesse se sentido tão assustada quando ele a tocou, talvez a estas horas saberia o que se sentia ao estar nos braços de um homem e gozar com ele. Jason a desejava, estava certa disso, mas também a consolava se fosse necessário.

Em algum momento das últimas vinte e quatro horas imaginara o que ele poderia ter feito na cama com Johana, sua mulher e legítima companheira. Não gostava de sua própria resposta diante daquilo. A biles amarga se instalara em seu estômago eliminando qualquer possibilidade de saborear a comida. Era uma reação imprópria que a advertia da importância que Jason Morton estava adquirindo em sua vida. Recordava que ele afirmara a grande diferença que havia entre querer e o que sentia por ela. Agora se perguntava se aquilo queria

dizer que havia uma possibilidade de chegar a amá-la. Estremeceu só de pensar, ainda, que não soubesse se era devido, a esperança ou ao pânico.

— Encontra-se mal? — A pergunta veio da muito observadora Johana.

— Não, obrigada, só foi um inesperado calafrio.

Era muita pressão estar ali, naquela casa e em companhia da própria esposa de Jason. Além do grupo de mulheres ser influente o suficiente para converter sua vida em um inferno. Só estava ausente Clarisse Laurens que, a poucos dias de dar a luz, permanecia reclusa em sua casa.

Uma das coisas que tinham como ordem do dia era estabelecer os detalhes do presente destinado a ela, pelo motivo do feliz acontecimento. Durante aquele último mês, cada uma das presentes tinha feito um turno para aproximar-se da casa da família e fazer-lhe companhia. Ayleen a considerava uma mulher doce e ajuizada que desejava ter sua filha ou filho nos braços. Considerava que seria uma boa mãe, o que a fez pensar se seu inicial planejamento de viver sua vida sozinha era, não a mais correta, mas a que desejava de verdade.

Nesse momento, lady Strimble estava encarregada de todo o dinheiro que arrecadaram com a ajuda de todas e cuja beneficiaria seria a paróquia do povoado.

— Este ano conseguimos uma quarta parte a mais que a do ano passado. — declarou a viscondessa satisfeita.

Ainda que fosse bastante desagradável em geral, estava feliz por poder ajudar. Até esboçou o que lhe pareceu um sorriso que, longe de melhorar sua aparência, a piorou.

— Sim. — afirmou Juliet Been. — Nossos vizinhos se mostraram

muito generosos.

Todas concordaram, sabendo que era a que havia conseguido mais fundos. Ayleen pensava que, de certa forma, tinha o mesmo talento que seu irmão para conseguir dinheiro. Se fosse mais arrojada e tivesse nascido homem, não haveria tanta diferença entre ela e o senhor Been.

— É agradável saber que nossa comunidade conta com numerosos cristãos piedosos e tementes a Deus.

A senhora Smith o soltou como se fosse ela a que estivera em um púlpito e falasse aos seus fregueses. Até suas filhas, habitualmente comedidas, a olharam com absoluta incredulidade e deram algumas risadas.

Lady Strimble ergueu os olhos aos céus como quem pedia paciência por tanta estupidez alheia.

Johana Morton não mudou, em absoluto.

Como sempre, foi a senhora Haggens quem terminou falando por todas as demais.

— Sim, querida, foi uma sorte. — Seu tom evidenciava o contrário. — Quem sabe o que seria de nós, se vivêssemos na cidade. — fez uma pausa — Estaríamos rodeadas de delinquentes, prostitutas, ladrões e eternos bebedores de cerveja que gastariam até o último centavo se suas esposas não controlassem cada moeda.

Ayleen nunca vira Rose Smith avermelhar daquela forma enquanto abria e fechava a boca sem pronunciar palavra. Por uma vez acreditava que Henrietta havia extrapolado.

Ela já havia presenciado como a mulher era contrária a respeito de viver nas cidades, onde afirmava que se achavam o pecado e a perversão. Era uma opinião como tantas outras e não se podia

generalizar. Ayleen vivera toda sua vida em Londres sem acreditar que tudo fosse tão ruim. No entanto, seu parecer era tão respeitável como o de qualquer uma. O desafortunado comentário, — ainda que formulado com total deliberação — era que a referência aos bebedores podia se aplicar a George Smith, o marido de Rose. Se não fosse porque ela vigiava as moedas que ele gastava, os Smith poderiam viver na miséria. Segundo soubera, o cabeça da família era um pecador nato. Jamais dera seu dinheiro para uma causa nobre como arrumar a igreja, preferia gastar em cerveja e conhaque.

— Mas como vivemos em Greenville, — interveio com presteza a anfitriã, — não teremos que nos preocupar por isso, verdade, Henrietta?

Lançou uma olhada para a aludida carregado de significado.

— Claro, claro. — Ela se refrescou com um leque de penas muito ostentoso. — Só falava por falar.

— Bem, se estamos de acordo, é o momento de comentar o livro que todas lemos.

Johana se levantou para pegar um volume em uma mesinha próxima e todas a imitaram aliviadas.

O livro era *Norte e Sul*, de Elizabeth Gaskell. Ayleen estava um pouco emocionada por comentar com alguém, algumas de suas leituras. Se apegou a elas ao passar infinidade de horas sentada ao lado de seu pai após o terrível acidente. Às vezes lia livros que sabia que gostava e outras recitava poemas, mas na maior parte eram obras de sua predileção. Sua biblioteca era bastante extensa e abarcava muitos assuntos.

Porém, agora, dedicava algumas horas ao dia a tão agradável passatempo.

Quanto as damas do chá, tudo começara da forma mais simples. Lamentara ao perder o livro que depois Jason Morton lhe devolveu. Falara desse costume por ler e a maior parte delas se mostraram interessadas, não tanto pela leitura em si, mas pelo argumento desse último livro. Todas se apressaram a pedir ao livreiro, com a intenção de utilizar uma de suas reuniões quinzenais para comentá-lo. Agora estavam ali para tal fim.

— Foi uma leitura interessante, no mínimo.

Henrietta foi a primeira a falar.

— Estou de acordo. — Johana sorriu pela primeira vez em toda a tarde. — Desfrutei muito com ele.

Até as jovens Smith se apressaram a ler também.

— É uma história tãããoo romântica. — proferiu Violet em tom melodramático pondo as mãos sobre o coração. Sua irmã balançou a cabeça concordando.

Ayleen também o achara romântico, mas preferiu reservar sua opinião sobre aquilo.

O livro do qual falavam narrava a história de Margaret e John. Ela, proveniente do sul da Inglaterra, devia mudar-se para uma cidade industrial do norte do país, onde ele vivia. As formas de pensar e viver de cada lugar do país faziam eco nos dois personagens principais enquanto refletiam uma sociedade diferente e em mudanças. O bonito de todo o assunto era que, sem nem um beijo, a autora continuava criando um clima romântico que se arrastava até o final das páginas. Era impossível não suspirar de emoção.

Como sempre, costumava ter discrepâncias e pontos de vista distintos.

— Só alguém com uma alma sensível veria algo de romântico no

livro. — replicou lady Strimble.

— Isso não é de tudo certo. — Henrietta mostrava um sorriso cúmplice e lhe piscou o olho. — Eu mesma… lorde Jason! — anunciou de repente interrompendo o que estivera a ponto de dizer.

A cadeira da esposa do juiz estava virada para a janela enquanto Ayleen e Johana, uma ao lado da outra, lhe davam as costas.

Ambas se viraram depressa como movidas por uma mola.

De repente, Ayleen sentiu que o ar da sala parecia ter diminuído. Isto, e um furioso golpe no estômago, eram os únicos sintomas que poderiam evidenciar a repentina agitação da qual era presa.

Por um momento captou certa tensão no rosto de Johana que a inquietou, mas desapareceu logo e o rosto de porcelana dela refletiu a serenidade habitual. Fora tão fugaz que pensou que talvez tivesse imaginado.

Ouviu-se o som da porta principal e uma voz que lhe foi impossível identificar. Depois outra, que reconheceu e que não era capaz de esquecer.

As pesadas e rápidas pisadas de botas se aproximaram da salinha na qual estavam todas, na expectativa. Quando Johana mostrou a intenção de se levantar, a porta se abriu e Ayleen pensou que jamais um homem poderia parecer tão elegante aos seus olhos.

— Boa tarde, senhoras. — inclinou a cabeça para saudar enquanto seus olhos escrutinaram cada rosto até dar com o dela.

Foi só um instante; tão curto que poderia ter sonhado, mas não, não fora assim. Entre os dois se estabelecera uma comunicação sem necessidade de palavras.

Todas responderam a saudação com educação e ele se aproximou de Johana.

— Regressou cedo. — indicou Johana.

— Pouco trabalho, assim, pensei em terminar antes. — Olhou a todas, sorridente. — Não sabia que contava com a companhia destas lindas damas.

O elogio não impressionou a nenhuma das presentes, mas todas o aceitaram com graça.

— É nossa reunião habitual, jovem. — Foi Henrietta quem, sem perder um mínimo da compostura, manifestou o fato evidente enquanto continuava bebendo sua xícara de chá.

Ayleen continuava sem muito interesse no diálogo, estava mais concentrada em não demonstrar nenhum sentimento ao parecer cortês. Temia ficar olhando-o abobalhada ou cometer algum deslize. Quando se atreveu a olhar em sua direção, lhe pareceu que estava concentrado por completo em Henrietta.

Usava as calças cinzas que delineavam suas firmes pernas, assim como as escuras botas de montar. Uma fugaz visão dele, com uma parecida, na tarde anterior, a deixara corada. A jaqueta listrada em um tom similar não conseguia ocultar seu poderoso corpo. O colete, negro, escondia uma camisa, branca, que protegia um torso pouco peludo e delineado. — que supôs ser fruto das cavalgadas diárias. — Claro que seria impossível vê-lo, mas Ayleen era incapaz de esquecer a figura que oferecera na cabana do guarda bosques: só masculinidade e fogo. Tampouco via suas mãos, protegidas da intempérie por luvas de couro. Ainda assim, a recordação delas, mostrando fortaleza e suavidade enquanto acariciavam seus lábios, era tão intensa como se estivesse acontecendo naquele instante. Seus cabelos dourados como o trigo estavam revoltos e lhe davam um encantador aspecto diabólico. A barba que apontava em seu queixo reforçava a ideia. Seus olhos

verdes pareciam brilhar e um rebelde e preguiçoso sorriso bailava entre seus lábios.

Estava com um bom problema. Após observá-lo em profundidade, não encontrava nenhuma imperfeição. Olhando o vazio pensou se as coisas sempre seriam assim, ela cobiçando algo, que jamais seria seu. Começava a se ver incapaz de lidar com o doloroso desejo que sentia ao vê-lo e quando pensava nele. Em que momento entrara naquela situação tão complicada? De verdade Jason sofreria a mesma incerteza e desespero? Era fácil dizer que não, vendo-o tão relaxado em sua própria casa, junto a sua linda e perfeita esposa e gozando de uma vida prazeirosa. No entanto, dera tantas voltas a essas perguntas sem resposta, que não conseguia decidir qual seria a certa. Se chegassem a saber perderia tudo... Ainda que bem pensado, ele poderia perder tanto ou mais que ela. Um inconveniente importante era que na sociedade na qual viviam, homens e mulheres não tinham os mesmos direitos. Ayleen seria repudiada pela alta sociedade e a ele se limitariam a repreendê-lo. Acaso seria justo perder tanto só por sentir que um homem a desejava?

Olhou-o de novo quando lhe ofereceram uma xícara de chá e começaram a enchê-lo de perguntas. Em certo momento se descuidou, seus olhos voltaram a se encontrarem e Ayleen viu neles a mesma contenção, ânsia e frustração que a invadiam.

Sua parte sensível de mulher se sentiu elogiada e reconfortada. Era uma tolice se sentir assim, mas não podia evitá-lo. Com o coração palpitante de algo parecido ao afeto decidiu se esquecer por um instante de suas próprias necessidades e concentrou toda sua atenção a conversa que estava se desenrolando na sala.

— Faz muito que não vemos lady Cláudia. — A senhora Smith

agitava as pestanas como se estivesse flertando com ele.

Jason custava aceitar a curiosidade, — não sabia se normal ou não — que a família Morton despertava nos habitantes de Greenville. Alguns deles seguiam seus passos com verdadeiro interesse e nunca faltavam às bem intencionadas mostras de preocupação no caso de algum percalço.

Ashton, tão altaneiro e distante, era o que provocava invejas masculinas ou recebia suspiros melancólicos das mulheres. Seu título de duque e sua relação com a rainha Victoria, arrancavam admiração ou animada aversão, por onde ia. Sua irmã pequena, acessível, alegre e alvoroçadora era procurada como amiga, — ainda que realmente não tivesse nenhuma — e aceita aonde fosse. Suas contínuas ausências de Carmine's Place ajudavam a mistificá-la.

— Continua viajando pela Europa com minha tia e primas. — informou.

— Sente saudades. — arguiu.

Jason não sabia muito bem como tomar aquele interesse. Sim, era certo que todos a conheciam e ela correspondia por sua vez aprendendo o nome de todos eles. Durante sua infância, o seguia, com seu pônei, indo a toda parte, já fora ao povoado ou aos campos. Depois de crescida e quando estava em casa, procurava segui-lo em seus múltiplos afazeres. Também fazia o papel de senhora da casa visitando as mulheres e seus filhos. Cláudia tinha um coração muito bondoso.

— Logo deverá se apresentar em sociedade. — Lady Strimble fez a afirmação como se estivesse a par do pouco que faltava para isso.

— É certo. — interveio Johana. — Minha cunhada aproveita esse tempo antes de encontrar um bom homem.

Perguntaram também por Ashton e Jason teve que saciar sua

curiosidade, por sua ausência. De toda forma, ainda que estivesse em Carmine's Place perguntariam. Até se atreveriam a expor suas impressões por sua proximidade com certa dama na festa da primavera.

— Não. — respondeu a uma pergunta indireta por parte da senhora Smith. — Não tenho conhecimento algum de seus planos para se casar, — e um pouco aborrecido acrescentou — mas posso fazer fazê-lo saber sobre suas preocupações sobre isso e esperarei que ele lhes dê as explicações pertinentes em uma ocasião mais propícia.

Como imaginava, aquilo cortou pela raiz as perguntas intrometidas. Tentando encontrar um assunto inócuo que as afastasse das perguntas sobre sua família se interessou pelo motivo da reunião.

— Bah! — respondeu Henrietta, — um pouco disto, um pouco daquilo. — parecia como se desfrutasse do sentido vago de suas palavras. — Já sabe, coisas de mulheres.

— Hoje é uma seção de leitura? — perguntou sem se mudar. Jason também sabia observar. — Digo pelos livros que têm ao lado. — explicou quando viu a confusão de seus rostos.

— É mais um debate ou conversa informal sobre um livro, na verdade.

Johana o olhava estranhando, perguntando-se o motivo de tanto interesse.

— Oh! E de que se trata o livro?

— Não deve conhecê-lo, lorde Jason. — Juliet se atreveu a dirigir-se a ele.

— Não, se não disserem o título. — começava a se divertir.

— É *Norte e Sul.* — A voz de Ayleen saiu cantada por causa da impetuosidade da resposta.

Jason se surpreendeu ao ouvi-la. Pensava que não abriria a boca. Não enquanto ele estivesse ali. Agora tinha um motivo para olhá-la

sem que ninguém suspeitasse algo oculto por eles.

Alguns suaves cachos ondulados se soltaram da sua cabeleira castanha a qual estava presa. Os raios do sol que entravam pela janela se refletiam neles conferindo-lhes o aspecto quente e avermelhado da cor do outono que precedia o inverno. O modesto vestido quadriculado que a cobria, não ocultava um mínimo do encanto que descobrira na tarde anterior. Não lhe custava nada pensar no desaparecimento daquela roupa, para imaginá-la em roupa íntima; rosada, vulnerável e absoluta e deliciosamente apetitosa.

Engoliu a saliva.

— Boa novela. — Declarou em uma tentativa para não se deixar levar por seus pensamentos.

— Você a leu? — O estupor, agora vindo de sua esposa, o aborreceu.

— Sim, claro. Tinha-a entre suas coisas. Agora mesmo não recordo quando a li, mas… — Jason não sabia se Ayleen acreditaria no que acabava de dizer, mas a verdade era que ao perder o livro chegou a tomar um interesse particular e isso o levou a ler o da sua esposa. Devorara a história como nunca fizera, esperando encontrar entre suas páginas um indicativo que se aproximasse ao pensamento dela. — Se não lhes importunar a minha presença, gostaria de ficar e dar minha opinião sobre uma novela tão interessante.

As exclamações de estranheza, surpresa e prazer não se fizeram esperar.

Johana o olhava, abobalhada, e notava, mas ele evitou seu olhar para não ter que dar desnecessárias e complicadas explicações.

Todas pegaram seus livros, alguns dos quais tinham pontos marcados em determinadas páginas. Ele não contava com aquilo para

refrescar sua memória, mas não duvidava que recordaria de cada um dos assuntos quando fosse necessário. O primeiro ponto, como era de se esperar, foi o polêmico e prolífico assunto das diferenças entre o norte e o sul do país.

— A escritora faz um retrato bastante desmoralizador da parte mais industrializada. — começou a senhora Smith. — Dou por certo que se trata de exageros para incrementar o interesse da novela.

— Mas se equivoca por completo. — Jason tinha o dever de abrir os olhos das mais céticas. — O ambiente de Manchester ou Liverpool é tal e qual como o descrevem.

Jason, como administrador da propriedade e dos interesses comerciais do ducado, viajava com frequência e há muitos anos, não só a Londres, mas a qualquer cidade do país. Investira seu dinheiro e o de Ashton em vários negócios por toda a Inglaterra e se relacionava com todo tipo de pessoas; desde homens como o senhor Been — que havia alcançado uma enorme fortuna com sua inteligência e saber, — como comerciantes de todo tipo e nobres que não tinham problemas em aplicar uma fortuna alternativa a qual tivessem vinculada ao título que possuíam. Estes últimos eram poucos, mas a medida que a nação se industrializava por completo, os aristocratas perdiam os escrúpulos.

— Eu estive em Londres. — afirmou lady Strimble. — Na verdade tenho casa lá e em breve me mudarei, para a temporada social. Não tenho visto o que essa Gaskell descreve.

— Talvez porque frequente os lugares errados. — respondeu Jason com seriedade. — Posso afirmar-lhe que há bairros de gente humilde e trabalhadora que luta cada dia para sobreviver. Em todas as cidades importantes. — reafirmou.

— Para nós, o que nos emocionou, — interveio com prudência, Jasmin — foi o momento da revolta na qual ela se põe na frente para se salvar. — Sua irmã concordava entusiasmada. — Oh, que valentia!

— Uma estupidez, diria eu. — Henrietta não perdeu a hora de dar sua opinião. — Poderia ter saído gravemente ferida.

— Isso é porque são uns bárbaros sem educação. — Rose Smith balançou a cabeça indignada. — Olhe nós mesmos; aqui, em Buckinghamshire, não há revoltas, nem essa desmedida violência.

— Algo terão que fazer para reclamar seus direitos. — replicou Jason. Por um lado achava normal as opiniões daquelas mulheres de boas famílias que viviam protegidas no campo. No entanto, sentia-se um pouco decepcionado por não ouvir o que Ayleen tinha a dizer. Tanto ela como sua esposa pareciam ter ficado mudas. Em sua esposa era normal, já que odiava as confrontações. Naquela tarde, exercia o papel de anfitriã e, como tal, sentia como seu dever moderar, não alvoroçar. Esperava de Ayleen alguma coisa mais que um silêncio de expectativa. Talvez desejasse ver a garra que esgrimia diante dele quando se sentia atacada.

— Bufff. — O bufo desprezivo de Augusta expressava a opinião que os direitos daquela gente merecia.

— Também deploro, — continuou Jason sem se modificar — o orgulho e o excesso dessa suposta educação em Margaret. Alguém tampouco pode se apresentar sem mais, onde não foi convidado.

— Isso é um insulto as boas maneiras de pessoas como nós! — A senhora Smith estava escandalizada. — As habituais visitas a vizinhos e amigos são o sumo da civilização. Ignorá-lo seria o fim da humanidade!

— Talvez não tanto, senhora Smith. — A senhorita Been tentou

ser conciliadora. — Talvez suas prioridades sejam diferentes.

— Diferentes e equivocadas. — Lady Strimble desejava por ênfase em quem tinha razão. — Se, até para se despedirem dão a mão como vulgares ladrões!

— Mas, acaso imaginam o que John devia sentir ao tocar a mão nua da mulher que amava?

As sentidas palavras saíram de Ayleen, que ao se sentir como o centro dos olhares, se calou de vez.

Jason percebeu uma emoção contida em seus olhos e não conseguiu evitar o desejo de fazer aquilo mesmo e provar a suavidade de suas mãos de alabastro.

— Só de pensar tenho vontade de desmaiar aqui mesmo. — murmurou Violet com fervor.

— Se se desvanece será por causa do soco que receberá por dizer semelhante absurdo. — replicou azeda sua mãe.

— Pois estou de acordo com Ayleen. — Como não. — A senhora Haggens gostava de desafiar as convenções sociais. — Se uma mulher não se estremece diante desse gesto, é que o homem não está destinado a ser seu.

— Bobagens! — Augusta se indignou. — Um homem nunca deveria tocar a mão nua de uma mulher até que não fosse seu marido. Não deveria dizer isso diante destas impressionáveis jovens. — Referia-se às Smith.

Enquanto elas discutiam e Johana tentava restabelecer a ordem, Jason a olhou e esboçou um pequeno sorriso de cumplicidade, mas ela virou a cabeça envergonhada. Entretanto, tinha ali mesmo a prova de quão romântica e sonhadora ela poderia chegar a ser. Para que ela amasse, alguém teria de agir, não só com gentileza e devoção, mas

com algum arrojo e falta de vergonha para descobrir o maravilhoso mundo do amor compartilhado. Em um momento de total certeza desejou ser ele quem pudesse consegui-lo.

Foi Henrietta quem pigarreou sem delicadeza para aliviar o ambiente e evitar mais discussões. Dirigiu-se a anfitriã, mas para perguntar algo diferente.

— Querida, talvez possa nos dizer sua opinião sobre o livro. É a única que não deu seu parecer.

— Isto, eu… — parecia atribulada.

Jason suspeitava o motivo. As coisas entre eles, devido a sua saída de tom da noite anterior, fizeram mal ao seu casamento.

— Talvez uma passagem do livro que a tenha enternecido. — insistiu ela.

— O que poderia dizer é a impressão que me causou a última despedida de Nicholas a sua filha Bess. Devo reconhecer que me fez chorar.

Nem bem o disse, todos, menos Ayleen, que não sabia da história, levantaram a cabeça e olharam para Augusta, que empalidecera.

Jason também havia sentido a comovente dor de um pai ao perder sua filha ao ler aquela passagem. No passado, os Strimble perderam uma filha quando contava doze anos de idade. Quando morreu, ele nem havia nascido, porém, era sabido como a jovem falecera por causa de um golpe na cabeça quando a queda de um cavalo a jogou a uma vala.

Ayleen não conseguia entender o repentino e incômodo silêncio, mas permaneceu calada e atenta.

Para não aprofundar a dor da mulher, Jason retomou o assunto

anterior e lançou uma afirmação que conseguiu acalmar os ânimos, já que todas prestaram total atenção.

— Queria acrescentar, — começou para dar tempo a Augusta para se recuperar — que dar a mão é secundário diante da injustiça que ela comete com Thorton quando ele lhe declara seu amor. — O silêncio da salinha era pesado e todas esperavam que pronunciasse as palavras seguintes. — Margaret se sente ofendida por um amor desinteressado e nobre, — Agora, as palavras já não eram destinadas as damas do clube, mas a uma só mulher, na verdade. — quando esses sentimentos só podem enaltecê-la. A jovem não entende que quando um homem ama, o faz com toda a devoção de seu coração. Tanto se ela o aceita como se não, não pode obrigá-lo a mudar o poderoso desejo do qual é preso. Ela acende uma chama que, por muito que sopre, jamais se desvanecerá. Se não chegam a estar juntos, o homem perecerá com o último alento em seus lábios pronunciando seu nome, reverente.

Saído de algum similar transe, Jason pensou que havia enterrado os pés. Uma vez começado o discurso, as imagens imaginárias dos dois protagonistas desapareceram para dar passagem a de Ayleen e ele. As palavras, que uma vez ditas eram impossíveis de retirar, foram tão sinceras que se perguntava até onde chegava o interesse por sua vizinha. As expressões das damas do chá oscilavam entre a incredulidade e a emoção contida, e talvez não houvesse pronunciado o nome equivocado.

Todas olharam para Johana com algo parecido a alegria e a inveja, dando por certo que era a destinatária das comoventes palavras. No entanto, soube sem olhá-la de frente, que a verdadeira receptora de tal declaração não se equivocara ao pensar como as

outras estavam erradas. Observou-a apertar os punhos, franzir o cenho e esboçar um encantador biquinho de confusão. Negava-se a olhá-lo e Jason entendia a razão. Teria confessado amá-la? Não, mas talvez dera a impressão. Sentia um forte sentimento por ela mas, amor? Era impossível, demencial.

Talvez, se ficasse não teria sido uma boa ideia, depois de tudo.

Capítulo 13

Queridos Ashton e Jason,

Se dissesse que não sinto falta de vocês dois estaria mentindo. Estou aproveitando esta emocionante viagem, as paisagens e os monumentos, mas um pedacinho de meu coração ficou em Carmine's Place.

No entanto, quem pode se aborrecer em Veneza ou Roma? Há muito que ver e algumas coisas em especial me chamaram a atenção, como as igrejas. Sabem quantas há em Roma? Mil! Creio que inclusive mais que em toda a Inglaterra. Nem passando um ano na cidade poderíamos conhecê-las todas. Então, porque Helen e tia Mildred parecem querer fazê-lo? Hoje mesmo fomos a basílica de Santa Maria em Aracoeli. Conhecem-na? Tem uma enorme escadaria de mármore e chegando aos sessenta degraus deixei de contar. Uma autêntica tortura! Suspeito que meus pés ficaram machucados e nunca voltarão a ser os mesmos.

Sei que os dois vão rir, ao lerem estas linhas, mas não é fraqueza, não. Se vocês estivessem vestidos de mulher saberiam o desespero e as dificuldades.

E logo está o Coliseu. O que dizer dele? Só em cruzar o Arco de Constantino e vislumbrar aquela massa de pedra com tanta história faz

com que me pare o coração. Não me importa que esteja meio as ruínas. Na Inglaterra não temos nada parecido.

Também aproveitamos das várias merendas ao ar livre. A mais memorável foi a que o cônsul ofereceu. O tempo estava magnífico e as pessoas pareciam querer nos agradar, não como aquelas francesas. Comprovamos com autentico estupor que meu italiano é melhor do que acreditava. Graças a Ash por ter me obrigado a continuar com as lições. Por uma vez — sem que sirva de precedente, — vou lhe dar razão.

A única nota discordante é tia Mildred, que não deixa que me aproxime dos bailes. E mais, me manda dormir cedo, como se fosse uma menina. Por sorte, no ano que vem será minha apresentação e ninguém — incluídos, vocês dois — poderá impedir que dance toda a noite.

Recordem-se para o futuro.

Nossa prima Angy já não deve se preocupar com isso. As campainhas das bodas soam cada vez mais perto. Não sei muito bem o que significa, mas Robert confessou ao seu irmão que é difícil se controlar e que a espera se torna cada vez mais dolorosa. Será que a ama profundamente e sofre por isso?

Se me perguntarem como fiquei sabendo, direi que não tenho culpa de escutar conversas particulares. Eu só passava por ali e ao ouvir o nome de Angy…

Suponho que terão notado um amadurecimento em mim que antes não tinha. Estou me comportando muito melhor e quase nunca protesto. E em menos de duas semanas partiremos. Desta vez iremos a Madrid e Sevilla.

Bem, é o momento das despedidas. Esperem minha próxima carta. E Jason, dê um beijo e um forte abraço a Johana de minha parte.

Quero-os,

Cláudia.

Jason deixou a carta de sua irmã, que chegara no dia anterior, sobre a mesa do desjejum e esperou a resposta de sua esposa. Fazia dias que o sorriso se apagara do rosto e a tensão era mais que palpável. O casamento dos Morton já não era o daquele casal que despertava admiração, inclusive inveja. Melhor, se mostravam frios e distantes um com o outro. Não que tivessem deixado de se falar. Johana continuava contando-lhe como fora o dia ou seus planos do meio da tarde. Claro que era muito concisa e apenas adornava seus relatos. Era como se não fizesse o menor esforço para normalizar a situação.

Para Jason, o acontecido no dia da tempestade não fora nenhuma discussão, ou, pelo menos, não uma diferente, mas os efeitos foram os mesmos. Sabia que Johana estava aborrecida e se sentia ferida, tanto por suas palavras como por não confiar nela. Por sorte, Ashton estava em Londres e não tinham que fingir. Assim, sua ausência era uma benção. Um descuido, um deslize e seu irmão perceberia o desacerto entre eles, e claro não poderia resistir a tentação de intervir, como sempre fazia. Como duque e cabeça da família acreditaria ser sua obrigação.

Sua tia Mildred lhe permitia que agisse desse modo. E se apoiava muito nele. Ainda que tivesse um filho varão e três genros com uma boa posição social, sempre procurava seus conselhos, fosse em assuntos financeiros, ou opiniões sobre os assuntos relacionados com algum tipo de atividade social. Para isso Ashton era seu preferido. Ela adorava aquela soberba rigidez da qual tanto se orgulhava, seus impecáveis modos ou sua intuição. E claro, sua amizade com a rainha Victoria. Em troca, Jason preferia sua versão mais discreta e não

queria que metesse o nariz em seus assuntos. De toda sua família, Ashton era o mais frio e o que menos o entenderia.

Quanta falta lhe fazia Cláudia, menos comedida que seu irmão, mas mais próxima. Era um apoio muito importante em sua vida, mesmo sendo tão jovem. Entendia os erros, sabia escutar e sobre tudo, perdoar, porque tinha um coração muito grande. Entenderia o caso com Ayleen ou também lhe teria ocultado? Com segurança. Se bem que podia chegar a ser muito compreensiva, queria muito a Johana e não aceitaria, nem toleraria o engano.

— Se não se importar, depois a lerei com calma. — murmurou Johana tão baixo que teve de fazer esforço para entendê-la.

Não era a reação que esperava dela. Jason supunha que mostraria mais interesse e se inclinaria para comentar a carta com ele.

Não foi assim.

— Como quiser.

Cabisbaixo continuou tomando o café da manhã no mais absoluto silêncio enquanto meditava sobre o que fazer com sua esposa. Sabia que se tornara um covarde, porque após a discussão, não procurou uma aproximação. Por um lado o incomodava ver-se naquela situação pouco agradável, mas por outro se convencia de não ter que dar explicações de seus atos. Isso o fez se questionar bastante. Desde quando se tornara um ser tão desonesto, insensível e cruel? Acaso faltavam-lhe sentimentos? Era certo que não via sua esposa do mesmo modo, mas, ainda assim, ela continuava sendo a mesma com quem se casara: uma mulher boa, afetuosa, que o amava. Não fora ela quem mudara.

Seus demônios interiores o corroíam. Sentiu-se pior que uma mísera barata, rasteira, ruim. Estava cometendo uma injustiça com

Johana e deveria se arrepender de cada um de seus atos e pensamentos. Então, porque não conseguia? Pelo menos não no que se referia a Ayleen, — seu desejo era muito forte — mas sim, sobre a aflição que caía sobre sua esposa. Isso poderia remediar. Pensava se uma reconciliação poderia ser simples, mas ao menos deveria tentar as vezes que sentia falta. Não suportava ficar assim.

Pigarreou.

— Johana… — murmurou em uma tímida tentativa.

Mesmo sendo um homem sensato e decidido, não lhe parecia simples dar o primeiro passo, pois não sabia que reação encontraria. Também não descobrira como Johana aceitara sua intervenção na reunião das damas do chá. Pensaria por acaso que se tratava de uma intromissão? Que teria ido longe demais? Era difícil encontrar uma resposta já que não demonstrara nenhuma emoção, em nenhum sentido, negativo ou positivo. E não fizera a mínima referencia aquela tarde.

Ela levantou a vista de seu prato e enrugou a testa.

— Sim?

A conversa entre ambos era tão escassa, que se alegrou ao ouvir sua voz pela segunda vez naquele desjejum.

Não era uma situação nada agradável para nenhum dos dois.

— Satisfaria-me que pudéssemos manter uma conversa normal. Não tem nada para dizer sobre a viagem de Cláudia?

Ela ergueu as pestanas.

— O que deseja que diga? Não há nada pelo que se preocupar. Apesar de suas queixas, minha cunhada parece estar muito bem. Tem outra impressão?

— Não.

— Bem.

— Está bem. Só vai dizer isso? Não deveria, se espantar pela situação de Angeline e Robert Fillon?

— Com sua tia presente, não. Ela não vai deixar que aconteça nada comprometedor. E não quero que pense que o esteja importunando me metendo em sua vida. — apontou com um toque de ironia, nada próprio nela.

— Isso não é... — Jason calou-se ao reconhecer suas próprias palavras, das quais se envergonhou. — Isto é absurdo, não acredita? Tive um mau momento, admito, mas não foi minha intenção falar de um modo tão grosseiro. O que quer que faça para me perdoar?

Johana ruminou durante alguns segundos. Tratava-se de uma mulher bondosa a qual custava pouco perdoar.

— Deve-me uma desculpa sincera. — anunciou sem muita dureza. — E o que na verdade importa: uma explicação.

Percebeu que o primeiro era mais fácil que o segundo.

— Sinto muito, Johana, — começou dizendo enquanto sua mente se esforçava procurando uma desculpa plausível para seu reprovável comportamento. Não podia admitir o que sentia por Ayleen. Isso a destruiria. — Estou tendo certas dificuldades.

— De que tipo? — pressionou. Porque Jason falava pelo meio.

— Financeiras.

Observou-a conter a respiração. Johana estava relacionando o estranho comportamento de Jason com o que acabava de ouvir e pensou na pior das situações.

— Deus Santo. Trata-se da fortuna da família? Acreditei que seu irmão fosse rico. O que aconteceu? E quando? — Parecia querer averiguar como tivera lugar aquela catástrofe e se em parte ela tinha

algo a ver. — Excedi-me com a festa da primavera? Trata-se disso? Não deveria convidar tanta gente.

Jason balançou a cabeça. Não queria que pensasse que estavam a beira da falência.

— A fortuna de meu irmão é mais que excelente. — afirmou contundente em uma sinuosa explicação. — Eu diria que magnífica. Graças a Deus, não é tão grave. Então pode ficar tranquila.

Olhou-o surpresa.

— Então?

— Só estou tendo alguns pequenos problemas para recuperar o dinheiro de um investimento. Está demorando mais do que deveria.

— Um investimento. — repetiu. — Tudo isto por um investimento?

Johana não aceitou a explicação com facilidade. Estava desgostosa e seu rosto o mostrava. Pensava se todo o mau humor que suportara de Jason teria valido a pena por umas míseras libras. Nem que fossem mil. Mas logo que acabou de ouvir seu relato se recobrou.

— Convenci Ashton para que se envolvesse em um negócio que acreditei fosse lucrativo. Ele era contra porque ouvira certos rumores. Assim, se perder o dinheiro terá sido por minha culpa.

— Sente-se responsável.

— Sim.

Jason reparou como se saia bem mentindo e como estava se acostumando a fazê-lo. Aquela habilidade não deveria ser motivo de orgulho. Era uma conduta reprovável que o tornava cada vez mais hipócrita.

— Ashton não sabe, certo?

— Não, e peço-lhe que não diga nada. Posso solucionar tudo. A

única coisa que preciso é tempo.

— Está bem. — aceitou após alguns segundos. — Posso justificar seu comportamento, mas desejaria que tivesse me contado antes. — Johana esboçou um sorriso de compreensão e apoio. Não pensava insistir mais. Tinha suficiente confiança em Jason para saber que poderia solucioná-lo.

— Obrigado.

Podia prometer por todo o empenho para fazer sua esposa feliz. Seria mais que justo. Claro que não estava seguro de poder cumprir, não quando Ayleen significava tanto para ele e seus sentimentos cresciam a cada dia.

— Faz uma manhã muito bonita para ficar encerrado. — comentou Johana depois de terminar o desjejum. — Porque não se permite um descanso e me acompanha em um passeio de caleça?

Johana se levantou e ficou às costas de Jason, com as costas da cadeira entre ambos. Fez-lhe uma pequena massagem nos ombros e deu-lhe um beijo na fronte.

Ele não se sentiu nada satisfeito com o gesto carinhoso e teve que se recordar que era Johana, sua esposa. Tinha todo o direito.

— Os caminhos continuam enlameados.

Só fazia uns dias que deixara de chover.

— E não acredita que já nos acostumamos?

— Tenho trabalho.

Ela suspirou.

— Sim, eu sei. Mas não pode se permitir um pequeno descanso?

— Se minha jornada não começou, não posso dizer que seja um descanso.

— Jason…

Sopesou a ideia e afinal decidiu satisfazê-la. Não aconteceria nada por descuidar um pouco de suas obrigações. Fazia-o desde algum tempo e Tim, seu ajudante, era muito competente. Por algumas horas o que duraria aquele passeio se arrumaria sozinho e ele faria feliz a sua esposa.

Tentou dar um sorriso, ainda que forçado.

— Está bem.

Iria se esforçar muito para voltar a recuperar aquela cordialidade a que se acostumaram. Se não quisesse acabar convertido em um ser amargurado cuja existência precisava de importância deveria tirar Ayleen Blake da mente. Não poderia viver eternamente naquele estado de desassossego e aturdimento, como se sua vida pendesse de um fio. Sim, tinha um dilema que implicava duas mulheres e era urgente desvincular-se de uma delas, porque só havia uma solução possível, e estava em frente aos seus olhos: o seu com Johana era um casamento legítimo, consagrado pela igreja. Seriam, marido e mulher, até a morte de um deles. Não havia nada mais. Talvez seus princípios tivessem ido para o chão, — roubar beijos a Ayleen o confirmava — mas sabia qual era seu dever e ter Ayleen como sua amante não estava em seus planos… por mais que o desejasse. Estava absolutamente convencido. Devia tratar de recompor a relação com sua esposa.

Meia hora depois o casal subiu na caleça e partiu para Greenville. Johana escolheu ceder-lhe as rédeas do cavalo, mesmo que ela estivesse muito mais acostumada a levá-las.

O trajeto parecia ser tão complicado como previra, pelo menos no primeiro trecho. Os habituais sulcos do caminho se encheram de água após doze longos dias chovendo e o barro salpicava para os lados. Por sorte, eles estavam bem no alto para se sujarem. A capota também

lhes oferecia proteção. Jason ia mais devagar do que o habitual e com cautela, diminuindo a velocidade ou parando quando necessário. Não queria que uma das duas rodas encalhasse no barro e virasse o veículo.

A poucos quilômetros do povoado, enquanto dirigia o carro para um lado do caminho para evitar precisamente um grande charco, e sua esposa se agarrava a um lado da portinhola, ergueu a vista e percebeu que um pouco mais a frente havia duas pessoas paradas. Podia verificar pelo contorno dos corpos, que se tratava de duas mulheres. Uma delas estava sentada sobre um muro de pedra que rodeava a propriedade da família Spencer e a outra, que permanecia de pé, lhe chamou a atenção. Era familiar. Só ao se aproximar soube que se tratava de Ayleen. Mesmo estando de costas, tinha certeza de não se equivocar.

Em algum momento elas ouviram o som dos cascos do cavalo e voltaram as cabeças. Ayleen arregalou os olhos, seu coração começou a bater mais depressa e notou uma secura nos lábios. Jason. Tratava-se de Jason... e Johana.

Fazia tempo que reconhecera que ambos formavam um magnífico casal, mas reconhecê-lo não significava gostar. Acabava de perceber que estava ciumenta por observá-los passeando com tranquilidade enquanto ela morria por dentro e se perguntava como faria para saudá-los com naturalidade quando sentia uma intensa dor nas entranhas.

Lançou uma repreensão silenciosa a Jason enquanto esfregava as palmas das mãos sobre a saia de cor azulão.

— Bom dia! — saudou Johana, alheia aos seus sentimentos.

A cunhada do duque era um claro exemplo da perfeição feminina:

sua graça, seus excelentes modos e seu lindo rosto o testemunhavam. Estava vestida com um elegante traje e um chapéu marrom enfeitado com plumas. Em comparação, sentiu-se feia e suja. Sua saia era um pouco velha e com a bainha alta, mas adequada para aquele passeio.

— Lorde Jason. Lady Johana. — A resposta de Ayleen foi mais seca e formal do que desejava.

O casal notou.

— Ayleen, está tudo bem?

— Penso que não. — O desgosto por vê-los juntos se transformou em preocupação. — Vínhamos do mercado quando a senhora Fraser enfiou a perna em um buraco e se machucou. Não acredito que possamos chegar a casa.

— Deixe-me ver. — Jason entregou as rédeas a esposa, saltou ao chão e se aproximou de Adele. — Pode andar?

— Sim, mas é doloroso.

Abaixou-se em frente a ela e pediu permissão para observar o estado do pé e do tornozelo. Com sua esposa presente e diante de tal contratempo, nem uma das três mulheres fez objeção.

Apertou com suavidade por cima do couro da bota e examinou do melhor modo que pode. Não era um entendido, mas sofrera várias lesões em sua vida e pode ver que a região estava levemente inchada.

— Não acredito que se trate de nada sério, mas seria bom deixar o pé em repouso. Se pela manhã continuar doendo seria bom visitar o médico.

— Não será necessário se aborrecer. — respondeu Adele deixando de lado os conselhos de Jason. — Não me dirá nada que eu não saiba. Vou usar um remédio que aprendi com minha mãe, simples e econômico: envolver o pé com batata.

Ambas as mulheres notaram que Jason erguia as sobrancelhas com incredulidade, como se não tivesse ouvido bem. Em troca, Ayleen aprendera a não questionar os recursos de Adele.

— Ajuda a diminuir o inchaço. — esclareceu atropeladamente, conseguindo arrancar um sorriso em sua senhora, que virou o rosto rapidamente. Temia com a ideia de cruzar seu olhar com o de Jason. Emocionava-se e a irritava ao mesmo tempo.

— Não se preocupe. Eu me encarregarei de sua recuperação. Se for preciso chamarei o doutor.

Jason assentiu, concordando.

— Está bem. — disse enquanto se levantava — E agora, deixe-me ajudar. Vou levá-la a casa.

Estendeu uma mão a Adele e puxou suavemente para ajudá-la a se levantar.

— E como pretende fazer, lorde Jason? A caleça só tem dois lugares. Não vejo como poderemos caber ali.

Jason embaralhou diversas possibilidades, mas sabia que a mulher tinha razão.

— Johana, — virou-se para ela — poderia ficar fazendo companhia a senhorita Blake?

Ele levaria Adele até a casa e logo as pegaria. Ou mandaria alguém para fazê-lo, pois também não teria lugar para ela na caleça.

— Claro.

Johana entendeu o que queria dizer. O primeiro era necessário e se tratava de uma emergência. Foi a ama de chaves de Ayleen quem não aceitou o acordo.

— Não quero afastá-los de suas tarefas. Sigam seu caminho. De um modo ou de outro chegaremos a casa.

Continuava segurando-se em Jason, mas tentava não apoiar o pé no chão.

— Não é uma opção. São mais de três quilômetros.

Fizera um cálculo aproximado e, ainda que não fossem muitas em condições normais, poderia resultar um inferno para uma mulher lesionada.

— Não posso permitir que duas jovens damas sejam abandonadas no meio do caminho. Se algum bandido as atacar, quem as defenderá?

Do alto da caleça, Johana pôs as mãos na cintura e enrugou a testa.

— Senhora Fraser está sendo muito teimosa. Por aqui não há bandidos, rufiões ou como você queira chamá-los.

— Que nós saibamos. — apontou a outra.

— Mas não percebem a insensatez de sua ideia? Além de você e Ayleen também estarem sozinhas.

— Mas eu sou uma mulher forte, enquanto vocês são tão miúdas como um passarinho.

Johana suspirou pesadamente e tomou uma decisão.

— Está bem, eu a levarei e esperarei junto a você até que meu esposo e Ayleen regressem. Não lhes custará muito cobrir o trecho.

— Impossível! — exclamou Ayleen em um arrebatamento. Tentou, por todos os meios, não enrubescer e ficar em evidência diante dos presentes. Apressou-se a acrescentar. — Seria muito trabalho.

— Estou de acordo. — corroborou Adele.

— Não acredito que seja boa ideia. — interferiu Jason fazendo-se ouvir por cima de suas vozes.

Estava impossível entrarem em acordo, assim, com uma voz

autoritária que não admitia réplica atalhou o assunto.

— Está decidido e assim será.

De repente Ayleen ficou nervosa, porque ficar a sós com ele era o que tentava evitar. Iria acompanhá-la como faria qualquer vizinho ou tentaria tirar vantagem da situação? O que faria se isso acontecesse? O que lhe diria? Jason era o maior perigo, não os bandidos aos quais se referiram.

Definitivamente, não se sentia a salvo.

Jason ajudou primeiro a senhora Fraser a subir a caleça e a se acomodar no assento. Despediu-se da esposa. Sua expressão se tornara confusa e Ayleen não sabia no que pensava, mas se sentia incomodado como ela.

O silêncio caiu entre ambos como uma pesada pedra. Nenhum dos dois conseguia dialogar. Era embaraçoso recordar o ardente episódio que tinham compartilhado no dia da tempestade. Céu Santo, até então não soubera o que era a verdadeira paixão. O incessante desejo de ser tocada e amada. Seus anteriores beijos só tinham sido uma longínqua aproximação, nada a ver com o fogo que despertou naquela tarde. Sentiu-se em chamas e era muito difícil extingui-las.

Pensou que não podia dar a desculpa de estar sob os efeitos do álcool. Seria muito mais simples se tivesse tomado alguns tragos. Pelo menos teria uma desculpa aceitável e não sentiria tanta vergonha. Observou-o com a cautela de um gato. Depois ficou frenética e finalmente terminou por se aborrecer. Era um sentimento já experimentado antes, mas ressurgia com mais força. O que jogava Jason Morton? Como se atrevia a fazer aquilo? Ele a assediava, tentava beijá-la, dizia palavras bonitas e verdades que se cravavam em seu coração, como naquela tarde em sua casa, diante de todas as

damas do chá. Que direito tinha de se expressar assim? Um amor desinteressado e nobre. Foram suas palavras exatas, mas ele não era Thornton nem ela Margaret, nem estavam em um maldito livro. Jason estava casado, aí radicava a principal diferença. Se na verdade era dono daqueles sentimentos, teria sido muito melhor que os guardasse. Era o que devia fazer um cavalheiro. Claro que se sentia ofendida! Apertou os dentes e começou a andar com passos firmes e decididos. Às vezes olhando à frente e outras ao chão para não tropeçar.

— Vejo que a preocupa muito o fato de que possa tentá-la.

Haviam percorrido quase uma milha antes de começarem a falar. Ayleen teve algumas dificuldades e Jason a segurou pelo braço para ajudar. Soltava-se com rapidez e lhe recordou que era muito capaz de se cuidar sozinha.

— Não preciso de um anjo protetor.

Ele ergueu os braços em sinal de rendição. Começava a notar que estava aborrecida.

— Está bem. Tem todo direito de se sentir ofendida. Não era minha intenção e não voltará a acontecer.

— Que palavras vazias! — exclamou irada e aos gritos. — Fala muito frequentemente e logo descarta as palavras com a rapidez própria do rei dos mentirosos. Você não quer… É uma força superior… Besteiras!

— Acredita que para mim é um jogo?

Ia dizer mais, mas mudou de estratégia.

— Tanto faz, porque sou imune a você.

Ele ergueu as sobrancelhas orgulhosamente.

— O que quer dizer?

Ayleen sentiu desejos de apagar aquela expressão com um belo

soco.

— Já o esqueci. Não me afeta em absoluto.

Jason ficou imóvel na metade do caminho e examinou seu rosto intensamente. Não havia nenhum rastro de rubor ou vergonha, pelo contrário, parecia mais forte e decidida que nunca. Teve um momento de dúvida. Hesitou. Não poderia ser verdade. Apenas alguns dias antes compartilharam um ardoroso encontro. Como podia se esquecer dele em um abrir e fechar de olhos? Era impossível.

— Ah, sim?

Ayleen viu um perigoso brilho em seus olhos. Longe do que tinha sido sua intenção, estava desafiando-o e ele parecia disposto a demonstrar-lhe quanto estava equivocada.

Com um movimento audaz, Jason se aproximou e seus corpos ficaram colados. Ficou rígida enquanto lutava contra sua vontade. Apenas a segurava e seu braço rodeava, frouxo, suas costas. Podia libertar-se quando quisesse, mas seria impossível escapar. Sentia seu fôlego acariciar mansamente seus cabelos e sua língua começou a percorrer um caminho marcado por fogo.

Conteve o fôlego. Sua vontade não era nada e o aborrecimento, pura fachada. Necessitava sentir seu contato urgentemente e abandonar-se em seus braços, rodear-lhe o pescoço e mordiscar cada pedacinho da pele. Desde aquele dia da tempestade, Ayleen tinha uma imagem bem clara de como seria seu corpo. Claro, exceto por uma pequena porção que não fora exposta. Tão masculino e correto que cortava a respiração. Mordendo os lábios, se perguntou como seria vê-lo completamente nu e o que sentiria ao tocá-lo. Proporcionaria tanto prazer como a ela? Ruborizou-se diante de tal pensamento. Desde quando se tornara tão atrevida e descarada? Onde ficara seu recato?

Era uma mulher virgem e tímida. Não poderia ser seduzida como uma vulgar qualquer.

Quando sentiu as mãos dele sob suas saias recordou onde estava o limite. Percebeu que estava cometendo os mesmos erros e pecados que nas vezes anteriores. Libertou-se do abraço e lhe deu as costas enquanto tentava recobrar a compostura.

— Certamente isto é uma insensatez! — assinalou sem fôlego, virando-se de novo e encarando-o. — Estamos no meio do caminho. Qualquer um que se aproximasse poderia nos ver e seus modos estão cada vez piores, se acaso os teve bons. Além de estarmos nos atrasando. Quanto acredita que Johana esperará? — Arrumou os cabelos inconscientemente. Sentia-se envergonhada.

— É sim. — falou, fazendo referência ao fato de cometer loucuras. — Nisso sempre estamos de acordo, assim como nossos corpos. Seus lábios dizem que não lhe importo, enquanto nossos corpos dançam uma linguagem distinta.

— Oh! Que barbaridade! — balbuciou. De onde tirava todas aquelas palavras?

Não teve tempo de formular uma resposta. Jason queria sustentar com provas seu comentário. Cobriu a mão enluvada com a sua e a aproximou até suas calças, onde um volume inchado sobressaia. Segurou-a um instante sobre sua parte mais íntima e varonil. Enquanto isso, ele desfrutava do íntimo contato.

Ayleen abriu a boca e voltou a fechá-la. Muda de assombro. Depois retirou a mão como se tivesse se queimado com fogo.

Quase se engasgou. Na verdade havia…?

— Vê? — murmurou satisfeito. — O que eu dizia. — Fez uma pausa enquanto seus olhos se escureciam. — E agora, prometa-me

uma coisa. — Ayleen continuava sem reagir e Jason aproveitou a oportunidade. — Vamos nos encontrar esta noite. Na cabana.

Ela o julgou como uma proposta escandalosa. Igual ao seu gesto temerário.

Suas bochechas se incendiaram de indignação.

— Claro que não! E de noite. Com que fim? — Jason a deixava confusa. Claro que sabia o que desejava.

— Com o que você quiser. Eu me rendo aos seus desejos.

— Não, claro que não. Acredita que sairei as escuras e as escondidas para me encontrar com um homem? — perguntou — Está louco.

— Não a qualquer homem, mas a mim.

Aquela declaração dizia tudo. Estava mais que disposto a se arriscar por ela. No entanto, Ayleen tinha milhões de dúvidas. Não poderia sair no abrigo da noite, as escondidas, como se fosse uma fugitiva. Se o fizesse, e só se o fizesse, teria que tomar todas as precauções do mundo, como não fazer ruído. Além de se ausentar muito, seus empregados poderiam notar. Isso sem contar com as dificuldades acrescidas. Deveria sair com uma lâmpada de querosene para clarear o caminho.

Era uma ideia desmoralizadora, nociva e inconveniente, mas servia para convencer a si mesma.

— É muito presunçoso e descarado.

Ele sorriu.

— Então, é um sim?

Ayleen ia dizer que não, mas pensou melhor. Porque? Ela também desejaria saber, mas era incapaz de agir abertamente. Suas palavras sempre as usava ao vento. Assim, optou por uma:

— Talvez.

Essa foi a última frase que escutou dela. O resto do caminho avançou cabisbaixa e silenciosa, chegando a casa como pode. Jason não voltara a insistir, nem a tocara acidentalmente, ainda que estivesse certa que logo que pisasse no umbral todos notariam o que havia ocorrido entre ambos.

Por sorte, não foi assim. Margueritte, Angus e Johana pareciam ter voltado sua atenção para a senhora Fraser, ou ela fingia muito bem. O que fosse. O casal Morton se retirou prontamente e ela afinal pode respirar em paz. O resto da manhã passou tentando fazer Adele descansar, porque apesar da dor continuava empenhada em terminar suas tarefas da casa. Foi assim, até que ameaçou amarrá-la a uma cadeira e ela cedeu.

Pela tarde decidiu atender ao convite que fora feito alguns meses atrás, quando o senhor Plumbert veio cortejá-la pela primeira vez. Ainda que não tivesse prometido visitá-lo, também não se negara. No dia anterior quando ele a recordou, com evidente sufoco, Ayleen fora incapaz de encontrar uma desculpa plausível. Mas, se assegurou de levar companhia.

Agitou as rédeas enquanto Juliet Been viajava sentada ao seu lado. Porém não se saia muito bem manejando a caleça. Era algo novo e se sentia um tanto duvidosa. Por isso fez um esforço para que sua acompanhante não notasse e ficasse à vontade.

— Faz uma tarde perfeita para contemplar as flores. — Juliet sorria enquanto erguia o rosto para receber o sol.

A bondosa e tranquila jovem, que já passava dos vinte e cinco anos e não a considerava como tal, aceitara com um veemente entusiasmo sua proposta de visitar a pequena propriedade. Tinha até

observado que usava um coquete vestido combinando com o casaco e um requintado boné com plumas negras e um laço rosa que ressaltava sua cútis firme e escura cabeleira. Parecia estranho contemplá-la assim quando sempre se vestia simplesmente sem se destacar apesar de contar com todo o dinheiro de seu irmão. Também podia dizer que sua disposição para com ela não era tão boa como no início, pois notava aquele frio glacial que se instalara entre elas durante o último mês. Talvez a tivesse ofendido sem notar.

Resolveu perguntar-lhe.

— Já que estamos sozinhas, — começou — vou aproveitar para perguntar se fiz algo que mereça sua desaprovação.

Sua companheira de viagem se assustou, mas Ayleen, preocupada com o caminho, não notou.

— Uh. Porque acredita nisso? — Não a olhava diretamente, mas virou a cabeça para a direita para contemplar os campos.

— Não sei... — hesitou ao ver que a outra não afirmava estar preocupada com nada. — Notei seu modo distante e pensei que talvez estivesse desgostosa comigo. — Deixou de fixar-se no caminho para olhá-la. — Nada me aborreceria tanto saber que a teria ferido de algum modo.

Seu tom era sincero e sua acompanhante se remexeu incomoda.

— Não se preocupe. Só se trata de um mau tempo, mas passará.

Ayleen não acreditou naquela declaração. Não parecia muito sincera e de certa forma admitia ter pouca consideração, mas como aceitara acompanhá-la e parecia mais alegre decidiu que o que tivesse acontecido voltaria ao normal. Resolveu deixar como estava e não continuar insistindo.

A pouco mais de uma milha do povoado chegaram a uma

encruzilhada. Tomaram a esquerda e viram, ao longe, uma vivenda não muito maior que a da própria Ayleen. Quando se aproximaram contemplaram uma casa de teto baixo pintada em tons terrosos. Logo que cruzaram as valas abertas e entraram a trote no amplo pátio de entrada, a porta principal da casa se abriu dando passagem a um enfeitado senhor Plumbert.

— Boa tarde! — saudaram-no ambas em uníssono.

Ele acenou a cabeça em sinal de saudação e se apressou a ajudá-las a descer da caleça.

Não observaram a careta de Juliet Been quando o anfitrião ofereceu, primeiro, sua mão a Ayleen. Se recompôs com tal rapidez e esboçou um radiante sorriso quando o homem lhe ofereceu sua mão, que ele se mostrou desconcertado por um momento.

Usando modos impecáveis as convidou a cruzar sua casa para descobrir na parte posterior uma preciosa e cuidada estufa. Mais tarde, disse, lhes serviriam o chá ali mesmo.

Tanto Ayleen como Juliet se sentiram impressionadas desde o início. O edifício envidraçado era quase tão grande como a casa e através dela podiam apreciar todo tipo de vegetação. No entanto, só ao chegar ao interior, onde as vívidas cores e o aroma impregnavam tudo, Ayleen teve consciência da importância e grandiosidade do projeto daquele homem.

— Assombroso! — murmurou encolhida Juliet Been.

— É realmente extraordinário. — declarou Ayleen depois de alguns segundos de silêncio.

Não era uma estufa qualquer.

Em frente a elas, ao entrar, havia três corredores cheios de plantas cujo nome desconhecia. Algumas delas nem mesmo vira antes.

Certo que não era uma amante da flora do país, mas podia se observar sem dificuldade a origem estrangeira de algumas delas.

— Faz muito calor, não lhes parece? — Juliet tirou o casaco imediatamente no que foi imitada por Ayleen.

Tinha de admitir que, mesmo com a agradável temperatura no exterior, a do lugar era um tanto excessiva.

— Trata-se de um engenhoso invento. — Explicou um loquaz Horatio Plumbert. — É um aparelho com um mecanismo que gera calor, proporcionando uma temperatura estável, mesmo nas mais frias noites inglesas. — Fez um gesto indicando para seguirem por um dos corredores. — Façam o favor de me seguir e estarei feliz em lhes mostrar.

Andaram atrás dele, até que a largura do corredor lhes permitisse ficar um ao lado do outro.

Ambas olhavam para todo lado e sobre suas cabeças. Alguns dos vidros do teto estavam abertos em painéis deixando entrar a brisa do exterior, mas elas apenas a notavam. O corredor terminou um pouco depois, desembocando em um espaçoso e evidente centro de trabalho situado no coração do edifício envidraçado. Quatro mesas de madeira ocupavam o espaço, todas cheias de grandes cestas com ferramentas variadas, vasos de diferentes tamanhos e sacos de terra apoiados em suas pernas. Tanto Ayleen, como Juliet, observaram atentas diferentes miudezas das quais desconheciam a utilidade. Também registraram com certo prazer como tinham retirado as plantas mais próximas aos lados envidraçados para conseguir um efeito mais cálido e luminoso. Uma mesinha se achava estrategicamente colocada com várias cadeiras a sua volta. Pensaram acertadamente, que não era o lugar habitual do móvel. Devia ter sido colocado ali com a intenção de tomar

o chá.

Aquilo a agradou mais que qualquer outra coisa que o senhor Plumbert tivesse pensado preparar para impressioná-la. Não queria ser vaidosa, mas tanto o senhor Been como o Comodoro faziam todo o possível para ressaltar e parecer mais importantes. Com a simplicidade que o caracterizava, Horatio Plumbert conseguira enternecê-la. Era uma forma original e deliciosa de passar a tarde.

Nem tinha pensado, recordou-se de uma tarde similar pouco mais de três dias antes, na cabana. Aquela também fora deliciosa. O inaudito do assunto era o que sucedera com Jason na reunião das damas do clube. Sentia-se lisonjeada e intrigada porque aquele homem se interessara por suas leituras. Sabia que o motivo de ter lido *Norte e Sul* era ter recolhido seu livro perdido. As outras senhoras não tinham entendido, mas não lhe escapou o que ele pretendia dizer. Suas respostas e comentários eram realistas e nada exagerados, o que lhe dava uma imagem bastante sensata. Nada a ver com o desejo desenfreado que mostrava a ela, o que lhe recordava seu último comentário. Qualquer um com um mínimo de sensatez o teria marcado aos sentimentos que sua esposa lhe despertava. Depois da despedida do casal, na viagem de volta, todas se apressaram a comentar. Ayleen permanecera em silêncio com seus pensamentos e só assentia quando pediam sua opinião. Sem se olharem diretamente sabia, sem dúvida, que aquelas palavras tinham uma só destinatária: ela mesma. A emoção fizera seu aparecimento, tão depressa, que precisou evitar o ofegar repentino. Durante um instante de euforia desmedida considerou a certeza de suas palavras. Parecia insólito que aquele homem pudesse falar de amor e devoção….por ela. Sim, haviam trocado alguns beijos. Era verdade também que se viram envolvidos

em uma situação bastante íntima na tarde da chuva, mas, amor? Isso era o que tinha pretendido dizer? Devia estar equivocada. Sim, devia ser isso. Talvez não pretendesse dizer isso. Talvez houvesse extrapolado em seu entusiasmo pelo apaixonado amor dos protagonistas do livro. Talvez, talvez, talvez. Muitas perguntas sem respostas que a perturbavam e a privavam do sono.

Mas e ela? O que sentia por ele?

Admitia que, quando estava em sua presença, a inundava um formigueiro característico: metade ardor, metade desconsolo. As palmas umedeciam e devia fazer um supremo esforço para rolar seus pensamentos e palavras. Quando seus olhares se cruzavam, uma palpitação no baixo ventre a obrigava a juntar as pernas para evitar o tremor. Durante seus últimos encontros, no entanto, a transpiração se instalava entre seus peitos e em um lugar muito delicado e comprometedor. Nunca ninguém lhe explicara que isso fosse possível, pois sua mãe morrera quando ela era muito jovem para saber daquelas coisas e não tinha parentes do sexo feminino. O temor de que alguém percebesse aquele impudico e incontrolável comportamento revestia de tensão cada encontro. Sentiriam isso as outras mulheres ou era próprio das mulheres com uma vida mais licenciosa? Ela se considerava uma mulher respeitável, mas olhando para trás desde que chegara a Greenville, não poderia afirmar que seu comportamento e virtude fossem inatacáveis. E os pensamentos... estes eram o pior de tudo. Quando ele a tocava, sua pele se tornava sensível. Enquanto se vestia, imaginava sendo tocada e beijada em todas aquelas partes de seu corpo que não conseguia ver. E sempre era seu rosto que aparecia. Só reagia quando se olhava no espelho, ao se vestir e com um olhar perdido e voraz. Era ela realmente? Desejava

tanto vencer todas suas resistências e entregar-se por fim?

— Creio que a senhorita Blake se sente acalorada. — A voz do senhor Plumbert trespassou a névoa de suas reflexões, fazendo-a se sentir desajeitada, aturdida e culpada.

Juliet a olhava com curiosidade.

— Não, não. — começou a falar. — Siga com as explicações.

Ayleen perdera uma longa explicação sobre a *Rosmarinus officinalis*, proveniente das Ilhas Canárias, cuja flor era azul violeta pálido e sobre a *Camellia japonica*, trazida da China por um amigo.

— A botânica é minha vida. — dizia naquele momento, com um olhar perdido que Ayleen interpretou como carinho.

— Tem que estar muito orgulhoso de seu trabalho. — louvou Juliet olhando ao seu redor.

— Estou. — respondeu Horatio, corando.

Durante as duas horas seguintes, o senhor Plumbert foi mostrando-lhes cada flor daquela estufa, explicando sobre a procedência, o cuidado, ou a fragância. Mostrava uma verdadeira devoção, se bem que Ayleen deixara de ficar impressionada há bastante tempo, reconhecendo para si mesma que era muito mais informação do que poderia digerir e o assunto interminável. Por ser um homem tímido que só balbuciava ou falava em poucas ocasiões, na estufa, não calava, a boca, com as explicações se sucedendo. Poderia afirmar que nunca o vira tão distendido e loquaz. Por sorte, a presença de Juliet a dispensava da exclusividade de prestar-lhe toda a atenção. Juliet muito educada o escutava como se cada palavra fosse uma moeda de ouro. Em troca, Ayleen, que permanecia atrás, escutava metade.

Por fim, uma mulher com aspecto velho e cansado deslizou

através das plantas com uma enorme bandeja. Era a hora do chá.

A jovem tentou disfarçar um suspiro de agradecimento. Aquela interrupção era bem vinda. Para sua desgraça, não vira o homem que vinha ao seu lado: o senhor Been.

Capítulo 14

Seu espanto foi completo, assim como o do anfitrião. Não o esperavam. O senhor Been costumava residir na maior parte do tempo em Londres, se bem que vinha a Greenville com mais assiduidade do acostumado.

— Irmão! — Juliet se levantou em deferência. Não parecia muito surpresa, mas a imprevista chegada do visitante lhes impediu notar algo estranho em suas maneiras.

— Permitam-me desculpar-me pelo inesperado de meu aparecimento, — disse aos presentes. Tirou o chapéu e pegou uma cadeira sem esperar convite. — mas soube da visita de minha querida irmã e vim buscá-la. — Beijou sua mão com uma pomposa galanteria.

Ayleen suspeitou da demonstração de tanto interesse por Juliet, sobre tudo quando em ocasiões anteriores demonstrava aborrecimento por ter de falar com ela. Olhou-a tentando entender aquele desatino; mas, Juliet Been recusou-se a cruzar seus olhares. Parecia que percebera que o irmão estaria ali, mas o que ganhava com aquilo? Acaso desejava vê-la convertida em sua cunhada?

Não sabia o que pensaria Horatio Plumbert, mas não era difícil chegar as mesmas conclusões. O pobre homem estava absolutamente calado; o mutismo se apoderara dele.

Depois de alguns segundos fez um pequeno gesto a senhora que trabalhava para ele para que corrigisse o erro, já que o jogo de chá não estava preparado para a visita de mais uma pessoa.

— Como está, senhor Been? — perguntou então com educação.

— Muito bem. — Esfregou as mãos em um gesto grosseiro que evidenciava cobiça. — Acabo de fechar um lucrativo negócio com um lorde arruinado.

Parecia como se, além de ganhar dinheiro, ficasse feliz aliviando a aristocracia dele. Ayleen suspeitou que não estava muito desencaminhada.

— Alegro-me por você. — respondeu Ayleen mordaz, que não suportava aquele ar de superioridade.

Não deveria ter falado, porque foi uma desculpa para o senhor Been se centrar nela, ignorando com toda deliberação a sua irmã e o senhor Plumbert.

— É bom que diga isso, já que acabo de adquirir uma linda propriedade, com casa incluída, a menos de uma hora daqui. Precisará de algumas pequenas reformas aqui e ali, mas penso me mudar quando estiver em condições.

— Nós vamos sair de Greenville? — Juliet parecia devastada.

— Você, claro que não. — desenganou-a no ato. — A propriedade está destinada a ser minha residência familiar.

Os pelos da nuca se eriçaram diante de seu intenso olhar. O verdadeiro significado de tal anúncio parecia claro como a água e Ayleen se sentiu desfalecer. Aquele homem era um completo presunçoso.

— Creio que preciso de um pouco de ar. — disse levantando-se. De repente, precisava distância, e rápido.

O senhor Plumbert se levantou sabendo que os outros dois o imitariam.

— Se me permite… — começou o primeiro.

— Não! Eu o farei. — interrompeu o senhor Been.

Ayleen balançou a cabeça incrédula. Acaso aquele homem não compreendia que a desculpa para sair era precisamente ele? Incapaz de se conter, ignorou o braço que lhe oferecia.

— Creio que não me encontro muito bem. — gaguejou aborrecida. O que era certo. Sua presença, e sua petulante presunção, conseguiram aborrecê-la. — Devo ir para casa agora.

Recusou com veêmencia as intenções dele em levá-la, mas aludiu ao fato que teria de devolver Juliet a sua casa para evitar que a seguisse.

Também se despediu do senhor Plumbert assegurando-lhe que desfrutara muito da visita. Esta vez, ainda contrariada, aceitou fazer-lhe uma segunda visita devido a culpa que sentia pela interrupção do senhor Been.

Com grandes passadas saiu em busca da caleça e partiu rapidamente. Para evitar se encontrar com alguém mais, tomou o desvio que rodeava Greenville em lugar de cruzar pelo povoado e, em pouco tempo, já se encontrava em casa.

— Uma visita estressante? — perguntou Angus enquanto tomava as rédeas e guardava o cavalo.

— Algo parecido, Angus, algo parecido.

Já na casa passou pelo quarto de Adele para perguntar por seu estado. A mulher contava com a companhia de Margueritte.

— Como foi? — perguntou ela antes de poder abrir a boca.

Tanto a mulher como a jovem servente ferviam de curiosidade.

Sem que Ayleen soubesse, e do modo mais inofensivo, haviam apostado sobre qual deles conseguiria abrandá-la o suficiente para que ela aceitasse deixar de ser solteira.

Ayleen fez um resumo bem extenso do sucedido. Elogiou o botânico e repreendeu duramente os modos e a arrogância do senhor Been.

— Bem, — disse afinal sua ama de chaves — já sabíamos que as três joias da coroa disputavam seus favores. Só que uns utilizam técnicas mais agressivas que outros.

— Esse senhor Been é um personagem. — Margueritte ria baixinho. — A mulher que o suportar deverá ser uma santa. — argumentou.

Passaram um bom tempo enumerando os prós e os contras de cada pretendente, até que finalmente Ayleen asseverou:

— De toda forma, não me importa quem seja o melhor partido, pois não me casarei com nenhum deles.

As risadas pararam e ambas a olharam com atenção.

— Porque diz isso? — A jovem parecia estranhar.

— Acaso não é obvio depois de tudo que encontramos?

— Bem… qual homem não tem defeitos? — Encolheu os ombros. — Até meu Perry tem. — confessou. — E ainda assim o quero muito e continuo querendo me casar com ele.

— Você é igual as outras. — advertiu ferida.

Adele suspirou e Margueritte se remexeu na cadeira.

— Nadas mais longe de nossa intenção. — começou dizendo a ama de chaves. — Não queremos bancar as casamenteiras nem dizer-lhe o que deve fazer, mas eu mesma sou testemunha de como pode ser pesada e triste a solidão.

— Mas você se casou. — protestou — Não é o mesmo.

— Eu creio que sim. Quando meu esposo morreu eu era jovem, ainda. Houve dois pretendentes que depois do luto me fizeram a corte, mas escolhi permanecer sozinha. — Olhou-a diretamente e pensou ver a mulher jovem da qual falava. — Nunca me arrependi tanto dessa decisão como, quando a idade chegou e a solidão invadiu minha vida.

— Mas você tem amigos, vizinhos…

— E são eles que me consolam quando me deito? — inquiriu com suavidade mas com contundência. — Há poucas coisas tão reconfortantes como quando finaliza a jornada e se senta com seu marido para conversar. — A nostalgia invadiu o quarto e Ayleen quase pode apalpar o que Adele desfrutou em seu casamento. — Ser ouvida e fazer o mesmo com ele enquanto recebe uma carícia ou um beijo é o mais lindo do mundo. — Recuperou-se e sua mente voltou ao presente. — Não digo que todos tenham que viver como um casal, mas a verdadeira questão, querida Ayleen, é se sente desejos de se casar. — A senhora Fraser a olhou com ternura.

— Po-pois, — balbuciou — suponho que sim.

— Então, ao que vem tantas dúvidas?

Sim, a que vinham? Não podia negar que prometera a si mesma viver solteira. Ainda assim, como desejava uma família e filhos, também se propusera a procurar um viúvo com filhos.

De certa forma tinha muita sorte por três solteiros, um de uma impressionante beleza, outro com mais dinheiro do que nunca poderia gastar e um simples e amante da flora, se fixaram nela. Ayleen era uma mulher com uma beleza sem grandes estridências, pelo que não contava despertar tanto interesse. Devia admitir, também. que a primordial hesitação se devia aos sentimentos que Jason Morton lhe

despertava. Sem se conhecerem em profundidade, ambos ficaram presos por emoções profundas e Ayleen não sabia como lidar com elas. A magnitude do que ele lhe provocava fazia cambalear suas convicções mais profundas e se perguntava sobre cada passo que dava. O exemplo mais próximo fora o acontecido naquela manhã e lhe abrira os olhos a uma verdade tão deslumbrante como aterradora.

Por isso, e só por isso, concordara em encontrar-se nessa noite com ele. As dúvidas a respeito de Jason se dissiparam, mas por isso mesmo já não contemplava outra possibilidade. Aceitar as atenções de seus pretendentes ficava descartado. Porque, se o que sentia não era amor, o que era então?

— Eu… — duvidou antes de falar em voz alta. — sempre sonhei em me casar por amor.

Ao contrário do que pensava, não ouviu brincadeiras nem risadas desmoralizadoras. Seus semblantes refletiam o ceticismo.

— Amor? — Adele se incorporou apenas. — Ouvi amor?

Ayleen enrubesceu, mas não se afastou.

— É o que todas queremos. — declarou sem se deixar amedrontar.

— Talvez. — concedeu. — Acaso está dizendo que sente ou pode sentir isso por algum dos três homens que a pretendem?

Ayleen pensou por um momento em todos eles: um tímido, outro ousado e o último avaro e mesquinho.

Encolheu os ombros para não dar uma resposta concludente. Elas não deviam imaginar o motivo oculto de sua seguinte pergunta.

— Só duvido. No entanto, como se pode saber que está apaixonada? É uma pergunta hipotética, — esclareceu.

— Suponho que seja diferente com cada pessoa. — Margueritte

levantou os olhos sonhadora e suspirou. — Por minha parte, cada vez que vejo meu Perry, o coração dispara e sinto como se mariposas estivessem no meu estômago.

Ayleen assentiu. Era uma descrição, bem, pobre para o que ela sentia por Jason, mas intuía que se tratava do mesmo.

— Talvez quando deseja estar com essa pessoa acima de tudo. — Adele pensava nela mesma, mas Ayleen acreditou que se aproximava ao que a atormentava.

A essa altura já não parecia tão difícil interpretar as emoções que se aninhavam em seu coração. Por isso, só de pensar em sair da casa quando já tinha escurecido como se fosse uma vulgar ladra, a deixava nervosa. Não pelo que encontraria quando chegasse ao seu destino. Havia algumas coisas das quais não seria possível voltar atrás.

Por fim tomara uma resolução e a levaria a cabo até as últimas consequências.

***

A temperatura descera consideravelmente e Jason decidiu acender a lareira. O exterior estava envolvido em um lenço escuro que não deixava ver nem as silhuetas das árvores.

Se perguntou, não pela primeira vez, se Ayleen seria capaz de encontrar a cabana na escuridão, ou o que era pior: se decidia não vir. Sua apressada proposta fora irreflexiva, fruto da paixão e a ânsia que ela despertava nele. Temia que, tendo o resto do dia para pensar melhor, teria chegado a conclusão que o risco era muito alto e que não valia a pena.

E isso o afetava.

Andou para cima e para baixo com a esperança de acalmar sua

ansiedade. Mesmo que a proposta de se verem naquela noite não estivesse meditada, tampouco era fruto da sorte. Já não suportava saber que ela se encontrava longe. Pensava nela noite e dia enquanto sua vida diária estava se convertendo em um lixo. Talvez não o admitisse ainda, mas, não podia estar tão cego e surdo a tantos sinais. Já não era só luxúria ou paixão. Era algo mais intenso e precioso que o corroía vivo e ameaçava consumir.

Que tivesse se atrevido a beijá-la no caminho com o risco de serem surpreendidos lhe demonstrava a necessidade dela. Sem conhecê-la, ainda que intuísse retalhos de sua personalidade, seu espírito o comovera como nenhuma outra mulher o conseguira. Afinal, eram desconhecidos, mas desejava saber mais: conhecer cada um de seus segredos e ilusões, descobrir os pequenos gestos que delatavam sua aflição ou alegria, mostrando-lhe a beleza de seu país enquanto o percorriam pela mão... Enfim, amá-la em toda sua plenitude. A questão era o que faria com tudo. Atreveria a confessar-lhe seus sentimentos? Até que ponto estava Ayleen implicada? Seria capaz de dar um passo mais?

Olhou de novo pela janela e passou a mão pelos cabelos em um gesto de frustração. A cabana adquirira uma agradável temperatura, mas Jason pode sentir o calafrio que o percorreu quando pareceu divisar uma pequena luz cintilando na escuridão.

Abriu a porta para olhar, mas sem se atrever a chamá-la. Se não fosse ela, seria um erro se denunciar.

Deixara duas das janelas abertas com a intenção de orientá-la, mas depois voltaria a fechá-las para evitar olhares indiscretos de algum visitante. Era quase impossível, mas preferia ser cauteloso.

Quando a luz chegou ao claro do bosque, Jason soube, sem

dúvidas, que Ayleen deixara de lado suas reservas e o atendera. O alívio o sacudiu tão forte que esteve a ponto de dobrar-se em dois. Só agora podia admitir seu medo. Se ela não tivesse ido, não saberia o que fazer, mas já não queria pensar naquilo. Ayleen estava ali.

Apesar do frio, quando ela chegou diante da porta, se contemplaram indecisos. Jason ficou a um lado para lhe dar passagem e o destino de ambos estava selado.

— Aproxime-se do fogo.

Ayleen obedeceu enquanto Jason pegava a lâmpada de querosene e a deixava em um canto.

Quando se aproximou, observou que ela tiritava. Também evitava olhá-lo aos olhos, mas Jason não se aborreceu. Era uma situação tão nova para os dois e podia parecer violenta, mas ela ter vindo já era o suficiente.

Serviu-lhe uma xícara de chá quente de uma jarra velha que costumava usar às vezes e tentou não tocá-la, já que suspeitava que estivesse tão nervosa que seria capaz de sair correndo se lhe desse motivo para isso.

Deixou uma cadeira perto do fogo para ela se sentar e puxou outra para ele. Cruzou as pernas e mãos e se limitou a esperar que fosse ela a falar primeiro. Para seu pesar, ele também se sentia nervoso e intimidado. Nunca imaginara se ver naquela situação e os passos a seguir lhe eram tão desconhecidos como para ela.

Durante um longo momento, permaneceram em silêncio. Escutaram o crepitar do fogo e Jason a observava de lado dando pequenos goles no chá. Sabia que Ayleen era consciente em todo momento de sua presença. Notava, pela evidente tensão que não a abandonava, e pelo tremendo esforço, que fazia para evitar olhar onde

ele se encontrava sentado. Talvez, nesse momento estivesse se perguntando o que fazia ali, mas Jason não queria que se arrependesse, assim, se levantou devagar e se aproximou lentamente para dar-lhe tempo a se acostumar.

Sem medir palavra, se colocou em frente a ela. Quando ergueu a vista esteve a ponto de gritar. Ao contrário do que pensava, seus olhos lhe diziam que queria estar ali, com ele.

Com uma infinita ternura, porque ela lhe inspirava isso e muito mais, tirou devagar a xícara de sua mão e a colocou às cegas no beiral da lareira.

Tomou um tempo acariciando sua bochecha, já aquecida, com o dorso dos dedos. Quando Ayleen fechou os olhos diante da mostra de ternura sentiu que algo quente e poderoso o inundava. O que havia entre eles era ardente e real, tão real como o dia após a noite e as estações se sucediam uma após outra, imutáveis ao longo do tempo. Com as duas mãos emoldurou seu rosto, tão desejado e amado e aproximou seus lábios dando-lhe o beijo que desejara desde o instante em que a conheceu: suave, etéreo e com todo o tempo do mundo. Ofereceu-lhe num casto beijo tudo o que ela quisesse e pudesse tomar. Sem perguntas, nem dúvidas entre eles, tomaram o tempo para se conhecer e dizer sem palavras o que o outro significava.

Nesse momento não havia pressa nem desejo, só o instante em que admitiam sem reservas que nada seria mais como antes e que suas vidas, quisessem ou não, estariam ligadas.

Após usufruir do maravilhoso momento, se separaram enquanto esboçavam sorrisos trêmulos por estarem tão abalados.

— Te quero, Ayleen. — Sua declaração, tão simples como verdadeira, não podia demorar mais. As dúvidas já não existiam em

seu coração.

As lágrimas encheram seus olhos ao ouvir a confissão, mas não se derramaram. Em voz baixa e calma, levou a mão sobre seu coração e confessou:

— Te amo Jason; por Deus que te amo.

Beijaram-se. E agora o contato foi completamente diferente.

Jason a apertou com mais força e Ayleen se agarrou as suas roupas. Os lábios se abriram ávidos. Sua língua buscou a dela e, após uma leve hesitação, ambas se enroscaram. O calor do fogo não era nada, comparado com o que eles desprendiam. Os muros e couraças desapareceram como por encanto e só restava a paixão.

Em um momento de lucidez e com as mãos tremendo, Jason teve a sensatez de se deter. Se continuassem acabaria tomando-a em cima da única, velha e desgastada mesa da cabana. Separou os lábios com a respiração agitada e fechou os olhos para não ver a mesma agitação convulsa em Ayleen.

Permaneceram assim, de pé, abraçados e com a respiração entrecortada.

— Calma, calma. — repetiu, tanto para si mesmo, como para ela.

Ayleen engoliu em seco. Custava-lhe respirar.

Quando conseguiram um mínimo de serenidade juntaram as cadeiras e se sentaram. Como por um acordo tácito, os dois entrelaçaram as mãos.

— Disse de verdade. — assegurou Jason.

Ayleen não lhe perguntou ao que se referia.

— Eu sei, eu sei.

Ambos, lutavam muito duro desde o princípio para não se verem metidos naquela situação, mas, ainda que, contra sua vontade,

sucumbiram ao poder dos sentimentos e já era um fato consumado.

— Jamais sonhei viver um amor assim. — confessou. — Os poetas falam dele a toda hora, mas acreditava que eu estava acima disso tudo. Pensava que era muito racional para que a paixão e o amor me invadissem dessa forma.

Ela lhe deu um aperto na mão em sinal de compreensão. Não que pensasse igual, mas imaginava que pela idade que tinha, só poderia esperar viver alguma paixão.

— Sabe que vamos fazer muito mal a algumas pessoas. — Ayleen acreditava que seria preciso dizê-lo em voz alta e assumir a culpa.

— Não posso deixar de pensar nisso, — A culpa continuava ali, abaixada, esperando para fazer sua vida saltar pelos ares — mas não posso renunciar a você. — afirmou com fervor. — Não quero.

Ayleen estremeceu diante de tanto ardor. Seus olhos e expressão não a deixavam duvidar do que ele afirmava sentir, mas não entendia que fosse ela; precisamente ela.

— Como pode querer-me assim? — perguntou. — Não sou a mais inteligente nem a mais linda.

— Mas aquece a minha alma. Preenche os vazios que ignorava ter e me dá força e energia. Contigo ao meu lado me sinto capaz dos maiores heroísmos. — pensou por um instante. — Gosto da pessoa na qual me converte.

Seria impossível não se sentir emocionada por aquele homem ou pelo que dissesse.

— Então, admite que não sou bela nem inteligente. — Suas palavras lhe davam a coragem para brincar com ele. Era uma experiência nova e fascinante.

Jason o levou a sério.

— Sua mente é curiosa e está tão viva que me inclino a pensar que não tem nada de tola. Quanto a sua beleza física... Adoro seu nariz arrebitado e insolente, esses lábios saborosos que franze de um modo adorável, os matizes da cor de seus cabelos, que oscilam entre o bronze e a canela, essas pestanas longas que ocultam seus mais preciosos segredos... — inspirou. — E juro por Deus que desejo mais que tudo ver seu corpo nu e ficar cego admirando-o se necessário.

Tanta veemência e as palavras gráficas finais a inundaram de rubor.

— Eu... — Não foi capaz de enfileirar seus pensamentos com coerência.

— E também amo, — acrescentou com um terno sorriso — esses frequentes rubores. Você, da cabeça aos pés, me deixa a sua mercê.

Ayleen assentiu tentando desfazer o nó que se formara na garganta. Não sabia se merecia tantos elogios, mas não pensava desdenhar aquela oportunidade. Queria ser feliz como pudesse.

— Você é maravilhoso.

Jason esboçou um sorriso triste. Ninguém o qualificara como tal, mas que fosse ela quem visse nele algo pelo qual sentir orgulho, fazia com que a amasse mais.

— Sinto desiludi-la, mas não sou tanto. Aposto que não pensou isso nas primeiras vezes que nos vimos.

Ela teve o detalhe de mostrar-se envergonhada.

— Não o conhecia o suficiente. — replicou. — Agora ainda não o conheço. Só sei que nem a corda mais resistente me puxaria com mais força que você com sua presença. — Olhou-o. Queria ser sincera. — Não digo que não tenha duvidado. Até esta tarde, apesar de querer vir, resistia. Você sabe porque. Tinha medo de sair pela porta e a senhora

Fraser me descobrir e ter de lhe dar explicações vergonhosas ou, pior, mentir. Tampouco sou tão ingênua para não ver que você se encontra em piores dificuldades. Eu, pelo menos, não tenho ninguém que me espere em casa.

Pelo menos, ela, o compreendia. Via que se debatia, entre não fazer mal a Johana e o amor que sentia por ela.

— Não quero feri-la, mas me é impossível agir de outra forma. Tenho tentado…

Ayleen assentiu. Era consciente daquilo. Ambos haviam se empenhado para evitar tais sentimentos. Não eram criaturas cruéis e beligerantes, nem sua missão consistia em ferir os outros. Simplesmente se viram envolvidos em uma situação que escapava ao seu controle, difícil de endireitar. E nesse momento parecia impossível sair dela.

Afinal fez a pergunta que tanto temia.

— E agora, o quê?

— Não sei. — Sua voz parecia frustrada. Não tinha as respostas. Estava tão perdido como ela.

— Afinal, acabarei sendo a amante, certo?

Jason se sentiu desesperado pelo tom resignado de Ayleen. Não sabia como melhorar a situação.

— Não é essa minha intenção. — Mexeu os cabelos. — Desejo-a e me consome a ideia de tê-la entre meus braços, mas não serei capaz de amá-la em silêncio e de longe.

— Porque o divórcio fica descartado. — Não era uma pergunta, mas Ayleen se obrigou a expor o assunto para que não houvesse mal entendidos. Doía, e isso era só o começo.

— Não posso. — Um gemido escapou de seus lábios e lhe apertou

a mão. — O divórcio é impossível. Entende porque, certo? Diga que entende.

— Claro. — respondeu com tristeza. Não queria que seu amor fosse uma carga, mas não podia evitar a dor para ela mesma; para os dois. — Depois de roubar dois ou três momentos comigo voltará aos braços seguros de Johana.

Jason saltou da cadeira, furioso e ferido.

— Porque me faz isto? Porque?

Sabia que nada entre eles seria fácil, mas imaginava que seu mútuo amor bastaria para preenchê-los enquanto estivessem juntos. Que ingenuidade a sua! Acabavam de declarar amor e os problemas já os afastavam.

Ayleen se indignou.

— Fazer-lhe? O que lhe faço? Explique-me. Acredita que só por amá-lo já está tudo feito? Devo aguentar que depois de estar comigo volte com sua perfeita esposa e lhe fale como falou comigo? Que a reconforte? Que lhe participe das misérias? Que a toque? Que a beije? Que lhe faça am...?

— Basta! — Jason se aproximou, pegou-a pelos ombros e a chacoalhou. — Ouve-me? Basta! Não se faça isto. Não nos faça. — Chorou quando viu suas lágrimas de ciúmes e de raiva de si mesma. Abaixou o tom da voz. — Não notou meu amor? Acaso tenho que soletrar? Quando digo que desde que apareceste em minha vida você é a única dona de meu coração, também significa que é da minha mente e do meu corpo.

Não disse nada mais porque pensou que não seria necessário. O silêncio voltou a imperar.

Jason não a soltou, mas enquanto assimilava a magnitude de

suas palavras, deslizou as mãos por seus braços até alcançar de novo suas mãos.

— Está dizendo que você e ela...? — Parecia incapaz de pronunciar em voz alta. — Que não tem...?

— Não desde que nos beijamos na primeira vez aqui, no bosque.

— Oh! — exclamou, após um silêncio.

— Sei que sente ciúmes. É compreensível, — ele os sentia daquela quadrilha de bobos que a perseguiam, — mas você é a única com quem estou, com quem quero estar.

— E ela não acha estranho que você...?

— De verdade tenho que lhe contar isto? — cortou. — É necessário?

Não era.

— Sinto me comportar como uma mulher ciumenta, mas não sei como agir.

— Eu tampouco, Ayleen, eu tampouco. — disse, para a seguir, beijar a palma de sua mão com o fervor de um amante, com os olhos fechados e sentindo a calidez e o aroma que desprendia. Pouco a pouco, com toda a lentidão que pode, beijou também cada um de seus dedos, até que o baixo gemido que saiu dos lábios femininos lhe indicou como estava receptiva.

Ainda lhes ficava muito para dizer, para falar e contar, mas o tempo escasseava e Jason morria de vontade de beijá-la uma vez mais. Só um beijo.

Desta vez, ambos estavam preparados.

Jason lhe acariciou o rosto e os cabelos com doçura enquanto sua boca a buscava e devorava.

Quando Ayleen começou a se apertar mais decidiu tocar-lhe o

seio.

Ela deu um salto e afastou sua língua.

Jason mudou de estratégia.

— Deixe-me ver seus cabelos. — murmurou.

Com a permissão tácita de sua amada foi tirando os grampos enquanto as mechas onduladas caiam pelas costas e ombros.

— Linda! — declarou comovido por sua inocente e espetacular beleza.

Passou sua mão pela nuca e ela tombou a cabeça procurando sua carícia.

Jason nunca vira nada tão erótico e que por sua vez o comovesse em cada fibra de seu ser.

— Eu a amo. — Beijou um ponto concreto do pescoço. — Desejo-a. — disse enquanto uma esteira de beijos subia até o queixo. — Eu adoro você.

As mãos dela bailavam nervosas sobre sua camisa enquanto dava pequenos suspiros de prazer.

Jason estava se excitando por momentos e duvidava ter coragem e decisão suficientes para deter-se no momento.

— Ayleen. — Ela abriu os olhos e viu a névoa do desejo dançando neles. Teve que fazer um esforço para deixar que as palavras e os atos honrosos predominassem sobre sua luxúria. — Temos que parar.

— Porque?

A inocente e pastosa pergunta esteve a ponto de fazê-lo seguir adiante, mas não, ela merecia saber para onde conduziam todos aqueles beijos e toques.

— Porque desejo-a mais do que desejei algo em minha vida e você é uma tentação muito forte. Se continuarmos acabaremos juntos, na

cama. — Jason apontou a cama em um canto coberta com uma boa manta de lã, mas ela parecia não compreender. — Com os dois nus e eu dentro de você até não sabermos onde começa um e termina o outro.

Ayleen arregalou os olhos e os lábios se entreabriram.

— Mostre-me o que fazer. — limitou-se a dizer.

— Tem certeza? — perguntou quando entendeu que ela estava de acordo em fazer amor com ele. Só em pensar tremia de puro prazer.

Ayleen o olhou e lhe pareceu ser tudo o que necessitava. Assentiu.

— Então que Deus nos ajude. — e beijou-a ferozmente.

Ainda que inexperiente, Ayleen correspondia com o mesmo ímpeto e violência. Uma vez decidido seu destino, se apressava em acariciar, apertar e mordiscar.

As mãos de ambos estavam em todas as partes e Jason procurava não acelerar as coisas para dar-lhe tempo de se acostumar com as novas sensações e com seus corpos, que pouco a pouco ficavam livres das amarras das roupas. Via também como Ayleen dominava a vergonha que sentia por compartilhar toda aquela intimidade. Naquele momento lhe explicara como se sentia, e apesar de ter mais experiência naquelas lides, se sentia tão nervoso como um principiante diante de sua primeira experiência sexual. De certa forma era como começar do zero. Não teria que demonstrar nada nem impressioná-la, só ser fiel aos seus instintos e amá-la como ela merecia.

Nunca tinha desatado um corselete. Todas aquelas fitas que ocultavam o corpo feminino era uma peça a mais para vestir até aquele dia. Agora, de costas para ela, se dispunha a libertá-la

enquanto mordiscava seu ombro. Ayleen, se deixava levar e só emitia pequenos suspiros entrecortados. Jason não estava muito melhor.

— Deixe que a olhe. — murmurou quando a última fita se abriu e a peça escorregou sobre sua pele até o chão. A camisola de linho teve o mesmo destino.

Então, se esqueceu de respirar. Com os cabelos soltos e sem nada que a cobrisse era a visão mais embriagadora e excitante que tinha o privilégio de presenciar. Não a deixou duvidar nem por um instante que ela era mais que perfeita, que o deixava rendido aos seus pés. Então, apressadamente, sem palavras e deixando que Ayleen o observasse, tirou a camisa branca com um puxão, fez malabarismos para tirar as botas e as calças com a roupa interior ficando diante dela sem nada mais que a fina camada de pelos cobrindo algumas partes de sua anatomia.

Ayleen engoliu em seco enquanto se esquecia de sua própria nudez. As pupilas se dilataram fazendo-o se enrijecer em resposta. Seria impossível permanecer impassível.

— Toque-me. — pediu com uma voz que não reconheceu como a sua.

Necessitava que ela se desprendesse de sua rigidez já que desejava o contacto de sua mão em qualquer parte que ela quisesse acariciar. Em qualquer parte.

Ayleen se aproximou e tocou seus braços, comprovando como os músculos se tensionavam diante do contato. Fez o mesmo com o peito e o abdómen, mas se afastou em seguida quando viu sua virilidade se erguer.

— É… — pigarreou sem saber o que dizer, mas não afastava a vista daquele ponto.

Jason pensou que explodiria de prazer só pelos olhares atônitos dela. Quando a viu lambendo o lábio de forma involuntária, soube que o exame visual estava concluído. Com um rápido movimento a pegou desprevenida e a aproximou, apertando-a contra seu corpo.

A suavidade de Ayleen se acoplava perfeitamente com sua rude aparência. Jason a pegou pela cintura para evitar que ela se afastasse e lhe deu um profundo e longo beijo, para tranquilizá-la e porque necessitava daquilo desesperadamente.

— Agora estamos mais juntos do que duas pessoas podem estar sem que eu esteja dentro de você. — declarou quando o beijo os satisfez. Sentiu que ela tremia e amaldiçoou por não perceber que podia sentir frio. Ele estava tão quente que não notara.

Deitaram-se na estreita cama e Jason os envolveu com a manta enquanto se beijavam de novo com um ardor renovado.

Ayleen se deixava guiar pelo instinto ou tentava imitar o que Jason lhe fazia, porque as sensações eram muito prazerosas e tinha medo de que tudo fosse um sonho. Os músculos de seu estômago se contraiam e sentia que seu corpo, emanava mais calor que todas as lareiras de Londres juntas.

Enquanto a boca de Jason deixava uma esteira de beijos úmidos por sua pele, sentia crescer uma inexplicável tensão em um ponto de seu interior. Debatia-se e puxava seus cabelos tentando compreender de onde vinha aquela sensação e porque a enchia de prazer e frustração ao mesmo tempo. Quando Jason beijou e beliscou seus mamilos esteve a ponto de choramingar. Era tudo tão delicioso e proibido… Se o que estavam fazendo fosse pecado, se imaginava indo ao inferno, já que gostava de cada uma das coisas que lhe fazia.

Surpreendeu-se com a sensibilidade de seu corpo. Nunca teria

afirmado, mas era evidente, já que se Jason acariciasse com os dedos de mariposa um ponto da curva de sua cintura, ela estremecia pela deliciosa carícia. Também lhe curvavam os dedos dos pés quando a língua incansável se detinha em seu umbigo.

Enquanto Jason descia e a aquecia, Ayleen estava centrada na sufocante umidade que já sentia com anterioridade naquele lugar íntimo de seu corpo. Pouca coisa pode fazer quando a boca dele tateou, abriu e beijou aquele mesmo ponto.

— Jason! — gritou. Seu corpo se convulsionou. O calor se expandiu para cada fibra de seu ser enchendo-a de um júbilo esmagador que, nunca, imaginou pudesse existir.

Ofegando pela impressão e o embriagador estado de satisfação, pensou que bem poderia morrer assim.

— Está bem? — Jason se colocou de novo em cima dela.

— Nunca estive melhor. — retrucou sem fôlego.

— Agora acredito que está preparada para eu entrar. — informou entre os beijos.

— Entrar? Entrar onde? — perguntou enquanto notava uma intrusão em seu corpo. Ficou tensa em resposta e ofegou de dor quando Jason se introduziu nela.

— Relaxe, Ayleen. — Ele tinha a mandíbula apertada pela tensão e o esforço de ir bem lentamente para tentar fazer-lhe o mínimo dano possível. — Relaxe.

— Não posso! — choramingou.

De um só golpe, Jason acabou por introduzir-se profundamente em seu corpo. No instante que começou a mover-se Ayleen sentiu de novo aquela tensão. A dor diminuiu e pode desfrutar das sacudidas cada vez mais rápidas de Jason. De forma instintiva, porque supôs

que estaria mais cômoda, o rodeou com as pernas, o que fez com que os corpos se unissem mais.

— Ayleen, não posso... não aguento mais.

Em resposta, ela apertou mais o abraço e, quase em uníssono, ambos encontraram a satisfação.

— Como se encontra? — perguntou pouco depois, já ao seu lado, abraçando-a.

— Esgotada, — afirmou — mas deliciosamente satisfeita. — sorriu descaradamente.

— Pequena safada, está satisfeita. — Jason também sorriu e lhe deu um terno beijo nos lábios. — Estar contigo foi.... — não encontrava a palavra adequada, porque estar com ela o fizera sentir-se mais vivo do que nunca. Sentia-se diferente. — como ter andado toda minha vida sem ter um lugar no qual ficar e, por fim, ter encontrado o consolo em seu corpo.

Ayleen não disse nada porque tinha um nó na garganta. Era tão maravilhoso se sentir amada por um homem como aquele... não só pelo ato físico em si. Via que ela era importante para ele e cortaria uma mão, de si mesmo, antes de fazer-lhe mal. Por um momento esqueceu que seu tempo era precário. Imaginou se o que estavam fazendo e onde tinham que estar, era correto e estarem nus e murmurarem coisas bonitas ao ouvido. Por um momento sonhou que o mundo era um lugar perfeito.

— Te amo. — sussurrou.

Capítulo 15

— Senhora Gordon, deixe-me dizer-lhe que você e seu esposo fazem um lindo casal. Tão jovens e bonitos... — comentou Felicity Ferris com naturalidade enquanto contemplava os meninos brincando.

Era uma mulher de uns quarenta anos, miúda, gordinha e muito vivaz. Ayleen gostou dela desde o primeiro momento.

Ambas as mulheres passeavam pelas proximidades da antiga abadia em ruínas que tinham visitado a pouco. Jason e Aaron Ferris andavam alguns passos atrás.

O casal, que provinha de Leeds, empreendera uma longa viagem para visitar a irmã da senhora Ferris, parando por um dia na aldeia de New Haven.

— Obrigada. — respondeu se ruborizando. Depois de tanto tempo escondendo sua relação com Jason, custava aceitar o cumprimento.

— Brian, John, deixem de remexer sobre as heras! — gritou com uma voz enérgica que os filhos mais velhos se apressaram a obedecer. — São bons meninos, mas revoltosos. — pensou antes de voltar a suavizar seu rosto. — E diga-me, quanto tempo faz que se casaram?

Ayleen quase engasgou ao ouvir a pergunta. Tossiu e se apressou a disfarçar. Claro, ela não era a senhora Gordon, nem Jason seu esposo. Tratava-se de uma mentira na qual, ambos, concordaram

antes de realizar aquela viagem.

Na primeira vez que Jason lhe propôs passar um dia inteiro, juntos, longe, fora de qualquer olhar curioso, ela se negou. A segurança que lhes oferecia a cabana do guarda bosques era tanta que se horrorizou diante da ideia de serem descobertos. O duque de Redwolf era muito conhecido e por isso, Jason, seu irmão, também. Só que alguém pudesse reconhecer seu rosto se arriscavam a terem sua relação terminada. Por muito que lhe tentasse a ideia, não queria correr o risco.

Claro, sabia que Jason tampouco o queria. Disse-lhe que só a ideia de perdê-la lhe dava náuseas, mas estavam se encontrando há meses às escondidas, dando desculpas, procurando o momento certo para fazer amor e começava a se cansar. Só pretendia passear com ela em plena luz do sol, tratá-la como faria se fosse sua esposa legítima. E sobretudo, necessitava se afastar, ainda que fosse por poucas horas, de Greenville e dos domínios de Ashton. Por isso elaborou um minucioso plano ao qual ela não pusesse nenhuma objeção. Assim a convenceu.

Tudo começou com uma carta de Ophelia Ward, uma antiga instrutora de Ayleen que vivia retirada em uma pequena casinha de Londres. Nela, relatava que no último ano sua saúde se debilitara e pedia a sua antiga pupila que a visitasse.

Assim que a recebeu, Ayleen mostrou a carta a Adele e Margueritte. Como poderia se negar a semelhante pedido? Desde jovem, sua querida instrutora fora uma figura de suma importância em sua vida. Era de imperiosa necessidade que ela fosse a capital para averiguar seu estado e tentar melhorar suas condições de vida, se fosse o caso.

Porém recordava a reação das duas mulheres. Claro, suas queridas empregadas estavam de acordo com aquela visita e não puseram empecilhos a que viajasse sozinha, mas elas, não sabiam, que a instrutora não existia. Era uma invenção da viva imaginação de Jason, que a carta, com letra de seu próprio punho, fosse enviada de Londres em uma de suas viagens para que todo o plano merecesse a maior credibilidade.

A primeira hora da manhã, Ayleen chegou a estação de Aylesbury acompanhada de Angus e subiu ao trem que deveria levá-la a Londres, ainda que na verdade ela desceria em New Halen, uma aldeia na beira do rio Tamisa, entre High Wycombe e Maidenhead. Era o lugar escolhido por Jason para seu encontro clandestino por sua discrição. Porém se encontravam dentro de Buckinghamshire, mas ele o preferia antes de arriscar-se a pisar no Condado Real de Berkshire, pois a Rainha Victoria costumava passar algum tempo no Castelo de Windsor, assim como seu círculo social. Era bem conhecida a amizade da soberana com seu irmão. E se conhecia Ashton, também o fazia com Johana. Sua esposa e Ayleen, não eram nada parecidas.

Para evitar qualquer contratempo, Jason se arriscou e esperou até o último momento para subir ao trem. A segurança e invisibilidade que lhe oferecia sua carruagem era muito tentadora para desperdiçá-la. Uma vez dentro, cada um permaneceu em um vagão diferente, como se fossem desconhecidos. Não se procuraram, nem com os olhos. A viagem até Londres durava umas três horas, mas eles desceriam muito antes. Era parte do plano.

Só quando se encontraram a salvo na aldeia puderam juntar-se em um apaixonado beijo.

Depois disso, tentando aproveitar ao máximo o dia, deixaram

para trás a estação de trem, cruzaram uma bonita ponte de pedra e seguiram o caminho que conduzia até o alto de uma colina.

Recordava ter protestado. Energicamente.

Era uma atividade que costumava fazer pelas propriedades ducais em Greenville. Às vezes até lhe formavam bolhas nos pés. Seria necessário montar toda aquela farsa em Londres para dar outro passeio?

Não pode evitar se decepcionar. Por alguma razão, esperava um plano mais emocionante.

Jason tentou acalmar seus ânimos e lhe pediu que aproveitasse a paisagem, que o melhor estava para chegar. E tinha razão. Ainda que a subida não fosse elevada, as vistas eram espetaculares: a aldeia aos seus pés ficava diminuta e o rio Tamisa serpenteava entre os campos lavrados. Mas sem dúvidas, o que mais gostou foi a surpresa que encontrou lá em cima: uma abadia da época medieval em ruínas. Iam explorá-la, quando se encontraram com outros visitantes: a buliçosa família Ferris, formada por Aaron e Felicity, os pais e seus quatro filhos.

Recordou com exatidão a apresentação e como fora fácil entabular amizade, mesmo tendo de fingir serem os Gordon, um casal de Surrey.

— Três meses. — respondeu por fim, fazendo referência ao tempo de casamento. Era irônico que aquela mentira fosse o mais parecido a verdade, mas era a única alternativa aceitável.

— Só três meses? Mas são recém casados... — Bateu palmas com cumplicidade e deu um olhar para trás, onde estavam os homens. — Achava que pareciam muito apaixonados.

Diante do comentário, o rosto de Ayleen voltou a corar. Ainda que

a mulher estivesse sendo amável, ela se sentia um pouco incomodada por enganá-la.

— Você acredita?

— Claro! Só temos que olhar a forma intensa como seu esposo a olha. Como se quisesse... — Naquele instante se deteve, justo ao notar sua reação. Claro que a senhora Ferris interpretara mal o motivo. — Oh, Deus, consegui envergonhá-la, certo? Está vermelha como uma romã.

— Eu... — balbuciou. — Não, é só que...

— Pensava que estava fazendo uma observação óbvia. Sendo tão jovens é normal estarem enamorados, mas não pensei que você se incomodasse.

— Não é o caso. — disse em uma vã tentativa de reconduzir a situação.

Não havia nada de mal em que notasse que Ayleen e Jason se queriam. Para ela era um motivo de orgulho. Depois de tantos meses disfarçando diante de seus vizinhos, tentando evitar que seus olhares se cruzassem ou que um gesto a delatasse, era uma mudança satisfatória. Claro, quando voltassem a Greenville, não poderia se permitir o luxo de deixar seus sentimentos em evidência.

— Sim que é. — insistiu, enquanto se esforçava para elaborar uma desculpa. — Você é uma jovem decente e eu uma intrometida. Não era minha intenção importuná-la. Melhor falarmos de outra coisa, não é?

Ia responder afirmativamente a Felicity quando os dois homens se aproximaram. Jason a pegou pela cintura e lhe dedicou um cálido sorriso.

— O senhor Ferris estava me contando como estão aproveitando

esta viagem.

— Verdade? Pensava que seria um tanto cansativa.

Só de imaginar a bagagem, os passageiros e os quilômetros que tinham pela frente, não conseguia pensar na dor de cabeça.

— Essa era minha principal preocupação: ficar presa por tantas horas em uma carruagem com meu esposo e os meninos, mas a paisagem é tão rural que eles se ocupam contemplando-a. — explicou — Surrey está muito mais perto, mas, não lhes acontece o mesmo?

Ayleen concordou. Bem, na verdade não vinham daquele condado, mas eles não tinham como saber. Para a jovem, o campo oferecia uma espécie de encanto mágico, como o de um antigo quadro. Era uma mistura de refúgio e liberdade. Gostava da vida simples e pacífica. Talvez transcorresse com monotonia, mas era um dos grandes atrativos. Em troca, Londres parecia uma cidade sem estímulos: áspera e sombria. Sob sua luz só podia murchar. Por isso pediu ao seu advogado que procurasse uma casa longe da cidade. Greenville fora a escolhida, mas poderia ter fixado sua residência em qualquer outro lugar. A Inglaterra era muito grande e ela só pretendia sair de Londres para começar uma nova vida.

Poderia até mesmo ir para a América. Por estranho que parecesse, Ayleen tinha uma propriedade ao norte de Nova York, herança de Geneva, sua mãe. Soubera justamente após a morte de seu pai, quando o advogado leu o testamento e lhe entregou as escrituras. Até então, só sabia que sua mãe havia nascido nos Estados Unidos e que deixara o país para se casar com Arthur Blake, ao qual conhecera durante uma viagem de negócios dele. Não tinha mais família além da que começara a criar na Inglaterra, mas infelizmente morrera jovem.

Ir para a América fora uma opção, após o falecimento de seu pai.

Ao que sabia, um advogado americano se encarregava de administrar a propriedade sem deixar que se perdesse. Essa tinha sido a vontade de Geneva Blake. Não queria que sua filha perdesse suas raízes.

Se Ayleen fosse uma mulher de coragem ou mais decidida, a longa travessia não seria um impedimento. Mas, então, não se sentia preparada para abandonar o país que a vira nascer e tomou a decisão menos arriscada.

Jason, que conhecia a história, lhe disse que se alegrava de sua decisão. Ayleen era inglesa dos pés a cabeça e graças a isso pudera conhecê-la.

Chegou a perguntar se a vida na América seria mais simples que na Inglaterra.

— Céus, escuta-me?

Seus pensamentos foram interrompidos quando Jason reclamou sua atenção. Quando lhe repetiu a mesma pergunta, percebeu que estivera muito distraída para compreender o que queria lhe dizer.

Pestanejou várias vezes e levantou o queixo até deixar os olhos na sua altura.

— Sim?

Jason lhe deu um leve beijo, na comissura da boca.

— Não me escutava.

— Claro que sim. — murmurou, conseguindo fazê-lo sorrir.

— Não, não o fazia. Nem notou que estamos sós.

Ayleen olhou a sua volta. Ele tinha razão. Os Ferris não estavam junto a eles e nem o notara. Os meninos tinham parado de jogar, ainda que suas risadas fossem ouvidas ao longe.

— Onde estão todos?

— Um pouco além do arvoredo. — explicou Jason, mostrando-lhe

a direção com um gesto. — Trouxeram comida para o almoço e nos convidaram.

Sim, recordou. Em algum momento a senhora Ferris o havia mencionado.

— Então, aceitou?

— São muito amáveis, mas não. Prefiro pegar uma comida leve na pousada, a sós, e logo… — Seu sorriso foi tão malicioso que soube muito bem o que pretendia. Era muito fácil. Uma pousada teria quartos e camas.

Ayleen decidiu que não iria contradizê-lo. Também desejava estar a sós com ele, mas deviam fazer uma coisa primeiro.

— Não podemos ir sem nos despedirmos. Seria grosseria de nossa parte.

Jason estalou a língua. Ela sempre tinha razão.

— Está bem. — concedeu. — Mas que se seja uma despedida curta.

***

— Está feliz? — murmurou muito mais tarde Jason perto de seu ouvido.

O casal acabava de fazer amor em uma pousada de New Halen. A cama era muito mais confortável do que estavam acostumados e ambos estavam nus, com os braços e pernas enredados.

Ayleen lhe acariciou o rosto com uma calidez da qual só ela era capaz e lhe sorriu.

— Como não poderia ser, tolo? — depositou um suave beijo sobre seus lábios. — Te amo. Estes três meses foram os melhores de minha vida.

E era tão certo como respirava. O Jason que estava descobrindo era um homem simples, aberto, sincero, maravilhoso, que lhe demonstrava dia a dia como era importante para ele. Não se tratava só de gozar de um corpo, de saciar sua paixão. O seu ia muito além. Suas almas estavam unidas.

Durante aquele período, lhe falava sem reparo de suas vivências, de sua infância e da família. Ayleen lhe fazia todo tipo de perguntas porque queria saber tudo dele e Jason não lhe ocultava nenhum segredo. Pensou que já não poderia conceber a vida sem ele. Ainda que não o dissesse.

— Eu sei. — disse com toda segurança do mundo, porque para ele também era assim.

Lançou um breve suspiro de prazer.

Ainda que tivesse montes de recordações ditosas em sua vida, nenhuma seria comparável com as que estava criando com Ayleen. Eram intensas. Descobria que com ela sempre eram assim, mas não necessitava mais para ser feliz. Nem títulos, nem posição social, dinheiro, nada. Quando a beijava assim, tão suave e delicado, deixava de pensar, seu mundo se paralisava. Deus, a amava tanto que doía… e aquilo estava mal, muito mal. Mas o que poderia fazer para evitar, se já provara de tudo? No início, as dúvidas, receios e culpas não o deixavam um instante de tranquilidade. Os remorsos foram tão fortes que pensou que chegariam a destruí-lo, mas uma vez que aceitou a traição para Johana, se disse que o preferia antes de enfrentar-se a ideia de perder a sua amada. Porém, estar juntos nunca era suficiente e o tempo se esgotava muito rapidamente. Mudaria tudo para estar com ela, livremente.

— Então, não se arrepende?

— Deste dia? Nem sonhe.

Era uma recordação que sempre levaria no fundo de seu coração. Um pedacinho dela.

— Mas não podemos fazer mais. — disse um tanto agitada. — Minhas escapadas estão começando a preocupar Adele. Disse que andar tanto não deve ser bom.

— E você o que disse?

— Que é um modo de evitar meus pretendentes. — respondeu. — Se não estou em casa, eles não se demoram. Isso, a seu modo, é um consolo, inclusive para ela.

— Deve se desfazer dos três, o quanto antes.

Ayleen lhe sorriu com carinho. Jason continuava com ciúmes, deles. Ainda, que soubesse que não tinham nenhuma chance.

— Eu o farei. — prometeu. — Estive pensando no assunto muito tempo e não me atrevia, mas cheguei a conclusão que é o melhor. Contra minha vontade, esta situação está se alongando muito. Tinha a esperança que com o tempo se esquecessem de mim, ou, que ao menos, percebessem minha falta de interesse, mas creio que foi pior.

Nenhum dos três homens percebera que no coração dela não havia lugar para eles. Quanto mais distante se mostrava Ayleen, muito mais interessados pareciam os três. Isso lhe fez pensar se na verdade não estariam motivados por um espírito competitivo, porque a rivalidade entre Rupert Clarewood e o senhor Been era mais que evidente. No entanto, não queria continuar dando-lhes falsas esperanças, sobre tudo quando nem havia pensado na ideia.

— Deve ser taxativa, de outro modo nem Rupert nem o senhor Been a levarão a sério.

— E acredita que não tenho tentado? Disse ao Comodoro que

talvez não quisesse me casar e se pôs a rir. Acreditou que estava brincando.

Jason ergueu as sobrancelhas.

— Verdade?

Ela assentiu.

— Inclusive elogiou meu senso de humor.

— Não é mau tipo, — admitiu com reticência — ainda que apegado, a si mesmo.

— Isso não será um problema para a maioria das mulheres. — argumentou. — Ou, pelo menos, é o que entendo. — Ayleen escutara numerosas histórias sobre suas conquistas, tanto no país como no estrangeiro, e todas confirmavam o mesmo: por onde ia deixava muitos corações quebrados. — Creio que sua atração mascara seus defeitos.

— Está dizendo que o acha atraente?

— Sendo objetiva, é algo que não pode desprezar. Deus o dotou com um rosto lindo e um vigoroso corpo capaz de satisfazer a maioria das mulheres, ainda que tivessem que tentar o escândalo. — Jason fez uma careta de desgosto e Ayleen se apressou a acrescentar. — Mas não é o que procuro. Minha impressão sobre ele é que se excede com muita facilidade. Não me interessa nenhum dos outros. — concluiu — Tenho, junto a mim, o homem mais lindo e excitante de todos. — disse enquanto deslizava um dedo pelo peito despido de Jason. — No entanto…

Ele a olhou, esperando, enquanto deixava que Ayleen desenhasse linhas imaginárias sobre seu abdômen.

— O quê?

Gemeu quando notou a palma de sua mão um pouco mais abaixo, a escassos centímetros de seu membro.

— Seria legítimo receber uma recompensa por tanta devoção. Não acha?

Jason se dispôs a lhe mostrar o quanto generoso e magnânimo podia chegar a ser. Pegou-a nos braços e os levantou até colocá-los no travesseiro, por cima de sua cabeça e se posicionou sobre ela.

Ia beijá-la quando de repente se recordou de algo que ela havia dito.

— Ao que se referia?

Ayleen o olhou sem entender nada.

— Do que fala?

— Clarewood. Disse que se excede. É algo que escutou nas reuniões do chá ou... — apertou os olhos — comprovou por você mesma? — As bochechas de Ayleen se tingiram de vermelho. — Deus, aconteceu alguma coisa mais que deva saber?

— Você mesmo notou essa noite na casa dos senhores Haggens. — explicou. Graças a Jason se salvara de uma situação comprometedora.

— Mas algo me diz que não foi tudo. — Ayleen notou um terrível mal estar, mas não podia negar. Não acreditava nas mentiras. Pelo menos não das pessoas que alguém amava. — Beijou-a?

— Nos lábios, quer dizer?

Jason soltou uma imprecação obscena. Incorporou-se rapidamente e ficou quieto, pensando.

Ambos continuavam completamente despidos, mas nem pareciam notar.

— Não é tão terrível como imagina. De acordo?

— Deixe-me julgar a mim se é ou não. — Passou a mão pelos cabelos com nervosismo. — Continue.

— Cuidei-me em ficar distante. Não voltou a suceder.

Ayleen teve o juízo de omitir o apelido que Adele lhe pusera. Saber não beneficiaria ninguém.

— Quer me explicar porque tomou tanto cuidado nisso? Só de pensar que... — nem pode terminar. A imagem de Clarewood tentando se aproveitar de Ayleen o adoecia. Sentiu um suor frio nas palmas das mãos.

— Um dia foi levar-me flores. — começou a relatar, mas Jason parecia empenhado em interrompê-la.

— Sim, todo o maldito condado sabe.

— Então, — continuou como se nada fosse — o recebi no salão. É o que se espera em uma visita, não é? — Essa era a parte incômoda e menos memorável, mas depois o Comodoro me beijou os nós da mão e arrematou com um ligeiro beijo de despedida. Nos lábios.

Ah! Esquecia de um momento especialmente vergonhoso. Quando teve a ousadia de afirmar que ela o desejava, como se fosse um sentimento natural. Queria fulminá-lo com o olhar, mas permaneceu quieta em seu assento por educação. Ou porque estava muito perturbada para rebater.

Isso era, em resumo, o que Jason perdera.

Ele não se alegrou em escutar. Os músculos do rosto se contraíram.

— Está aborrecido?

— Com você não, amor. Com você não. — Pegou sua mão e a apertou com carinho. O que dissera era certo. Era com Clarewood que desejava ter umas palavras.

Parecia impossível, se lembrou. Aquilo significaria enfrentar algumas perguntas que não poderia responder. Em teoria, Ayleen não

era nada para ele além de uma simples vizinha, pelo que não tinha direito de defender sua honra. Se em troca, se tratasse de sua prometida ou esposa, as coisas seriam diferentes e não teria medo de se enfrentar a ele, até mesmo com sua fama.

Estava farto dos pretendentes de Ayleen e suas excentricidades. Não só devia ver com seus próprios olhos os esforços dos três para ganhá-la, como todo o povoado falava daquilo. Qualquer conversa derivava na mesma coisa. E Jason estava sobrecarregado. Sua paciência tinha limite, não sabia quanto faltava para cruzar a linha e colocá-los em seu lugar.

Desde quando tinha aquele sentimento de posse tão arraigado? E desde quando pretendia solucionar um conflito a socos? Ele nunca fora um homem beligerante, pelo contrário. Jason acreditava firmemente no diálogo e na concórdia, mas doía não poder reclamar Ayleen como sua e que toda a sociedade soubesse que tinha sua proteção.

— Então me perdoa por não ter lhe contado?

— Não há nada a perdoar. — Sabia que Ayleen só pretendia apaziguar seus ciúmes, não jogar mais lenha ao fogo. E o fazia por seu bem. — Venha, vamos descansar um pouco, nos fará bem.

Jason se recostou outra vez junto a ela e os cobriu. Em poucos minutos sua respiração se tornou rítmica e pausada até que dormiu. Ayleen se admirou pela facilidade. Em casa, ficava virando na cama sem conciliar o sono.

Sua mente continuava vagando pelos acontecimentos do dia.

Sentia orgulho de ter passeado com Jason levada pelo seu braço. Talvez fosse um ato normal e cotidiano e essa poderia ser sua vida real se pudessem aceitar o convite dos Ferris.

Tanto Jason como ela evitavam falar sobre o futuro. Nenhum se sentia cômodo com aquilo. Apesar da felicidade encontrada durante aqueles três meses, para Ayleen, não era uma situação fácil de digerir. A única saída possível para ficarem juntos seria como amantes, o que detestava. E para ele seria renunciar a muitas coisas, como formar uma família, que tanto desejava.

Jason lhe garantia que queria estar com ela e de verdade acreditava; mas não havia garantia de nada. Afinal Jason era homem, suas vontades eram volúveis e chegaria o momento em que a frustração traria a fadiga. Agora a amava, mas... faria isso sempre? O que seria dela depois? Por isso e muito mais, nunca se converteria em lady Ayleen Morton. Nunca. Não enquanto Johana vivesse.

Se pelo menos Johana não fosse boa pessoa, e não se comportasse tão bem com ela ou se não gostasse dela... Mas Johana era amável e considerada. Não eram íntimas amigas, porque não o permitira, mas não conseguiria desejar-lhe nenhuma desgraça, nem feri-la para conseguir sua própria felicidade.

Ayleen sentia uma pressão no peito e era angustiante.

Tentou se acalmar, inspirando e expirando lentamente até passar. Olhou para Jason, que continuava dormindo placidamente. Parecia tão feliz... Se aconchegou mais ao seu lado, para senti-lo, e notar seu calor. Tentaria reter aqueles momentos de felicidade para o futuro.

Afinal, o cansaço a venceu e adormeceu, por pouco tempo. Jason a despertou logo.

Deu-lhe um casto beijo na fronte e levantou para se vestir.

— Tem pressa? — perguntou Ayleen esticando-se sobre os lençóis. — Volte para a cama comigo.

— Não deveríamos.

— Porque? É nosso dia.

— Ayleen. Se voltar a cama, ficaremos até amanhã.

— E isso é ruim? Poderia dizer que ficou em Londres…

— Amor, — interrompeu enquanto subia as calças — Adele e Angus se preocupariam. Dentro de algum tempo esperarão na estação. Além de não termos mais roupas…

— Não me importo. Jason… — murmurou.

— Não faça mais difícil. — suplicou. Aproximou-se da cama e se sentou. — Por Deus, não é o momento. — Acariciou seu rosto e desejou tirar-lhe a tristeza que refletia em seus olhos.

— Nunca será. — murmurou com pesar. — Isso é o que machuca.

— Acredita que a mim, não? Esta situação também não é fácil para mim. Odeio mentir a Johana, a Ashton, ter que escapar para vê-la, não poder dormir uma noite toda com você…

— E quer terminar o nosso? — perguntou.

Seu coração deixou de bater por uns segundos que pareceram eternos. Trouxera-a para New Halen para se desfazer dela? Seria isso? Esperou, impaciente, sua resposta.

— Não! — respondeu no instante. — Eu te amo e deveria saber. Amo mais que tudo no mundo, mas cada dia odeio mais esta situação. Até conhecê-la acreditava ter tudo e agora percebo que minha vida estava vazia, e me conformava com pouco. Ainda assim, estou prejudicando minha esposa e é o que menos desejo. — Parou um instante para respirar. — Ultimamente estive pensando em algo… — confessou — Não me atrevia a dizer-lhe, mas talvez agora seja o momento.

— Do que fala? — Ele não disse nada e Ayleen esperou sua resposta.

— Vamos embora. — propôs afinal.

— Ir? Aonde?

— Não me importa, mas longe daqui. — sua voz tremeu. — Ayleen, deixemos tudo atrás. Podemos começar outra vez, você e eu juntos. — Ergueu-lhe um pouco o queixo para que seus olhos ficassem na mesma altura. — Olhe-me. — sussurrou. Era muito importante que compreendesse o crucial daquela declaração. Podia mudar suas vidas. — Não sabe quanto desejo que diga sim.

Jason pensou que poderia tê-la conhecido antes. Então nunca ousaria se casar com Johana. Mas, ainda teriam tempo de serem felizes. Tinham uma oportunidade.

Ayleen tentou não chorar, mas não conseguiu conter as lágrimas. Era comovente escutar a proposta de sua boca. E muito tentador. Por um momento teve um brilho de esperança, mas durou pouco e a sanidade terminou se impondo. Afinal era uma completa loucura.

— Não podemos. — disse com dor no coração. — Não pode.

— Ayleen…

— O que mais queria era dizer sim… mas tens obrigações com Johana e com sua família. Deve honrá-los como merecem e isso significa que não pode desaparecer por muito que queira.

Ela não queria falar daquele modo. Era duro tentar se comportar como uma pessoa racional, sobretudo porque estava traindo seu coração. Mas alguém deveria fazê-lo.

— Ayleen…

Jason resistia a se deixar convencer.

— É um homem honrado, eu sei. Não me faça carregar mais

culpa do que suporto. Não podemos construir nossa felicidade sobre a desgraça de outros.

— Porque não podemos ser uns malditos egoístas e olhar para nós?

— Porque é o que peço.

Naquele instante não se conteve mais e começou a chorar. Queria deixar de ser Ayleen Blake, a solteirona de Greenville. Desejava com todo seu ser. Nunca poderia experimentar a sensação de ser casada com ele, nem no futuro. Se agora o separasse de sua família, de sua vida, de tudo o que conhecia, não a reprovaria com o passar dos anos? Era uma carga muito pesada.

Jason a abraçou apertado e tentou secar-lhe as lágrimas. Não era estúpido, nem queria feri-la sem necessidade. Compreendia seu ponto de vista. O pior era que não queria aceitar. Como dissera, preferia ser um maldito egoísta.

— Shhhh, querida, não chore.

Ultimamente pensava muito no futuro. O que seria deles e que soluções havia. Ele pensava em partir porque estava descobrindo que sua atual situação era insustentável, embora não fosse uma decisão firme. Aquilo significaria romper com sua família, com o trabalho que tanto gostava e destruir o coração da esposa.

Estava disposto a correr o risco, mas ela não, e sabia que tinha razão.

Fechou os olhos. Encontrava-se a borda do abismo. Deus, quanto a amava. Nunca poderia imaginar que chegaria a querer alguém assim. Sempre controlado e racional… nisso se parecia a Ashton, mas ali estava, pondo em perigo seu futuro.

O que devia fazer? A quem escutar?

Capítulo 16

Se antes de se instalar em Greenville alguém lhe avisasse sobre os desígnios do destino que a levariam a atual situação, provavelmente Ayleen tivesse se afastado. Era difícil acreditar que uma mulher tão sem interesse como ela pudesse atrair a atenção de quatro homens de uma vez. O que teria de especial? Reconhecia que era bonita e seu refinamento e educação eram próprios de uma dama, mas distava muito da perfeição, em qualquer sentido. E sua fortuna podia despertar interesse de um homem com uma situação financeira comprometida, embora todos gozassem de uma boa posição. Não era por dinheiro.

Por isso se perturbava.

Dentro de alguns dias teria lugar um festivo piquenique celebrado entre seus conhecidos. Certamente o Comodoro e o senhor Been iriam monopolizá-la e não estava disposta a isso. Decidira que aproveitaria tanta concorrência para dar-lhes um basta e fazê-los saber que não estava disposta a se casar com eles, nem agora nem nunca. Deveria ser enfática e decidida, de outro modo a mensagem não lhes chegaria com clareza, pois eram homens obtusos.

A situação com o senhor Plumbert era distinta. Ele era agradável, complacente e quando se esquecia de sua timidez parecia ser um

grande orador. Junto a ele se sentia relativamente à vontade, ainda que sem excessos. Jason não via com bons olhos, quando aceitava passear com ele de vez em quando. Dizia que lhe dava falsas esperanças.

Ayleen mordeu o lábio. Tinha razão, além de atrair o desprezo de Juliet Been.

Demorou muito para perceber a mudança que se produzia na mulher e só parecia afetar Ayleen. Quando estavam com outras pessoas se mostrava cautelosa, amistosa e a obsequiava com sorrisos artificiais. Em troca, quando estavam só as duas, mesmo brevemente, seu caráter se tornava arisco, quase combativo. A amabilidade desaparecia como magia. Jason lhe sugeriu que talvez estivesse ciumenta diante da perspectiva de ter que compartilhar as atenções de seu irmão com outra mulher. Afinal estavam convivendo um com o outro há muito tempo e não tinham a ninguém mais.

Ayleen não estava de acordo com aquela teoria. O senhor Been tratava muito mal a Juliet. Se na frente de todos a desprezava e humilhava de um modo tão evidente, não queria imaginar como seria em particular. Era impossível querer seu irmão só para si, a não ser que estivessem diante de uma relação insalubre. Ela, por seu lado, tentava escapar de suas garras.

Por isso averiguaria a origem da animosidade.

Algumas semanas atrás, o senhor Been, em um alarde de hospitalidade, organizara uma merenda em sua casa. Tanta generosidade e magnificência servia para contrariar umas palavras do comodoro Clarewood, mas o importante foi que Ayleen aproveitou para observar disfarçadamente os passos de Juliet e analisou sua conduta até dar com a chave. A jovem levantara uma mão para pegar um

biscoito de abóbora e passas do prato de porcelana quando sua mão se chocou com a de Horatio Plumbert, que pretendia fazer o mesmo. Observou-a piscar com certa coqueteria e seu rosto adquiriu um tom avermelhado, e o homem não percebeu o sutil gesto. Murmurou uma desculpa e continuou com a conversa iniciada. Fora um gesto sutil, mas perceptível e suficiente para que notasse que Juliet Been amava em segredo ao senhor Plumbert.

A descoberta a deixou um tanto contrariada. Teria entendido bem ou se tratava de um julgamento apressado? Estaria concebendo esperanças? Logo percebeu que o inconstante comportamento da jovem tinha a ver com ele, pois estava ciumenta das atenções que o senhor Plumbert prodigalizava a Ayleen.

Estaria ele ciente? Perguntou-se, mas duvidava. Não parecia um homem esperto e sagaz, capaz de captar as astúcias femininas. Teve que reconhecer que nem parecia compartilhar sentimentos parecidos. Não ouvira nenhuma fofoca que os relacionasse e ele não demonstrava inclinar-se por ela. Mesmo assim, as aparências eram as aparências, e se sentiria terrivelmente mal se por sua culpa contribuísse para afastar o casal. Se houvesse alguma opção de terminarem juntos tinha que se assegurar e aquele seria o momento adequado.

Naquela quente manhã de agosto Ayleen havia saído a passear com o botânico. Preferia aquilo a ficar encerrada no salão, e estava sendo bastante agradável. Na realidade, gostaria que ambos fossem amigos. Com um, ao menos, seria suficiente, porque parecia impossível confraternizar com a senhora Smith e suas filhas. Era evidente que a consideravam uma rival e agora sabia que Juliet também. Lady Strimble apenas a tolerava nas reuniões das damas do chá, já a senhora Haggens era um tanto estridente e não gostava dos

passeios e Johana... era admirável, mas um homem se interpunha entre elas.

Ayleen inclinou a sombrinha que a protegia do sol e olhou seu acompanhante de soslaio. Sua fronte ampla e limpa não era tão atraente. Era afável e bom. Não percebia nele nenhum sinal de maldade e para ela era atributo suficiente.

— Senhor Plumbert, posso fazer-lhe uma pergunta?

— Claro. — disse, alisando o colete e mostrando-se solícito.

— O que pensa da senhorita Juliet Been?

— Valha-me Deus. — O homem abriu a boca e a fechou. Ayleen temia ter sido muito direta. — O que acho dela? — enrugou a fronte. — Porque pergunta?

— Veja... — murmurou em dúvida. — Ela e eu estamos passando um tempo, juntas, e gostaria de saber que opinião tem dela.

Horatio pigarreou para limpar a garganta.

— Preocupa-se que não seja digna de confiança?

Não era precisamente o que queria dizer, mas se continuasse o senhor Plumbert lhe responderia com sinceridade.

— Pode ser.

— Ah, vejo. Faz bem. Alguém não pode estar seguro do tipo de pessoa com quem está tratando, mas eu não diria que seu coração seja traiçoeiro. Também não é que saiba a ciência certa, apenas me dou bem com ela. No entanto, é irmã do senhor Been, na verdade um homem antipático e, a meu ver, mesquinho e ruim.

— Não acredito que a tivesse em tão mal conceito.

Nunca o escutara falar mal de alguém e ainda que ela pensasse o mesmo era estranho ouvi-lo de seus lábios.

— Tento não julgar nem me meter nos assuntos alheios, mas

algumas coisas são óbvias. — argumentou — A senhorita Been é do mesmo sangue, afinal. Não seria de mais tomar precauções. — aconselhou.

Ayleen meditou um instante sobre o que ele dissera da família Been. Não se atrevia a perguntar-lhe o que opinava da beleza de Juliet, já que pusera dúvidas sobre seu caráter. Ela não acreditava que fosse tão má como seu irmão mais velho, mas Horatio tinha razão, não era bom confiar. Por sorte, não chegara a abrir seu coração nem a revelar-lhe nenhum segredo indecoroso. A jovem só sabia de sua vida ou de suas outras amizades.

Prometeu-se que trataria Juliet com um pouco mais de compreensão e paciência. Ainda que fosse incômodo poderia entender que se sentisse mal. Aos olhos do senhor Plumbert era quase invisível e de um modo, ou outro, tal circunstância deveria entristecê-la.

— Obrigada por suas palavras. Foram de grande ajuda. — disse com toda a amabilidade.

Pelo menos esclarecera todas suas dúvidas quanto aos sentimentos de seu acompanhante por Juliet Been.

Então percebeu que conseguira deixá-lo corado.

— De verdade? — gaguejou e ela assentiu vigorosamente. — É uma honra que confie tanto em mim.

Mesmo com o rubor ainda persistindo em seu rosto, Horatio se mostrou um pouco mais seguro de si mesmo, até satisfeito. Depois parou e ficou olhando longamente o horizonte, com as mãos enlaçadas nas costas, sem pronunciar palavra. Ayleen o olhou fixamente, mas ele não demonstrou notar. Estava ausente, como que hipnotizado. Se virou e olhou Margueritte, que continuava a certa distância para não dar o que falar as más línguas. Encolheu os ombros sem saber o que

fazer. A criada, com um gesto, lhe deu animo.

— Senhor Plumbert, se encontra bem?

Ele reagiu lentamente e com movimentos lânguidos. Esboçou um cálido sorriso e centrou sua atenção nela.

— Ultimamente estive pensando muito em minha vida. — murmurou com certa hesitação, obrigando-a a aguçar o ouvido. De repente, o botânico voltava a ser tão tímido como no princípio, quando o conheceu, e ainda que olhasse um ponto indefinido de seu rosto, seus olhos, não se encontraram. Sentiu pena por ele, porque era um homem bom e de certo modo gostava dele. — Tenho trinta e oito anos, — continuou, conseguindo que todos os sentidos de Ayleen se pusessem em alerta. De repente tinha uma sensação estranha — vivo comodamente e satisfeito com meus estudos de botânica. No entanto, não encontrei uma mulher que me inspire a confiança suficiente para animar-me a formar uma família. Até agora. — recalcou.

— O que quer dizer? — perguntou para ganhar tempo enquanto sua mente se desesperava tentando achar uma escapatória que fosse digna para ambos.

Não esperava que Horatio reunisse coragem necessária para expressar os sentimentos que estava a ponto de lhe confessar. Pelo menos, não tão cedo e com rivais tão formidáveis como o Comodoro e o senhor Been. Claro que Ayleen sabia onde ele queria chegar. Por isso queria impedi-lo.

— Senhorita Blake, deixe-me expressar com mais clareza. Creio que você e eu deveríamos nos casar.

— Casar? — repetiu como uma tola.

A proposta a deixou estupefata mesmo sabendo que estava a ponto de ouvi-la. Tanto, que a sombrinha quase lhe escapou das

mãos. Então a segurou com força desejando ter ouvido mal, mas seu rosto devia ter se contraído tanto pela surpresa que o senhor Plumbert se preocupou em acrescentar:

— Sei que não posso me comparar a presença do comodoro Clarewood nem aproximar-me da fortuna do senhor Been. Só sou um homem simples que gosta da vida do campo. — Tirou o chapéu e começou a jogar com ele, com nervosismo. — Senhorita Blake, julgo-a como uma mulher honesta, nada artificial, longe de ambições que incluam fama ou reconhecimento. E me atreveria a dizer que deseja justamente o contrário. Notei que a notoriedade a incomoda. Não é assim?

Horatio virou levemente o corpo e se atreveu a olhá-la nos olhos, esperando sua resposta.

Ela teve apenas que responder.

— Sim.

— A única coisa que lhe peço é que me dê uma oportunidade. Que pense bem em minha proposta, nas vantagens. — falou tenso. Para ele devia ser muito difícil se expressar em tais termos. — Eu não a amo, assim como você faz comigo, mas com o tempo…. Ambos temos caráter similar: somos humildes, preferimos evitar os conflitos e sentimos prazer na leitura. Ter alguém ao nosso lado, fazendo-nos permanente companhia, nos faria bem.

Ayleen enrugou os lábios.

— Sua proposta tem sentido, senhor Plumbert. — devia reconhecer. — Porém….

— Não deseja a segurança de um esposo? Filhos?

— Sim, claro. — orgulhou-se em acrescentar.

— Pensa que não mereço como homem em comparação com o

comodoro Clarewood e o senhor Been?

— Não! — exclamou. Não deixaria que pensasse que sua negativa tinha a ver com sua ombridade. Mas como dizer-lhe que seu coração já tinha dono? Por muito tempo que passasse e por muito empenho que pusesse, nunca poderia amá-lo como merecia. — Você tem muito mais qualidades que eles dois juntos. É bom, amável e compreensivo. Qualquer mulher se sentiria afortunada por semelhante proposta. Mas eu…

Hesitou. Suas forças diminuíram. Não queria ser cruel com ele nem desagradável. No entanto, não poderia aceitar.

— Entendo que seja uma decisão importante. — assinalou com um toque de melancolia. — Porque não pensa com calma? Tome alguns dias.

Ayleen assentiu, aliviada. Agradeceu que lhe desse um tempo, mas tinha uma negativa para ele e isso a deixava com um compromisso. Por isso, durante os três dias seguintes não pensou em outra coisa que não fosse em sua proposta e contra todo prognóstico, se tornou um assunto vital que deveria analisar. Evitou e disfarçou tudo para não contar a Jason. Sabia que se aborreceria muito se soubesse, então resolveu que a ignorância seria o melhor para seu caráter. Devia reconhecer que os ciúmes estavam lhe fazendo mal. Não poder gritar a plena voz o amor que ambos professavam o matava e Ayleen não queria lhe dar um motivo para explodir. Tinha medo que um dia não pudesse controlar seu temperamento e terminasse dando um soco a qualquer de seus pretendentes evidenciando tudo a todos.

Se aquilo acontecesse seria uma catástrofe e já não poderiam voltar a estar juntos.

Por isso era melhor que não soubesse da proposta do senhor

Plumbert. Nem revelara o conteúdo da conversa para Adele ou Margueritte, e a jovem criada insistia. Depois do passeio notara a tensão de seu rosto.

Casar-se. Um sonho distante e inalcançável. Jason Morton não era seu e nunca seria.

O que lhe ficava então? Pensou. Uma vida estranha e agridoce, condenada a ser a amante? Não era o que desejava para si mesma, mas ao mesmo tempo não podia romper o laço que os unia nem deixá-lo ir. Amava-o muito. Também não podia fugir com ele; não era uma opção realista. Ashton Morton era um homem de poder e não estariam seguros em nenhuma parte do país, nem mesmo no estrangeiro. Estava convencida que se o fizessem, o duque os perseguiria para onde fossem e obrigaria Jason a voltar com sua esposa.

Quanto a Ayleen só lhe restava juntar os pedaços de seu coração quebrado.

Naquela noite e as outras que se seguiram, na intimidade de seu quarto, Ayleen chorou desconsoladamente. Suas expectativas eram muito pobres e seu ânimo estava no chão. Não sabia o momento exato, mas em algum ponto daqueles três dias começou a aceitar a ideia e notou que devia lutar contra o infortúnio. Casar-se com o senhor Plumbert não era a pior solução, mas o contrário.

Ele tinha razão. Aquele casamento lhe daria vantagens das quais agora carecia e ter filhos próprios seria seu maior consolo. Se voltaria para eles e os amaria com todo seu ser. Mas seria possível uma nova vida junto a Horatio Plumbert? Suportaria deitar-se com ele? Aquele homem não era seu amado e seus beijos e abraços seriam forçados, sem um pingo de amor. Com Jason sucumbia enquanto aprendia a ser uma mulher e a amar como tal. Entregou-se plenamente a ele com

tanta intensidade e tal grau de compromisso que nunca mais seria possível ter o mesmo com qualquer outro.

Uma vozinha em seu interior lhe dizia que devia se dar uma oportunidade para ser feliz e fazer caso omisso ao que ditava seu coração. Com o tempo se esqueceria do amor que se professavam e talvez aprendesse a querer o botânico. Ou, pelo menos, a lhe ter carinho.

Não era uma decisão simples para tomar sem pensar; sua vida e a dos outros estavam em jogo. Mas quando soube o que faria se convenceu que sua posição seria irremovível. Por tudo, procurou Horatio e, com uma intensa dor no peito por ter que renunciar ao que mais queria, aceitou sua proposta.

Impôs-lhe duas condições que não pensava discutir. A primeira consistia em não divulgar a notícia logo. Pedia-lhe um tempo prudencial. Porém não sabia como confessaria sua decisão a Jason e tremia só de imaginar sua resposta.

Era algo que devia planejar com calma.

Mudar-se para outro lugar logo que estivessem casados era a segunda das condições. Não importava onde, mas que fosse bem longe. Para Ayleen seria impossível continuar vivendo em Greenville e manter seu casamento com Jason perto. Sabia as dificuldades que envolveriam a mudança. A estufa e as plantas de Horatio seriam todo um desafio, mas ela não pensava voltar atrás. Tinha motivos de peso, não se tratava de um capricho. Ou a aceitava com todas as condições que impunha ou não se casariam.

Horatio assentiu e refletiu em silêncio durante alguns segundos. Era um homem cabal, mas em nenhum momento lhe perguntou os motivos que a empurravam a pedir aquilo. Não sabia se devia confiar

nela ou, pelo contrário, preferia continuar na ignorância.

— Então estamos comprometidos?

Era uma pergunta simples e fácil de responder. Ela mesma o procurara. Então porque sentia um nó no estômago?

— Sim. — Sua voz soou apenas audível e pensou que em um futuro não muito distante deveria começar a manejar melhor aquele tipo de situações, deixando de lado a angústia, os nervos e a timidez. Santo Deus, iriam se converter em marido e mulher. Deviam procurar um ponto no qual ambos se sentissem cômodos.

— Bem. — Horatio se levantou do sofá sem saber como devia agir nas atuais circunstâncias. Deu dois passos para ela e pareceu se arrepender do que estava para fazer, porque voltou a se sentar no mesmo lugar de antes. Depois esfregou as palmas das mãos sobre os joelhos. — Esperaremos que você se sinta preparada para anunciar o compromisso. Parece-lhe bem? Logo marcaremos uma data para as bodas.

— Sim, obrigada.

Aquilo foi tudo. Horatio não tentou beijá-la; nem pegou sua mão. Não que fosse um homem frio, mas cuidadoso e prudente. Com o acordo selado se dava por satisfeito. Porem, tanta compreensão a fazia sentir terríveis remorsos. Não queria enganá-lo, ainda que uma total sinceridade ficasse descartada. Deveria confessar-lhe que estava apaixonada por outro homem, mesmo sem revelar seu nome? Seria justo, mas não se atrevia. Seu futuro esposo chegaria ao casamento acreditando que era uma mulher honesta, mas seria melhor assim. Ayleen procuraria com todas as forças ser uma boa esposa, mas aquilo não contribuiu com sua paz mental, que deveria dar uma solução definitiva a respeito da pessoa que mais queria.

***

O dia do piquenique chegou logo para seu gosto e não se sentia com ânimo para dissimular sua tristeza diante de todos. Na tarde anterior esteve a ponto de confessar tudo a Jason, já que desde o dia em que Horatio falara do casamento e após sua resolução, estava difícil encontrar a serenidade suficiente para dormir nas noites. Tanto desgosto era devido a culpa que a corroía e não suportava mais. Estava enganando a todos e aquela não era a vida que imaginava. Mas então, Jason lhe falou do regresso de sua irmã Cláudia a Inglaterra e o observou tão feliz que não foi capaz.

Estava presa entre o amor, o dever e a lealdade e pouco a pouco começava a se asfixiar. Esperava, que pelo menos, seu futuro casamento lhe desse a paz que tanto necessitava.

Ayleen ergueu o rosto para o céu, deixando que os raios do sol acariciassem suas bochechas e lhe dessem prazer. A leve brisa da tarde agitava seus cabelos, e diminuía o sufocante calor do verão. O leve vestido de algodão em tons rosados e verdes, com pouco volume, era adequado para aquele piquenique. Prático e bonito. A senhora Laurens, já recuperada do parto, a pegou pelo braço e sorriu. Haviam se encontrado poucas vezes nos últimos meses devido a sua gravidez, quando sua volumosa barriga e seus pés inchados entorpeciam seus passos. Por isso prescindira de participar nas numerosas atividades organizadas pelas damas do chá. Era a primeira vez, depois de dar a luz, que ela e seu esposo tomavam uma decisão do tipo.

Naquele dia ambas se fizeram boas amigas e Ayleen agradecia estar em sua companhia. Tentara ignorar, na medida do possível, a Jason, ao senhor Been, a Rupert Clarewood e a Johana, mas por distintas razões. Em troca, a senhorita Been a ignorava e centrava

toda sua atenção em Horatio. Parecia estudar um pouco de botânica e tentava impressionar seu acompanhante com seus recém adquiridos conhecimentos, e não deixava de tagarelar.

Juliet não era bonita. Tinha o rosto e o nariz mais afinados que a senhora Laurens, mas o pior de tudo era o ostensivo chapéu que usava. Estava carregado de plumas que lhe davam muito volume, pouco conveniente para a ocasião. De quando em quando devia esquivar os ramos das árvores para não ficar enganchada neles.

Pelo que observara no passado costumava ser uma jovem sóbria e comedida. Esse tipo de coqueteria feminina era um gasto supérfluo para seu irmão, mas o usava em seu esforço para prender o senhor Plumbert.

— Vejo que você também adora o verão. — comentou a senhora Laurens. Seus olhos brilhavam de alegria, mas sabia que no fundo se sentia um tanto culpada por ter deixado seu pequeno filhinho com sua mãe. — Charles prefere o outono. Pela caça, claro. — acrescentou.

— É bom caçador?

Não conseguiu evitar dar uma rápida olhada para trás, onde Charles Laurens conversava com Jason, assim como, também, não conseguiu evitar notar o olhar furtivo que ele lhe lançava.

— Gostaria que fosse menos. — brincou. — Sabe quantas aves é capaz de trazer em uma saída? Muitas!

— Alguma dama está falando de mim?

A abrupta interrupção conseguiu desconcertá-la brevemente. Ayleen levantou o rosto e se encontrou com o comodoro Clarewood revoluteando ao seu redor. Pegou-a pelo braço, aproximando-a a ele e distanciando-a da senhora Laurens, que finalmente a soltou.

Ayleen não conseguiu disfarçar sua irritação. Estava se

excedendo. Durante os últimos meses suportara suas investidas com classe em nome da boa educação, mas não voltaria a permiti-lo.

— Porque acredita que faríamos tal coisa? — perguntou com os olhos apertados e guardando para si uma resposta mordaz. Então notou como os olhos do Comodoro se detinham na curva de seu pescoço e depois ele umedecia os lábios em uma evidente demonstração de desejo. Ou assim pareceu a ela.

Que não fosse capaz de esconder tais sentimentos e os mostrasse tão abertamente falava muito mal dele. Por natureza, um cavalheiro sempre deveria ser refinado e discreto, adjetivos que nada tinham a ver com o Comodoro.

— Acaso não é evidente? Meu amor… — disse com uma familiaridade que a desagradava, mas que parecia gostar de se atribuir. O que pensaria a senhora Laurens deles. Era muito embaraçoso. — Agora, — continuou ele — queremos ficar a sós. Senhora…. Passe um bom dia!

Clarewood puxou-a pela segunda vez e a fez avançar, afastando-a do lugar e da senhora Laurens, que ficara desconcertada.

— Comodoro… — balbuciou em uma fraca intenção de resistir. Não entendia porque ousava tomar semelhantes atribuições. Como se atrevia! — Aquilo era muito grosseiro.

Deu-lhe um sorriso radiante, como se na verdade, não tivesse feito nada errado. Ayleen desejou eliminá-lo com uma bofetada. Não estava tão desesperada para encontrar marido para aceitar suas atenções. Percebeu que demorara demais para colocá-lo em seu lugar e agora pagava as consequências. Alegrava-se de ter escolhido Horatio Plumbert entre todos. Era a opção mais segura e reconfortante.

— Não me agrada que tentem monopolizá-la. — aduziu ele como

desculpa. — É muito bondosa e se aproveitam de você.

— Não diga essas coisas. Só estava tendo uma agradável conversa com a senhora Laurens. — recriminou-o com certa exasperação. — Não tinha nenhum direito de deixá-la plantada e arrastar-me.

— Porque? Pensava que lhe fazia um favor. Seja sincera, acaso não prefere minha companhia?

— Não! — exclamou alterada, sem se conter.

Levantou muito a voz, porque todos começaram a olhá-los com uma mescla de curiosidade e deleite. Os olhos da senhora Haggens refletiam malícia. Seu grito captou um interesse especial de Jason. Na distância pode ver como seus ombros ficaram tensos e uma careta se desenhava em seu rosto. Observava-os com a cautela de um felino. Sabia que se o pedisse, correria em seu auxílio.

Envergonhada, exibiu um falso sorriso, abaixou a voz e o instou a continuar. Queria gritar de pura frustração. Porque não entendia? Nesse momento não via nenhum encanto. Era um homem muito egocêntrico e nem seu atraente rosto nem sua fama ao serviço da Coroa eram satisfatórios. O Comodoro era pura fachada, deslumbrante no início e vazio depois. Não desejava ser grosseira nem desrespeitosa, mas não lhe deixava outra saída. Não tinha ânimo para continuar suportando-o.

— Isto chegou longe demais. — murmurou mais para si mesma que para ele. Recompôs-se e usou um tom mais firme e decidido. — Vou ser bem clara, Comodoro. Você pensa que somos o par ideal. Pois bem, lhe direi que não creio e que entre nós nunca acontecerá nada, salvo uma amizade. Não me interessa, no sentido romântico. — foi bem dura naquilo para que não ficasse nenhuma dúvida

Percebeu que ele não soube bem como receber suas palavras. Titubeou por um momento. Sabia que não estava acostumado a receber uma recusa, mas Ayleen não podia se permitir o luxo de suavizar suas palavras. Era de vital importância desfazer-se de Rupert Clarewood para sempre. Oferecera-lhe sua amizade como mostra de cortesia, mas sabia que era um homem orgulhoso e que provavelmente não a aceitaria.

— Brinca ou é sua forma de conseguir captar a atenção de um homem?

— Claro que não. — bramou, deixando evidente sua fúria. — Não sou frívola, nem gosto que o insinue.

— Está dizendo que não me ama?

Que fosse obtuso, só vinha confirmar o pouco que tinham em comum.

— Isso mesmo. Nem um pingo.

Se não estivesse tão concentrada em seu esforço de romper suas esperanças para com ela, sua expressão de estupor pareceria cômica.

— Ficou louca? Nenhuma mulher me recusou assim.

— Então conte-me como a primeira.

Clarewood mexeu a cabeça tentando clarear as ideias. Logo esboçou um sorriso, para terminar transformando-o em uma sonora gargalhada.

Não havia modo de levá-la a sério.

— Sempre se destacou acima das outras damas. Sempre. — repetiu — Disse que seu senso de humor me fascina!

— Isto não é uma competição, Comodoro. — replicou categoricamente — Importa bem pouco as outras, porque não há um você e eu. Entenda de uma vez.

Desejaria não falar contra uma parede e que de uma vez por todas desse um passo para trás.

— De verdade acredita que vai encontrar um partido melhor? — Seu rosto se tornou mais frio e formal que de costume, como se tivesse sido insultado. Era inevitável que o encarasse assim.

— Pode ser que não, mas é minha decisão. E lhe asseguro que é irrevogável.

Quantas vezes teria que repeti-lo? Sua paciência não era infinita.

— É sua última palavra?

— Sim.

— Deixa-me pelo senhor Been? — perguntou, tocado pela vaidade masculina.

— Claro que não! — Ambos a desagradavam por igual, mas não disse.

Para alívio de Ayleen, não teve que insistir. Finalmente o comodoro Rupert Clarewood se deu por ciente e, com o rosto circunspecto, a abandonou sem se despedir. Estava irado. Sabia que ferira seu orgulho, e em um homem que tinha muito, aquele dano infligido era o mesmo que feri-lo com uma adaga.

Mas Ayleen não ficou sozinha por muito tempo. O senhor Been ocupou o lugar deixado pelo Comodoro quase na mesma hora.

Estivera atento ao casal desde o início. Atrás dos demais e com os braços enlaçados nas costas caminhava sozinho enquanto observava tudo e todos com ar de superioridade. Com a ausência do duque de Redwolf levava a sério ocupar o papel de regia autoridade. Só quando viu que Ayleen escapara do idiota do Clarewood se aventurou a tomar vantagem e posicionou-se como escolta da jovem. Ainda que não a necessitasse.

Perfeito, pensou ela quando o teve ao seu lado. Quando tomaram a merenda já tinha se livrado dos dois. Não poderia ter se saído melhor, nem se tivesse planejado. Ainda que o senhor Been fosse um osso muito mais difícil de roer e em sua companhia se sentisse muito inquieta. Era o mais desagradável de todos e lhe faltava a virtude de saber calar-se a tempo.

— Senhorita Blake, não pude deixar de observar o comportamento de Clarewood. Ele a molestou? — perguntou com uma voz de estudada complacência.

Ayleen se sobressaltou. Não esperava que o homem fosse tão arguto e perspicaz, mas não iria dar-lhe o prazer da vitória. O Comodoro extrapolara, mas não iria deixá-lo mal diante de seu concorrente.

— Em absoluto. — disse com ar descuidado, para não lhe dar nenhuma satisfação. — Às vezes podemos ter pontos de vista distintos. Só isso.

— Entendo. A mediocridade em um cavalheiro é repugnante.

Ayleen enrugou a fronte, sem compreender por inteiro o significado de suas palavras. Só sabia que tentava menosprezar o Comodoro. Por isso preferira citar a categoria da Royal Navy. A superioridade com a qual tratava os demais não tinha limites. Pensou que ela merecia alguém melhor e, se não encontrasse, a toda prova, preferiria a solidão antes que arder no inferno de sua companhia.

— Sem dúvida há coisas piores no caráter de um cavalheiro e sou testemunha de cada uma delas: a soberba, o desdém, a insolência, a inveja, as injúrias e a intolerância. — enumerou — Não sei qual delas prefiro menos, mas lhe asseguro que a mediocridade me preocupa pouco.

— Deve aprender a se mostrar mais dura e crítica com os outros. — recomendou — Nesta sociedade, as pessoas cheiram as fraquezas e se aproveitam delas. Tem que deixar claro que está por cima e tentar amizade com os de sua mesma classe, como venho fazendo. Não me verá relacionando-me com serventes ou lojistas.

Ayleen apertou os dentes ao ouvir tanto menosprezo. Que mal havia em ter aquele tipo de relação? Ayleen se sentia orgulhosa da união que havia entre Adele, Margueritte e ela. Eram um grande apoio desde sua chegada a Greenville. Ainda que soubesse que o senhor Been não vinha de muito baixo, também não nascera em um berço de ouro. Seu pai fora um advogado rural e teve que se valer de ajudas e empréstimos para seu filho estudar.

Certo era que o senhor Been pusera todo seu empenho em progredir e conseguira. Apesar do seu sofrível caráter merecera o esforço. Ayleen chegou a se perguntar em quantas pessoas havia pisado no caminho para conseguir alcançar suas imensas ambições.

— Não acredita que isso seja cruel? Nem todos nascemos com as mesmas possibilidades e se é possível ajudar aos mais necessitados…

Ele sorriu fria e descrentemente.

— É a lei da vida. Só o mais forte sobrevive. Se você me deixar, eu lhe mostrarei o caminho certo.

Ayleen não tinha muito claro o que o homem pensava dela nem porque a cortejava. Ambos eram tão diferentes como o dia e a noite. Tratava-a com total condescendência e a fazia parecer uma estúpida idealista.

— Oh, não, me parece que não. — espetou secamente. — Não sou uma árvore torta.

Ayleen possuía firmes convicções e bom juízo. Não desejava se

transformar em uma mísera mulher vítima da avareza e do desdém. Acreditaria ele que seria fácil de manipular ou dirigir, assim como fazia com Juliet?

— Porque parece tão ofendida quando minhas intenções são desinteressadas?

— E são? — perguntou com um toque de ironia. Não acreditava que o senhor Been soubesse ser, nem ainda propô-lo.

— O que está querendo insinuar e seu modo de se expressar, me decepcionam. — admitiu em tom de admoestação. E Ayleen sentiu uma leve pontada de culpa. — Pensei que fosse uma mulher distinta a qual agora estou conhecendo e ainda que agradeço perceber a tempo, sinto certa tristeza porque nossas almas não são afins.

— Creio que tem razão, ainda que não deva existir amargura entre nos. Afinal somos vizinhos.

Ayleen disse-o de modo conciliador, ainda que fosse claro que ao romper as esperanças do senhor Been se expunha a exclusão: ele passaria a achá-la insignificante e a ignorá-la, como fazia com a maioria das mulheres. Por sorte, quando se casasse com o senhor Plumbert iria embora para longe dele e de todos. Sentiria falta de certas pessoas, mas de outras não.

— Então, isso é tudo.

— Isso é tudo. — repetiu, encontrando-se por fim a salvo.

Após tantos inconvenientes, a tarde avançou a um ritmo sossegado. Era libertador não ter os três cavalheiros perseguindo-a todo o tempo. Ayleen se sentia muito mais leve e não esperava mais sobressaltos. Jason sairia para Londres na manhã seguinte com Johana. E ainda que sentisse sua falta, se prometeu que quando seu amado regressasse a Greenville lhe confessaria tudo e anunciaria seu

compromisso com Horatio. Demoraria duas semanas, mas com a volta de Cláudia seria difícil estar segura. Teriam tantas coisas para conversarem... e certamente estaria mudada. Estivera longe durante muitos meses.

Uma parte dela tinha vontade e curiosidade para conhecê-la. Apesar de sua juventude, não seria apresentada à sociedade até a temporada seguinte, todos diziam que era uma jovem madura e resolvida. Falavam muito bem dela. E Jason lhe dissera que ambas seriam boas amigas.

Durante a merenda, Ayleen permitiu que Horatio a acompanhasse e lhe revelou em confidência que o senhor Been e o Comodoro não seriam mais um aborrecimento, deixando o botânico satisfeito.

Era um alívio tanto para ele como para ela.

Mais tarde lhe ofereceu um copo de limonada e Ayleen agradeceu com um sorriso discreto. Foi um gesto que passou despercebido para os presentes, menos para alguém com dotes de observação e olfato para as fofocas.

Sentada sobre uma cômoda e enorme almofada cor púrpura, a senhora Haggens notou que o Comodoro voltava sua atenção para Jazmin Smith, para deleite de sua mãe. Vinha fazendo-o fazia mais de uma hora e era difícil encontrar um sentido. As duas únicas coisas em comum naquele par era que ambos eram ruivos e ingleses. Um homem poético e apaixonado como Rupert Clarewood não tinha nada que ver com aquela menina vazia. O senhor Been, em troca, se mostrava mais sério e retraído do que o habitual e não parecia apreciar a companhia feminina.

Sentiu curiosidade. Olhou e pensou um pouco naquilo enquanto

dava uma mordidinha no saboroso biscoito de morangos. Aquele comportamento não era normal. Porque aqueles três pretendentes apaixonados não estavam lutando pela atenção de Ayleen como faziam sempre? O que havia mudado? Ela se esforçara pela jovem em buscar-lhe os três pretendentes mais adequados. E eles deixaram de mostrar interesse?

Pensou que todos eram uns imbecis ingratos.

O único que parecia se empenhar era o senhor Plumbert. Quem diria? Sempre escondido atrás de tanta timidez dera um passo adiante. Mostrava-se muito mais seguro e confiante ocupando um lugar junto a Ayleen, como se lhe correspondesse, como se contasse com um tácito consentimento.

Enrugou o nariz. Poderia ser o que estava imaginando? Teria ganho uma batalha da qual o vencedor seria o senhor Plumbert?

Deixando o biscoito em seu prato de porcelana, foi testar a prova seu pressentimento.

— Ayleen, querida, senhor Plumbert. — Henrietta chamou o par com uma voz aveludada para captar sua atenção. Foi só questão de sorte que os outros mostrassem curiosidade. — Parecem muito bem. Farão algum anúncio logo? — tentou arrancar-lhes.

Seu tom era brincalhão, mas pela reação dos dois percebeu que havia acertado no alvo. Não poderia se sentir mais orgulhosa após ter confirmado suas suspeitas. Podia se atribuir o mérito de ter contribuído com aquela união.

Ayleen olhou para a mulher com a boca aberta, perguntando-se como havia adivinhado. Tentou ocultar suas emoções, não se sobressaltar nem perder a compostura, mas foi impossível. Sentiu palpitações, ressecou a boca e notou a língua pastosa. Ao mesmo

tempo lhe subiu um intenso calor ao rosto, sinal inequívoco de sufoco. Não pode responder; não podia. Alarmada, procurou Jason. Percebeu que estava alterado e esperava desejoso que ela negasse. Devia tratar-se de um juízo precipitado da senhora Haggens, mas na ausência de resposta mudou de opinião. Seu olhar se tornou duro e penetrante, atravessando-a como um punhal afiado.

— Bem? — insistiu Henrietta, morrendo de curiosidade. — Senhor Plumbert, não me diga que ainda não a pediu.

Ele tossiu nervoso, julgando se seria prudente revelar o segredo, já que prometera aguardar durante algum tempo. O que deveria dizer, então? Não teria sentido negar agora para anunciar depois.

— Com efeito, — confessou com a esperança de que Ayleen entendesse que seria melhor assim — pedi a senhorita Blake que seja minha esposa e ela aceitou.

Pelo contrário, Ayleen se sentiu desfalecer. Tudo estava feito e esperava o desenlace.

Maldita fosse. Gritaria? Acusaria de deslealdade em público? Aquilo não era o planejado e agora Jason pensaria o pior dela e com justiça. Devia ter lhe dito antes e livrá-lo da humilhação. Em troca o traíra cruel e vilmente, ainda que não fosse sua intenção feri-lo.

Pensou que não seria o único que sofreria. Ela sentia que estava começando a morrer.

Capítulo 17

Como um gato enjaulado andava acima e abaixo. Sabia que Ayleen o atenderia. Após a espetacular comoção que fora o anúncio de suas bodas com o senhor Plumbert, seriam necessárias algumas explicações. Algumas? Muitas!

A ira porém ardia nele. Sentia-se enganado, cansado e ciumento, além de toda dúvida. Após a surpresa inicial, nos rostos de todos os participantes da festa estava instalada a mesma expressão: surpresa e incredulidade, já não pelo anúncio em si, mas porque ela escolhera Horatio.

Ele tivera que fingir, não os primeiros sentimentos, mas os que vieram depois. Não se aproximou para felicitá-la. Não pode. Uma coisa era não demonstrar como estava abalado, outra muito distinta era ficar diante dela e dar-lhe os parabéns. Nem por todo o ouro do mundo.

O que sentira ao escutar o anúncio? Algo tão simples como se uma garra arrancasse suas entranhas e apertasse seu coração, várias vezes. Acaso poderia ser de outro modo? O que se esperava dele? O que esperava ela? Receber a notícia como se fosse o mais natural do mundo? Apertar as mãos e sorrir como um bobo? Nunca.

Estivera a ponto de responder com toda ira e expor toda a roupa

suja. Mas ainda que estivesse convencido que Ayleen se equivocara ao tomar aquela decisão, não poderia fazê-lo. Por ela, só por ela.

Tentava se mostrar racional na frente dos outros, mas em seu íntimo estava irritado. Com poucas cerimônias abandonara Johana em casa assim que chegaram e pegando seu cavalo deu rédea solta a sua fúria e desorientação. Agora mais calmo, ainda não apaziguado, se dirigiu até o ponto de encontro que tinha com ela para tentar encontrar alguma lógica ao acontecido.

Sabia que não teria de esperar muito. O sol estava desaparecendo rapidamente e Ayleen não demoraria a chegar. Talvez depois de se despedir daquele insignificante com o qual pretendia se casar, de dar alguns amassos e beijos apaixonados.

Não! Ayleen não faria isso. Mas também não acreditava que se comprometeria com alguém, e veja só, como estavam as coisas.

Com um pontapé jogou uma cadeira ao outro lado da cabana. Não queria pensar naquilo. Nem com ela oferecendo a outro o que tão livremente oferecia a ele. Acaso significava tão pouco o que compartilhavam? Onde ficavam as declarações de amor?

— Porque fazia aquilo? Porque? — gritou cheio de raiva e frustração.

Passou a mão pelos cabelos em vez de fazer o que na realidade queria: destruir tudo. Olhou de novo pela janela com a esperança de vê-la aparecer. Sabia que viria. Tinha que vir.

Respirou várias vezes em uma intenção desesperada e inútil de se acalmar. Prometeu que quando Ayleen chegasse não a abordaria naquele estado. Iria se manter lúcido, coerente e cabal. Demonstraria que seus atos não o tinham abalado. — ainda que na realidade estivesse a ponto de enlouquecer. — Escutaria o que tinha a dizer,

antes de falar. Ela não era tola. Supunha que não estaria contente com a virada das coisas, embora dizer aquilo fosse a forma mais suave de se referir ao seu estado atual.

Ele também não era idiota. Desde o início de sua relação clandestina sabia que as coisas não poderiam continuar daquela forma eternamente, mas Jason estivera embaralhando distintas possibilidades que poderiam satisfazer os dois. Claro, Ayleen seria sempre a perdedora por sua condição de mulher solteira.

Solteira. Essa era a chave. Deveria sentir alívio pelas possibilidades que oferecia se ela estivesse casada?

Nem um pouco!

Era certo que o senhor Plumbert era um homem sem caráter e muito ocupado na botânica. Isso bastaria para não perceber as escapadas constantes de sua esposa, mas Jason não podia imaginar compartilhar Ayleen com outro.

A fúria o invadia só de pensar em tal possibilidade.

Ele, por seu lado, fazia meses que não tocava em Johana, porque fazê-lo, longe de ser um suplício, pareceria estranho, como uma imposição. Amava Ayleen, era com ela que desejava estar e sua esposa fora relegada, a um triste segundo posto.

Por isso não entendia que quisesse se casar com o patife do Plumbert.

Em perspectiva, a única coisa boa de toda a palhaçada daquela tarde eram os rostos do senhor Been e Rupert Clarewood. Se, por seu lado, escondera a reação que o anúncio causara, nenhum dos dois homens o conseguiu. Não só se mostraram chateados pelo simples fato de serem os pretendentes derrotados, mas não souberam perder elegantemente. O senhor Been, vermelho como um tomate,

pronunciara frases para o baú dos esquecimentos. — Sabia que Henrietta as tiraria do mesmo baú tantas vezes quantas a ocasião as requeresse — Rupert, por sua parte, se limitara a balbuciar sem controle até que sua mãe, tentou evitar uma cena sufocante, e o levara dali com algum pretexto. Ninguém o tinha censurado.

E o senhor Plumbert... Sua expressão azarada e satisfeita não poderia mostrá-lo mais nervoso. Até agora gostaria de trocar quatro palavras com ele. Se pelo caminho se encontrassem em uma briga e ele não levantasse sua estúpida e patética cabeça do chão, não seria por sua culpa. Ou talvez sim.

Sorriu ao pensar enquanto se sentava na cama. O fogo estava apagado e só a vela que ardia em cima da mesa iluminava o quarto. Com olho crítico repassou aquele que era seu refúgio e ninho de amor. Ainda que não se envergonhasse dele, lamentava não ter nada mais brilhante e belo para oferecer a Ayleen, como se fosse o reflexo do que havia em sua relação. Mas não, o que ambos tinham era algo tão puro e lindo que transcendia o material. Tinha a segurança de terem sido felizes naquele lugar. Nesse momento ficou surpreso com o arranque de melancolia que o invadiu. Pensou que fosse pelo anúncio e pelo definitivo que tudo parecia. O casamento era algo sagrado, mas ninguém melhor que ele sabia como era fácil romper os votos feitos diante de Deus. Mas não permitiria que aquilo fosse o fim. Ayleen e ele viveriam uma longa vida, juntos, ainda que fosse, escondidos do mundo. Se pudesse evitaria que aquela tolice do casamento chegasse ao final. — não duvidava que seria assim. — Não pensava renunciar a ela por nada nem por ninguém.

A porta da cabana se abriu sem aviso pegando-o desprevenido. Sobressaltou-se sem motivo, porque era Ayleen.

— Jason? — perguntou.

Vinha nervosa e com razão.

— Aqui estou, — replicou com dureza — esperando. Não é isso o que faço sempre? Esperando que me dê uma explicação.

— É injusto.

— Injusto? Injusto? — repetiu incrédulo — Mas você sabe o que fez, mulher? O que me tem feito? — Apontou com o dedo feroz e saltou da cama para ficar em frente a ela.

Todos seus propósitos de se manter tranquilo se foram em segundos.

— Não pretendia que as coisas saíssem assim. — justificou.

— E como acha que ficaram sabendo? Fosse como fosse o efeito seria o mesmo. O importante não era como, mas porque. Maldição!

Bateu na mesa com a mão fechada enquanto se afastava dela para tentar controlar a fúria que renascera mais firme agora que Ayleen chegara.

— Compreendo o que sente…

— O que sinto. — ofegou aborrecido. — Não tem nem ideia do que sinto, e não se atreva a me dizer que sabe!

Ayleen se aproximou, pálida.

— Se me deixar explicar…

— Nada! Não quero ouvir nada salvo que isto é uma brincadeira de mau gosto e que enviará esse bobo de volta a sua casa.

O silêncio pesou e Jason a olhou. Já não havia súplica em seu olhar, mas uma dor tão grande, como a que ele mesmo sentia. Sentiu um calafrio de apreensão.

— Não vou fazer isso, Jason. — disse por fim, com toda a tranquilidade do mundo. — Está decidido.

— Decidido com o quê? — Aproximou-se a ela em duas passadas e fundiu sua boca com a dela, desesperado. Do mesmo modo rompeu o beijo pouco depois e com a mesma brusquidão. — Veja se ele consegue lhe dar um mínimo do que eu lhe ofereço.

— Oh, Jason. — gemeu.

Isso o enfureceu mais. Não queria sua pena, não a queria para nada.

— Então case-se com ele, de uma vez, e viva uma condenada vida perfeita! — rugiu.

— Jason, por favor, vamos conversar.

— Já estamos conversando. — retrucou zombando. — Eu, pelo menos, o estou fazendo. Sabe o que você pretende fazer, já que fala uma coisa e faz outra?

Apoiou o braço em uma parede negando-se a olhá-la. Sentia que lhe faltava o ar enquanto a aflição e o desespero o invadiam. Não sabia o que fazer ou o que dizer. Apesar de sua suposta segurança em convencê-la de que todo o assunto do casamento fosse uma loucura, sentia que a felicidade lhe escapava das mãos. Esmurrou a parede frustrado além das palavras. Esta vez feriu os nós dos dedos, mas a dor estava fora de consideração. Estava total e exclusivamente dedicado a punhalada que Ayleen lhe acertara.

— Jason, eu lhe fiz mal…

— Deixe-me! — afastou-a sem consideração. — Será que não vê? Eu a amava. — gritou. — A amo.

Viu como sua declaração lhe acendia a fúria.

— E de que me serve seu amor? — explodiu Ayleen. — Nossa vida está cheia de mentiras, mentiras e mais mentiras.

Jason ficou sem fôlego ao vê-la assim. Não esperava que com

poucas palavras pudesse feri-lo tanto. Ayleen era toda sua vida, aquela que ocupava todos seus pensamentos e pela qual fazia planos. Sabia que a situação não era ideal, nem de longe, mas não imaginava a ira que ardia sob sua serena e doce fachada. Acaso fora egoísta? Pensara mais em si mesmo que nela? Ficara cego?

Queria dizer que sentia por deixá-la em uma situação difícil. Seu cérebro compreendia, mas sua boca soltou algo muito diferente.

— Isso é o que ocorre por se enrolar com um homem que pertence a outra mulher. — Assim que o disse, se horrorizou diante de sua maldade. Não conseguia se controlar quando ficava furioso e a ofendia, ainda que visse a palidez com que se segurava a mesa para não cair, se negou a retirar suas palavras. Estava muito zangado e dolorido.

— É um…

Parou antes de soltar alguma barbaridade, um fato que a honrava mais do que denegria. Era uma lástima que ele não pudesse se colocar em seu lugar.

— Sou tudo o que pensa. — aceitou com fanfarronice — Mas não digo nada além da verdade. Quando aceitou ficar comigo era consciente que firmava um pacto com o diabo.

— E pelo que parece, agora comecei a pagar o preço. — asseverou com um suspiro. — Porque se mostra assim? Porque não podemos conversar como duas pessoas adultas e civilizadas?

— O que você quer é me esquecer com uma canetada, como se não tivesse existido. — disse com a dificuldade que sabia ser necessária. Porque ele não podia arrancá-la da pele e do coração com a facilidade que Ayleen parecia fazer?

— Isso não é certo e você sabe. Eu te quero. Te amo muito.

— Mas precisa demonstrá-lo. — argumentou com todo o sarcasmo que pode.

— Mas você não vê? É o melhor.

— O melhor para quem? Porque asseguro que não para mim.

— Claro que não. — Ayleen também parecia farta. — Você é homem e não precisa dar explicações. Pode ir e vir ao seu desejo sem pensar em sua reputação e, no caso de se achar em uma situação comprometedora, a vergonha não cai sobre sua cabeça.

Queria dizer-lhe que exagerava, que pretendia sair sem mancha de uma relação que já a incomodava, mas não fez nada disso.

— É possível, — concedeu — mas se esquece, muito convenientemente por certo, que minha vida também não é fácil.

— Não esqueço.

Aproximou-se a ele e pousou a mão em suas costas.

Era uma oferta de paz e Jason queria aguentar, manter-se estóico, mas afinal sucumbiu; virou-se e a abraçou com força.

— Oh, Ayleen. Minha Ayleen. — murmurou contra seus cabelos. Beijou-a, esta vez sem a intenção de magoá-la. Ela não se opôs e correspondeu com o mesmo entusiasmo. — Eu a quero, eu a quero. Vamos solucionar tudo, você verá. Tenho a certeza que o senhor Plumbert não montará um escândalo quando romper com ele. — Não notou o nervosismo de Ayleen. — Basta que lhe diga que estava em um momento muito delicado e que não sabia o que fazia ao aceitar a proposta. — Agora Ayleen quase forçava, mas Jason continuava falando. — Quando os outros souberem haverá um momento incomodo, mas o esquecerão. Voltaremos a ficar tranquilos e… ¡augh! — Ayleen se afastou bruscamente e o olhou decidida e aborrecida. — O que ocorre?

— Sinto muito Jason, mas isso não vai acontecer. Não vou dizer ao Horatio que não me casarei com ele.

— Horatio? Já o chama pelo nome de batismo? E também se deitou com ele? — Não conseguiu deixar de feri-la.

— Ande, comporte-se como um autêntico tolo. Continue me ofendendo se com isso se sente melhor, mas vou me casar com Horatio e nada do que disser me fará mudar de opinião.

Dirigiu-se para a saída.

— Sinto muito, maldição, sinto muito. — Jason evitou que saísse. Temia que se o fizesse não a veria mais. Raiva e arrependimento o dominavam. Não queria dizer aquelas coisas, mas por Deus, como feria as coisas que Ayleen dizia. — Não vá. Só quero entender. Pensava que estávamos bem, que o amor fosse mais forte que tudo.

— E é. — Ayleen confirmou com a voz estrangulada. — Ninguém conseguirá tirá-lo de meu coração. Nunca esquecerei o que compartilhamos.

— Porque se empenha em falar assim?

— Assim como?

— Como se estivesse a ponto de me deixar?

Olhou bem seu rosto desolado e entendeu mais do que desejava entender.

— Não! Eu a proíbo!

Ayleen começou a chorar.

— Tenho que me casar. Isto nos destruirá.

— Não o fará! Encontraremos um modo, fugiremos, mudaremos de nome. Estive pensando…

— Basta, Jason, basta! Não está sendo realista.

Pegou-a pelos antebraços, suplicante.

— E de que me serve ser realista se a perder? É a única coisa autêntica em minha vida, mais do que eu mesmo. Por favor, não me abandone.

Ayleen já chorava sem parar e vê-lo assim aumentava a dor que carregava. Não entendia como pudera pensar em se desligar de Jason sem dificuldades. Era algo hercúleo, quase impossível, mas deveria partir pelo bem dos dois. Se não resistisse, jamais poderia estar perto nem enfrentar as súplicas dele. Ser forte seria sua melhor opção.

— Não o estou abandonando. Continuarei vivendo em Greenville e nos veremos assiduamente. A única diferença é que eu também estarei casada.

Quase se engasgou com a mentira. Não era sua intenção, mas percebeu que seria melhor se acreditasse que ela continuaria no povoado. Não desejava ser infiel ao seu futuro marido. Ele era muito bom e nobre para traí-lo. Já tocara em um pedaço do céu durante aqueles meses com Jason e queria guardá-lo como o melhor de sua vida. Mas continuar agindo como até agora, não lhe deixaria restar nenhuma dignidade e obrigaria Jason ao mesmo. Afinal, e não tinha dúvida, pagariam caro com as consequências. Talvez não os descobrissem, mas as mentiras e os segredos os destruiriam. Não, seria tudo ou nada. Johana continuava presente em suas vidas e no futuro poderia ficar grávida. Não o dissera a Jason, mas se acontecesse, ficariam destruídos.

Cheia de remorsos, calou-se. Como poderia deixá-lo…

Jason tensionou os músculos de seu rosto enquanto tentava se tranquilizar. Deveria ficar satisfeito por ela pensar no casamento como forma de evitar um escândalo? Era isso o que tentava? Como poderia continuar com aquela relação clandestina enquanto sabia que nas

noites Ayleen compartilharia o leito com o botânico?

Não poderia permitir! Evitaria aquele casamento com tudo ao seu alcance. Mas não era o melhor momento para continuar discutindo, já que na manhã seguinte viajaria para Londres e desejava passar as últimas horas com Ayleen nas melhores circunstâncias. Tentou engolir o ciúme e fingir calma.

Jason a beijou de novo, disposto a entregar-lhe cada pedaço de si mesmo. Ayleen, estava confusa, mas compreenderia que foram feitos um para o outro. Só então, pensaria direito sobre o compromisso e as bodas. Não havia tempo a perder, usaria toda a persuasão necessária.

Beijou-a avidamente, ansiando demonstrar-lhe quanto a amava enquanto deixava que as mãos de Ayleen percorressem suas costas por cima da camisa. Parecia tão ansiosa quanto ele e isso acalmou parte de seus temores. Nada lhe parecia suficiente no que se relacionava com ela, e maravilhava-se com o fato dela o amar e tudo nela era tão perfeito…

— Quero vê-la nua. — sussurrou em sua orelha. Ayleen respondeu se aproximando mais em um consentimento. Ingenuamente pensava que Jason terminaria aceitando o que o destino preparava.

Jason sentia imenso desejo de erguer-lhe a saia, apertá-la contra a parede, possuí-la de uma vez, mas seria uma ação rude e tentou conter seus impulsos. Por um momento pensou se a luta contribuíra para ferver seu sangue e a imperiosa necessidade de marcá-la como sua para que não tivesse dúvida sobre quem desejava seu corpo. Seria uma atitude imprópria dele, ainda que estivesse ali, assim, se afastou um pouco para ter espaço.

— O que…? — Ayleen se desconcertou diante da separação.

— Desejo-a. — assegurou — mas se não formos com cuidado,

isto acabará antes de começar.

Ayleen sorriu com ternura diante da sensibilidade de seu amante. Sempre se mostrara atento, considerado e ao mesmo tempo fogoso. Desde o início levava em conta sua inexperiência, para centrar-se mais no prazer dela, do que no seu próprio. Por essa razão, tentaria retribuir-lhe por toda a felicidade que já lhe proporcionara.

Uma vez tomada a decisão e, antes de perder a coragem, pegou o lenço que ele sempre usava e se dispôs a anular seu campo de visão.

— Ayleen, o que está fazendo? — protestou confuso.

— Shhh!

Vendar-lhe os olhos não era só pelo prazer de imaginá-lo a sua mercê, mas pela simples razão de fazer algo novo que exigisse não a observação constante de sua parte. Poria em prática, coisas que lhe provocariam certa vergonha e que Jason lhe dispensava sempre.

Rapidamente retirou todos os grampos do penteado e soltou sua longa cabeleira. Pegou suas mãos e as guiou para sua cabeça. Adorava quando a acariciava.

— Gosto dos seus cabelos. — murmurou Jason com prazer. — Creio que o amo como a você.

Com um sorriso em resposta, Ayleen soltou os quatro botões de sua camisa enquanto tentava não gemer. Não queria evidenciar o quanto gostava de sentir os dedos masculinos entre suas mechas. A seguir, sem tocar a pele que ia descobrindo, soltou os punhos para beijar-lhe os pulsos, primeiro a direita, depois a esquerda. Não conseguiu evitar algumas mordidinhas que o fez saltar.

— Você é má. — Jason ofegou.

Em resposta, Ayleen lhe deu uma palmadinha no traseiro.

— Eu o quero. — declarou com ardor e lhe tirou a camisa pela

cabeça.

Contemplar o torso forte e varonil de Jason deixou-a sem respiração, como se o estivesse vendo pela primeira vez.

Acariciou, beijou e mordiscou cada centímetro de sua pele nua enquanto os gemidos de Jason a incendiavam por igual. Ele tentava tocá-la, mas Ayleen o impedia. Sua própria roupa começava a aborrecê-la, mas se negava a retirá-la antes de ter conseguido seu objetivo. Empurrou-o para se sentar na cama e tirar suas calças. Quando conseguiu, deixando-a no chão, observou através dos calções, como estava excitado. Não o tocou ali, ainda que soubesse que era onde mais desejava. Colocou à prova sua resistência ao acariciar cada pedaço de pele ao seu redor sem dar-lhe um verdadeiro alívio. Quando sua respiração ficou muito rápida, as pérolas de suor inundavam sua fronte e suas mãos agarravam com força as mantas, soube que não podia demorar mais.

— Ajude-me.

Entre os dois, e Jason as cegas, se desfizeram das roupas, deixando-a só com a camisola e as meias. Jogaram-se na cama, um ao lado do outro.

— Toque-me. — pediu.

Jason satisfez seus desejos. Sem o sentido da vista, o tato se aguçou até o ponto de qualquer sensação parecer aumentada, dobrando seu prazer. Ouvira que jogos de cama nos quais o casal deixava ao outro sem o uso dos sentidos, intensificava as sensações. Nunca tentara com as poucas amantes que tivera antes de se casar, nem com Johana. Com Ayleen, como ela fosse principiante no assunto, seria impossível. Era uma surpresa, ainda mais sendo ela quem tomara a iniciativa.

As escuras e cego, os beijos eram mais estimulantes. Descobria curvas a cada carícia e seu sabor era algo único e maravilhoso. Até mesmo tocar suas meias lhe parecia um tanto pecaminoso e indecente.

Fazia tempo que perdera a linha da sanidade. Resistia só à força de vontade. Era importante para Ayleen fazer aquilo e ele a respeitaria mesmo que morresse na tentativa.

Os gemidos de ambos inundavam o quarto. Ayleen parecia ter perdido o controle e o acariciava e beijava com o mesmo ardor. Quando ele tentou tirar os calções evidentemente querendo levar as coisas a um terreno mais íntimo, teve que detê-lo.

— Não, espere. — tinha outra ideia na cabeça que gostaria de tornar realidade. — Quero as rédeas. — confessou esperando que Jason não se negasse. — Se você me ajudar a guiar…

— O que seja, farei o que seja. — assegurou com a voz embargada.

Esticou-se e a ajudou a montar sobre ele. Ayleen se sentia um pouco lenta e ansiosa. Quando Jason a segurou pela cintura colocando-a em cima de sua virilidade, não esteve segura de conseguir fazê-lo.

— Não sei se… — hesitou em voz alta.

— Pode. — assegurou ele. — Deve continuar o que começou. — e tirou com um só movimento sua roupa íntima.

A essa altura, já nada os separava. Ayleen sentia a pressão que Jason fazia na entrada de sua própria intimidade e a deixava exercer a pressão definitiva. Engoliu a saliva e foi abaixando com cuidado. Enquanto apreciava o rosto amado em toda sua plenitude. Tirou-lhe a venda para que a visse.

— Assim? — perguntou parando o avanço.

— Um pouco mais, um pouco mais. — Jason levantou a pélvis para aprofundar e ela não o impediu.

Com movimentos rítmicos de subida e descida permitiu que ele a preenchesse. Era maravilhoso senti-lo em seu interior.

— Como faço? — queria fazê-lo bem.

— Siga seu instinto. O que lhe der prazer também me dará.

Assim Ayleen manteve um compasso que ameaçava fazê-la perder o controle; primeiro suave e depois mais acelerado.

Com os corpos suados e tensos, olhavam-se nos olhos, apaixonados e assombrados pelo poder que seus corpos exerciam sobre eles. Quando o fim se aproximava, redobraram os esforços e a explosão do prazer os alcançou ao mesmo tempo, destruindo o autodomínio e controle. Pouco depois, ofegando esgotado, Jason a esticou, para aproximá-la. Era o que mais gostava do ato em si: permanecer ali, exaustos e abraçados um ao lado do outro enquanto a dormência se apoderava deles.

Ayleen teve que se esforçar para não sucumbir ao sono. De costas a ele, enquanto acariciava seus cabelos, distraído.

— Foi lindo. — murmurou Jason — Perfeito, diria eu. — Beijou-lhe o ombro e a cobriu com a manta. — Foi uma revelação.

— E isso é ruim? — Ayleen se esforçava para aproveitar o momento e não pensar que seriam os últimos minutos que estariam juntos.

— Em absoluto. Estou surpreso. — Apertou-a um pouco mais contra ele. — Não sabe quanto me alegro tê-la conhecido. Nunca imaginei que haveria outra metade minha andando por aí. Quando voltar, planejaremos algo especial.

Tentou não chorar quando ouviu o tom esperançoso e os planos traçados, mas não conseguiu. Tentou disfarçar e escutava em silencio com uma sensação de nostalgia e de dor física. Sentia-se como se estivessem lhe arrancando uma parte vital. O que sentiu depois do acidente de seu pai, quando teve que renunciar aos sonhos de jovenzinha, não era nada comparado ao sentimento de desolação que a invadia nesse momento. Mas estava com ele e já se sentia terrivelmente sozinha e desamparada. Era tudo tão injusto...

Passaram a hora seguinte entre abraços, beijos ternos e bajulações. Aproveitaram cada segundo e Jason se sentiu mais calmo. Ela o amava e ele correspondia. Sempre ouvira dizer que o amor podia tudo e esse era um exemplo. Conseguiriam uma união mais perfeita e indissolúvel do que duas pessoas unidas pelo casamento. Sua união não estava abençoada pela igreja, mas com fé e constância, nada, nem ninguém poderia separá-los.

Pouco depois, quando a escuridão já descera sobre o bosque, se levantaram dispostos a se despedir. Jason sabia que tanto tempo separado dela seria um suplício, mas não havia desculpa possível para não ir a Londres. Além de fazer tempo que não via Cláudia, tinha vontade de abraçá-la.

— Sentirei sua falta. — Roubou um beijo na porta. Por um instante parecia que seu rosto refletia dor e não pesar. Queria reconfortá-la. — Não se preocupe. O tempo passará voando e logo estará de novo em meus braços.

Ela sorriu tristemente e, após uma breve hesitação, lhe deu um impulsivo abraço.

— Eu te amo, te quero. Não esqueça.

— Eh, calma, não estou indo para sempre. — Beijou-a para

acalmá-la. — Se está preocupada que olhe para outras mulheres, prometo que você será a única a ocupar meu coração.

— Oh, tolo — beijou-o e se afastou quando ele devolveu o beijo entusiasmado. — Venha, vá antes que sintam sua falta. É tarde.

Ayleen ajustou a capa e se afastou deixando atrás de si uma esteira de um leve perfume de flores. Jason pensou que tinha sorte de tê-la encontrado. Quando desapareceu o resplendor da lâmpada que ela levava, fechou a porta e saiu em seu cavalo.

Apesar do que Ayleen dissera, aquela hora era igual a que estivera voltando a sua casa nos últimos tempos. Agora quase nem queria chamá-la de casa. Quanto mais tarde chegasse, menos perguntas e rostos preocupados devia enfrentar. Cansado de descarregar o mal humor pela pressão normal a qual era submetido por Johana, cujo motivo sabia, era a preocupação por ele, se acostumara a chegar a vivenda quando ela já estava dormindo; assim se salvava de fazê-la sofrer e evitava, também, ter que adiar o momento de procurar sua cama. Haviam acabado os beijos e gestos cúmplices com ela e seu casamento sofria as consequências.

Quando entrou pela porta, o silêncio da casa era absoluto. Os serventes estavam dormindo e esperava que Johana também. Sem fazer ruído subiu as escadas e cruzou o corredor. Ao entrar em seu quarto, tirou a roupa rapidamente e lavou o rosto com a água da bacia. Só então notou o ruído do quarto contíguo. Pareceu ver luz através da porta e apressou a enfiar-se na cama, chocando antes com o pé descalço em uma cadeira. O gemido escapou e cobriu a boca em segundos antes que Johana abrisse a porta que separava os dois quartos.

— Jason? — A pergunta foi apenas sussurrada, mas Jason se

manteve imóvel e com os olhos fechados esperando que ela acreditasse em seu fingido descanso.

Sentiu seus pés descalços deslizar-se pelo grande tapete e, através dos olhos fechados, notou como ela se deslizava para a parte direita de sua cama, onde Jason fingia dormir, através da sombra que projetava a vela que segurava.

— Jason?

Por sorte, não o tocou. Se conseguisse convencê-la, ainda que fosse um instante, que estava dormindo, ela pensaria que havia chegado muito tempo antes, saltando as perguntas aborrecidas que não estava disposto a responder.

Afinal, ela desistiu e voltou como um fantasma ao seu quarto. Quando esteve seguro que a porta estava fechada e ele sozinho, soltou um suspiro de alívio, mas sabia que era temporário. Só rezava para que sua viagem a Londres não chegasse a ser um inferno. No momento, só sabia o muito que sentiria falta de Ayleen.

Seria uma noite muito longa.

Capítulo 18

Estava grávida.

Esticou-se na cama, mas as náuseas não diminuíram. Tentou fazer cálculos e chegou, sem nenhuma dúvida, que aquele mal estar, apresentado cada manhã durante os cinco dias passados, não eram fruto de uma indisposição passageira. O seu, duraria um máximo de nove meses e não precisava de nenhum médico para confirmá-lo.

Tocou o ventre liso, com a mão. Nesse momento se debatia entre o medo e a euforia. Sua vida se complicara mais do que um ser humano racional pudesse pensar. Primeiro perdia sua juventude se fazendo de enfermeira e, a morte de seu pai, ao ponto de ter alcançado sua tão ansiada liberdade, se enamorara de um homem casado, uma escolha sem futuro. Além de aceitar se casar com um homem que não amava e sair da casa que escolhera como residência definitiva, tinha que terminar com uma gravidez? Parece que sim.

O que faria? Uma mulher solteira não podia ficar grávida, muito menos de seu amante casado. Perderia toda sua respeitabilidade sendo relegada à margem da sociedade. Mas a coisa se complicava mais se Horatio estivesse no meio. Deveria dizê-lo? Cancelaria o compromisso? Fizesse o que fosse, as consequências cairiam, não só sobre ela, mas sobre seu filho.

Não! Não consentiria que seu filho sofresse ou fosse estigmatizado por um erro cometido por ela. Tinha que pensar e rápido.

Os olhos se encheram de lágrimas enquanto o pânico a invadia. Porque, porque, porque? Perguntava-se desesperada. O que fizera de tão mal para que Deus lhe enviasse provas tão duras? Não fora sempre boa, velando sempre por todos? Acaso teria de ignorar o que havia entre Jason e ela? Sabia que a resposta seria afirmativa, mas merecia um pouco de felicidade, coisa que ele lhe proporcionava.

Notou como a histeria lhe subia pela garganta ameaçando dominá-la. Levantou-se e começou a andar de um lado ao outro buscando alívio, mas não era um remédio que ajudava: se sentia asfixiada. Teve que se apoiar na parede enquanto começava a respirar muito devagar. Finalmente, deslizou-se com as costas até ficar sentada no chão, mesmo estando frio.

Passados os primeiros minutos sua respiração se normalizou. Pensou que era uma reação provocada pela ansiedade. Parecia impossível assimilar a notícia com rapidez. Só então começou a soluçar.

— Não é justo, não é justo.

Deixou-se levar e chorou por seus anos perdidos, seus planos de futuro, — agora irrealizáveis — por um amor que era o que sempre sonhara, mas impossível e uma gravidez não desejada.

No instante se sentiu culpada por pensar nesse último e tocou o ventre.

— Sinto muito, sinto muito... — Não deixava de chorar. — Não queria pensar isso. É só que..., — ergueu as mãos com impotência — não esperava sua chegada. Sua mamãe se encontra em uma situação

difícil, — acariciou de novo o ventre e se encantou pelo milagre da vida que levava dentro — e está assustada, ainda, que isso não signifique que não o queira. Sempre desejei uma menininha ou menininho para criar. Quase renunciara a esperança que isso acontecesse. — Até que chegou Horatio, pensou. — Mas prometo que o quero, que a gravidez chegará ao final e... — hesitou — viveremos felizes.

Levantou-se com dificuldade e se aproximou da bacia para lavar o rosto, mas antes necessitava assoar o nariz.

— Oh, veja, perfeito! — exclamou em voz alta. — Nunca encontro lenços quando os necessito. — Abriu com raiva as gavetas e não os encontrou. Afinal pegou um trapo suave de linho que utilizava para os bordados e se assoou.

Minutos depois, só o leve avermelhado do nariz delatava seu pranto. Sentia-se mais calma e isso era o que necessitava, calma. Pensar com a cabeça pesada não lhe serviria, já que Adele podia chegar a qualquer momento e começar a perguntar, coisa que não seria bom, ou seria capaz de contar tudo em um arranque de desespero.

Sentou-se no toucador e olhou no espelho obrigando-se a ser dona de si mesma de novo. Começou a pensar que o principal seria não falar a ninguém de seu estado e muito menos dar algum indício de que algo não estava bem. O mais difícil seria ocultá-lo de Adele ou Margueritte, ambas eram muito perspicazes e atentas a tudo o que lhe ocorria. Diante de qualquer sinal evidente de mudanças na alimentação, falta de sono, náuseas e outras, as perguntas não se fariam esperar; e seria impossível respondê-las. A visita a um médico ficava descartada, pelo menos a um dos arredores — nestes casos a discrição brilhava por sua ausência. — Ir a Londres seria a melhor

opção, mas no momento não seria possível. Esperaria alguns dias. O melhor seria fazer da melhor maneira que pudesse. Não tinha experiência, mas nada indicava que algo não iria bem, pelo que não esperava muitos riscos. Comeria comidas saudáveis e passearia amiúde. Perguntar a Clarisse Laurens, ainda que discretamente, também ficava descartado. Se arrumaria sozinha.

A porta da entrada se abriu anunciando a chegada de sua ama de chaves. Vinha do mercado acompanhada por Angus. A incipiente conversa com Margueritte se ouvia em murmúrios de seu quarto. Decidiu descer, depois de se vestir.

Encontrou as duas mulheres guardando os víveres enquanto tagarelavam.

— Ah, aí está. — Adele a viu no vão da porta. — A senhora Wallock tinha uma vitela ótima e comprei um pedaço pensando em fazer um delicioso e fumegante ensopado para hoje.

Como se tivesse visto o prato diante dela, Ayleen sentiu que nada lhe apetecia menos, só a simples ideia esteve para lhe provocar ânsias. Negou com a cabeça.

— E um pouco de verdura fresca? — sugeriu esperançosa. — Faz dias que não a preparo e estou sentindo falta.

A sugestão desestabilizou a senhora Fraser. Margueritte a olhou com curiosidade pelo simples fato de que nunca a observara recusar uma comida que a ama de chaves pensasse preparar. Reteve o ar em espera.

Só respirou aliviada quando a viu assentir, sem dúvida em seu rosto.

— Tem razão, querida. Um pouco de verdura nos fará bem…, se o acompanhar com um pudim de framboesas de sobremesa. —

acrescentou com uma piscada.

— Isso seria ótimo. — sorriu. — Não posso esperar para provar.

Não havia nada mais certo.

— Bem, assim pode aproveitar para dar um passeio e trazer-me um pouco de menta.

Aliviada de se ver livre do escrutínio das duas mulheres saiu ao exterior. Teria tempo para meditar sozinha sobre as possíveis soluções para seu terrível dilema.

A primeira coisa em que pensou foi em Jason. Supunha que não tardaria em voltar de Londres, porque as duas semanas haviam passado. Sentia sua falta... Que decidisse deixar de vê-lo não diminuiria aquelas ânsias. Precisava de sua presença a toda hora, escutar sua risada, sentir sua paixão e ouvi-lo dizer quanto a amava. Também queria ser sua esposa legítima para poder dizer-lhe com liberdade que levava um filho seu no ventre. Sabia que isso o faria imensamente feliz, mas começava a entender que, ainda que tivesse direitos sobre o bebê, contar-lhe tornaria o problema maior. Não, dar-lhe a notícia seria impensável. Um filho o ligaria, a ela, de um modo que poderia provocar uma reação inesperada por sua parte. Jason não a manteria como amante, nem lhe compraria uma casinha para criar seu filho discretamente, disso tinha certeza. Ele não saberia como ocultar a alegria e o orgulho que lhe produziria ser pai. Que o filho ou filha não fosse concebido dentro do legítimo casamento, nem por sua esposa não o freariam. E não deixaria que alguém de seu sangue fosse criado como filho de outro. Todas as outras alternativas que ficavam, implicavam escândalo e gente sofrendo. Já carregava muita culpa sobre suas costas, não acrescentaria, mais.

Isso lhe deixava sem resolver seu incipiente compromisso com

Horatio. O homem era uma boa pessoa, mas duvidava que a aceitasse se descobrisse sua gravidez. Ainda havia a possibilidade de que ele exigisse saber o nome do pai, em cujo caso ela se negaria. Não se atrevia nem a arriscar-se, já que, uma vez dito o segredo de seu estado podia chegar a descobrir com extrema facilidade. Só precisaria que alguém somasse dois mais dois e o resultado seria o certo. Não, o compromisso deveria ser rompido.

Quase lhe saltaram as lágrimas de novo quando percebeu a escassez de opções que restavam. Na realidade, só havia uma viável: ir embora. O coração doía só em pensar. Ali fizera amigos e se sentia à vontade. Mas sabia que, se nesse momento contava com as amizades, deixaria de contar com elas logo que seu ventre aumentasse. Sua condição de solteira, assim como a secreta identidade do pai, conseguiria a recusa total. Via-se encerrada em casa para evitar a repulsa nos olhos das pessoas. Não seria como estar em uma prisão? Como se seu pai não estivesse morto? Mesmo se o conseguisse, passados os nove meses daria a luz a uma pessoinha indefesa, sem culpa alguma dos pecados da mãe. Com quem brincaria quando crescesse? Como suportaria tanta crueldade? Também temia a reação de Adele, Margueritte e Angus. Se só algum deles lhe desse as costas não poderia suportar. O que lhe ficaria então?

Com a alma aos pés se abaixou para pegar a hortelã para Adele e voltou para casa com a missão de dar os passos necessários para encerrar outra etapa de sua vida. Não podia dar-se ao luxo de perder tempo, porque, não só Jason regressaria em breve, mas calculava que sua gravidez beirava os três meses. Se continuasse ali mais tempo, todos descobririam, incluindo ele, e então sabia que removeria céus e terra para encontrá-la.

Passou a metade do dia fechada em seu quarto. Alegara dor de cabeça e se fechara no conforto da casa que tinha decorado com tanto mimo e esmero. Parecia incrível pensar que em breve a abandonaria.

Sentada no escritório olhava pela janela enquanto tentava escrever uma carta ao seu advogado.

O primeiro e lógico passo seria entrar em contato com ele. Depois de muito pensar achou o destino exato e ideal. Sairia não só de Greenville, mas da Inglaterra. Sua intenção era dirigir-se às terras americanas em busca da herança materna; pelo que sabia, as normas lá eram menos rígidas. O importante seria aparecer como uma desconhecida com um passado moldado por ela. Ninguém poderia comprovar nada e poderia viver uma vida tranquila, aproveitando para ver crescer seu filho. Viver tão longe também evitava a possível intenção de sua parte de entrar em contato com Jason. E evitaria que ele a encontrasse. Por isso pedia a Oliver Harris, seu advogado, realizar rapidamente todos os trâmites, necessários, para sua viagem. Pedia também a compra de uma passagem para o barco que zarpasse antes.

O tempo estipulado para desaparecer de Greenville era de menos de três dias. Solicitou ao seu advogado para encontrar uma pensão barata e discreta para permanecer enquanto isso, evitando a possibilidade de encontrar Jason e que ele a descobrisse.

Um dos problemas que deveria resolver seria o que fazer com a casa e, com Adele e Margueritte. As duas eram mulheres encantadoras e serviçais e sentiria falta delas, e Angus... Estranharia a falta daquele homem tão educado, tranquilo e metódico que se desvelava em ajudar. Sentia uma grande pena ter que deixá-los, mas não poderia se despedir deles como gostaria, então teria de imaginar uma boa

mentira para não despertar suspeitas. Uma vez em Londres arrumaria com o senhor Harris a melhor maneira de vender a casa e fazer chegar a eles uma pequena quantia, mesmo sabendo que isso não os consolaria.

Deitou-se esgotada de tanto pensar. Não desejava ler nada e amassou a carta que devia escrever para Horatio.

Na manhã seguinte, o dia, amanheceu tão nublado e deprimente como seu ânimo. Não queria sair, mas tinha que ir ao povoado para levar a carta ao correio. Para evitar riscos desnecessários não podia mandar Angus fazer o serviço.

Durante o curto passeio pelas ruas de Greenville saudou amigos e vizinhos com a cabeça. Memorizava cada rosto para lembrar-se depois, inclusive quando se encontrou com Juliet Been a qual, com todo descaramento e deliberadamente, passou para a outra calçada para não ter que saudá-la. Ainda abalada pelo descaso, a desculpou. Sabia o que era estar a mercê dos sentimentos. Não tinha dúvida do afeto que sentia por Horatio e devia considerá-la uma rival. Ela sentia o mesmo por Johana, mas tinha a desvantagem de não poder mostrar suas emoções. Mesmo já estando para partir, duvidava que eles pudessem ter uma relação; por essa razão procurou não esquecer de mencionar Juliet na carta de despedida a Horatio. Era o máximo que podia fazer.

Na manhã seguinte se sentou para contar a história que inventara e explicar sua repentina viagem. Limitou-se a utilizar a que já servira anteriormente, quando saiu com Jason.

— Tenho que voltar a viajar. — anunciou no café da manhã.

Os três a olharam desconcertados. Adele deixou a cozinha para se aproximar de uma cadeira.

— O que aconteceu?

— Recebi uma carta onde me informaram que a saúde de minha instrutora piorou. — Evitou secar as mãos suadas para não chamar a atenção. — Como não tem familiares, me ofereci para cuidar dela.

— Durante quanto tempo? — perguntou Margueritte, adiantando-se a outra explicação.

— Não sei.

— E o que acontecerá com o senhor Plumbert, com o casamento?

Ayleen estava preparada para a pergunta.

— Já falei com Horatio. — Era mentira. — Vai esperar o que for preciso.

O que tinha pensado para aquilo seria algo muito mais covarde. Estava passando por muita coisa. Acaso não poderia facilitar as coisas?

— Fala como se fosse para um longo tempo.

As palavras de Angus a surpreenderam.

— Não creio que seja tanto… — duvidou.

Ayleen não queria continuar falando sobre aquilo. Quanto mais falasse, mais enrolada ficaria.

— E o que faremos? — Adele a olhava sem piscar, como se conhecesse o motivo que a movia.

Como dizer-lhes que seus postos de trabalho terminariam em breve? Que explicação poderia dar-lhes que não pusesse em perigo sua fuga? Sentia-se uma traidora. Os três lhe ofereceram o melhor de si mesmos e ela lhes pagava com deslealdade. Mas que outra opção tinha?

— O certo é que seus afazeres diários se verão drasticamente limitados. — Isso era dizer pouco. — Só limpar o pó e passar a escova

e já estará tudo pronto. — Uma casa em condições ajudaria a vendê-la mais rapidamente.

Também não se atrevia a dizer-lhes que o melhor seria começar a procurar um novo emprego. A única coisa que poderia fazer seria compensá-los na parte econômica e com uma carta de recomendação.

— E quando espera viajar? — Angus apoiou suas grandes e calosas mãos na mesa, esperando a resposta.

— Em uns dois dias. — balbuciou e levantou-se. — Já terminamos o café da manhã, assim, terminarei a lista que pensava de todas as coisas que ficam por fazer. Se me desculparem…

Saiu da cozinha deixando os três empregados se olhando perplexos.

— Tudo é muito estranho. — murmurou Margueritte — Desde seu inesperado compromisso com o botânico, está se comportando de um modo esquisito. — Deixou seu prato na pia. — Deve ter se arrependido, de aceitar a proposta, e não sabe como sair da lama. Se estivesse em seu lugar, não sei o que faria.

— Pois eu sim, pequena fofoqueira. — declarou a ama de chaves. — Em seu lugar me apressaria a terminar as tarefas. Nos próximos dias teremos muito que fazer.

Quando a jovem saiu também, Adele se virou para Angus, que não se mexera.

— Disse que recebeu uma carta de sua instrutora. Você sabe algo disto, Angus?

O homem negou com a cabeça de forma pensativa.

— Trago o correio todos os dias, mas a mensagem deve ter chegado faz dias e não disse até agora ou não me explicou como está em seu poder. Não recebe nada por pelo menos, seis dias.

Adele olhou a porta por onde Ayleen havia desaparecido.

— Margueritte tem razão. Seu comportamento é muito estranho.

***

Alheia as divagações e dúvidas que sua repentina viagem suscitava, passou os dias seguintes preparando baús e equipamentos que se ajustassem a sua indefinida ausência. Ainda que uma parte dela quisesse confessar-se diante dos que considerava, não só seus empregados, mas também seus amigos, a prudência sempre corria em seu resgate. O mais fácil seria pedir-lhes que tudo fosse embalado em caixas, mas não se atrevia. O senhor Harris se encarregaria de fazê-lo por ela e de enviar-lhe cada uma daquelas coisas ao seu novo destino. A única coisa que acrescentava além das roupas, eram alguns objetos pessoais que não queria deixar ali por nenhum motivo; coisas de alto valor sentimental pertencentes aos seus pais ou a Jason, como aquele lenço com suas iniciais bordadas que a obrigou a guardar no fundo de um porta-joias escondido da vista acidental de Margueritte ou Adele. Quanto ao equipamento da casa, pensava deixar a cargo de Adele. Esperava que não se sentisse muito decepcionada quando recebesse a carta com as escassas explicações que pretendia dar. Claro, tudo isso seria escrito da capital, enquanto se mantinha escondida a espera de sair do país.

A cada hora que passava se sentia mais ansiosa. Pelas manhãs permanecia em seu quarto até que as náuseas desaparecessem, e só saia depois das onze. Como ninguém lhe perguntou, não se viu na obrigação de inventar mais mentira. Jason poderia regressar a qualquer momento e estragar tudo. Não queria ter que mentir-lhe também e desaparecer na noite como uma fugitiva. Despedir-se das

integrantes do clube das damas do chá ficava descartado. Agradecia a Deus pela semana inteira que restava para seu próximo encontro com elas. Temia que se as visse antes, pudessem descobrir o que a corroía. Na hora de arrancar informação secreta eram tão hábeis como o melhor dos advogados.

O problema maior que tinha para resolver, sem dúvida, era a presença de Horatio. Na tarde anterior tinha se apresentado para convidá-la a um agradável passeio. Havia tanto trabalho a fazer, que não podia perder tempo, mas quando pensou melhor, percebeu que sua presença faria parecer que tudo estava normal. Como o mais sensato seria afastá-lo da casa para que nenhum de seus empregados chegasse a suspeitar que Horatio estivesse alheio a sua viagem, foi o que fez. Com o melhor dos sorrisos o acompanhou em uma volta com a caleça. Durante mais de uma hora o escutou falar sobre um envio de plantas que esperava há meses. Também não poupou palavras no referente ao seu compromisso. Seu coração se apertou quando anunciou que já notificara a seus pais e os parentes. Como era normal, desejavam conhecê-la. Perguntou se já considerara uma data adequada para celebrar as bodas, — insinuando que preferia que fosse logo — se preferia se casar em Greenville ou em outro lugar e finalmente, mas não menos importante, em qual lugar da Inglaterra preferia viver.

Em sua ânsia egoísta, Ayleen não tinha considerado todas aquelas coisas. Nem imaginara o que lhe custaria encontrar um lugar para viver no qual ele pudesse construir uma estufa como a que possuía. Como disse, “seria mais difícil mudar sua coleção floral que o resto de sua casa”.

A saída, longe de ser boa, encheu-a de apreensão maior. Sua

partida prejudicaria muitas pessoas de um modo que ela nem conseguia compreender. Por isso, nessa mesma noite começou a escrever a carta de despedida para ele. Releu-a para se certificar de deixar claras as coisas sem demonstrar o mínimo sinal do que na realidade acontecia.

Estimado Horatio.

Lamento ter de lhe dar estas más notícias. Sei que quando acabar de ler estas linhas se sentirá ferido e profundamente decepcionado. No entanto, confio em que saiba perdoar este coração inconstante e não me guarde um ressentimento muito severo.

Com muito pesar, não posso cumprir com a promessa que lhe fiz de me casar com você. As razões são várias e as pensei com muito cuidado. Também é certo que deveria ter pensado melhor antes de aceitar, mas devo dizer em minha defesa que, quando aceitei, estava convencida disso.

Durante um tempo deverei viajar por motivos pessoais que nada tem a ver com você, assim este é o último contato entre nós durante algum tempo.

No caso de lhe ocorrer esperar-me, não o faça; minha decisão é firme e nada mudará. Aproveito estas linhas para animá-lo a procurar uma nova companheira de vida.

Se me permite um atrevimento, queria que tivesse em consideração a senhorita Juliet Been. Apesar do inegável parentesco que a une com seu irmão, creio firmemente que é a mulher idônea para você. A jovem não é desagradável a vista, é doce e tranquila e possui uma impecável educação. Seria uma excelente esposa e mãe; e o mais importante, tem dote próprio. Assim, mesmo no caso de seu irmão lhe negar a permissão, a senhorita Been tem o poder de decidir por si mesma.

Espero que saiba se dar outra oportunidade e com o tempo me recorde com um sorriso nos lábios.

Sempre sua,

Ayleen Blake.

Não explicava nada da instrutora, nem que não tinha intenção de regressar. Que pensasse o que quisesse sobre a viagem. Era evidente que com o tempo todos entenderiam que não voltaria. Dizer mais, supunha um risco maior, não por pensar que a procuraria, mas porque a informação chegaria a Jason de uma forma ou outra e ele poderia encontrá-la antes de ter zarpado rumo ao outro continente.

Tocou a barriga imaginando a vida que estava gestando.

— Falta pouco, meu amor. Amanhã deixaremos esta casa e daremos um passo para nosso novo futuro. — Falava à filha ou filho enquanto guardava as últimas coisas. A sensação de solidão se apoderava dela e era consciente que aquele sentimento a acompanharia onde fosse. Quando estava segura que ninguém a ouvia lhe explicava coisas de seu pai, os preparativos da viagem e o que encontrariam em terras americanas com a segurança de ser escutada. Fazê-lo a consolava e tranquilizava. — As poucas pessoas que me falaram da América dizem que é uma terra dura e agreste, cheia de selvagens e pessoas não civilizadas. Claro, não será assim em todos os lugares, mas me assusta um pouco, não vou mentir. A partir de agora deveremos ser fortes. Nossas vidas não serão fáceis, mas enquanto estivermos juntos poderemos vencer qualquer obstáculo. — É o que espero, pensou tentando não perder a esperança.

Olhou pela janela e contemplou o bosque que chegara a querer como seu. Tantos passeios e bons momentos ficavam gravados em sua mente. A primeira luz da aurora do dia seguinte partiria para Londres

para seguir pouco depois rumo ao desconhecido.

Imaginou a cabana do guarda bosques, ao longe e escondida entre a mata. De repente sentiu a imperiosa necessidade de dar uma última olhada, dar seu adeus ao lugar onde se apaixonara e no qual se convertera em uma mulher. Parecia que havia transcorrido toda uma vida.

— Ayleen, querida, o jantar está pronto.

Adele a chamava através da porta, mas a necessidade de sair era tão urgente que preferia saltar o último jantar em sua casa. A repentina recordação da vida que crescia em seu interior a fez repensar. Agora não poderia pensar somente nela.

— Desço logo. — respondeu enquanto abria a porta.

— Angus deveria descer os baús ao vestíbulo antes de sair. — comunicou. — É preferível que estejam preparados.

Margueritte já saíra no meio da tarde, quando era evidente que nada ficava por fazer. A despedida foi normal, porque pensava que voltariam a se ver.

Durante o jantar permaneceu silenciosa. Adele notou e respeitou seu silêncio, sem comentários. Angus já tinham terminado seu serviço e foram para suas casas com a promessa de estarem no dia seguinte cedo com a carruagem.

Decidira tomar o trem como meio de transporte, porque evitaria uma viagem longa e pesada cheia de paradas e com o receio de se encontrar com Jason. Na estação da capital, a esperaria um ajudante, contratado pelo advogado, que a levaria a sua própria casa, onde a esposa a receberia. No dia anterior recebera sua resposta e ficou tranquila a respeito. Quanto ao alojamento, o senhor Harris se negou a deixá-la em uma pensão. Seus filhos já não viviam em casa, então

sua esposa e ele a receberiam em sua casa, pelo curto período antes de embarcar.

— Adele, vou dar um passeio. — informou enquanto ela se deitava.

— A esta hora? Mas está escuro...

— Não se preocupe. O céu está claro e há lua cheia. Estarei bem.

— Não estou certa... — A dúvida era compreensível.

Se soubesse as vezes que fizera o mesmo nos últimos seis meses...

— Você vá dormir e não se preocupe por mim. Levarei uma lâmpada de querosene e voltarei logo.

— Não se afaste muito. — Preveniu-a, enquanto não deixava de olhá-la de um modo diferente.

Sem esquecer a capa e as luvas saiu pela porta traseira disposta a percorrer um caminho que sabia de memória. Com a luz da lua, caminhou, absorvendo os sons e cheiros próprios da campina inglesa enquanto se obrigava a limpar sua mente de qualquer pensamento negativo.

Sua decisão era a certa, por isso desejava sair em paz, deixando os remorsos e a pena enterrados no mais profundo daqueles campos. Se quisesse viver uma vida nova deveria conseguir que cada recordação e pensamento não a afligissem. Nunca esqueceria Jason por muito que tentasse, pois uma parte dele estava gravada a fogo em seu coração. Queria recordar cada momento com ele com um sorriso. Melhor conhecê-lo e viver a plenitude ao seu lado, que não conhecer a felicidade de ser amada por um homem excepcional. Limpou as lágrimas com o dorso da mão deslizando-as, fechadas, por sua boca. Pensava que um dia, bem longe, as lágrimas deixariam de aparecer

para serem suplantadas pelo sorriso melancólico. Era mais do que podia desejar e do que podia esperar.

No claro do bosque não teve problemas para reconhecer a estrutura de madeira camuflada entre a vegetação. Ainda que no princípio só pretendesse olhá-la de fora, mudara de opinião; necessitava entrar uma última vez.

Ao abrir a porta, apesar da luz clara da lua, acendeu a lâmpada que usava. O ar estava carregado de poeira, acumulada nas duas semanas de ausência, mas seu cérebro não demorou a registrar o perfume de seu amado. Sem querer, se aproximou da cama e se enrolou em cima. Quando os soluços vieram não fez nada para contê-los. Toda fortaleza pretendida se desvaneceu diante da enormidade do que estava a ponto de fazer. O medo surgiu e chorou até cair exausta.

Os sonhos não chegaram e ela descansou livre de toda angústia. Quando despertou, o piado dos pássaros indicou que o sol não tardaria em aparecer, e se apressou a sair. Antes de desaparecer pela curva do caminho deu uma última olhada e se despediu em voz baixa. Era o adeus definitivo.

— Adeus, meu amor. Nunca o esquecerei. Seja feliz.

Quando chegou a casa subiu nas pontas dos pés para não despertar Adele. Não teve sorte, ela saia de seu quarto.

— Chamei e não respondeu. — disse explicando. Olhou a roupa que Ayleen usava, soube no momento, que passara toda a noite fora.

Pareceu-lhe irônico que notasse sua ausência, — quando não havia feito nada errado — e não nas outras tantas vezes que saíra para reunir-se com Jason. Pelo menos, ao estar ausente, ninguém a relacionaria com ele, nem Adele. Talvez pensasse que se tratava de um último encontro com seu prometido.

Isso a fez recordar da carta que deveria lhe pedir para entregar.

— Antes que me esqueça, — disse sem dar explicação — deve me prometer que dará isto ao senhor Plumbert.

Entrou no quarto de Adele e abriu a primeira gaveta da escrivaninha e tirou uma carta selada que lhe estendeu. Sua mão tremeu.

A ama de chaves percebeu e hesitou diante da prudência de falar de mais.

— Não voltará, verdade?

A pergunta a paralisou. Foi totalmente inesperada.

— Porque diz isso? — Tentou aparentar estranheza, mas seu coração estava acelerado, tentando conservar a calma.

— Não tente negar. Não sei o motivo, mas penso que esta é a última vez que nos vemos.

Ayleen tentava pensar rapidamente. Precisava inventar algo que não fosse demonstrar o contrário.

— Não. — mentiu mais uma vez. — Não sei do que está falan…

— É o senhor Plumbert? — perguntou categoricamente, sem ouvi-la. — Ele fez ou disse algo que a obrigue a fugir? Porque se não a tratou com respeito merece, eu…

— Não! Claro que não.

— Às vezes os homens se impacientam quando não obtém o que desejam. Talvez tenha tomado muitas liberdades e você…

— Adele, Adele… — precisava parar o discurso. Não podia deixar que pensasse mal de um homem íntegro e honrado como Horatio. — O senhor Plumbert sempre se portou corretamente. Seu único defeito é a timidez inata. Minha instrutora precisa de mim.

A ama de chaves não duvidara da história na primeira vez, mas

na segunda não parecia clara. Toda aquela pressa era suspeita e lhe disse. Seu olhar, antes franco e direto, era esquivo. Estava nervosa por tudo e seu sorriso era artificial. A ausência da carta da instrutora também era reveladora. Não deixara de notar as coisas que usava. Se sua intenção era regressar, não tinha sentido algum que carregasse tanta bagagem. Os objetos sentimentais que guardava sob chave na arca só reafirmavam suas suspeitas. Que não quisesse dizer ou se despedir deles a levava a pensar em algo grave que a impedia de continuar em Greenville.

— Afinal, se sua intenção era ir embora, conseguiria o mesmo com o casamento. Por isso pensei que o senhor Plumbert fosse o culpado.

Não fora tão discreta como pensava e se amaldiçoou por ser tão transparente. Adele estendia uma mão de confiança, mas o medo continuava presente.

— Oh, Adele, não posso.

— Tem que confiar em alguém, querida, confiar. Fale-me o que acontece?

Acariciou seu rosto com um gesto de ternura, como faria uma mãe. O que mais queria era ter um apoio como o que teria de Geneva Blake, se estivesse viva. Ela a escutaria, consolando e dando os conselhos que necessitava para não ter a sensação de estar a deriva. Nesse instante se viu como uma menina inexperiente em um mundo enorme.

Não suportando mais, desmoronou. Caiu de joelhos enquanto os soluços incontroláveis a sacudiam inteira. Parecia não ter derramado lágrimas suficientes para esgotarem sua dor. Adele se sentou ao seu lado e a abraçou. Deixou-a chorar enquanto murmurava palavras de

consolo e acariciava seus cabelos de forma rítmica.

Quando em poucos minutos as lágrimas secaram e os soluços passaram, Ayleen tinha a sensação de que havia chorado por horas. Esgotada, se enfrentava a uma importante disjunção.

— Oh, Adele. Minha vida é um desastre. — declarou por fim, vencida.

— Não pode ser tão grave. Estou aqui para ajudar. — assegurou tentando animá-la.

— Estou… esperando um bebê.

Admitir em voz alta diante de alguém trouxe-lhe um alívio enorme. A momentânea surpresa de Adele foi substituída por outra muito mais circunspecta.

— Compreendo.

— Como pode se nem eu mesma entendo?

A seguir contou-lhe sua história de amor impossível. Não entrou em detalhes como quem era ou nada que pudesse ajudar a reconhecer o pai. Explicou seu primeiro encontro e o beijo que ela lhe deu.

Sim, só agora, depois de tanto tempo, podia admitir que fora ela quem provocara a situação na qual se encontrava. Antes disso sempre fora mais conveniente culpá-lo.

Também afirmou não se arrepender de nada. Cada passo, com exceção dos primeiros, foram dados ciente de quanto era imoral sua situação. Só podia culpar o amor como responsável pelas loucuras.

— Por isso não posso ficar. — afirmou — É completamente impossível.

Adele, que até o momento se limitara a escutar, não estava surpresa. Se bem recordava o passado de Ayleen, o desenlace era lógico. Durante o relato passaram dezenas de rostos masculinos

tentando se casar e ela se negava, explicando o porque, com alguns deles. Não ficava claro se era rico ou pobre. O único certo era seu estado matrimonial, — o qual incluía muito mais homens além dos que ela chegava a conhecer. — Claro, o casamento com o senhor Plumbert ficava descartado. Lamentava que tivesse de partir, mas compreendia bem.

— Eu sei. E sentirei sua falta.

— Eu também Adele, eu também.

Ambas se apertaram em um inesperado e reconfortante abraço.

Justo naquele instante abriu-se a porta da casa. Angus acabava de chegar e não deveria deixar a carga da lista.

A ama de chaves a animou a se refrescar e colocar um vestido limpo enquanto ela descia a cozinha para empacotar um lanche frio para a viagem.

Mais tarde Adele lhe entregou um pequeno pacote.

— Aqui tem.

— Obrigada. — Por sua vez, entregou-lhe um envelope. — Faria o favor de enviá-lo ao senhor Plumbert?

Adele assentiu em silêncio.

— Não disse, Ayleen — começou — mas saiba que não a julgo. Cada pessoa é livre para tomar suas próprias decisões se afinal se encarrega das consequências que estas provocaram.

Os olhos de Ayleen se umedeceram de novo, mas não chorou. Poucas coisas ficavam para dizer.

— Cuide-se muito. — se limitou a dizer.

— Você também, jovem. — Pousou a mão no ventre com discrição. — Os dois sejam felizes.

— Tentarei.

A ama de chaves a abraçou de novo.

— Não se esqueça de escrever, eh?

— Escreverei, prometo.

Ayleen subiu a carruagem. Angus a levaria até a estação e ali abandonaria Greenville para sempre. Sentia-se triste, mas confessar a Adele diminuíra sua angústia. Agora sabia que ela não a trairia, nem diante de Jason.

Deu uma última olhada a casa que fora seu lugar por pouco menos de um ano e saudou a ama de chaves pela última vez. Enquanto se afastavam, manteve seu olhar a frente. Sua vida ali estava finalizada.

Capítulo 19

Após três semanas em Londres rodeados de toda a família, Johana, Jason e seu irmão saíram rumo a Buckinghamshire. Mesmo Cláudia estando muito à vontade na casa de sua tia em Londres e com a companhia de seus primos, não deixava de estranhar a casa, seu lugar. Tantos meses no estrangeiro minguaram suas ânsias de aventura e agora queria dedicar todo seu tempo só a preparar sua próxima temporada social.

Johana era a pessoa adequada para se encarregar de tudo e assessorar a jovem: tinha muita experiência organizando festas, escolhendo vestidos e sabia se relacionar com os aristocratas mais importantes. E Ashton não impunha limites nos gastos.

Como ponto discordante, tanto ele como seu irmão receavam os eventos por dois motivos. O primeiro era que nenhum dos dois gostava de ter que passar meses inteiros em Londres no ócio e o segundo, mais importante, era que odiavam a ideia de alguém lhes arrebatar sua pequena irmã. Era teimosa e capaz de esgotar-lhes a paciência, mas ambos a adoravam e a super protegiam.

Assim como Cláudia, Jason também desejava ardentemente chegar a Carmine's Place. Após sua discussão e reconciliação com Ayleen temia pensar sobre as coisas entre eles e se durante sua

ausência o senhor Plumbert aproveitasse para estreitar os laços. E pior, teria ela permitido?

Como poderia se recuperar de semelhante traição e continuar amando-a tanto? Porém lhe fervia o sangue ao recordar o anúncio no piquenique e a determinação dela. Sua relação fora só tragédia desde o começo. Pareciam destinados a se separarem e cada vez entrava mais em total desespero.

Pensou no divórcio ou na anulação de seu casamento, mesmo sendo improvável fazê-los. Jason estudara leis e sabia que não cumpria nenhum dos requisitos. Se a infidelidade fosse por parte de Johana, haveria uma possibilidade, mas ela nunca seria capaz. Se fosse sincero consigo mesmo reconheceria que se o fizesse seria como cravar um punhal no coração de sua esposa e diante da sociedade ficaria estigmatizada.

Era um dano que não poderia lhe infligir.

Em seu quarto em Londres estivera bebendo cada noite até tarde. Não que ficasse bêbado, — nunca o fazia — mas a bebida lhe dava consolo. Também não tinha para onde ir depois do jantar em casa da tia ou depois do teatro. Deitava-se cedo e tinha medo de Johana começar a exigir o cumprimento de seus deveres conjugais, já que na cidade compartilhavam a cama e o quarto. Não tinha como se esquivar, então acabava preso a um copo de whisky.

Jason fechou os olhos e deixou que a animada voz de Cláudia aliviasse a viagem. Ashton se empenhava em tornar tudo mais difícil e insistira em usar a carruagem em vez do trem. Devia encontrar pouco prazer em compartilhar espaço e ruídos com desconhecidos, mas, pelo menos, contavam com a rapidez.

Nesse dia não podia dizer o mesmo.

— É impensável Robert saindo de Londres com tanta pressa. — disse Cláudia, esperando que os outros lhe dessem razão. — E só dois dias depois do nosso regresso a Inglaterra. No que pensaria?

Cláudia deu um longo suspiro enquanto tamborilava com os dedos sobre o vidro da janela da carruagem.

Ashton, sentado ao seu lado, levantou as sobrancelhas com apatia. As conversas supérfluas o aborreciam. Se não fosse o amor a Cláudia cortaria a conversa pela raiz.

— Com certeza tinha assuntos pendentes. — indicou com displicência. Seria o normal após tantos meses no estrangeiro.

Sabia aonde a irmã queria chegar com sua alegação, mas não contaria com sua cumplicidade. Ashton não gostava dos assuntos do coração. Simplesmente, não iria com ele.

— E porque não se despediu de Angy? — insistiu ela, empenhada em reprovar a conduta de Robert. — Nossa prima ficou chateada.

— Porque tanto drama? Vai superar. Assim como você. — pontualizou. As duas unidas poderiam chegar a ser um incômodo.

— Não percebe, certo? Não pediu sua mão.

— Dê-lhe tempo. — intercedeu Johana, que viajava sentada em frente a sua cunhada. — Pedirá.

Antes de partir de regresso a Greenville falaram longamente com sua tia Mildred e com seu genro, Edward Fillon, marques de Hansberg e irmão de Robert. Sabiam que o jovem pretendia pedir a mão de Angeline Morton, Claro que todos concordavam que deveria esperar até a primavera seguinte.

Precisamente, se saiu da cidade foi para evitar uma situação comprometedora. Era um modo de andar seguro. Faltavam muitos meses para a próxima temporada social e os implicados poderiam

mudar de opinião.

Ainda que Ashton não interferisse na decisão, estava de acordo.

Foi um erro o jovem viajar ao continente com eles. Sobre tudo, se sua tia sabia que abrigava sentimentos pela mais nova de suas filhas. Nada acontecera, pelo menos nada que se soubesse e que não tivesse remédio, mas as cartas de Cláudia indicavam uma clara aproximação que devia ser estritamente vigiada. Em sua situação, Ashton jamais o teria permitido. Pelo que a ele respeitava, o decoro e a prudência não podiam passar por alto.

— Mas é um aborrecimento que duas pessoas que se amam tenham que esperar, por causa de convencionalismos sociais.

Aborrecida afastou a vista do rosto de Ashton e voltou a se concentrar na paisagem. Ashton era muito exasperante para compreendê-la.

E muito frio.

E parecia enfastiado.

Não acreditava em romances nem em esperança. Era absurdo, segundo seu ponto de vista, e se negava a ser seduzido por algo tão banal.

— Se não fosse tão imatura e caprichosa compreenderia as implicações.

Cláudia recebeu aquilo como um insulto. Podia ser jovem, mas não tola. Seu irmão não podia tratá-la como uma peça de jogo para trocar. Jason escolhera uma esposa livremente, sem coações. Aparentemente, movido pelo raciocínio, mas não havia casal mais lindo e num bom caminho que ele e Johana. Assim, Cláudia não renunciaria a um sentimento genuíno como o amor.

— Por mais que insistir vou me casar com quem eu escolher. —

Seu irmão podia pensar o que quisesse. Ela era dona de si mesma.

Imediatamente, Ashton se opôs.

— Você se casará com quem for mais conveniente.

Ela enrugou o nariz em um adorável beicinho.

— Conveniente? Para você ou para mim?

— Para você, claro.

Não estava disposto a entregar sua irmã a um João ninguém. Os Morton eram uma família com categoria e linhagem. Descartaria no instante qualquer pretendente que não considerasse digno, ainda contradizendo os desejos de sua irmã. E ela teria de acatá-lo. Ele era o cabeça da família.

— E o que escolherá para mim? — perguntou zombando. — Um marques, um duque? Talvez um príncipe?

— Cláudia…

A advertência de Johana chegou tarde; a jovem parecia disposta a irritá-lo.

— Talvez pudesse me vender a um mercador. Por um bom preço…

Jason percebeu que seu irmão estava se irritando. Seu rosto parecia sereno e inexpressivo, mas uma rápida careta na comissura dos lábios o delatava. A qualquer momento poderia perder a paciência. Sua irmã era muito aborrecida quando se propunha e não deixaria de insistir até que Ashton explodisse. Tinha uma habilidade especial para fazê-lo. E ele não queria estar presente quando isso acontecesse. Devia intervir se não quisesse um desastre.

— Podemos relaxar um pouco? — perguntou com um brilho especial nos olhos. Ela captou o sinal. — Cláudia, sei que gosta de aborrecer o Ashton, mas não pode esperar até chegar em Carmine's

Place?

Ela apertou os olhos seria.

— Disse para sair correndo?

Jason esboçou um sorriso leve. Acertara em cheio.

— Claro.

Meditou um instante sobre a proposta.

— Então, me promete algo e garanto que ficarei calada. — Jason assentiu, paciente. — Chegado o momento, não deixe que Ash decida sozinho sobre meu futuro esposo. Aconselhe-o e lute por meus interesses, se necessário. Aterrorizo-me que sua ideia de idoneidade seja um casamento com um homem mais velho que poderia ser meu pai.

— Eu não faria isso! — exclamou Ashton indignado.

Jason percebeu que já começara a acontecer: Cláudia estava conseguindo tirá-lo de suas cadeiras. Pelo bem de todos, ela devia compreender que seu irmão mais velho queria o melhor para seu futuro. Era seu dever escolher bem. Nunca imporia uma união desigual. Pensou que mais adiante teria uma conversa com a jovem. De outro modo, a próxima temporada iria se converter em um inferno.

— Está bem, prometo. Estarei aqui para apoiá-la sempre que puder.

— Que diabo significa isso? Deixará se convencer facilmente?

— Não. — respondeu taxativamente. — Serei um adversário difícil. Satisfeita?

Suas palavras devem ter convencido a jovem, porque no instante começou a falar do muito que descansaria durante os próximos dias.

Menos de uma hora depois já estavam em Greenville. Jason aguardou até que Ashton e Cláudia entrassem em casa, virou-se para

sua esposa e disse que voltaria ao trabalho.

Johana o olhou com receio. A carruagem com os serventes e a bagagem aguardava a poucos passos. Ela devia decidir onde iria cada baú, mandar limpar os vestidos usados por sua cunhada no estrangeiro e outras coisas mais. Estaria bem ocupada e não tinha tempo para discutir, mas Jason nem colocara os pés no chão e já pretendia se desfazer dela, e com urgência.

Aquilo a aborreceu. Estava farta dos problemas financeiros que nunca se arrumavam e de um esposo quase invisível e mal humorado. Conviver com ele nos últimos meses se tornara um desafio desencorajador. Não havia modo de chegar até ele, e se sentia sozinha e incompreendida. Onde estava o Jason que tinha namorado? Sempre paciente e afável. Parecia não ficar rastro dele e tinha a desagradável sensação de estar perdendo-o a passos rápidos.

— Agora mesmo? Não está cansado?

Jason lhe respondeu que não e antes de sair a ajudou a descer da carruagem. Depois passou por seu escritório para falar com Tim e perguntar se em sua ausência ocorrera algum contratempo. Tudo estava bem, assim, lhe prometeu que o poria ao corrente. Tinha em mente compartilhar parte de seu dia com Ayleen, o que certamente seria já na manhã seguinte.

Com um repentino bom humor e uma ansiedade agoniante se encaminhou aos estábulos e pediu que lhe preparassem seu cavalo.

Nada o impediria de ir ao seu encontro. Morria de vontade de encontrá-la e abraçá-la. Era a primeira vez, desde que se converteram em amantes, que passavam tanto tempo, distantes. Necessitava despejar as nuvens negras que se fechavam sobre eles; escutá-la dizer que o amava, que não havia outro homem, nem jamais haveria; que o

seu caso com Plumbert não era mais que um passatempo e que o solucionariam, juntos. Não poderia permitir que se casasse com o botânico. Nunca. Gelava-lhe o sangue só em pensar que pudessem compartilhar o leito. Não consentiria. Estava disposto ao que fosse, a tudo o que ela quisesse, menos aquilo. Agora devia fazê-la compreender que ninguém a julgaria por voltar atrás. Era melhor evitar o erro a tempo. Rogou para que Ayleen deixasse de ser obstinada e o escutasse. Parecia um idiota ciumento e insensível. O sentimento de posse era cada vez maior e recorreria a qualquer astúcia para segurá-la, porque Ayleen lhe pertencia do mesmo modo que Jason fazia com ela. Se fosse preciso, a levaria a força.

Soltou uma gargalhada que se ouviu por toda a cabana. No que diabos estaria, ele, pensando? E no que diabos estava se convertendo? Fuga, anulação, divórcio... E agora sequestro? Aqueles eram seus grandes planos? Porque de uma vez não se explicava com todos e admitia que preferia perder sua honra antes de perdê-la?

Após aquelas reflexões que só serviam para aborrecê-lo mais, esperou impaciente durante quatro horas. Não fazia outra coisa que observar a porta. Era enlouquecedor não poder se comunicar com sua amada e contar-lhe do seu regresso, mas não podia enviar uma nota e muito menos chamar a sua porta.

Não havia muito que pudesse fazer salvo esperar. Aquele dia fora todo infrutífero, porque Ayleen não apareceu.

Diante de uma evidente decepção pelo fracasso, ressurgiu uma nova determinação. Por isso todas as manhãs se levantava cedo, trabalhava durante as primeiras horas em seu escritório e depois, provido de comida, bebida e documentos aos quais deveria olhar, se dirigia a cabana até bem tarde da noite.

Teve a prudência de esperar durante duas semanas inteiras antes de pensar em cometer alguma loucura. Depois daquele tempo começou a passear diariamente pelo povoado em busca de alguma notícia referente a Ayleen ou ao seu compromisso. Por isso, suas obrigações ficavam, cada vez mais descuidadas, inclusive a família se queixava que mal o via. Jason não se importava, estava muito ocupado tentando compreender o que ocorria com a relação que mantinha com Ayleen. No fundo de seu coração porém, alimentava a esperança de que aparecesse a qualquer momento. Mas ela não apareceu e chegado aquele ponto, ele era um vulcão a ponto de estalar.

Soltava fumaça e não havia ninguém em Carmine's Place que não tivesse provado o sabor de sua cólera.

Naquela terça-feira lhe ocorreu uma ideia, uma forma de ser recebido na casa da senhorita Blake, sem levantar suspeitas. De um modo mais simples chegaria a ela e pediria explicações, porque tinha bem claro que sua ausência era fruto da premeditação. Desceu a cozinha da mansão e pediu a senhora Potts que lhe fizesse uma torta, a que ela preferisse. Não exigiria o sabor ou a decoração. Também não se importava que o pedido parecesse estranho. Só queria ter uma desculpa e aquela sobremesa lhe oferecia.

A senhora Potts o olhou com estranheza, mas não perguntara o motivo pelo qual Jason não pedira a sua própria cozinheira, uma mulher muito capaz de fazer uma torta. Ela não tinha como saber, que ele não queria, que sua esposa soubesse.

Assim, na mesma tarde, com uma sensação urgente, dirigiu-se a casa de Ayleen.

Seus olhos verdes observaram as janelas dianteiras da parte

baixa buscando algum sinal que indicasse vida. Depois, aproximou-se da porta, de cor verde, e reprimindo um suspiro chamou, com a simples aldrava.

Deviam tê-lo visto chegar, porque logo abriram. Tratava-se da ama de chaves, Adele Fraser, a qual conhecera alguns meses atrás, por um incidente no caminho. Sabia muito dela, por tudo o que Ayleen lhe contava.

Viu um brilho de reconhecimento nos olhos da mulher, ainda que parecesse contrariada.

— Boa tarde, lorde Jason. Em que posso ajudá-lo?

Ele pigarreou, sem conseguir evitar. Estava nervoso e se sentia um pouco tolo segurando a torta embrulhada. Nesse instante arrependeu-se por ter pensado pouco sobre as consequências daquela visita e como poderia repercutir.

Teve que recordar-se que o fazia por Ayleen, ou seja, pelos dois. Necessitava falar imediatamente com ela.

— Bom dia, senhora Fraser. Estou procurando a senhorita Blake.

— Oh! — exclamou devagar. — Do que se trata?

— Preferiria falar, se for possível, com a senhorita Blake. Trago-lhe um simples doce, mas lady Johana insistiu que deveria entregar-lhe.

Chegando aquele ponto, Jason nem percebeu como eram fracas suas explicações. Não sairia sem descobrir onde estava Ayleen, porque nem lhe passava pela cabeça que pudesse esconder-se dele.

Ela parecia receosa em falar.

— Sua esposa é muito amável, mas infelizmente, a senhorita Blake não está em casa.

— Que pena. — murmurou com certa tristeza. Teria saído com

Horatio Plumbert? Porque a simples possibilidade de pensar neles, juntos, o alterava. — É possível saber quando regressará?

— Sinto não poder informá-lo. A senhorita Blake se foi, por uma temporada.

— Sinto muito, não sabia... — obrigou-se a dizer. A confusão se apoderara dele.

— Não se preocupe. Ninguém sabe.

Seu coração deu um salto. Por um momento se limitou a olhá-la, sem ver nada na realidade. Tentava entender que diabos significava "ir por uma temporada". Pensamentos medonhos cruzaram por sua cabeça. Notou uma forte opressão no peito e na garganta. Ayleen estaria doente e necessitava repouso? Decidira descansar, por exemplo, perto do mar para pensar sobre sua situação? Porque não tinha nenhum parente para visitar.

Era tudo muito estranho...

— Posso perguntar porquê? Lady Johana insistirá em saber. — Nem se preocupava com o que sua esposa pensaria. Estava muito confuso e só tentava obter informação precisa para si próprio, chegar ao fundo da questão.

— Sua antiga instrutora está muito doente e ela se viu na obrigação de ir a Londres para cuidar dela.

Jason franziu o cenho. Não sabia o que dizer, se sentia tolhido pela surpresa. Os últimos dias foram um calvário e agora, surgia, aquilo. Conforme pensava, mais absurdo lhe parecia. Ayleen não tinha nenhuma instrutora em Londres, nem em outro lugar. Era uma história que ele mesmo inventara para poderem escapar de Greenville. Estaria usando a mentira contra ele? Porque Ayleen voltara a usá-la? Seria acaso uma mensagem cifrada para ele?

Se assim fosse, não se sentia capaz de extrair-lhe o significado.

— Sinto muito que tenha feito a viagem a toa, — prosseguiu a senhora Fraser — mas não posso ajudá-lo, mais.

Jason aceitou suas palavras. Não adiantaria insistir, pois seria impossível conseguir tirar-lhe mais informações. Na verdade, era a única coisa que sabia ou podia ser que simplesmente estivesse sendo precavida. Dava no mesmo. Pelo que sabia, tudo fora dito. Não tinha mais o que fazer naquela casa.

— Não se preocupe. Compreendo.

***

Adele se manteve à porta enquanto o via desaparecer pelo caminho. Era ele, sem dúvida. O irmão do duque de Redwolf, era o homem que conquistara o coração de Ayleen e, portanto, o que a deixara grávida.

Se não fosse por aquele doce, jamais poderia imaginar.

Santo Céu! Era uma descoberta muito perturbadora para analisar bem. Não parecia o tipo que se visse envolvido em aventuras passageiras, sobretudo porque seu casamento com Johana Morton recebia elogios em todo o condado. Ainda que às vezes, as aparências enganam, e ela sabia que até o mais honesto e nobre cavalheiro podia se converter em um desprezível e vil sem vergonha.

Não pode evitar pensar se, na verdade, estaria apaixonado por Ayleen. As implicações eram muito grandes... Lorde Jason não tinha filhos e seu irmão, tampouco. Se nascesse um menino seria o herdeiro do ducado, depois de seu tio e de seu pai. Isso em uma situação normal, não naquela. Ayleen não era a esposa legítima e portanto, o menino jamais poderia ocupar o posto.

Sentiu-se mal por ter de guardar aquele segredo. Naquele momento, Ayleen precisaria de toda a ajuda possível e mesmo ele sendo casado, ela deveria contar com uma ajuda financeira. Tinha certeza que Ashton, o duque se encarregaria da educação e manutenção de seu filho, ainda que fosse obrigado a esconder tudo diante de sua família e da sociedade.

Se a gravidez chegasse aos ouvidos das pessoas, a pobre Ayleen se encontraria em um verdadeiro aperto e seria desprezada por todos e cada um dos que se diziam seus amigos. Seu filho seria considerado um bastardo, e ela, uma rameira ou pior. Não tinha cabimento ficar em Greenville. Estava tentando evitar o escândalo, a humilhação, o estigma e o ostracismo. Por isso entendia seus motivos, mas precisava ir para tão longe? Esconder-se dele? Como ficaria sozinha com um bebê? Tinha outras opções e ela mesma ficaria feliz em poder ajudar a decidir.

A notícia de sua viagem se difundiria pelo povoado cedo ou tarde e, talvez, lorde Jason não se conformasse com a explicação, oferecida. Pelo menos, se o amor que ele sentia fosse grande e sincero como Ayleen descrevera.

Pensou no que faria se ele voltasse, inconformado. Poderia deixar de lado a lealdade por sua patroa, ou ao contrário, velar por seus interesses e revelar a verdade?

***

Jason retornou ao seu escritório como um autômato e se fechou ali pelo resto do dia. Estava ausente e sem possibilidade de concentrar-se no que tinha entre as mãos, mas tinha que ficar. Perto das seis da tarde mandou uma mensagem a Johana e a seus irmãos

avisando que não estaria presente ao jantar. Duas horas, depois, pediu uma comida e uma garrafa de whisky. Beliscou a comida no prato acompanhando-a com generosos goles de whisky.

Estava confuso, perdido e transtornado. Começou a rir de forma grave e amarga. Porque desaparecera tão repentinamente e sem falar com ele? Descartando alguma devastadora doença chegou a pensar que Ayleen estivesse rindo dele, que sua relação não fora mais que um jogo cruel, e quando o tinha submetido a sua vontade, se desfazia dele com uma facilidade espantosa. Poderia ser? Esticou-se no sofá com o copo na mão tentando encontrar um pouco de lucidez naquela situação que estava atravessando. O tempo foi passando e enquanto deixava escorrer as últimas gotas da garrafa de whisky, sua mente embotada pelo álcool não deixava de pensar no que seria dele. Ayleen o abandonara com uma crueldade imensa.

Aquelas perguntas o martirizavam, mas encontrava-se muito bêbado para pensar com clareza.

Uma das serventes o encontrou adormecido, no sofá, na manhã seguinte. Carregava uma cesta de carvão para acender o fogo quando ouviu os roncos e percebeu que a sala não estava vazia. Avisou o mordomo, senhor Lonkstow, que ficou na dúvida se o despertava, ou não.

Afinal o fez, de toda forma. Na noite anterior, o lorde não comparecera ao jantar e aquele devia ser precisamente o motivo, mas o duque não tinha porque saber.

— Lorde Jason, — murmurou devagar, mas não obteve resposta. — Lorde Jason, — repetiu. Teve que balançá-lo com força para que abrisse os olhos. — você está bem?

— Não grite, por Deus!

Jason sentia que as têmporas poderiam explodir e a boca mostrava-se pastosa.

— Não levantei a voz, lorde Jason. — sussurrou Lonkstow.

Jason gaguejou baixo e tentou se levantar, sem êxito. O mordomo teve que segurá-lo e ajudá-lo para evitar que desabasse. — Permite-me um conselho?

Não se sentia animado para escutar um sermão naquela hora da manhã e sobretudo quando era difícil se concentrar. Mas sabia que Lonkstow terminaria dizendo de qualquer forma, assim, era melhor terminar logo.

— Fale.

— Sua esposa não ficará muito feliz se o vir neste estado. Por sorte, porém é cedo. Quer que lhe prepare um banho? Mandarei um lacaio a sua casa buscar roupas limpas.

— Com água quente?

De repente a ideia lhe parecia atraente.

— Bem quente. — afirmou, conciso — E quando terminar, lhe espera um delicioso desjejum.

Só com o olhar, o mordomo deu uma ordem silenciosa ao lacaio que aguardava na porta, enquanto ajudava Jason a avançar.

Quando chegaram a um dos quartos do piso superior, que servia para o asseio, o banho estava preparado.

Meter-se na água aromatizada e fumegante o fez relaxar os músculos doloridos por ter desabado em um sofá. Algum tempo depois, Lonkstow entrou com um copo, cheio de um líquido que cheirava mal.

— Tome-o de um trago. — advertiu — Aliviará a ressaca… humm, — interrompeu-se por precaução — e a dor de cabeça.

— Eca. — Jason fez uma careta quando provou a beberagem. — Isto está asqueroso. Que diabos é?

— Um remédio, necessário. Irá aliviá-lo.

Ficou, outra vez, só e o tomou todo. Fechou os olhos relaxando durante alguns minutos, até que a porta foi aberta e apareceu Johana, elegantemente vestida e com cara de poucos amigos. Estava com as roupas, dele, roupas sob o braço.

— O que aconteceu? — perguntou sem chegar perto. Seu olhar se tornou acusador.

— Nada.

Teve sorte de estar de pé e vestida quando o lacaio de Carmine's Place chegou. Estava certa que, de outro modo, não saberia. Não dormir em casa era a culminação das excentricidades as quais Jason vinha submetendo-a. Suportara muitas delas: suas tardias chegadas, suas ausências injustificadas, seu mau caráter... mas passar toda a noite fora? Era um ato que não permitiria.

— Tem um aspecto horrível. Diga-me, onde esteve? Embriagando-se em algum barraco enquanto flertava com mulheres de moral baixa?

— Em Greenville não há nenhum barraco, no máximo uma taverna. E não sai de Carmine's Place.

— Mente.

— Por Deus, Johana! Estive bebendo, sim, mas em meu escritório. Fiquei dormindo no sofá. Pode perguntar a Lonkstow. Ele me acordou.

— Então, se embebedou. — Ele assentiu. — Porquê?

— Também tenho que explicar sobre isto? Deu vontade.

Ela lhe dirigiu um olhar ferido, carregado de repreensão silenciosa. Seu casamento estava desmoronando diante dos olhos e

não tinha como detê-lo. Era de vital importância agir rapidamente, mas como?

— É um mal agradecido. — espetou impotente, e se virou para sair. Era a primeira vez que lhe falava assim, já que conseguira despertar sua raiva. O que necessitava naquele momento era se afastar de seu esposo e pensar. Iria a Greenville ver o pároco e pedir seu conselho.

Precisava desabafar.

— Espere!

Johana parou com a esperança que Jason tivesse se arrependido por falar como fizera. Não podia estar mais equivocada.

— Comunico que amanhã partirei para Londres.

Lady Johana Morton sentiu como o sangue fervia. Ela, sempre controlada e correta, estava a ponto de perder os nervos.

— Está impossível! — gritou enquanto lhe jogava furiosa, as roupas que tinha nas mãos. — Vá para onde quiser, mas, quando voltar vamos conversar sobre tudo isso.

Saiu ressentida e frustrada.

Naquele momento Jason tomara uma decisão. Tinha um mau pressentimento quanto a Ayleen e não podia deixar passar. Averiguaria para onde e porque fora. E, como única alternativa, tinha o escritório do advogado que Ayleen mencionara.

Cheio de premonições funestas, saiu com uma sensação de frenética urgência.

Capítulo 20

Jason chegou ao escritório, do advogado de Ayleen, em Londres, no meio da manhã. Não acreditava que se mostrasse disposto a ajudá-lo, mas precisava ao menos tentar. O sigilo com que Ayleen partira o atormentava, a cada dia. Ficaria louco se não conseguisse respostas, e aquela era a última esperança que restava. De outro modo, seria impossível encontrá-la.

Teve que esperar alguns minutos antes de ver o advogado. O senhor Harris, sentado atrás da escrivaninha, fez um gesto para que sentasse em uma poltrona forrada de tecido verde. Tratava-se de um homem baixo, com cabelos escassos, grande bigode e enormes e inquisidores olhos.

Sinceramente, não era o que imaginara.

— Em que posso ajudar? — perguntou amável enquanto se inclinava para frente, apoiando as duas mãos sobre a mesa de carvalho.

Jason se sentiu desconfortável. Não queria dar muitas explicações, mesmo sabendo que seriam necessárias.

— Você não me conhece, mas sou amigo de uma cliente sua, a senhorita Ayleen Blake.

Calou-se por um instante e observou como o rosto do advogado

se transformava ao ouvir o nome. Sua expressão se tornou severa.

— Devo entender que me encontro diante de lorde Jason Morton?

Agora, foi a vez de Jason de surpreender. Que soubesse sua identidade confirmava suas suspeitas: Ayleen recorrera a ele, após sua partida de Greenville. Pensou até que ponto de sua vida lhe contara.

— Veja, — continuou — sou o advogado da senhorita Blake, como fui de seu pai, assim poderá compreender que a conheça bem e a aprecie. — Jason assentiu brevemente. — Sei tudo o que sofreu com a doença do senhor Blake e como estava iludida ao empreender sua própria vida longe da cidade. Não digo que não quisesse a seu pai, pelo contrário, mas a jovem não aproveitou sua juventude como deveria. Tenho que confessar-lhe, não estou satisfeito com o modo em que se interpôs em sua vida e seu comportamento para com ela. — admitiu bruscamente.

Jason endireitou as costas quando ouviu a repreensão. Não contava que o julgassem, mas o advogado tinha razão. Até a chegada de Ayleen fora um homem sensato. Não era próprio enroscar-se sob as saias de uma mulher. Nunca antes falhara em seu casamento, mas não contava apaixonar-se.

Olhou-o atentamente, nada satisfeito e tentou se explicar.

— Escute... — disse com firmeza.

— Não, não, — interrompeu o senhor Harris, retomando o fio da conversa — escute-me, você. Professo um sincero afeto pela senhorita Blake. Ela é boa e doce e entendo que você possa causar-lhe ternos sentimentos. Se as circunstâncias fossem outras... mas sei que você é casado. Compreende que a comprometeu?

— Eu só quero falar com ela. — murmurou, nada disposto a se deixar amedrontar. Era consciente, como ninguém, dos pecados que

cometera. — Quero me certificar que não fugiu.

O advogado deu um sorriso irônico.

— Se lhe parece que fugiu, porque será, que o fez?

Reclinou-se em sua poltrona e esperou em silêncio até que o homem assumisse o que dissera.

Demorou cerca de um minuto.

— O quê? — perguntou Jason. Enquanto, seu coração começava a martelar em um ritmo frenético. — Mas se... Ela não... — Agarrou com força aos braços da poltrona e olhou ao senhor Harris, desorientado. — Não entendo.

Ele assentiu, compassivo. Amenizou a dureza em sua voz e fez um esforço para se mostrar complacente. Era um assunto delicado e nada agradável. Devia ir com tato, ao mesmo tempo que lhe transmitia a mensagem clara e os desejos de sua cliente.

— Partiu. — anunciou com cautela.

Suspeitava que o homem não receberia muito bem suas palavras. Se aprendera algo, após anos de experiência, era que as pessoas não aceitavam a derrota.

— Partiu? — repetiu, confuso.

Seu cérebro se negava a processar semelhante notícia.

— Sim, lorde Jason, — afirmou — para sempre.

A comoção tomou conta dele. Que pérfidas mentiras eram aquelas? A que enganos queria submetê-lo? Ayleen o amava. Não o abandonaria voluntariamente.

— Não, ela não pode me deixar! — gritou desesperado enquanto se levantava.

O advogado não mexeu um músculo diante do estalo. Estivera certo ao esperar que o cavalheiro resistisse a aceitar a verdade.

Jason se aproximou da janela e apoiou a cabeça no frio e desgastado vidro. Daquele primeiro piso podia escutar o som da rua e dos transeuntes, mesmo imerso em sua própria dor.

— Pode ser que você a ame. — escutou às suas costas. — Lamentavelmente, sua situação o impede de fazer o correto. Não há futuro para vocês. Compreende? Por isso a senhorita Blake se afastou definitivamente de sua vida. Teria que ser forte para fazê-lo. É o melhor para ambos.

Não podia ser certo, pensou angustiado. Porque Ayleen o abandonara? Acaso não sabia que sem ela não era mais que uma triste sombra?

Enterrou a cabeça entre suas mãos enquanto começava a sentir uma incipiente fúria. Precisou de um férreo controle para não perder os estribos.

— Quem é você para decidir o que é melhor? — replicou.

— Eu não decidi, e sim, ela. Me deixou uma carta para entregar a você, na qual certamente esclarecerá o que precisa. — O advogado não esperou sua resposta e tirou um envelope da gaveta. Deslizou-o por cima da mesa e levantou-se. — Darei a você um tempo para ler.

Jason só decidiu pegá-la quando escutou a porta ser fechada. Aproximou-se da mesa e esticou o braço, pegando o envelope, com a mão trêmula. Respirou profundamente algumas vezes para acalmar os nervos. Não queria ler a carta, aterrorizado com o que pudesse estar escrito em seu interior.

Seu coração deu um salto ao reconheceu a letra.

Jason, meu amor:

Se estiver lendo esta carta é porque não me encontro ao seu lado e não voltaremos a nos ver. Sei que estará surpreso e dolorido como

nunca. Desculpe-me pela minha forma de proceder, por não ser sincera, mas era necessário. Temia que tentasse me fazer mudar de opinião.

Decidi partir para longe, onde não possa me encontrar. Direi, para aliviá-lo, que parti sozinha. Foi um erro ter aceito a proposta do senhor Plumbert. A ideia de começar do zero me seduzia, sim. Só agora compreendo que não seria possível. Ele nunca conseguiria fazer-me feliz e eu a ele, tampouco.

Talvez você não entenda, mas a decisão que tomei foi a correta. O nosso amor não pode ser e me nego a continuar sendo sua amante. É muito doloroso para mim. Por isso prefiro que nos separemos agora. Ninguém sabe do nosso caso e nunca saberá. Deste modo não lamentaremos pela Johana, que tão bem se portou comigo. Talvez com o tempo deixe de querer-me — eu vou por muito empenho nisto — e me recordará com uma amiga e sem dor.

Não vês que isso seria o melhor.

Também faço isto por você e sua família. Assim, seu casamento voltará a ser o de sempre.

Antes de me despedir quero que saiba que nunca amarei outro homem como fiz com você. Apesar disso, este é um adeus. Procure ser feliz; por mim. E sobretudo, não me odeie.

Ayleen.

Aquilo era tudo. Menos de uma página. Ela desaparecia de sua vida e rompia seu coração só com algumas linhas. Ficou furioso com Ayleen, com tudo. Apertou os punhos. Com que direito o deixava? Se o amava, porque não demonstrou lutando por seu amor, procurando uma saída? Porque devia ser muito tola para escolher uma vida de solidão, ante tudo o que Jason poderia lhe oferecer. E isso de se esquecer... Era um sonho, uma quimera: o amor deles nunca

morreria.

Uma mancha molhou o papel, e logo outras mais até notar que eram suas lágrimas. Não estava muito seguro porque chorava, se pelo destino cruel, pela vida em geral, ou pelas restrições de uma sociedade na qual o amor e o afeto não eram valores a serem levados em conta. E o que mais odiava era ter de aceitar tudo. Entendia a situação na qual se encontrava melhor que ninguém. Ayleen lhe facilitava as coisas, mas, maldição, ele não desejava que as coisas fossem fáceis, só queria: abraçá-la, fazê-la rir, ter um pouco de paz e alegria ao seu lado. Era pedir muito?

Limpou o rosto e endireitou os ombros. Não se deixaria desmoronar, nem se render. Sentia-se decepcionado com todos, mas devia ser fiel a si mesmo: iria encontrá-la. Por isso, esperou o senhor Harris regressar.

— Tudo bem?

— Sim, — murmurou — perfeito. Agora escreva-me o endereço da senhorita Blake e o deixarei em paz.

O advogado o olhou de cima abaixo devido a sua insistente teimosia.

— Acaso não ouviu o que disse? Ela não quer que a procure.

— Está equivocado. — respondeu cortante e com os nervos encrespados. — Ela quer que o faça e o farei. Se fizer o favor…

Apontou um dos papéis sobre a mesa, esperando que o advogado agisse.

O semblante do senhor Harris petrificou e Jason suspeitou que lhe seria impossível obter o endereço de Ayleen.

Isso o enfureceu mais.

— Você é um tolo. Nega-se a compreender. Os desejos de minha

cliente…

— Importa-me nada o que sua cliente ou você desejem! Dê-me o maldito endereço! — bradou, fazendo com que o advogado se afastasse.

Jason compreendeu que assustando-o e incomodando-o não obteria nenhuma reação positiva, nem serviria para fazê-lo falar. Era frustrante que todo seu futuro estivesse em suas mãos.

— Estás ficando muito desagradável comigo. Sou só o encarregado de transmitir-lhe uma mensagem e chegamos a este ponto, lorde Jason, vou ter que lhe pedir para que retire-se, de meu escritório.

— Você é um corno!

Era ele quem decidiria quando sair.

— Insisto, é meu dever. E para seu bem, não torne as coisas mais difíceis. Não lhe darei o que quer.

Dominado pelas emoções segurou-o com força pelo colete disposto a sacudi-lo. Estava perdendo a paciência que lhe restava.

— Fale. — exigiu com raiva.

No início, aquele homenzinho pareceu assustado e seu rosto contraiu. Não medira bem o cavalheiro que parecia disposto a cometer qualquer barbaridade.

— Com violência não vais conseguir nada. — disse com cuidado. — O que vais fazer? Dar-me um soco?

Não que quisesse lhe dar ideias, mas algo em seu íntimo lhe dizia que toda aquela raiva era fruto do despeito, que na realidade não era tão colérico. Era um risco tentar provocá-lo, mas devia fazê-lo reagir.

— Não me tente.

— Não vês? Tudo o que me contam, meus clientes, é confidencial

e não estás fazendo nenhum bem à senhorita Blake. Pense um pouco nela, para variar. Se não estás disposto a lhe dar uma saída honrada, deixe-a e não a procure.

— Eu a encontrarei, com ou sem sua ajuda. Prometo.

Jason reprimiu a intensa vontade de estrangulá-lo graças a um férreo controle e saiu furioso do escritório, com a sensação que o advogado era um autêntico cretino.

Tomou a carruagem que o esperava e pediu que o levassem de volta a Morton's House, a casa familiar, deixando para trás Fleet Street. Doíam-lhe as têmporas e a única coisa que desejava naquele momento era deitar-se na cama com um copo de uísque. Nos últimos tempos, encontrava conforto refugiando-se no álcool. Pelo menos esquecia, ainda que por momentos, o vazio que sentia, porque todas aquelas semanas sem Ayleen, eram demais.

Quando a carruagem parou em Oxford Street, por causa de um congestionamento, decidiu andar pelo trecho que faltava. Seria bom um pouco de ar fresco para clarear suas ideias. Quando chegou a Cavendish Square, porém, se sentia confuso. Apoiou-se sobre a grade de ferro forjado que rodeava a casa de ladrilhos vermelhos e olhou para o outro lado da praça, onde se encontrava a mansão de sua tia Mildred. Ela costumava residir na maior parte do ano em Londres e só visitava a propriedade rural em Somerset de vez em quando.

Analisou suas opções. Certamente estaria em casa e agradeceria a visita, mas então começaria a pedir explicações sobre sua viagem a Londres e falaria sobre Johana, pelo que Jason terminaria aborrecido. Também poderia ficar com seu primo Rján e ir ao clube Fortuna para beberem juntos. Isso o tentava, mas não sabia se estava na cidade e afinal decidiu ajustar-se ao plano original, que consistia em ficar

sozinho.

Precisava de um copo de bebida para cair exausto. Como acontecia com a comida, ultimamente dormia pouco e mal, e não teve um sono tranquilo. Ayleen se instalou em seu subconsciente. Imaginava-a ruborizando, rindo, abraçando-o... mas a felicidade durava só alguns minutos pois seu adorável rosto transformava-se em uma horrível máscara de granito negro. Então começava a rir dele, a arranhá-lo enquanto repetia várias vezes que não o amava e nunca o fizera. Jason esticou o braço para segurá-la e evitar que se afastasse. O medo que sentia de perdê-la o inundou. Gritou para que não o abandonasse, que ficasse ao seu lado.

Acordou ao meio dia com um grito assustador. O pesadelo parecia tão real que o esmagava. Parecia que suas angústias e temores estavam se colando em seus sonhos, porque perder Ayleen para sempre, o aterrorizava. Pensou que seria inútil voltar a dormir e menos ainda se o pesadelo tornasse a se repetir. Além de estar na hora de ir para a estação e tomar um trem de volta para casa.

A primeira coisa que fez, quando chegou, foi dirigir-se diretamente aos estábulos para selar um cavalo. Mesmo sabendo que Ayleen não estava lá, iria à cabana de todo modo. As recordações dela eram esmagadoras e sentia uma necessidade que o impulsionava a regressar. Para ele era como um lugar sagrado, porque lá desfrutaram de seu amor sob a intimidade.

Teve que mudar os planos ao se encontrar com Ashton escovando Baviera, seu garanhão favorito.

O duque ergueu as sobrancelhas em boas vindas.

— Já está em casa? Como foi a viagem?

— Bem. — respondeu com desmedida reserva.

Ashton parecia relaxado e despreocupado, ou pelo menos, mais do que costumava estar. Tinha tirado o casaco do traje que usava para montar. Mesmo com camisa e colete sua aparência continuava sendo perfeita.

Pegou uma cenoura de um cesto e deu a Baviera.

— Johana não sabia que assuntos urgentes o levaram à cidade. Com certeza, eu também não. — Aí estava. Sob um manto de serenidade e de intranscendência, não conseguia evitar ser direto e ir até o fundo de suas preocupações. Jason fechou a cara por alguns segundos e evitou responder. — Jason? — Ashton insistiu.

Apertou os dentes. Não mentiria ou inventaria uma vaga desculpa. Também não diria a verdade. Claro, isso estava descartado.

— Ouvi. — disse sem oferecer nenhuma explicação.

Ashton era bom intimidando os outros. Às vezes era só erguer as sobrancelhas para conseguir. Estava acostumado a que suas ordens fossem respeitadas no momento e não costumava encontrar resistência. Na maioria das vezes, ele não era uma exceção. Ainda que fosse Jason quem controlava a parte financeira, qualquer negócio ou movimento arriscado sempre era aprovado por Ashton; ele tinha a última palavra. Isso não tirava as discussões do modo de ver as coisas, ou que se desprezasse sua atitude.

Naquele dia não estava disposto a lhe dar o prazer. Não era assunto seu.

Após comprovar que não chegaria a nada, Ashton decidiu mudar de assunto.

— Já que está aqui, comunico que partirei imediatamente para a Escócia.

— E será…?

Ashton esboçou um sorriso cínico.

— Digamos que em menos de uma hora. Só estou esperando que tudo esteja arrumado.

— O que aconteceu?

Devia ser um assunto urgente para que Ashton decidisse partir quando o sol começava a se por e se arriscar a viajar à noite.

— Tenho em meu poder uma carta de um sacerdote que vive em minhas terras. Parecer que alguém está queimando as casas, incluindo as minhas.

— Deus Santo! Toda a casa?

— Não sei com certeza. Por isso saio tão apressado. Deixei a propriedade descuidada por muito tempo.

A Escócia ficava muito longe para frequentá-la e tinha outros assuntos que requeriam sua atenção. Por isso sempre postergava a viagem.

— E quando recebeu a carta?

— Esta manhã. — respondeu. Pegou outra cenoura pelo talo e deu ao cavalo. Depois limpou as mãos nas calças e vestiu o casaco. Deveria trocar-se antes de partir. — Gostaria de discutir com você, saber de mais opções, mas você não estava.

— É uma repreensão?

Seu irmão lhe dirigiu um olhar gelado.

— É uma simples observação. Se não ficasse tão irascível, notaria a diferença.

— Sou suficientemente maior para agir por minha conta, e ainda assim, todos se acham com direito a me julgar. Nunca lhe dei explicações e você sempre confiou em mim. Porque agora será diferente?

Ashton o estudou durante alguns instantes. Seu olhar se aguçou.

— Cláudia chegou apenas a umas semanas e não passou nenhum tempo com ela.

— Estive ocupado. — se desculpou.

Sabia que tinha razão. Estava tão distraído que não encontrava tempo para nada mais, a não ser ter dó de si mesmo. Não era uma atitude positiva e estava chegando ao limite. Sentia-se exausto, tanto física como mentalmente. Se não encontrasse Ayleen logo, não sabia o que aconteceria com ele.

— Irmão, está com algum problema? — Jason tornou a notar uma dor no estômago. — Deixe que me explique corretamente. Você saiu precipitadamente para Londres, sem deixar nem uma nota. Acreditei que se tratasse de um assunto que eu pudesse solucionar, mas falei com Tim e me disse não saber do que se tratava. Parecia bem sincero, menos quando me assegurou que tudo estava bem com você. Porque é óbvio, — ergueu a mão e disse — que não era certo.

— Está aborrecido porque Tim não lhe deu a resposta que queria? — perguntou zombando, tentando desviar sua atenção.

— Não diga tolices! Preocupo-me por você e me paga comportando-se como um autêntico idiota. É impossível falar com você. — tentou fazê-lo ver, mas seu irmão não parecia disposto a colaborar.

— Tenho direito a me reservar certos assuntos pessoais.

— Pessoais. — Ashton pronunciou a palavra lentamente, como se a mastigasse. O que poderia ser tão pessoal para manter sua família à margem? Não falara com Johana, mas percebia que, ultimamente, ela perdera parte da segurança costumeira e ainda que tentasse disfarçar, em seus olhos se refletia a tristeza. Desde quando havia problemas?

Seria um assunto do casal ou haveria algo mais que lhe escapava? Sempre tão observador e até agora passara por alto. Pensou que o regresso de sua irmã o distraíra, mas se tivesse percebido antes. — Se tem algum problema, sabe que pode confiar em mim, certo?

Jason assentiu. Ashton falava de coração e seria de ajuda se estivesse metido em alguma confusão monetária ou legal. Então, encontraria nele um grande apoio. Em troca, se descobrisse que tinha uma amante, que essa era sua falta, não o aprovaria, ou melhor, ficaria do lado de Johana. E o que poderia esperar? Pensou. Ela era a esposa perfeita, a cunhada admirável. Ganhara o coração de todos. Em troca, Jason seria o traidor, quem perderia a honra diante dos olhos da família. Não poderia culpá-los por apoiar Johana. E além do que seu irmão mais velho nunca entenderia o que significava se apaixonar.

— Deixe-o correr, de acordo? — pediu cansado. Virou-se e se afastou dos estábulos.

Não fora boa ideia se deixar ver na casa grande. Deveria ter previsto que poderia se encontrar com alguém da família. Não usava as botas de montar, então decidiu ir andando até a cabana, apressando-se antes que a escuridão o envolvesse.

Quando entrou, um torvelinho de recordações o inundou e a esmagadora verdade o assaltou de tal forma que se encolheu pela dor. Começou a soluçar pela impotência. Ela era sua vida, sua alma. Sem Ayleen não lhe restava nada e diante de si via um futuro vazio e desolador. Odiou-se por se permitir perdê-la, por achar que sempre a teria ao seu lado. Ela o preenchia como nunca sonhara e estar sozinho o estava matando.

— Ayleen! — gritou com uma intensa angústia, enquanto fechava

os olhos e se deixava levar pelas emoções. — Volte para mim. Eu a amo. — se lamentou.

Tentando descarregar a tensão que estava acumulada, bateu os punhos na parede, causando dor. Massageou os dedos, ainda que não tivesse se machucado de verdade. Estava furioso e impotente pela fuga de Ayleen, mas, também, porque não fora capaz de se despedir dele. E agora se encontrava perdido como nunca. Como regressaria para sua vida anterior?

Não se sentia capaz.

Quando conseguiu acalmar-se já era noite e certamente Ashton saíra rumo à Escócia. Porém, não informara a Johana de seu regresso e, se, seu irmão não abrira a boca, ela desconhecia o fato.

Acendeu o fogo e enrolou-se na cama, feito um ovo. Assim, passou as horas até a manhã seguinte, quando seu estômago rugiu. Estava faminto. Não comera nada desde o dia anterior, antes de tomar o trem para Buckinghamshire. Decidiu que era hora de regressar à casa.

Uma violenta tempestade o prendeu quando estava a caminho. A temperatura desceu consideravelmente naquela manhã e não havia nenhum lugar onde se abrigar, salvo a pequena proteção que as árvores lhe ofereciam. Em lugar de voltar e esperar a chuva diminuir, continuou andando, expondo-se aos elementos. Após uma hora, exausto, faminto, encharcado e vazio por dentro, Jason chegou à casa sentindo-se desfalecer. Um frio horroroso instalou-se em seu interior. Não deixava de tiritar e só conseguiu deitar-se com a ajuda dos serventes. Entrou em um sono febril e semi-inconsciente que durou horas. Apesar do fogo que ardia na lareira e das muitas mantas, não conseguia aquecer-se. Agitado, se revolvia na cama murmurando

incoerências.

Johana estava tão preocupada pelo estado de saúde, dele, que aquela noite não dormiu em seu quarto. Ou melhor, dormiu. As quatro da manhã notou uma piora. O corpo de Jason ardia e como era óbvio que estava com febre. Mandou chamar o médico. Nem se aborreceu em esperar sua chegada. Devia agir com rapidez, assim, junto com o ajudante de quarto de Jason e de um lacaio de sua confiança despiram-no e passaram panos molhados em água fria, refrescando seu corpo. Trocaram os lençóis e voltaram a cobri-lo. Foi uma operação que o médico aprovou mais tarde, e a repetiram, várias vezes, durante os dois dias seguintes. Não havia outro modo para abaixar-lhe a febre.

Johana velou dia e noite, por ele, até que no terceiro dia Jason começou a voltar a si. Conseguia apenas mover o corpo, debilitado, e sentia a cabeça aturdida. Pediu água. Não sabia se podiam ouvi-lo, mas sentia uma sede terrível. Então notou que lhe aproximavam um copo aos lábios e enquanto molhava-os, ouviu a voz de sua esposa.

— Acalme-se. — murmurou Johana com calma. — Beba devagar.

Após o esforço, voltou a dormir.

Em uma das muitas vezes, que despertou, começou a ter consciência do que o rodeava. O sol entrava se derramando pela janela e o perturbava. Fechou os olhos um momento até acostumar-se com a luz enquanto tentava mover os braços e pernas. Percebeu que estava sem energia. As extremidades pesavam e custava a se virar. Ao girar, com dificuldade, a cabeça para sua esquerda assustou-se ao ver Johana em uma poltrona, junto a cama. Tinha as pálpebras fechadas e respirava ritmicamente.

Não quis despertá-la. Em um novo esforço tentou incorporar-se,

mas o movimento deve tê-la alertado, porque abriu os olhos assustada e se levantou.

— Jason, meu amor. — Inclinou-se sobre ele tocando-lhe a fronte com sua suavíssima mão e em seu rosto apareceu um sorriso de alívio. Por fim, a febre desaparecera. — Como se sente?

Jason se sentia como se tivessem lhe dado uma surra.

— Ajude-me a levantar.

Esticou a mão para que o puxasse. Em troca, Johana se sentou na cama, mais disposta a conversar do que a obedecer.

— Tem pressa para ir a algum lugar?

— Não, só quero me levantar.

Era incapaz de pensar em algo concreto e continuava aturdido. Agia e movia-se por impulso.

— Não pode. Estiveste muito doente. Chegaste em casa todo molhado depois de percorrer o campo sob uma forte chuva. À noite, iniciaste a gritar e a delirar. Tinhas muita febre e chamei o médico. Recorda-te disso? — Ele negou com a cabeça. Não conseguia se lembrar de nada. Tinha uma vaga recordação da tempestade e ter se molhado, mas, isso era tudo.

Pegou a mão de Johana e a apertou em sinal de consolo. Era evidente que estivera preocupada.

— Agora me sinto bem. Não te preocupes mais.

— Tive muito medo. Estavas tão mal que temi perdê-lo.

Jason não sabia se Johana exagerava ou era verdade que estivera perto da morte, mas o doutor o confirmou pouco depois, ordenando-lhe também que guardasse o leito durante os dias seguintes. O mais importante era que comesse e recobrasse as forças. Continuava dormindo muitas horas e recebia brevemente as visitas de sua esposa

Johana e sua irmã Cláudia.

Conforme passavam os dias começou a se sentir mais animado. Por fim, podia pensar com clareza e seu corpo respondia as ordens. Começou a revisar a correspondência, atrasada, que Johana subia ao quarto para evitar o aborrecimento e Tim lhe mandava documentos, legais, aos quais devia olhar. Ayleen continuava em seus pensamentos, noite e dia, mas com menor intensidade, pois Jason tentava se concentrar em sua recuperação.

Estava revisando uma carta quando Cláudia apareceu vestida, com um traje juvenil azul e branco. Uma cascata de babados caia por suas costas e seus olhos verdes soltavam chispas.

Sentou aos pés da cama e balançou as pernas.

— O que faz? — perguntou, sem muito interesse.

Ele ergueu os olhos e assinalou o óbvio.

— Lendo. E você?

Cláudia encolheu os ombros. Estava terrivelmente aborrecida.

— Acabo de regressar do povoado. — disse como explicação.

Jason reparou que para uma jovem de sua idade a vida no campo deveria ser tediosa. Sim, no início se sentiu feliz por regressar a Carmine's Place com a família e planejar os eventos da próxima temporada, mas a euforia passou após alguns dias de descanso. Quando queria, Cláudia podia chegar a ser muito volúvel. Além do irmão ausente e do outro doente e mal humorado não restavam opções que a companhia de Johana. Ao menos, se Cláudia fosse apresentada em sociedade, poderia assistir as merendas, que organizavam as damas do chá, ou algum jantar, mas naquele momento não lhe era possível. Aos olhos dos outros continuava sendo uma menina.

Pensou que deveria ter convidado sua prima e melhor amiga,

Angeline.

— Nada interessante?

Ela suspirou teatralmente.

— Encontrei-me com a senhora Smith, que não deixou de tagarelar um segundo sobre coisas, as quais nem entendia.

Jason esboçou um sorriso. Era a primeira vez que o fazia após tantas semanas de angústia.

— Ah, sim? E o que lhe disse? — perguntou com suspicácia.

— Fez festa com minha paciência e meus modos, se está insinuando o contrário. Sou filha de um duque.

— Claro. — afirmou sem convicção, porque às vezes, o temperamento de sua irmãzinha podia convertê-la em uma jovem muito vulgar.

— A senhora Smith está preocupada pelo senhor Horatio Plumbert. Parece que se nega a receber visitas.

Aquilo atraiu a atenção de Jason. Subitamente estava interessado em conhecer todos os detalhes da conversa que Cláudia mantivera com a senhora Smith.

— O que quer dizer?

Ela ergueu os ombros enquanto Jason agradecia o fato de Cláudia ser tão inocente. A jovem não notou sua impaciência, e ele se perguntava, se aquela informação teria a ver com a fuga de Ayleen.

— Não sei com certeza. Eu só queria falar de minha viagem, ao continente. — acrescentou azeda. — Tenho muitas anedotas para contar a respeito, mas parece que neste povoado não estão interessados. — Ajoelhou-se sobre a cama e se aproximando dele tirou a carta que estava em sua mão. — De quem é, de outro aborrecido arrendatário?

Agora era o turno de Jason suspirar. Ele estava interessado em saber porque o senhor Plumbert se negava a receber visitas, mas a irmã tinha ideias diferentes.

Como não queria levantar suspeitas, deixou passar.

— É de Zachary McGlaton. — respondeu em referência a pergunta dela.

Cláudia enrugou o cenho ao pensar no amigo de seu irmão. Tinha uma memória perfeita e recordava as vezes que havia visitado Carmine's Place, quando ela era só uma menina.

— Aquele grandalhão escocês? Não estava perdido na América ou algo assim?

Jason conteve um sorriso. Sua irmã tinha uma forma muito peculiar de se expressar. Isso para não falar que costumava tirar conclusões apressadas. Era um mérito e motivo de orgulho ter deixado atrás sua terra para progredir em um país diferente. Zachary era um exemplo de progresso. De condição humilde, graças ao seu pai e ao conde de Ward, conseguira estudar direito em Oxford.

— Perdido não seria a palavra que usaria. Está trabalhando.

— E porque lhe escreve? — perguntou curiosa.

— Leia você mesma.

Cláudia se concentrou nas palavras escritas. Não era uma carta longa, parecia uma mensagem. Zachary estaria pouco tempo na Inglaterra e gostaria de se encontrar com ele.

— Quer vê-lo em Londres. — murmurou, olhando seu irmão nos olhos. De repente, estava séria. — Vai ao encontro dele? Porque não está muito bem, digamos. — estalou a língua. — E, Johana não vai aceitar bem. Acredite-me.

Jason a olhou com uma expressão pensativa. Acabava de ler a

carta antes do aparecimento de Cláudia e ainda não decidira se iria para Londres, ou não. Pensou sobre o que seria mais acertado. Sua irmã tinha razão: custava-lhe andar, manter-se em pé e se cansava com facilidade. Por tudo, encontraria uma grande resistência por parte de Johana. Gostaria de voltar a ver seu amigo de estudos. Eram poucas as ocasiões nas quais poderiam se encontrar e seria um sopro de ar fresco. Zachary não conhecia Ayleen, nem tinha nada a ver com ela. Ou melhor, sua companhia lhe faria bem. Seria um alívio e por uma vez deixaria de pensar nela.

De improviso, tomou uma decisão. Sim, iria a Londres, ainda que significasse iniciar uma nova discussão com Johana.

Capítulo 21

A carruagem se deteve a poucos passos da entrada da Fortuna, o clube dos cavalheiros do qual era membro e ao qual, poucas vezes comparecia. Quando o fazia, costumava permanecer em uma das salas de descanso do luxuoso local enquanto conversava com conhecidos, sócios ou amigos. Não frequentava as mesas de jogo, instaladas ao fundo do edifício de dois andares. Apesar do sugestivo nome, — com toda probabilidade fazendo referência a deusa romana da sorte — Jason não via nele estímulo algum, muito pelo contrário. Melhor confiar na sorte que cada um procurava a ter que depender de uma boa mão, de cartas ou dados.

Entregou o chapéu e o casaco na entrada enquanto se dirigia em busca do homem que o fizera abandonar Greenville.

Porém agora, se sentia cansado e um tanto fraco, o que nunca admitiria diante de Johana. A viagem fora cansativa e exaustiva como ela avisara, mas depois de dias desencantado e inquieto, a carta de Zachary fora providencial. Aquela altura, o trabalho não o distraia. Cláudia e sua companhia não eram tão amenas como poderiam ser e sua relação com Johana alcançara cotas decadentes. Sua culpa, com efeito, mas não podia fazer nada para remediar a situação, também era certo. Ainda assim, estava cansado de lutar com ela. Não era tanto

isso, mas sua última conversa sobre a conveniência de ir ou não a Londres tomara um aspecto que se aproximava muito de uma luta. Ninguém o esperava, de alguém tão tranquilo. Tampouco a culpava por aquilo.

Com a visita de Zachary e a permissão do médico, Jason se lançara ao caminho para se afastar de um lugar que o torturava e afogava por momentos. A recordação de Ayleen e sua traição eram algo difícil de digerir. Pelo menos, em Londres gozaria da liberdade de fazer o que desejasse. Além da visita de seu amigo sempre ser um motivo de celebração.

Quando chegou a cidade se dirigiu imediatamente a Morton's House. A casa, que pertencia a família durante gerações, tinha um aspecto imponente e régio. Rafael, o mordomo, não se mostrou surpreso ao vê-lo. Nas últimas semanas viajara mais do que estava acostumado. Com sua libré escura enfeitada com ouro e botões dourados, uma altura de mais de um metro e oitenta, abundantes cabelos negros e olhos negros como o carvão, o mordomo era o protótipo do ideal espanhol. De vez em quando, gostava de falar com o acento de seu país natal, ainda que dominasse perfeitamente o inglês.

— Como está, lorde Jason?

O mordomo fazia o serviço à família em Morton's House há mais de trinta anos e sentia um especial respeito por seu irmão mais velho.

— Cansado. — disse respondendo sua pergunta.

— Já vejo. — soltou enquanto lhe dava uma olhada de cima abaixo.

Eficiente como sempre, lhe preparou um banho ao qual seguiu um sono reparador, não antes de enviar uma nota a Zachary combinando um encontro em Fortuna, na mesma noite. Depois,

sentiu-se mais descansado e animado do que em muito tempo.

Enquanto o procurava entre a multidão de caras desconhecidas, e outras não tanto, parou para saudar alguns deles. Afinal, o encontrou em um canto da sala conversando com outro homem.

Sorriu ao vê-lo. Ainda com os olhos fechados seria capaz de distingui-lo. Sua voz grave e profunda era inconfundível, mas sua aparência era melhor: régia e firme. Melhorava o aspecto e impressionavam as costas quadradas, o que o fazia parecer um homem rude e temível, bem o que se esperava de um escocês. Na realidade era bem diferente, recordava sua juventude e as jovenzinhas que, apesar do medo que lhes provocava seu aspecto, se sentiam irremediavelmente atraídas para ele.

Tinha estudado leis, com ele, mas ao contrário do próprio Jason, ele exercia a advocacia. Apesar de ser um escocês legítimo escolhera viver na América, na Filadélfia. Trabalhava para Richard Smuth na compra e venda de bens de raízes pelos países anglo saxões, o que o obrigava a viajar bastante e não parecia se importar.

Esperou sentado a vista de seu companheiro até que terminou de falar. Só então levantou para ir ao seu encontro e apertarem as mãos.

— Os anos o tratam bem, "rocha escocesa". — Jason o saudou com o apelido que lhe impusera quando estavam em Oxford. — E cada vez que o encontrava, parecia mais temível.

— Pois é uma pena que não possa dizer o mesmo de você, "rosa inglesa" — devolveu o golpe com sua brincadeira preferida. — Continua tão magro e fracote como sempre. — Balançou a cabeça de um lado ao outro fingindo pesar. — Sempre disse que o ar inglês não fazia bem ao seu rosto.

— Enxuto! — se ofendeu. — Eu nunca fui enxuto, mesmo

comparado com você, que parece um redondo, é normal que pense assim.

Olharam-se aos olhos e começaram a rir enquanto se apertavam em um amistoso abraço.

— Antes de conversarmos, porque não pedimos umas bebidas? — perguntou Zachary, de bom humor. — Um bom whisky escocês nos irá bem.

— Perfeito. Graças a sua influência, quando bebo, sempre o faço com whisky.

— Escocês, espero — pontualizou seu amigo.

— Claro. O que há melhor que um bom whisky escocês? — perguntou sarcástico.

— Nada meu amigo, nada. Porém hoje não deixo de me surpreender quando as pessoas tomam conhaque. Conhaque! — soltou com desprezo. — Mas é bebida de mulher!

Jason riu com ele. Sempre lhe parecera um homem gracioso, ainda que isso fosse motivo de ofensa para ele e pretendesse ser o contrário.

— Onde esteve este tempo todo? — perguntou Jason. — Faz muito que não nos vemos.

— É certo. Já quase um ano. — Suspirou e tomou um gole da bebida que acabavam de trazer. — Nos Estados Unidos cada dia há mais trabalho.

— E não se sente estranho em um país diferente do seu? — perguntou. Não sabia porque nunca lhe perguntara aquilo.

— Bah! Estar lá é o mesmo que estar aqui, com a única diferença que há mais liberdade. Mas de toda forma, nada pode se comparar aos páramos escoceses. — afirmou com nostalgia.

— Não foi ver seu pai?

— Bem gostaria, mas não tenho tempo, devo voltar logo.

Jason também tomou um bom trago de seu copo e a bebida lhe produziu um doce calor agradável.

— Cláudia lhe envia lembranças. — Acabava de se lembrar.

— Aquela pequena? Como está? Faz séculos que não a vejo.

— Bem, para meu desgosto já não é tão pequena como a recorda. Quanto a como está... bem, anda perturbando todos pela sua próxima apresentação na sociedade.

— Já? — Pensou por um momento. — Deus, como passa o tempo. Na última vez que a vi usava tranças e se escondia debaixo das mesas para escutar o que os adultos diziam. Em uma ocasião, em visita a sua casa, me confessou que sua vida era aborrecida e previsível. Disse também que as conversas dos adultos eram algo digno de estudo. — Deu palmadas na perna e soltou uma gargalhada. — Menina desavergonhada!

— Continua sendo, afirmo-lhe. Dá medo em pensar nas confusões que pode chegar a provocar uma vez feita sua apresentação.

— Você e seu irmão terão cabelos brancos antes do tempo. — vaticinou.

— Eu sei, creia-me, eu sei.

Falaram de muitas outras coisas, atualizando os assuntos. A medida que a noite avançava, Jason se sentia mais e mais relaxado. A companhia e a conversa eram boas, mas em certo momento notou que seu amigo se calara e o observava.

— O que foi? — perguntou. A voz lhe pareceu rouca e começou a notar a boca pastosa.

— Pensava que bebia pouco. — declarou.

— E bebo. — Ergueu o copo para pedir outro.

— Não tenho nada contra que um homem beba, mas pensando nisso, não acredita que já foi o suficiente por esta noite? Seu corpo não está acostumado a isso.

— Nooo. — balbuciou. — Quero beber tanto álcool quanto puder. — Jason continuou fazendo gestos ao camareiro, que não lhe fazia caso. — Hoje não tenho porque me esconder, já que Johana não me verá. Assim, esta noite poderei conciliar o sono. Outro copo de whisky! — chamou a gritos. — Porque não me atende? Não ouve que estou chamando?

— Shhh, ouve, mas depois disto, todos o ouvem. O que acontece é que já faz um tempo que lhe ordenei para deixar de lhe servir. — respondeu com tranquilidade. — Se continuar bebendo assim, amanhã se sentirá como um saco de merda.

— De verdade acredita nisso? — Jason zombou de Zachary. — Nada pode me fazer sentir pior do que já me sinto: um lixo, um arruinado, um refugo…

— De acordo, está bem. Captei a mensagem. — Fez uma pausa. — O que acontece, Jason? Quer me contar?

— Para que servirá? — se lamentou. Tentou se levantar, mas cambaleou, caindo de novo no sofá. — A única coisa que quero é esquecer; e se a bebida me ajudar, que assim seja. Maldição! Quero outro copo! — gritou.

— Jason. — inclinou-se para ele e lhe pôs uma potente mão em seu ombro, segurando-o. — Ninguém vai lhe servir outro copo, faça um esforço para se tranquilizar.

— Não! Quero meu copo já. — Mostrou-o com o dedo, mas tremia. — E não acredita que só porque no passado ganhou uma luta

corpo a corpo, agora vai acontecer o mesmo. Sou um adulto e sou capaz de derrubá-lo… se quiser.

Zachary se recostou no sofá cruzando os braços, observando-o. Seu amigo tinha problemas e ele queria ajudá-lo, como ele o fizera outras tantas vezes em sua juventude, mas sabia que naquele estado Jason era imprevisível. Assim, melhor tirá-lo dali antes que armasse um escândalo.

Apesar de sua bravata, ébria, sabia que não conseguiria derrubá-lo nem que quisesse. Ele sim o faria, e em poucos segundos, mas não queria feri-lo, não quando na realidade tudo era produto da bebida. Estava certo que se estivesse sóbrio jamais lhe diria semelhante estupidez. Além de ver a léguas que só era uma forma de controlar uma dor íntima que não era capaz de ver. Sempre acreditara que a vida de Jason era a perfeição que alguém conseguiria ter, assim, que diabos estava acontecendo? Pensou preocupado.

Jason fez outra torpe intenção de se levantar, mas cambaleou perigosamente, e seu amigo teve que segurá-lo rapidamente, evitando que caísse em cima da mesinha a frente. Sua cabeça estava pesada e se sentia bem enjoado, mas pelo menos, o álcool fazia desaparecer o rosto de Ayleen.

O agradável e reconfortante estupor que o envolvia dissolveu-se um pouco quando o ar frio lhe golpeou o rosto. Por alguma razão se encontrava na rua e não recordava como percorrera o curto caminho até ali. O carro de aluguel parecia esperá-lo e alguém tratava de erguê-lo. Virou a cabeça, quarenta graus, e viu que era o seu amigo quem o ajudava. Tentou sorrir, mas falhou e começou a chorar. Não viu o rosto de surpresa de Zachary nem notou que o carro se movia. No transcurso até sua casa, começou a relatar a experiência que mudara

sua vida nos últimos oito meses. Claro, não viu a surpresa no rosto de Zachary nem como ele o carregava ao ombro enquanto Rafael o guiava escadas acima.

Para variar, e contra o que pensava, não teve um sono tranquilo, porém mais agradável que nas outras noites. Reviveu cada um dos momentos que compartilhara com Ayleen. Cada palavra ou gesto gravado em seu coração e sentiu a esperança invadindo-o. Ao despertar no meio da manhã, uma lancinante dor de cabeça o golpeava como um martelo. Ainda assim, estava mais lúcido do que se sentia há muito tempo. Não poderia se sentir mais vivo e decidido. Por fim, sabia onde estava sua amada.

Depois de tomar um café forte que Rafael trouxe pessoalmente, desceu à biblioteca para se organizar enquanto esperava a visita de Zachary. O mordomo lhe comunicara a intenção dele em passar para saber sobre seu estado.

Estava no escritório escrevendo concentrado quando chamaram a porta.

— O senhor McGlaton chegou. Deixo-o entrar? — perguntou Rafael.

— Sim. Mas faça-me um favor, deixe de gritar.

— Não estou gritando, lorde Jason. Se não notou, estou perto do sussurro.

— Bem, — resmungou — então, não está baixo o suficiente.

O mordomo se inclinou sem responder e permitiu a Zachary entrar.

— Como está? — perguntou seu amigo enquanto se sentava em uma cadeira fofa.

— Fatal e maravilhosamente bem.

— O primeiro não estranho, mas e o segundo?

— Coisas minhas. — respondeu vagamente. Porém não queria levantar suspeitas em voz alta diante dele. — Sobre o que falamos ontem…

— Quer dizer sobre o que você falou? — acentuou sem tentar se fazer de tolo. — O que acontece com isso?

— Agradeço-lhe muito se não comentar com ninguém.

— Só pelo que acaba de dizer merece um soco nesse bonito rosto aristocrático. Realmente acredita que faria algo para prejudicá-lo? — disse erguendo a voz.

Zachary passou toda a noite pensando nele. Não se alegrava pelas novas circunstâncias de seu amigo, pois era evidente que estava sofrendo. A inveja que sentia por ele ter conseguido encontrar uma mulher que lhe abalasse a alma por completo, eram coisas que não aconteciam sempre. Na sociedade na qual viviam parecia um milagre. O que teria feito ele? Talvez o mesmo. A única coisa que podia esperar para si mesmo era uma jovem educada que lhe fizesse companhia no resto de seus dias. Amor, paixão, companheirismo, lealdade, fé… Não acreditava estar entre esses poucos afortunados.

— Não grite! — Jason levou as mãos as têmporas tentando parar o odioso martelar.

— Se depois de tantos anos se atreve a me ofender com essas dúvidas, gritarei tudo o que quiser.

— Está bem, está bem. Me desculpo. Sinto muito ter duvidado de você. Não merece e me sinto mal por dizê-lo. Desculpe-me, por favor, mas abaixe a voz.

— Abaixarei se compartilhar um jantar comigo esta noite. — convidou-o mais calmo.

— Não poderá ser. Amanhã na primeira hora volto para casa. Esta noite devo terminar uns assuntos que tenho entre as mãos e depois me deitarei cedo. — hesitou — Talvez em outra ocasião.

— Como quiser. Ficará bem? — Zachary queria verificar seu humor para que não fosse cometer alguma loucura.

— Sim, claro. Aquilo de ontem não tornará a acontecer.

Nunca estivera tão seguro de algo.

— De verdade? — perguntou Zachary descrente.

— Ao que vem essa dúvida?

— Parece… não sei… Parece ansioso, para dizer a verdade.

— Esta dor de cabeça me mata e tenho vontade que desapareça.

— Sim, claro. — Não acreditava. Havia algo nele: uma atitude falsa, talvez uma determinação sobre algo novo acontecendo. Ignorava o que seria, mas não perguntaria. Já tinha em sua consciência muito mais do que desejava. Não acrescentaria nada mais. — Quando voltaremos a nos encontrar? — perguntou após alguns instantes de silêncio.

— Não sei, espero que logo.

Ambos sabiam que era mais um desejo que um fato.

Zachary se levantou e Jason o imitou.

— Não é necessário acompanhar-me. Descanse.

Jason não fez caso. Aproximou-se dele e estendeu a mão e se deram palmadas nas costas.

— Alegra-me saber que conto com você.

— A mim também. Boa sorte. — e saiu.

Seu amigo viera no momento necessário.

Prometeu-se que aquele seria o fim de sua efêmera relação com a bebida. Zachary não fizera menção alguma, mas ainda sem saber tudo

o que revelara, ele devia saber tudo o que havia passado. Sem o álcool, aquilo jamais teria acontecido. Uma indiscrição diante de alguém pouco propício teria sido catastrófico. Descobrira que a bebida poderia causar mais problemas do que podia pensar. Tivera mais sorte do que merecia e era justo não voltar a arriscar.

Uma vez em seu quarto se lembrou do sonho. Recordou uma conversa que manteve com Ayleen sobre a herança recebida de sua mãe. Se desejasse afastar-se dele, o melhor seria partir para o mais longe possível. Aquela mulher que tanto amava era tão minuciosa e conscienciosa como qualquer general de tropas. Agora tinha a certeza que não a encontraria na Inglaterra, mas por difícil que lhe parecesse se dedicaria, com empenho, a encontrá-la. Não tinha ideia de como faria para encontrá-la nem quanto demoraria, mas a encontraria.

No meio da tarde, desse mesmo dia, já sabia quais seriam seus próximos passos: partiria para sempre.

Capítulo 22

Johana se atrasava. Observou uma vez mais o relógio de bolso enquanto andava pelo salão de sua casa. Já fazia uma hora que a estava esperando e, ainda que ela não soubesse que tinha voltado, estava se impacientando.

A viagem de volta lhe parecera curta. Os planos o mantiveram ocupado durante todo o trajeto. Estava com o ânimo e o corpo melhores. Uma vez tomadas as decisões já não voltaria atrás. Parecia irônico que aquela firmeza inquebrantável lhe desse forças para enfrentar o grande dilema de sua vida: Johana. Faria mal a uma das melhores e mais nobres pessoas que tivera a sorte de conhecer. Com ela compartilhara momentos, que sempre guardaria, mas, com muito pesar sua mente só pensava em Ayleen. Sentia sua falta... O que estaria fazendo? Como se encontrava? Pensaria nele ou sentiria tanto sua falta que sua alma se partia em dois? Toda aquela situação o estava matando com uma lentidão paralisante. A única opção era a que tomara. Agora só tinha que criar coragem e falar com Johana.

Ficara em Londres alguns dias a mais do que dissera a Zachary. Precisava arrumar todos os documentos que garantissem a vida de Johana, na parte econômica. Também comprara uma passagem para embarcar alguns dias depois, de Liverpool. O destino final eram os

Estados Unidos. Uma vez ali contrataria os serviços de quem fosse, necessário, para descobrir o paradeiro de Ayleen.

Sabia que os comentários inundariam Greenville muito rapidamente e se estenderiam até Londres. Ashton demoraria um pouco mais a saber, mas desconfiava qual seria sua reação. Não que o temesse, mas seu poder se estendia as mais altas esferas e poderia utilizar suas influências para obrigá-lo a fazer o mais honrado, ficar. Preferia não pensar nessa possibilidade. Além disso, deixava muitas coisas no ar, como por exemplo, seus investimentos. Entendia que se começasse a recolher suas aplicações de cada projeto ou negócio no qual participava levantaria perplexidade e um pouco de caos. Com o tempo, poderia recuperá-las. Separou apenas uma considerável soma de dinheiro, para seus gastos, até que a encontrasse. Por isso solicitara ao seu banco para abrir uma conta em outro banco americano e fazer a transferência. Não fez caso das perguntas insinuadoras acerca do motivo de tal ordem, mas, não tinha dúvida que logo saberiam. Todo, o restante, deixara para Johana viver comodamente durante duas vidas inteiras.

Ouviu um som e olhou rapidamente por uma das janelas do salão, mas não viu ninguém. Dera o resto do dia livre a todos os serventes: os dois lacaios; seu ajudante de quarto, que voltara com ele de Londres; donzelas; as responsáveis pela limpeza; a cozinheira... Ainda que fosse uma ordem muito precipitada, Jason não desejava espectadores no que estava por vir. A única exceção fora o cocheiro, já que precisaria dele para chegar até a estação de trem.

Enquanto esperava, aproveitava para pegar seus poucos objetos e roupas para levar. A ausência de Johana tornara tudo mais fácil.

— Maldição! — exclamou em voz alta. — Onde está, Johana?

Sem querer levou a mão ao bolso da jaqueta e tocou as cartas. Tirou a mão como se a tivesse queimado.

Escrevera duas, uma para Cláudia e outra para Ashton. A da jovem, deixaria junto a carta de Ashton. Seria melhor que a lesse depois do irmão e não antes. Fora muito difícil escrevê-las. Ao tomar aquela decisão era consciente do escândalo que cairia sobre os Morton. Seu irmão, como duque, deveria lidar com tudo. Supunha que ao fazê-lo cortaria todo vínculo com eles. Talvez, no final, Cláudia poderia não odiá-lo, mas sabia, com certeza, que Ashton sim.

Pensara longamente. A balança sobre riscos e benefícios se inclinava sobre sua nova postura. Como homem de negócios teria optado por não agir como estava fazendo, mas o coração lhe dizia que era sua melhor e única opção. Os nervos, a culpa e a ansiedade estavam acabando com ele. Não sabia se na realidade estava agindo como um herói ou como um miserável, covarde. Temia que fosse o último.

— Jason, querido, o que faz aqui? E o que acontece?

O súbito aparecimento de Johana o assustou, arrancando-o bruscamente dos torturantes pensamentos. Não a ouvira chegar. Limpou a garganta seca.

— Porque acredita que aconteceu algo? — perguntou tentando ganhar tempo.

— Acredito que seja óbvio que alguma coisa anda mal. Onde estão os lacaios ou a senhora Lamb? Não havia ninguém a porta, nem foram me receber.

— Eu…

Não sabia por onde começar. Observou a que, até então, era sua mulher. Chamá-la de esposa já não lhe parecia correto. Não a merecia.

Ela era uma criatura etérea, bondosa, nobre... seus delicados traços mostravam preocupação. Aguentara cada um de seus arranques de mau humor e ele estava a ponto de destruir seus sonhos e esperanças. Deus! Odiava-se por aquilo...

— Jason, seu silêncio me assusta. Anda como um leão enjaulado. Está pálido, parece que está esperando uma sentença de morte. O que ocorre? Aconteceu algo a Ashton?

— Não se trata de meu irmão. — soltou enfim, após um suspiro. — Trata-se de mim.

— De você? — murmurou com o rosto cheio de expectativas. Não podia evitar pensar na morte de alguém e estremeceu.

— Por favor, tenho algo para lhe dizer. Tire a capa, vamos nos sentar e lhe explicarei.

Ela obedeceu com gestos rápidos e ambos se sentaram no sofá de nogueira. Pôs a mão em seu rosto e com lágrimas nos olhos e voz entrecortada perguntou...

— Você... está... morrendo?

— Não! — exclamou horrorizado. — Como lhe ocorreu semelhante ideia? — Ainda que não devesse estranhar tanto.

— Não sei. — gritou, coisa que surpreendeu a ambos. Johana era uma pessoa controlada em seu temperamento. — Só quero que me explique este comportamento, porque me assusta. Faz muitos meses que não parece o mesmo. Faz coisas estranhas, se aborrece por nada ... bebe — recalcou como se isso explicasse tudo. — Não sei. — Inspirou fundo. — Parece frustrado e infeliz. Não posso evitar pensar que seja culpa minha. Se fiz algo que o desgoste...

— Johana, eu... — interrompeu, sem saber o que dizer-lhe. Fosse o que fosse, iria romper-lhe o coração.

— Deixe-me terminar! — Johana estava sufocada. — Deus sabe que tento ser uma boa esposa, fazer o que se espera de mim. E você chega, com a angústia pintada no rosto e não me conta nada. Estou preocupada Jason, por você, por nós e agora diga-me o que precisa dizer e acabe com isso.

Jason deixou passar alguns minutos para que se tranquilizasse. Começava a entender que aquilo lhe escapava das mãos. Já começara a prejudicá-la muito antes e a culpa o consumia. Uma carga a mais sobre seus ombros.

— Está melhor? — perguntou suavemente.

— Sim, sinto muito. Não sei o que me acontece. — indicou.

— Não se desculpe. Essas coisas passam.

Johana o olhou estranhando diante da repentina compreensão que mostrava para com ela, como se lhe tivessem surgido duas cabeças.

— A mim não. — asseverou olhando-o nos olhos. — Já estou tranquila e escuto.

— Não sei por onde começar. Tinha tudo pensado, ensaiei as palavras tantas vezes durante o caminho de volta que as sabia de memória. — declarou com pesar. — Parece mais fácil pensar que falar.

— Quanto mais rápido melhor. — sugeriu, disposta a encarar qualquer golpe que estivesse disposto a acertar-lhe. Um sexto sentido lhe indicava que não seria nada bom. — Solte-o já.

— Bem, a questão é... o que ocorre... sinto muito, eu... Deus! — exclamou frustrado. Depois criou coragem. — Estou apaixonado por outra pessoa. — soltou. Ficou quieto esperando sua reação, mas passaram-se os segundos sem obtê-la. — Escutou o que disse?

— Está apaixonado. — Johana parecia tentar assimilar

semelhante disparate.

— Sim. — respondeu, já que não se atrevia a dizer mais nada.

— Por outra mulher, quer dizer? — parecia uma pergunta absurda, mas necessitava que seu esposo o confirmasse. Quando Jason assentiu, algo se quebrou no fundo de seu ser. — Como, quando, onde, quem...? — foi tudo que Johana articulou naquele instante. Fez um esforço para assimilar o que ele estava tentando lhe contar, mas sua mente era um completo caos e estava custando racionalizá-la. Esperava qualquer notícia devastadora, menos aquilo. Enterrou o rosto entre as mãos e durante alguns, segundos reinou um inquietante silêncio no salão. — Diga-me quem é. — Sua voz, apenas audível, denotava angustia e dor. Temia escutar de seus lábios como estivera enganando-a, como zombara dela, mas, ao mesmo tempo, necessitava saber tudo. O que lhe oferecera aquela mulher para tê-lo rendido aos seus pés?

— Johana... — Jason se interrompeu. Não se sentia preparado para responder a pergunta. Sua esposa não deveria saber que se tratava de Ayleen. Não iria maltratá-la mais.

— Não! Está me enganando. Isto é uma brincadeira cruel e exijo que pare com isso.

Jason se surpreendeu. Não imaginara que ela negasse a realidade. Aquilo lhe indicava como a destruiria.

— Não é uma brincadeira. — tentava manter a calma. — Nunca brincaria desse modo.

— Não pode ser, não pode ser. — recitou, como uma cantilena. Não o olhava. Parecia estar em outro lugar, segura e alheia a dor que ele estava lhe proporcionando.

— Johana, escute.

Ela se impacientou. Sentia-se humilhada e traída como nunca. Jason faltara com seus votos e manchara seu casamento. Não sabia se poderia perdoá-lo.

— Diga-me! — exigiu sem prévio aviso. Seu rosto mostrou uma determinação inusitada. — Diga-me seu nome. Tenho direito de saber.

— Isso não fará nenhuma diferença.

— E o que sabe você? — gemeu. — Se meu marido se deita com uma qualquer quero saber seu nome.

— Não a chame assim! — cuspiu Jason, sem pensar. — Ayleen é tão dama quanto você. — Abriu os olhos assim que verbalizou as palavras em voz alta. Cometera um tremendo erro.

— Ayleen? — perguntou paralisada pela admiração. — Nossa Ayleen?

Não precisou responder. O rosto desfeito do esposo dizia tudo. Uma intensa raiva se apoderou dela e se lançou contra ele. Queria matá-lo.

— Porque? Porque? — Fora de si socou-o no torso, várias vezes, enquanto seu lindo rosto ficava molhado pelas lágrimas. Jason não tentou detê-la, pois merecia cada um dos golpes. — É um desnaturado! Ingrato! Sem vergonha!

Jason a segurou pelos cotovelos e murmurou uma desculpa carregada de arrependimento.

— Sinto muito, de verdade. — Não pretendia deixá-la mal.

— E o que importa isso? — Ela parou arfando. Várias mechas do seu impecável coque se soltaram e seu rosto estava vermelho. — Você me traiu, traiu nossos votos. — Afastou-se dele e se aproximou da janela, sem ver nada. Necessitava recuperar o controle de si mesma e deixar de chorar. Não lhe permitiria que sentisse pena. — De verdade

a quer? — perguntou de costas e com dor na voz.

Ele hesitou em responder.

— Não acredito que saber isso irá beneficiá-la.

— E ela, corresponde? — perguntou de novo, sem fazer-lhe caso. Ninguém falou durante uns instantes. — Responde!

— Sim, ela me ama.

— Por isso vai a Londres sempre, para se encontrarem? — Ocorreu-lhe naquele momento. Não era uma hipótese descabelada, no final. Seu esposo a tomara como amante e ambos necessitavam de privacidade.

Notou uma intensa dor no peito, fruto do peso da traição.

— Não, não foi por isso.

— E onde se encontravam? Em sua casa? Aqui? — Só de pensar lhe revolvia o estômago. — Se não me disser, eu a obrigarei a contar.

— Não terá sorte nesse aspecto. — sentou-se, cansado. — Ayleen partiu. E antes que me pergunte, não só de viagem. Foi para sempre.

— Para onde? — Johana se sentia obrigada a perguntar. Queria saber cada detalhe, estava se mostrando cega, queria compreender o estranho comportamento de Jason. Quanto a Ayleen... melhor não pensar...

— Não sei.

— Abandonou-o? — Era a única conclusão possível. Para que lhe contaria algo que já terminara, se já não era um obstáculo? — Se o amasse tanto, estaria aqui com você. — sentenciou.

— E continuar sendo minha amante? E trair mais os seus princípios? Para que você soubesse e acabasse se envergonhando? — rebateu.

— Bem, isso já fez. Um pouco mais não faria diferença alguma.

Jason a olhou, surpreso pelo veneno de suas palavras. De qualquer forma, não poderia culpá-la.

— Tiveram relações…? — parecia envergonhada só de pensar.

— Porque se tortura assim? Porque faz perguntas que só a farão se lamentar e ficar infeliz?

— Porque não sou covarde. Se fui traída e meu mundo vai se desmoronar terei de enfrentar tudo com os olhos bem abertos. Quero conhecer o alcance de sua traição, então pergunto… Tiveram…?

— Sim, sim, maldição. Porque me obriga a falar sobre isso? — O rosto pálido e alterado de Johana lhe produziu náuseas. Não queria magoá-la, mas ela o estava levando ao limite. — Suplico-lhe, — aproximou-se dela e se ajoelhou ao seu lado — não se castigue assim.

Tentou pegar suas mãos, mas ela as afastou bruscamente e se levantou.

— Afaste-se! Não me toque! — Não podia evitar imaginá-lo beijando e acariciando outra depois de ter feito o mesmo com ela, como devia sendo seu esposo. Se a tivesse perto lhe arranharia a cara. — Como quer arrumar isto? Porque precisou me contar? — exclamou quase sem voz. — Ela se foi, e você precisava descarregar sua culpa, envenenando minha vida? Sente prazer em me magoar? Diga-me porque precisou me contar, para se redimir. — Talvez fosse o silêncio opressivo que se seguiu ou a simples intuição feminina, mas quando Johana fixou seus olhos nele, sua face lhe mostrou a resposta. — Mãe Santíssima, — rezou ao mesmo tempo em que tapou a boca com a mão — não está descarregando a culpa.

Jason não desmentiu. Notou que ela compreendera. Como um covarde, preferiu assim antes que dizer ele mesmo.

Joahana abriu muito os olhos como se acabasse de ser golpeada

no estômago e abriu a porta do salão enquanto subia correndo as escadas. Não tentou detê-la. Sabia o que ela encontraria: seu armário e escritório vazios. Seguiu-a lentamente enquanto a ouvia abrindo portas e gavetas com violência. Quando chegou ao marco da porta de seu quarto viu sua doce Johana observando perdida cada canto. Tentava registrar seu pior pesadelo, sem conseguir. Caiu de joelhos derrotada, presa de terríveis e inesperadas ânsias. Jason pegou uma toalha e a molhou. Quando se aproximou, Johana soluçava em silêncio e aquilo o destroçou.

— Sinto tanto…

Sabia que isso não lhe diminuiria a angústia atual e todo o sofrimento vindouro. Segurou-a nos braços e a sentou no divã. Ela se deixou levar, ausente. Refrescou seu rosto e o pescoço. Parou de chorar, mas seus olhos estavam sem vida.

— Você vai embora. — Seu tom monótono não deixava adivinhar se perguntava ou se afirmava.

— Sim, — declarou após uma pausa — eu irei.

— Ama-a tanto?

Suplicou com o olhar que não o obrigasse a responder-lhe isso.

— Preciso saber o que fiz errado para que deixasse de querer-me.

— Johana, não se trata disso. Você nunca fez nada errado.

— Então o que foi? O que tem ela, que eu não tenho?

— Não sei. — suspirou e passou uma mão pelo rosto, cansado. — Perguntei-me milhões de vezes e continuo sem resposta. Simplesmente aconteceu.

— Como deve ter rido de mim às minhas costas. — soltou com amargura. — A tola da Johana, que não suspeitava nada.

— Não diga isso! Nem pense. Tentamos acabar com o que

sentíamos. Até nos afastamos, sobretudo, por respeito a você, mas fracassamos. Por isso tenho que partir, é o melhor.

— O melhor para quem?

— Para todos. Você mesma disse que estou estranho há meses e de mau humor. Verdade que deseja viver assim pelo resto de sua vida? Com um homem que não a merece? A partir deste momento, seríamos como dois desconhecidos que vivem na mesma casa. Eu seria incapaz de tratar você como esposa. Então terminaria me odiando e seria cruel, acabando também com a minha paciência e obrigando-me a fazer o mesmo. Não poderíamos disfarçar diante de ninguém. Minha família estaria dividida entre o amor que me professam e o apreço e carinho que têm por você. O povoado inteiro falaria sobre nós...

— Oh! E acredita que agora não o farão? — rebateu com sarcasmo. — Terão pena de mim, serei repudiada e zombarão de mim. A patética mulher que chegou ao extremo de deixar o marido fugir. Porque não pede o divórcio e termina tudo?

— Não vou pedir. Nunca chegaria a esse extremo, já que você seria a mais prejudicada, por ser mulher. Sei que a partir de agora sua vida não será fácil, por isso acertei tudo para que lhe sejam entregues todas minhas posses.

— Dinheiro, patrimônio... Porque acredita que minha vida se compra com isso?

— Não estou tentando comprá-la. — A raiva começava a se apoderar dele, mesmo sabendo que toda a ira e reclamações de Johana eram justificadas. — Só quero que depois que eu desaparecer, sua vida fique um pouco mais suave e Ashton cuidará de você.

— Seu irmão! — exclamou beirando a histeria — O que dirá de mim? O que pensará Cláudia? Oh, Deus, que vergonha.

— Não duvide, nem por um instante, do apoio de qualquer membro da minha família. — Pelo menos era algo do qual poderia estar seguro. — Irão odiar a mim. Recorde que perante a Igreja e a lei sempre será minha esposa, uma Morton, e por direito, a cunhada do duque de Redwolf.

— Está certo de viver assim, com ela? Nunca poderá se casar e viverá à margem de tudo e de todos.

— Estou. — afirmou convicto. Nunca estivera tão seguro de algo.

Ficaram em silêncio por alguns minutos. Cada um pensando em sua própria desgraça.

Johana começou a chorar de novo. Lágrimas amargas se derramavam pelo rosto da que um dia fora sua mulher, perfeita. Sabia que ela já não chorava pela perda do marido e da vida estável, mas pela perda do filho que nunca teria e tudo por sua culpa. Ele lhe tirara toda possibilidade.

— Com sua partida me rouba um direito que toda mulher espera ter. — Os soluços eram estarrecedores. — O que fiz para merecer isto? Rompeu minha vida, me abandona, me deixa sozinha e me joga aos lobos. Não! Não finja que não sabe. — gritou quando viu que protestaria. — Sou eu quem ficará para colher o que você semeou e ainda me rouba a única coisa que me daria um pouco de paz. — Levantou-se do divã irritada. — Como pode olhar-se no espelho e continuar se chamando de homem?

— E o que quer que faça? — espetou, cansado — Se tiver uma ideia melhor gostaria de ouvir. — esperou — Vamos, diga algo!

Johana o olhou e continuou chorando com a dor de seu coração.

Ele lhe devolveu o olhar, impotente. Queria abraçá-la e consolá-la, mas não se atrevia.

Os soluços eram tão fortes que os joelhos não a suportaram e caiu sentada na cama. Jason não suportando mais se sentou junto a ela, abraçando-a. Primeiro suavemente e, ao ver que não o repelia, mais forte para compensá-la por todos os dias futuros quando se veria sozinha sem ninguém para consolá-la e a reconfortar.

Chorou com e por ela: pela ingenuidade de ambos, que pensaram que seu amor seria indestrutível; pelas mudanças que os esperavam e as ilusões compartilhadas, que agora se rompiam. Quando os soluços diminuíram, estendeu-a sobre a cama, tirou seus sapatos e cobriu-a com a colcha.

"Parece tão pequena", pensou desconsolado. Ainda assim continuava formosa como quando se enamorara dela. Como se despediria? Como lhe diria adeus? Hesitava entre sair ou esperar que despertasse. Na verdade preferia a opção mais covarde.

— O que fará agora? — A inesperada pergunta o assustou.

— Pensava que tinha dormido.

Johana se levantou.

— Para onde irá?

— Não sei. — Não queria dar indicação alguma. Era evidente que ela não acreditava. — Antes de ir passarei por Carmine's Place. Escrevi uma carta para Ashton. Espero não encontrar Cláudia.

— Assim, irá sem se despedir de sua família. — declarou reflexiva.

— Quanto antes partir melhor para todos.

— Minta tanto quanto desejar, mas não queira me fazer de tola. Sabe que seus atos são moralmente reprováveis e prefere que nenhum deles saiba. Teme que o façam refletir e mudar de opinião?

— Pode ser, — admitiu — mas não porque me façam mudar de

opinião; seria impossível. Poderiam tentar deter-me à força e isso não faria bem a nenhum dos implicados.

Ela o olhou tentando descobrir os segredos de sua alma.

— Bem, — disse afinal — então, isto é uma despedida.

— Sim, é..., — pigarreou — desejo-lhe o melhor, Johana. Que seja feliz.

— Como é fácil dizer essas palavras em suas circunstâncias. — soltou ela, com amargura. — Ainda assim, e para evitar sua sentida preocupação, lhe direi que talvez feliz não, mas sobreviverei a isso. E agora, — levantou-se sem desejo de se aproximar — vá com sua querida Ayleen e deixe-me carregar os seus pecados.

Jason a contemplou. Sabia que seria a última vez em sua vida que a veria. Mesmo que não conseguisse encontrar Ayleen, não voltaria a pisar no país. Estava tão rígida, orgulhosa e altiva, como uma rainha. Esperava de coração que tivesse a coragem necessária para acertar seu futuro. Via nela uma coragem que nenhum deles vira antes, só lhe faltava o empurrão necessário para devolver-lhe a luz.

Quando Johana se aproximou da porta, passou sem olhá-lo. Abriu-a e ficou esperando que saísse, sem dizer nada. Era uma cena triste, muito, muito triste. Sentiria sua falta, mas isso não era surpresa. Ninguém poderia esquecê-la, nunca, depois de tê-la conhecido.

Com a voz carregada de emoção se despediu.

— Adeus, cuide-se.

Cruzou a casa em, completo, silêncio. Ao sair dela tinha a sensação de viver um sonho alheio. Não viu Johana atrás dos vidros de seu quarto. Sua mente estava nas cartas que deveria entregar em Carmine's Place procurando com que Cláudia não o visse.

O caminho para Liverpool foi muito rápido e uma vez lá preferiu não aparecer. Se alguém o acusasse por se esconder, estaria bem. No dia do embarque amanheceu chovendo, mas não acreditou que isso lhe traria azar. Sua bagagem já estava carregada desde o dia anterior, mas não subiu a bordo até que estivessem a ponto de zarpar. Enquanto o barco era separado lentamente do molhe, permaneceu na coberta apesar da chuva. Olhava o horizonte. Quando já nada se podia fazer, para deter sua viagem, respirou com alívio e pena. Lamentava não ter se despedido de seus irmãos. Sabia ao que estava renunciando, mas, não por isso, era menos doloroso.

Quantos mais os dias se passavam, em alto mar, afastando-se da Inglaterra e se aproximando da América, sua impaciência crescia. Sabia que a procura por Ayleen seria uma missão quase impossível, mas não mudaria sua intenção. Ainda que tivesse de percorrer todo o continente, que tardasse mil anos, não desistiria da procura pela mulher de sua vida.

***

Uma carruagem com o emblema do ducado de Redwolf se aproximava pelo caminho que levava à porta principal de Carmine's Place. Já estava escuro. Um lacaio abriu a porta da carruagem para permitir a Ashton, descer.

— Boa noite, Sua Graça — saudou o mordomo. — Alegra-nos tê-lo de volta.

— Obrigado, Lonkstow. Eu também estou contente em regressar. Estarei na biblioteca, assim, leve-me um jantar leve.

— Sua Graça não pensa refrescar-se antes? — aventurou.

— Não, será mais tarde. Onde está lady Cláudia?

— Em seus aposentos. Informo-a de sua chegada?

— Não. Farei isso, eu mesmo, depois.

Ashton saudou os serventes que encontrou por onde passou enquanto tirava as luvas e o casaco. No norte, como sempre, fizera muito frio. Sabia que tardaria em voltar a se aquecer, mas nada melhor para fazê-lo que sentar-se ao lado do fogo em companhia de um copo de conhaque. Agora já estava em casa, pelo que podia relaxar. Carmine's Place era o melhor lugar do mundo para ele, onde controlava tudo. Na Escócia alguns se atreveram a questionar suas ordens e a menosprezar seu título, mas ele se encarregara de demonstrar-lhes o alcance de seu poder. Não suportava que alguém lhe dissesse o que fazer, ainda que estivessem certos. Ele fazia as coisas ao seu modo. Era ele quem mandava.

Estava a ponto de sentar quando viu dois envelopes marcados com o selo dos Morton. Um para ele, enquanto o outro era dirigido a Cláudia. Ambos foram escritos por Jason. Abriu descuidadamente e começou a ler, até que seus olhos se abriram pela incredulidade.

— Que demônios…

… por isso parto. Viver aqui, sem ela, seria um inferno. Sei que acreditará que estou demente, mas me sinto mais sensato e vivo que nunca.

Sinto com toda minha alma as consequências que meus atos trarão, mas espero e confio que saiba controlá-lo, da melhor forma possível. Também lhe deixo com a obrigação de entregar a outra carta a Cláudia. Sei que é egoísmo por minha parte, mas é mais um, de meus tantos pecados.

Pediria perdão a você por tudo o que provocarei, mas sei que seria em vão. Se sentirá traído e sei perfeitamente como reagirá diante disso,

ainda que seja seu irmão. Só espero que não se aborreça tanto como imagino. Espero muito, talvez, lhe peço que se coloque em meu lugar e tente compreender-me?

Não tento me defender, mas acaso não mereço ser feliz?

Cuide de Johana, que a partir de agora precisará mais que nunca.

Vou sentir sua falta, Ashton, mais do que imagina. Não me odeie.

Seu irmão que o quer,

Jason.

O duque de Redwolf aproximou-se da janela, incapaz de ver algo. Seu rosto se transformou em uma máscara de granito, enquanto, que com a mão retorcia a carta, como se retorce um coração. Não havia dilema possível. Jason estava morto para ele.

Capítulo 23

Região de Litchfield Hills.

Era uma manhã deliciosa. Não havia nuvens, o sol esquentava rapidamente e uma leve brisa o envolvia. Ayleen, sentada em uma das cadeiras de balanço da varanda, tentava remendar uma antiga colcha colorida. De vez em quando desviava a vista do tecido para o berço de madeira, onde sua filha dormia placidamente.

Era um bebê perfeito com suas mãozinhas pequenas e seu adorável rosto. Encantava-se em contemplá-la dormindo e a cobria de beijos. Jaqueline era toda sua vida, desde a primeira vez que a segurara nos braços: seu tesouro mais precioso. Apesar do esgotamento derivado do parto, não podia deixar de contemplar aquele ser diminuto, fruto do amor. Ria e chorava por vezes. Porém, se emocionava, ao recordá-lo.

Pela esquina da casa apareceu Mãe com seu grande avental branco, que acabara de estender na corda na parte posterior.

— Ayleen, porque não aproveita agora que a menina está adormecida para dar um passeio? Deus sabe que depois não terá tempo. Eu ficarei com ela. — se ofereceu amavelmente.

Mãe sempre estava disposta a dar uma mão. Com as tarefas da

casa, com o pomar que tinham construído ou com a menina. Agradecia o momento em que entrara em sua vida. Sem ela, seu começo naquela terra, teria sido muito mais difícil do que fora, na realidade.

— Obrigada, Mãe. Buscarei o chapéu. — disse enquanto entrava no vestíbulo e pegava um amplo chapéu pendurado no cabide.

Ayleen decidiu passear até a porta de madeira montada na cerca que servia para delimitar sua propriedade. À direita crescia um roseiral silvestre que desde o princípio da primavera a mantinha cativa. Sempre que podia enchia sua casa com pequenos vasos de rosas.

Sua casa. Sentiu que era, e não pela primeira vez, aquela propriedade em pleno coração de Connecticut. A casa de madeira constava de três andares e uma varanda que a rodeava. Estava pintada de branco e cheia de janelas, com as persianas em verde escuro. Elas permitiam ao sol entrar, a vontade, durante todo o dia, aquecendo-a, o que lhe dava uma agradável mudança em comparação com a Inglaterra. Por dentro estava muito bem distribuída e cheia de tapetes e grossas cortinas para diminuir o frio do inverno, já que ele podia ser tremendo, como comprovou alguns meses atrás.

Tinha tanto para ser feliz! Uma filha a qual adorava, uma maravilhosa propriedade e poupanças que lhe permitiriam viver com tranquilidade. A casa da Inglaterra já fora vendida e com aquilo se desligara, para sempre, de seu país natal. O senhor Harris a ajudara muito com tudo, assim como com outras coisas, inclusive antes de partir para os Estados Unidos. Ayleen porém não pensara nas consequências de instalar-se em um país que lhe era desconhecido, sozinha e grávida. Como enfrentaria os falatórios? Por isso, o advogado

achou conveniente proporcionar-lhe um certificado falso, de matrimônio, que a ajudara.

Ela nunca perguntou como ou de onde o havia tirado. Era um homem de lei, de retidão moral. Mesmo assim, estava disposto a ajudar. Estava muito agradecida por tudo. E apesar de aceitar sua proposta, só lhe pediu que o nome de seu esposo fosse o de Jason.

Assim, Ayleen Blake se converteu em Ayleen Morton.

A escolha não foi um capricho nem fruto do despeito. Claro que o documento precisava de legalidade. Mas queria que sua filha crescesse sabendo quem era seu pai, não com um nome inventado em um papel.

Seus vizinhos, diferentes do acontecido em Greenville, não se imiscuíram em sua vida e a aceitaram, sem julgá-la. Só sabiam que seu esposo estava trabalhando na Inglaterra e, ainda que Ayleen fosse consciente que com o tempo a mentira seria um problema, naquele momento era cômoda e simples. A comunidade rural estava formada por gente agradável e colaboradora. Vinham de distintos lugares do mundo e se fizeram por si mesmos, pelo que tinham seus próprios assuntos com os quais lidar.

Apesar de toda a sorte, Ayleen sentia que lhe faltava uma parte de sua alma.

— Oh, Jason, meu amor. Quanto sinto sua falta…

Enxugou uma lágrima que rodou pelo rosto.

Apesar do tempo transcorrido, cada dia e cada minuto pensava nele, em seus momentos juntos, nas pequenas coisas que o recordavam. Pensava no que estaria a fazer, naquele instante. Queria Jaqueline, com todo amor, mas era uma dolorosa recordação do que poderia ter sido. Não sabia com segurança quando deixaria de sofrer, mas suspeitava que seria para sempre. Só restava ser forte e aprender

a viver com a dor no coração. Imaginava Jason em Carmine's Place sozinho e triste, e sabia que não a esqueceria facilmente. Esperava de todo coração que chegasse a ser feliz. Ela, pelo menos, tentava.

Deu um suspiro e arrumou bem o chapéu de palha adornado com uma fita, para não correr o risco de avermelhar a pele com o sol. Pegou as tesouras que trouxera, colocou as luvas para evitar os espinhos. Queria levar uma dúzia delas, quando ouviu o galope de um cavalo. Olhou a poeira no caminho e o visitante. Estava só a uma milha do povoado, mas aquele trecho era pouco utilizado.

Ficou curiosa. Não reconhecia o rosto de quem se aproximava, ainda que não o visse muito bem…

— Oh, meu Deus. — exclamou emocionada. — Meu Deus, Meu Deus… Jason! — murmurou sem acreditar. Seria uma visão fruto de sua intensa imaginação?

Observou quando ele pousou seus olhos sobre ela e, reconhecendo-a, esporeou o cavalo até quase a sua altura.

Sentiu-se aturdida e uma dor pungente se instalou na boca do estômago. Emudeceu. Tinha medo de que se dissesse qualquer coisa terminaria despertando daquele maravilhoso sonho.

Jason a contemplou enquanto descia do cavalo. Custava acreditar que a encontrara, já que, durante aqueles eternos e penosos meses, mais de uma vez esteve a ponto de renunciar a procura. As dificuldades foram muitas. Teve que instalar-se em Nova York e contratar diversos investigadores. Alguns diziam que era um homem ousado, alguns até, o achavam louco. Estados Unidos era um país enorme e Ayleen poderia estar em qualquer parte. Só uns poucos se atreveram, e só um, deu com as pistas corretas que o levaram até ela.

Sorriu para si. Quem diria que a maior dificuldade residia em seu

nome? Estavam centrados na procura de Ayleen Blake e não podiam estar mais enganados.

Fixou-se nela. Estava mais linda do que recordava, tanto, que lhe tirava o fôlego.

— Ayleen — sussurrou. Por fim voltava a tê-la ao seu lado. Ela não disse nada e lhe fez um nó na garganta pela apreensão. De repente tinha vontade de chorar de puro alívio e de abraçá-la e não soltá-la, jamais. — Ayleen. — repetiu. E então começou a falar, sem se conter, porque tinha muitas coisas para dizer. — Deixei-a. — disse rápido. — Deixei Johana, minha família, meu país, minhas responsabilidades... — parou para respirar. — Deixei tudo atrás por você, por mim, por nosso amor.

Ela continuou muda e Jason temia ter se equivocado em cheio.

Ayleen sentia as batidas de seu coração golpeando-lhe o peito. Queria ser capaz de responder para aliviar a angústia do rosto exausto de seu amado, mas sentia que suas cordas vocais estavam paralisadas.

— Tentei seguir com minha vida após você ir embora, de verdade — continuou. — Mas cada maldito dia, desde que você se foi, era uma agonia. Tornei-me arisco, insuportável, mal humorado... Ninguém me entendia, nem eu. Só tinha certeza de que sua ausência provocava um vazio em minha vida. Sou viciado em você, e de outra forma, me sinto morto em vida. Arrisquei tudo para procurá-la porque a amo mais que tudo e porque não posso, nem quero, — pontualizou — viver esta vida sem você. — confessou, antes de esticar seus braços para ela com toda a humildade da qual foi capaz de expressar. — Por isso, este homem lhe suplica que compartilhe o que resta de vida e o resto da eternidade com ele.

As lágrimas de Jason e o desespero de suas palavras a comoveram até o fundo de seu ser, mas não necessitava tudo aquilo para convencê-la, porque sentia o mesmo. Sofreram muito para viver um amor que não podia ser. Talvez agora tivessem nova oportunidade para serem felizes. Sem medir palavras se lançou em seus braços e Jason a apertou, como se não quisesse que lhe escapasse.

Ele suspirou de alívio e alegria. Renunciara a muito, sim, mas estava certo que nunca se arrependeria de sua decisão, pois seu amor valia tudo.

— Oh, minha vida, eu te amo. — sussurrou entre lágrimas. — Senti sua falta... — Beijou seus olhos, sua boca, o rosto...— Todos estes meses foram um inferno. Quase um ano sem ver você. Como pude aguentar tanto?

Ayleen chorava e respondia aos seus beijos. Por fim começava a se livrar da emoção de seu inesperado aparecimento.

— Eu também o amo, Jason! — exclamou entre seus braços, meio aturdida por tanta felicidade.

Ficaram em pé, juntos no meio da entrada sussurrando palavras de amor e alívio até se tranquilizarem. Ele estava limpando as lágrimas com um lenço, limpo, que tirou do bolso do casaco quando ela sorriu.

Oh, Deus! Pensou. Seu sorriso preenchia lugares que acreditava mortos. Beijou seu rosto com reverência. Quanto sentira sua falta.

— O que lhe parece? — Jason sorriu com malícia. Por fim se desfizera a tensão acumulada durante mais de ano. — Tem lugar para um homem que a necessita mais que a vida e que aparece com as mãos vazias?

Os olhos de Ayleen brilharam de alegria.

— Tudo o que é meu é seu, agora e sempre. — Acariciou seu

rosto com ternura enquanto continuava usufruindo de sua proximidade. Não pensou que voltaria a ser tão feliz. — Mas agora há alguém mais em minha vida, que precisa mais de mim, que você.

Segurou sua mão e o puxou em direção da casa. A um lado ficaram as luvas, as tesouras, as rosas... e o cavalo.

Enquanto seguiam através do caminho, Jason pensou no que acabara de ouvir. Sobre o que falava? Teria conhecido alguém? Não poderia ser outro homem. Ela o amava. Sua mente jogava as possibilidades com insegurança e desconforto ante as palavras de Ayleen. Tentou ignorar a pontada de angústia e firmou os pés no solo.

— Porque parou? — perguntou surpresa. Virou-se e apertou suas mãos. — Atrás destas árvores, está a casa.

— Não acredito que possa compartilhar você com ninguém. — afirmou com a voz estrangulada. Depois de tudo o que sacrificara, deixando atrás sua família e sua honra, não poderia suportar. Não era tão forte.

— Com ninguém? — Ela sorriu benevolente, como se seus temores fossem uma birra de criança. — Sinto amor, mas não tem opção. Confie em mim.

Quando a casa apareceu diante de seus olhos, Jason teve tempo de admirá-la por um instante. Era um edifício, distinto dos que existiam na Inglaterra, com muita madeira e nenhuma pedra. Evidentemente, nada podia se comparar com a opulência de Carmine's Place, mas não importava. Ela mostrava um encanto e simplicidade a que qualquer um poderia se acostumar. Não precisava de uma mansão para ser feliz.

Na varanda se encontraram com uma mulher madura e fraca que levantou-se ao vê-los.

— Mãe, venha! — Ayleen chamou, enquanto Jason pensava se seria a pessoa que queria lhe apresentar. Esperava que sim, mas não se desfez de seus temores.

Mãe chegou até eles e fez uma inclinação como saudação, sorrindo amplamente quando Ayleen o apresentou como seu esposo. Ele lhe correspondeu, sem deixar de observar ao redor da varanda procurando a presença de alguém mais. E encontrou. Ora se encontrou. Um berço balançando ao lado da cadeira de balanço onde antes estivera sentada a mulher. Estava decorada com laços e dele sobressaia um lençol branco.

Deixou escapar um ôfego pela impressão e sentiu quando seu coração parou. Notou como Ayleen voltou a puxá-lo suavemente em direção ao berço.

Não percebeu que Mãe desaparecera discretamente. Ao subir os dois degraus da varanda começou a tremer e quando se inclinou encontrou-se com uns olhos verdes idênticos aos seus, que o olharam com atenção. Era uma menininha de abundantes cabelos negros que balbuciava, enquanto se mexia agitando mãos e pés.

— Jason... — Ayleen interrompeu seu estupor. — Apresento Jaqueline Morton. — Entrelaçou seus dedos com os dele, sem se deixar dominar pela emoção que a embargava. — Sua filha, nossa filha.

Jason deu um grito de alegria. Atraiu-a até ele bruscamente e a beijou com amor e devoção. Era o que aquela maravilhosa mulher provocava. Estava lhe dando tudo que precisava para ser feliz.

— Não sabia... — disse emocionado após o beijo.

Uma parte dele não deixava de observar aquela linda criatura, sua filha. Como poderia imaginar que estaria esperando-o? Era o

presente mais lindo do mundo.

Por fim tudo tinha sentido.

— Eu sei. Esse foi o principal motivo que provocou minha partida. Estava grávida e não poderia ficar. Está contente?

— Deus Santo, como não poderia estar? Deu-me mais do que poderia ter desejado. — afirmou. — Nem sei, se mereço tanta felicidade. — murmurou junto a sua boca.

— Você a merece. É um bom homem, humano e bom. Eu o amo. Nós duas o amamos.

Jason sorriu enquanto Ayleen o ensinava como pegar sua filha nos braços. Agradeceu aos céus por encontrá-las e prometeu que a partir daquele momento, nunca mais voltaria a se separar delas.

***

Ayleen abriu os olhos lentamente ao notar que Jason se levantava para atender a chamada de sua filha. Parecia muito terno com a vontade e o jeito que tinha em cuidar da menina. Inclinava-se tanto sobre ela que em uma semana a tinha totalmente acostumada. Jaqueline, apesar de ser pequena, aproveitava a fraqueza de seu pai. Era como se a essa altura soubesse que se tratava de uma pessoa importante, como sua mãe. Na maioria das vezes se acalmava só quando a pegava nos braços.

Jason se sentia muito orgulhoso de ser seu consolo e Ayleen se divertia com aquilo.

Se esticou enquanto desfrutava de seu momento preferido do dia. Agora ambos viviam como marido e mulher, e ainda que sua união nunca fosse legalizada, preferiam esquecer o fato e se concentrarem no que verdadeiramente importava: sua família. Ela não considerava que

estivesse cometendo pecado. Agora podiam fazer amor sem se esconder, brincar como meninos, rir pelas coisas tolas e chorar com ele quando falava de sua família. Até passeavam pelo povoado de braços dados. Aquilo o fazia se sentir melhor e mais livre do que imaginava.

Ayleen deixou de escutar os suaves murmúrios de Jason e da menina, no outro quarto. Apesar de suas objeções decidira mudar a pequena para outro quarto, porque Jason se sentia incomodado com sua presença enquanto se amavam.

Era um homem tolo, mas o amava.

Depois de poucos minutos Jason voltou com Jaqueline nos braços, sorrindo de orelha a orelha.

— Nossa filha está faminta.

Sentou-se na cama com cuidado, sobre a colcha, e lhe passou a menina. Depois lhe deu um leve beijo. Adorava vê-la mamar, se encantava. Era afortunado por ter aquela família. Ambos eram. Após tanto sofrimento e penalidades, a vida lhes oferecia uma nova oportunidade que não iriam, de modo algum, desperdiçar. Poderia ver sua filha crescer e continuar amando a mulher que estava ao seu lado.

Era tudo o que queria, tudo o que necessitava.

Epílogo

Buckinghamshire, 1877

Querido irmão:

Estou muito feliz de voltar a receber notícias suas!

Alegro-me muito pelo nascimento de meu sobrinho. Sorte que nesta gravidez esteve com ela. Quem diria que Ashton Jr. daria tantos problemas ao nascer. Por certo, me enlouquece e me parece muito acertado dar-lhe o nome de nosso irmão mais velho. Além das fotografias que me mandou de sua família, me emocionei muito. Parecem tão felizes! E Jaqueline… Oh! É uma menininha linda. Oxalá pudesse conhecê-la pessoalmente.

Diga a Ayleen que gostaria de corresponder-me com ela. Se você fosse constante…

Aqui, como já contei, anteriormente, as coisas estão um pouco difíceis, assim, nem me atrevo a dizer nada sobre vê-lo, porque teria que dar explicações que quero evitar, como por exemplo, a quebra da proibição que pesa sobre sua pessoa.

De toda forma digo que é um crime ter que ocultar ao nosso irmão estas maravilhosas fotografias. Toda esta situação é um terrível erro, que poderia diminuir, mas Ash é tão firme e teimoso que duvido que

aconteça. Sinto muito, se esperava outra coisa. Também sinto ser a portadora de más notícias. A única coisa certa é que sua viagem o abalou profundamente. Espero que com o tempo possa assimilar melhor e sua opinião se suavize.

A tia Mildred fala de você, às vezes, aprovando sua conduta. Em público franze o cenho daquela forma tão sua, mas sei que, em seu íntimo, aprova o triunfo do amor, ainda que seja a custa de… Sinto muito, não pretendia mencioná-la, mas não quero começar uma carta de novo. Se nossa querida tia não tivesse lhe perdoado pelo escândalo, nunca teria consentido em receber as cartas, que tanto você como Ayleen, me enviam as escondidas e teria se visto na obrigação de informar ao Ashton.

Não quero que se aflija, nem por mim nem pelos outros. Sei que deve estranhar muito, mas espero que estas linhas sejam capazes de arrancar um sorriso seu, ainda que seja ligeiro. Por isso revelarei que na semana passada assistimos as bodas de Horatio Plumbert com a senhorita Juliet Been. Um acontecimento em Greenville. Não evitaram gastos, e isso, porque corriam a cargo do senhor Been. Quem pensaria que tivesse um coraçãozinho bondoso sob aquela capa espessa de mesquinharia?

Em fim, continuo imersa na voragem de minha segunda temporada social, ainda que a considere uma frivolidade. Nosso primo Rján continua dizendo que encontrarei ao homem que caia rendido aos meus pés. Imagine, se dentro de pouco, lhe escrevo para anunciar meu compromisso? Que maravilhoso seria se encontrasse um amor como o seu, com Ayleen. Mas, quem sabe quando encontrarei o amor de minha vida?

Bem, despeço-me até logo.

Com carinho,

Cláudia.

Notas das autoras:

Como escritoras, mas sobre tudo como leitoras, nos agradam os finais felizes.

Esta história foi criada por mim para Jason e Ayleen, porém, é possível que algumas de vocês tenham experimentado sentimentos desencontrados com respeito ao desenlace de Johanna. Por isso, queremos garantir, que todos os Morton terão seu final feliz. Prometemos.